



NÍVEL 5 DA ACADEMIA

Cursos da Academia

Auditor de Dianética da Nova Era



ÍNDICE

CHECKSHEET DO CURSO DE DIANÉTICA DA NOVA ERA HUBBARD	4
SECÇÃO UM - ORIENTAÇÃO E FORMAÇÃO	19
NOVA ERA DIANÉTICA	19
MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR	21
DEGRADAÇÕES TÉCNICAS	28
TECH FORA	30
DIANÉTICA PROIBIDA EM CLEARS E OTS.....	32
CLEAR DE DIANÉTICA	33
ALTO CRIME NED	36
DIANÉTICA, OS SEUS ANTECEDENTES.....	37
O USO DA DIANÉTICA.....	40
DIANÉTICA VERSUS CIENTOLOGIA	44
RESULTADOS DA DIANÉTICA	46
URGENTE IMPORTANTE.....	48
O CÓDIGO DO AUDITOR	49
DIANÉTICA, DEFINIÇÕES BÁSICAS	51
A PISTA DO TEMPO E O PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS BOLETIM 1.....	55
A PISTA DO TEMPO E PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS BOLETIM 2.....	60
MANIFESTAÇÕES DE ENGRAMAS E SECUNDÁRIOS MAIS DEFINIDOS.....	65
VIDAS PASSADAS	67
SECÇÃO DOIS - O E-METRO	69
LISTA DE VERIFICAÇÃO DE TA FALSO	69
O QUE É UMA AGULHA FLUTUANTE?	77
F/N DE CIENTOLOGIA E POSIÇÃO DO TA	78
AJUSTE DA SENSIBILIDADE DO E-METRO	81
SECÇÃO TRÊS - EXERCÍCIOS DE TREINO	82
EXERCÍCIOS DE TREINO RE-MODERNIZADOS	82
TREINAMENTO	90
TRs E COGNIÇÕES	92
SECÇÃO QUATRO - OBJETIVOS	94
OBJETIVOS À PRESSA	94
TRs DE DOCTRINAÇÃO SUPERIOR	95
DOCTRINAÇÃO DE ALTA ESCOLA.....	99
OBJETIVO ARC.....	101
CCHs	102
TREINO E PROCESSOS DE CCH.....	105
RESPOSTAS SOBRE CCHs	117
C C H ' s ATTITUDE DE AUDIÇÃO	118
ESGOTAR PROCESSOS	121
PROCEDIMENTO DE ABERTURA POR DUPLICAÇÃO	122
PROCEDIMENTO DE ABERTURA POR DUPLICAÇÃO FENÓMENOS FINAIS	123
OS COMANDOS DE COMEÇAR, MUDAR E PARAR (SCS)	124
P.A.B. Nº. 97	128
COMEÇAR - MUDAR - PARAR.....	128
P.A.B. Nº. 34.....	131
SECÇÃO CINCO - DIANÉTICA DA NOVA ERA	134
NOVA ERA DIANÉTICA, DELINEAMENTO COMPLETO DO PROGRAMA DO PC	134
FOLHA DE ASSESSMENT ORIGINAL.....	140
DIANÉTICA, INICIAR UM PC EM	160
ASSESSMENT E COMO OBTER O ITEM.....	162
A LISTA DE PREASSESSMENT.....	169
MANEJO DE DROGAS.....	171
O FIM do RD INTERMINÁVEL DE DROGAS	177
DROGAS	178
DADOS SOBRE DROGAS	180
ASSESSMENT PRÉVIO DE CASOS DE DROGAS E ÁLCOOL.....	182
DROGAS, ASPIRINA E TRANQUILIZANTES	184
PERCURSO DE ALÍVIO	187
INTENSIVO DE SALVAÇÃO DO ESTUDANTE	188
SEGUNDO ASSESSMENT ORIGINAL.....	189



RD DE ASSESSMENT PREPARADO DE DIANÉTICA	191
RD DE INCAPACIDADE.....	194
RD DE IDENTIDADE	195
CHECKLIST DO PRECLARO.....	196
COMANDOS R3RA	198
ROTINA 3RA PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS	203
POSTULADO FORA IGUAL A APAGADO.....	212
OVERRUN POR PEDIR MAIS ANTERIORES DO QUE OS QUE EXISTEM	214
R3RA PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS E NARRATIVA R3RA - UMA DIFERENÇA ADICIONAL	216
OS COMANDOS R3R TÊM DADOS ANTECEDENTES	218
REGRA DE NED.....	220
TA ALTO EM DIANÉTICA	221
UM ITEM NARRATIVO TÍPICO	223
UMA CADEIA TÍPICA DE DIANÉTICA	224
VELOCIDADE DA AUDIÇÃO.....	226
ALTOS CRIMES DE DIANÉTICA.....	227
COMO NÃO APAGAR.....	228
SECÇÃO SEIS - ASSESSMENT.....	230
ASSESSMENT.....	230
ASSESSMENT E INTERESSE	233
E-METRO REAÇÕES INSTANTÂNEAS	235
MEDIÇÃO DE ÍTENS COM LEITURA	238
REAÇÕES INSTANTÂNEAS	240
UMA FN INSTANTÂNEA É UMA LEITURA	241
ASSESSMENT E COMO OBTER O ITEM.....	243
ERROS de LISTAGEM de DIANÉTICA	249
ÍTENS DEPOIS DO FACTO	250
F/Ns PERSISTENTES DE DIANÉTICA	251
FLUXOS SEM LEITURA.....	252
TRs DE ASSESSMENT.....	253
EXERCÍCIOS DE TREINO DOS COMANDOS DE NOVA ERA DIANÉTICA	254
SECÇÃO SETE - EXERCÍCIOS DE COMANDOS DE DIANÉTICA.....	258
NOTAS SOBRE OS TRS DE DIANÉTICA.....	258
EXTERIORIZAR E TERMINAR A SESSÃO	259
SECÇÃO OITO - ASSISTÊNCIAS DE DIANÉTICA	260
ASSISTÊNCIAS	260
ASSISTÊNCIAS PARA LESÕES.....	263
AS ASSISTÊNCIAS DE TOQUE CORRETAS	264
ASSISTÊNCIAS DE DIANÉTICA	268
DOENÇA	271
PCS E PRÉ OTs FISICAMENTE DOENTES.....	273
DORES NÃO RESOLVIDAS	278
SUMÁRIO DE ASSISTÊNCIAS.....	281
SECÇÃO NOVE - REPARAÇÃO DE DIANÉTICA.....	288
L3RG	288
AUDIÇÃO POR LISTAS.....	295
O FIM do RD INTERMINÁVEL DE DROGAS.....	298
O FIM DOS RDS DE DROGAS SEM FIM, LISTA DE REPARAÇÃO	299
ANULAR E FLUTUAR LISTAS PREPARADAS	301
SECÇÃO DEZ - REMÉDIOS DE DIANÉTICA	303
REMÉDIOS DE DIANÉTICA	303
REMÉDIOS DE VIDAS PASSADAS	306
AUDIÇÃO DAS SESSÕES	309
SECÇÃO ONZE - CS 1	311
MÉTODO 5	311
CLARIFICAR COMANDOS	312
TORNAR O PC SESSIONÁVEL	315



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
CARTA POLÍTICA DO HCO DE 6 DE JULHO 1978R
REVISTA 22 SETEMBRO 1978
Rev. 22.9.78

Remimeo
Curso de Dianética
da Nova Era
Super de Curso de
Dianética da Nova Era
Estudantes do
Curso de Dianética
da Nova Era

URGENTE À CONTÉM DADOS DE DIANÉTICA DA NOVA ERA

**CHECKSHEET DO CURSO DE
DIANÉTICA DA NOVA ERA HUBBARD**
(FICHEIROS EDITÁVEIS)

NOME: _____ ORG/MISSÃO: _____

POSTO: _____

DATA DE COMEÇO: _____ DATA DE COMPLETAÇÃO: _____

REQUISITO: O Chapéu do Estudante.

DURAÇÃO DO CURSO: 4 Semanas a tempo inteiro.

TECH DE ESTUDO: Aplicação total de toda a Tech de Estudo segundo o Chapéu do Estudante tem de ser usada durante todo este curso.

PROPÓSITO: Esta checksheet oferece pela primeira vez os DADOS DE DIANÉTICA DA NOVA ERA. Treina os estudantes nas perícias e conhecimento de que ele necessita para fazer um ser humano verdadeiramente bem e feliz.

CERTIFICADO: O graduado deste curso recebe o certificado de AUDITOR DE DIANÉTICA DA NOVA ERA HUBBARD (Provisório).

NOTA: Starrates e checkouts de parceiros não são dados neste curso. O estudante atesta, assinando o seu nome nos itens da checksheet, atestando que compreende completamente e pode aplicar os dados. Os exercícios têm de ser feitos completamente até ao seu resultado.

SECÇÃO UM - ORIENTAÇÃO E FORMAÇÃO

A. ORIENTAÇÃO

1. [HCOB 21 Jun. 78](#)

Nº1 Série NED, INTRODUÇÃO



- | | | | | |
|---|---|-----|-----|-----|
| 2. HCO PL 7 Fev. 65 | Corr e Reemit 12.10.85, N°1 Série KSW
MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR | ___ | ___ | ___ |
| 3. HCO PL 17 Jun. 70RB | Re-rev 25.10.83, N°5R Série KSW
DEGRADAÇÕES TÉCNICAS | ___ | ___ | ___ |
| 4. HCO PL 22 Nov. 67 | TECH FORA | ___ | ___ | ___ |
| 5. HCOB 12 Set 78R | Rev. 2.12.85, URGENTE IMPORTANTE, DIANÉTICA PRO-
IBIDA EM CLEARS E OTS | ___ | ___ | ___ |
| 6. HCOB 24 Set 78RB III | Rev. 17.11.85, CLEAR DE DIANÉTICA | ___ | ___ | ___ |
| 7. HCOB 10 Set 78 | ALTO CRIME DE NED | ___ | ___ | ___ |

B. OS LIVROS BÁSICOS

Os livros seguintes têm de ser lidos em casa antes de se completar o curso, se a pessoa não fez o Curso de Livros Básicos de Dianética ou não leu os livros anteriormente.

- | | | | |
|--|-----|-----|-----|
| 1. Dianética: A Evolução de Uma Ciência . (Inglês) | ___ | ___ | ___ |
| 2. Dianética: A Tese Original (Inglês) | ___ | ___ | ___ |
| 3. Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Mental | ___ | ___ | ___ |

C. A FORMAÇÃO DA DIANÉTICA

- | | | | | |
|--|---------------------------------------|-----|-----|-----|
| 1. HCOB 22 Mai. 69 | DIANÉTICA, OS SEUS ANTECEDENTES | ___ | ___ | ___ |
| 2. HCOB 24 Abr. 69RA | Re-rev 20.9.78, USO DA DIANÉTICA | ___ | ___ | ___ |
| 3. HCOB 22 Abr. 69 | DIANÉTICA VERSUS CIENTOLOGIA | ___ | ___ | ___ |
| 4. HCOB 24 Abr. 69R II | Rev. 20.7.78, RESULTADOS DE DIANÉTICA | ___ | ___ | ___ |
| 5. HCOB 15 Jun. 78 | URGENTE IMPORTANTE | ___ | ___ | ___ |
| 6. HCOB 14 Out 68RA | Rev. 19.6.80, O CÓDIGO DO AUDITOR | ___ | ___ | ___ |
| 7. PALESTRAS: | | | | |
| 16 Maio 63 | A Pista do Tempo | ___ | ___ | ___ |
| 11 Jun. 63 | Percurso de Cadeias de Engramas | ___ | ___ | ___ |
| 18 Jul. 63 | Erros no Tempo | ___ | ___ | ___ |
| 21 Jul. 66 | Audição Dianética | ___ | ___ | ___ |
| 28 Jul. 66 | Audição Dianética e a Mente | ___ | ___ | ___ |

D. DEFINIÇÕES E DADOS BÁSICOS

- | | | | | |
|---|---|-----|-----|-----|
| 1. HCOB 23 Abr. 69RA | Re-rev 20.9.78, DEFINIÇÕES BÁSICAS DE DIANÉTICA | ___ | ___ | ___ |
| 2. EXERCÍCIO: Escreve três exemplos de: | | | | |
| | a). Elos (locks) | ___ | ___ | ___ |
| | b). Secundários | ___ | ___ | ___ |
| | c). Engramas | ___ | ___ | ___ |
| 3. DEMO COM PLÁSTICINA: Apagamento. | | ___ | ___ | ___ |



4. [HCOB 15 Mai. 63](#), BANDA DO TEMPO E PERCORRER DE ENGRAMAS POR CADEIAS À BOLETIM 1 _____
5. EXERCÍCIO: Pega num rolo de filme de cinema ou algo do género e dá um comando e move o filme. Faz isto até teres uma compreensão de como o auditor opera a banda do tempo de pc. _____
6. [HCOB 8 Jun. 63R](#), Rev. 31.3.78, BANDA DO TEMPO E PERCORRER DE ENGRAMAS POR CADEIAS À BOLETIM 2 _____
7. DEMO COM PLASTICINA: A definição de carga. _____
8. [HCOB 19 Jan 67](#) MANIFESTAÇÕES DE ENGRAMAS E SECUNDÁRIOS MAIS DEFINIDAS _____
9. [HCOB 23 Abr. 69 III](#), VIDAS PASSADAS _____

SECÇÃO DOIS - O E-METRO

A. DADOS E EXERCÍCIOS DO E-METRO

1. LIVRO: [O Livro de Apresentação do E-Metro](#) _____
2. EXERCÍCIO: [Usando o Livro de Exercícios do E-Metro:](#)
- a) EM 1 _____ n) EM 14 _____
- b) EM 2 _____ o) EM 15 _____
- c) EM 3 _____ p) EM 16 _____
- d) EM 4 _____ q) EM 17 _____
- e) EM 5RA _____ r) EM 18 _____
- f) EM 6 _____ s) EM 19 _____
- g) EM 7 _____ t) EM 20 _____
- h) EM 8 _____ u) EM 21 _____
- i) EM 9 _____ v) EM 23 _____
- j) EM 10 _____ w) EM 24 _____
- k) EM 11 _____ x) EM 26 _____
- l) EM 12 _____ y) EM 27 _____
- m) EM 13 _____
3. [HCOB 21 Jan 77RB](#), Re-rev 25.5.80, CHECKLIST DE TA FALSO _____
4. EXERCÍCIO: Verificar se há TA Falso, incluindo ações de correção que tomarias como auditor de Dianética. _____
5. [HCOB 21 Jul. 78](#), QUE É UMA AGULHA FLUTUANTE? _____
6. [HCOB 10 Dez 76RB](#), Re-rev 25.5.80, N°99RB Série C/S F/N DE SCN E POSIÇÃO DE TA _____
7. DEMO: O procedimento correto para lidar com F/Ns fora-de-âmbito. _____
8. [HCOB 16 Nov. 65R](#), Rev. 22.2.79, AJUSTE DA SENSIBILIDADE DO E-METRO _____



SECÇÃO TRÊS - EXERCÍCIOS DE TREINO

A. DADOS SOBRE OS TRs

1. [HCOB 16 Ago 71R II](#), Rev. 5.7.78, EXERCÍCIOS DE TREINO RE-MODERNIZADOS _____
2. [HCOB 24 Mai. 68](#), TREINAMENTO _____
3. [HCOB 26 Abr. 71 I](#), TRs E COGNIÇÕES _____

B. EXERCÍCIOS DE TRs

1. EXERCÍCIO:

- a) OT TR 0 _____ e) TR 2 _____
b) TR 0 _____ f) TR 2 1/2 _____
c) TR 0 BB _____ g) TR 3 _____
d) TR 1 _____ h) TR 4 _____

SECÇÃO QUATRO - OBJETIVOS

A. DICIONÁRIO DE TECH

1. Procura e define: Processos Objetivos _____

B. OBJETIVOS QUICKIE

1. [HCOB 19 Mar 78](#), OBJETIVOS À PRESSA _____

C. TRs DE DOCTRINAÇÃO SUPERIOR

1. [HCOB 7 Mai. 68](#), TRs DE DOCTRINAÇÃO SUPERIOR _____
 2. [HCOB 19 Jan 82 II](#), DOCTRINAÇÃO DE ALTA ESCOLA _____
3. EXERCÍCIO:

- a) TR 6 _____ c) TR 8 _____
b) TR 7 _____ d) TR 9 _____

D. ARC OBJETIVO

1. [HCOB 19 Jun. 78](#), N°3 Série NED, ARC OBJETIVO _____
2. EXERCÍCIO: ARC Objetivo até poderes fazê-lo com confiança. _____

E. CCHs

1. [HCOB 1 Dez 65](#), CCHs (CCHs de 1 a 4) _____
2. [HCOB 11 Jun. 57](#), Reemit 12.5.72, TREINO E PROCESSOS DE CCH (CCHs 5 a 10) _____



3. [HCOB 2 Ago. 62](#), RESPOSTAS DE CCH _____
4. [HCOB 5 Abr. 62](#), ATITUDE DE AUDIÇÃO DE CCH _____
5. [HCOB 3 Fev. 59](#), ESGOTAR PROCESSOS _____
6. EXERCÍCIO: (Ouve uma Fita de Demonstração de LRH sobre CCHs antes e durante o exercitar de CCHs. Exercita cada CCH até que o possas percorrer com confiança.)
 - a) CCH 1 _____ f) CCH 6 _____
 - b) CCH 2 _____ g) CCH 7 _____
 - c) CCH 3 _____ h) CCH 8 _____
 - d) CCH 4 _____ i) CCH 9 _____
 - e) CCH 5 _____ j) CCH 10 _____

F. PRO ABERT POR DUP

1. [HCOB 4 Fev. 59](#), PRO ABERTURA POR DUPLICAÇÃO _____
2. [HCOB 24 Out 71R I](#), Rev. 2.1.75, PRO ABERT. POR DUP - FENÓMENOS FINAIS _____
3. EXERCÍCIO: Pro Abert. Por Dup até poderes percorrê-lo suavemente. _____

G. COMEÇAR-MUDAR-PARAR

1. [HCOB 18 Mai. 80](#), COMANDOS DE SCS _____
2. [PAB 97, 1 Out 56](#), COMEÇAR - MUDAR - PARAR _____
3. EXERCÍCIO:
 - a) SCS num objeto até poderes percorrê-lo suavemente. _____
 - b) SCS num corpo até poderes percorrê-lo suavemente. _____

H. SOP 8C

1. [PAB 34, 4 Set 54](#), PROCEDIMENTO DE OPERAÇÃO SOP 8-C _____
2. EXERCÍCIO: SOP 8C até poderes fazê-lo com confiança. _____

SECÇÃO CINCO - DIANÉTICA DA NOVA ERA

A. PROGRAMA COMPLETO DE PC PARA DIANÉTICA DA NOVA ERA

1. [HCOB 22 Jun. 78R](#), Rev. 16.9.78, N°2R Série NED
DELINEAR DE PROGRAMA COMPLETO DE PC DE NED _____

B. ASSESSMENT ORIGINAL

1. [HCOB 24 Jun. 78R](#), Rev. 22.9.78, N°5R Série NED
FOLHA ORIGINAL DE ASSESSMENT _____



2. [HCOB 28 Jul. 71RA](#), Re-rev 22.9.78, N°8R Série NED
DIANÉTICA, INICIAR UM PC EM _____
3. EXERCÍCIO: Preenche a Folha de Assessment Original inteira. Mostra ao
teu treinador a ordem segundo a qual manejaras os itens. _____

C. COMO CONSEGUIR O ÍTEM CORRENTE

1. [HCOB 18 Jun. 78R](#), Rev. 20.9.78, N°4R Série NED,
ASSESSMENT E COMO CONSEGUIR O ÍTEM _____
2. [HCOB 11 Jul. 78](#), Reemit 11.10.78, N°4-1 Série NED
A LISTA DE PREASSESSMENT _____

D. O PERCURSO DE DROGAS

1. [HCOB 15 Jul. 71RC](#), Re-rev 31.1.79, N°9RB Série NED
MANEJAR DE DROGAS _____
2. [HCOB 19 Set 78R I](#), Rev. 31.1.79, O FIM DOS PERCURSOS DE DROGAS SEM
FIM _____
3. [HCOB 28 Ago 68 II](#), DROGAS _____
4. [HCOB 29 Ago 68 II](#), Corr e Reemit 10.6.75, DADOS SOBRE DROGAS _____
5. [HCOB 19 Mai. 69RB](#), Re-rev 14.11.78, ASSESSMENT PRÉVIO DE CASOS DE
DROGAS E ÁLCOOL _____
6. DEMO: A teoria por detrás de Assessment Anterior. _____
7. [HCOB 17 Out 69RA](#), Re-rev 20.9.78, DROGAS, ASPIRINA E TRANQUILIZAN-
TES _____
8. DEMO COM PLASTICINA: O efeito das drogas no Thetan, Mente e Corpo. _____
9. DEMO: Manejar dos somáticos conectados com drogas, usando o
Preassessment. _____
10. DEMO: O procedimento completo do DRD até uma Lista de Dro-
gas com F/N. _____
11. DEMO: O Assessment Anterior de Drogas usando o Preassessment. _____

E. MANEJAR OS ITENS RESTANTES DA FOLHA ORIGINAL DE ASSESSMENT

1. EXERCÍCIO: Exercita os manejares restantes na Folha de Assessment
Original. _____

F. PERCURSO DE ALÍVIO

1. [HCOB 3 Jul. 78R](#), Rev. 22.8.78, N°10R Série NED, PERCURSO DE ALÍVIO _____
2. EXERCÍCIO: O Percurso de Alívio. _____

G. INTENSIVO DE SALVAÇÃO DE ESTUDANTE

1. [HCOB 2 Jul. 78](#), N°11 Série NED, INTENSIVO DIANÉTICA DE SAL-
VAÇÃO DE ESTUDANTE _____



2. EXERCÍCIO: O Intensivo de Dianética de Salvação de Estudante. _____

H. MAIS ASSESSMENT

1. [HCOB 4 Jul. 78R](#), Rev. 22.9.78, N°12R Série NED
SEGUNDO ASSESSMENT ORIGINAL _____

2. EXERCÍCIO: Fazer a Segunda Folha de Assessment Original incluindo o fator-R ao pc. _____

I. O PERCURSO DE ASSESSMENT PREPARADO DE DIANÉTICA

1. [HCOB 1 Jul. 78](#), N°13 Série NED, O PERCURSO DE ASSESSMENT
PREPARADO DE DIANÉTICA AÇÃO 14 _____

2. DEMO: Os benefícios para o pc por receber este percurso. _____

3. EXERCÍCIO: O Percurso de Assessment Preparado de Dianética. _____

J. O PERCURSO DE INCAPACIDADE

1. [HCOB 29 Jun. 78](#), N°14 Série NED
PERCURSO DE INCAPACIDADE _____

2. DEMO: O propósito deste percurso. _____

3. EXERCÍCIO: O Percurso de Incapacidade _____

K. O PERCURSO DE IDENTIDADE

1. [HCOB 20 Jun. 78](#), N°15 Série NED
PERCURSO DE IDENTIDADE _____

2. DEMO COM PLASTICINA: IDENTIDADE _____

3. EXERCÍCIO: O Percurso de Identidade _____

L. CHECKLIST DO PRECLARO

1. [HCOB 23 Jun. 78R](#), Rev. 22.9.78, N°16R Série NED
CHECKLIST DE PRECLARO _____

M. R3RA

1. [HCOB 21 Jun. 78](#), N°1 Série NED, APRESENTAÇÃO _____

2. [HCOB 28 Jun. 78RA](#), Re-rev 15.9.78, N°7RA Série NED
COMANDOS DE R3RA _____

3. [HCOB 26 Jun. 78RA II](#), Re-rev 15.9.78, N°6RA Série NED
ROTINA TRÊS, PERCORRER DE ENGRAMAS POR
CADEIAS _____

4. [HCOB 16 Set 78](#), POSTULADO PARA FORA É IGUAL A APAGA-
MENTO _____

5. [HCOB 12 Set 78 II](#), OVERRUN POR EXIGIR MAIS CEDO DO QUE HÁ _____



6. HCOB 13 Set 78,	URGENTE IMPORTANTE, R3RA, PERCORRER DE ENGRAMAS POR CADEIAS E R3RA NARRATIVO: UMA DIFERENÇA ADICIONAL	___	___	___
7. HCOB 27 Jan 74,	COMANDOS DE R3R DE DIANÉTICA TÊM DADOS ANTECEDENTES	___	___	___
8. HCOB 3 Out 78,	REGRA DE NED	___	___	___
9. DEMO:	Demonstra até passe pelo supervisor, a função de cada comando de R3RA e como afeta o pc e o seu banco.	___	___	___
10. HCOB 28 Abr. 69R,	Rev. 20.9.78TA ALTO EM DIANÉTICA	___	___	___
11. HCOB 14 Jul. 78R II,	Rev. 15.9.80, UM ÍTEM NARRATIVO TÍPICO	___	___	___
12. HCOB 14 Jul. 78R,	Rev. 15.9.78, UMA CADEIA TÍPICA DE DIANÉTICA	___	___	___
13. HCOB 22 Jul. 69R,	Rev. 20.9.78, IMPORTANTE, VELOCIDADE DE AUDIÇÃO	___	___	___
14. DEMO:	Velocidade de audição em relação ao sucesso na audição.	___	___	___
15. HCOB 24 Mai. 69 II,	ALTOS CRIMES DE DIANÉTICA	___	___	___
16. HCOB 28 Mai. 69RA,	Rev. 21.9.78, COMO NÃO APAGAR	___	___	___

SECÇÃO SEIS - ASSESSMENT

A. DADOS SOBRE ASSESSMENT

1. HCOB 21 Mai. 69,	ASSESSMENT	___	___	___
2. DEMO COM PLASTICINA:	O que significa o assunto inteiro de assessment.	___	___	___
3. HCOB 29 Abr. 69,	ASSESSMENT E INTERESSE	___	___	___
4. DEMO:	O que o E-Metro mede.	___	___	___
5. HCOB 25 Mai. 62,	LEITURAS INSTANTÂNEAS NO E-METRO	___	___	___
6. HCOB 28 Fev. 71,	MEDIÇÃO DE ÍTENS COM LEITURAS	___	___	___
7. HCOB 5 Ago 78,	REAÇÕES INSTANTÂNEAS	___	___	___
8. HCOB 20 Set 78,	Reemit 9.10.78, UMA F/N INSTANTÂNEA É UMA LEITURA	___	___	___
9. DEMO:	Porque é que uma F/N Instantânea é uma leitura em Dianética.	___	___	___
10. DEMO:	As alturas em que uma leitura é válida.	___	___	___
11. HCOB 18 Jun. 78R,	Rev. 20.9.78, N°4R Série NED ASSESSMENT E COMO CONSEGUIR O ÍTEM (Revê esta emissão)	___	___	___
12. HCOB 14 Set 71R,	Rev. 19.7.78, ERROS DE LISTAS DE DIANÉTICA	___	___	___
13. HCOB 20 Jul. 78,	N°18 Série NED, ÍTENS DEPOIS DO FACTO	___	___	___
14. HCOB 19 Jul. 78,	N°17 Série NED, F/Ns PERSISTENTES DE DIANÉTICA	___	___	___
15. HCOB 3 Dez 78,	FLUXOS SEM LEITURA	___	___	___



B. EXERCÍCIOS DE PREASSESSMENT

1. [HCOB 22 Jul. 78](#), TRs DE ASSESSMENT _____
- 1a. [HCOB 17 Jul. 69RB](#), Rev. 4.9.79, EXERCÍCIOS DE TREINO DE COMANDOS DE NED _____
2. DEMO: Como é feito o Preassessment. _____
3. EXERCÍCIO: a. TR 100 _____
b. TR 100^a _____
4. EXERCÍCIO: Exercita cada um dos métodos usados em Dianética da Nova Era para obter itens para percorrer a partir do pc. _____

SECÇÃO SETE - EXERCÍCIOS DE COMANDOS DE DIANÉTICA

A. EXERCÍCIOS E DADOS DE TREINO DE COMANDOS DE DIANÉTICA

1. [HCOB 17 Jul. 69RB](#), Rev. 4.9.78, EXERCÍCIOS DE TREINO DE COMANDOS DE NED _____
2. [HCOB 31 Mar 70](#), URGENTE - NOTAS DE TRs DE DIANÉTICA _____
3. [HCOB 7 Mar 75](#), EXTERIORIZAÇÃO E ACABAR A SESSÃO _____
4. EXERCÍCIO: Usando os Comandos de Dianética da Nova Era, exercita o seguinte. Estes exercícios são passados quando o estudante pode manejar impecavelmente os comandos de R3RA de Dianética da Nova Era. O treinador deve assegurar-se de que o estudante pode atingir suave e corretamente um EP completo de Dianética.
a) TR 101 _____
b) TR 102 _____
c) TR 103 _____
d) TR 104 _____

SECÇÃO OITO - ASSISTÊNCIAS DE DIANÉTICA

A. DADOS BÁSICOS SOBRE ASSISTÊNCIAS

(Os estudantes que fizeram o Curso HQS precisam apenas rever esta secção.)

1. [HCOB 5 Jul. 71RB](#), Rev. 20.9.78, N°49 Série C/S, ASSISTÊNCIAS _____
2. [BTB 9 Out 67R](#), Rev. 18.2.74, ASSISTÊNCIAS PARA LESÕES _____
3. DEMO: Uma Assistência de Contacto. _____
4. [BTB 7 Abr. 72R](#), Rev. 23.6.74, ASSISTÊNCIAS DE TOQUE, AS CORRETTAS _____
5. DEMO: Uma Assistência de Toque correta. _____
6. [HCOB 2 Abr. 69RA](#), Rev. 28.7.78, ASSISTÊNCIAS DE DIANÉTICA _____
7. EXERCÍCIO: Uma Assistência de Contacto numa boneca. _____
8. EXERCÍCIO: Uma Assistência de Toque numa boneca. _____



B. DOENÇAS FÍSICAS E ASSISTÊNCIAS DE DIANÉTICA

1. [HCOB 14 Mai. 69](#), DOENÇA _____
2. [HCOB 12 Mar 69 II](#), PCs E PRÉ-OTS FISICAMENTE DOENTES _____
3. DEMO: Quando enviarias o pc para um exame médico. _____
4. [HCOB 15 Jul. 70R](#), Rev. 17.7.78, DORES NÃO RESOLVIDAS _____
5. DEMO: As duas razões pelas quais uma dor pode não se resolver em Dianética. _____
6. DEMO: Os passos para manejar um pc gravemente doente. _____
7. [HCOB 11 Jul. 73RB](#), Rev. 22.9.78, SUMÁRIO DE ASSISTÊNCIAS _____
8. DEMO: Define:
 - a) Predisposição _____
 - b) Precipitação _____
 - c) Prolongação _____
 Usa o Dicionário Técnico.
9. DEMO COM PLASTICINA: O manejar completo de um pc que teve uma operação, acidente ou doença, mostrando o uso e o resultado das Assistências de Toque, Assistências de Dianética e o percorrer dos somáticos conectados com o incidente. _____
10. EXERCÍCIO: Com uma boneca, exercita uma Assistência de Dianética e o percorrer de somáticos conectados com o incidente, usando a tech de Preassessment de Dianética da Nova Era. _____

SECÇÃO NOVE - REPARAÇÃO DE DIANÉTICA

A. LISTA E EXERCÍCIOS DE REPARAÇÃO DE DIANÉTICA

1. [HCOB 11 Abr. 71RD](#), Re-rev 31.5.80, L3RG _____
2. DICIONÁRIO DE TECH:
 - a) Procura: Assessment, Métodos de _____
 - b) Define: Método 3 de Assessment _____
 - Método 5 de Assessment _____
3. DEMO: Método 3 de Assessment. _____
4. DEMO: Método 5 de Assessment. _____
5. [HCOB 3 Jul. 71R](#), Rev. 22.2.79, CIENTOLOGIA III, AUDITAR POR LISTAS _____
6. EXERCÍCIO: Fazer o assessment de L3RG, usando os TRs de Assessment corretos, até ter uma familiaridade total com esta lista. _____
7. EXERCÍCIO: Exercita o manejar de itens da L3RG. _____
8. EXERCÍCIO: Uma L3RG Método 3. _____
9. EXERCÍCIO: Uma L3RG Método 5. _____
10. [HCOB 19 Set 78R I](#), Rev. 31.1.79, O FIM DOS PERCURSOS DE DROGAS SEM FIM _____



- | | | |
|--|--|-------|
| 11. HCOB 19 Set 78R II , | Rev. 31.1.79, O FIM DOS PERCURSOS DE DROGAS SEM FIM, LISTA DE REPARAÇÃO DE PERCURSOS DE DROGAS | _____ |
| 12. EXERCÍCIO: | Fazer o Assessment da Lista de Reparação do Percurso de Drogas usando TRs de Assessment corretos até que estejas totalmente familiarizado com esta lista. | _____ |
| 13. EXERCÍCIO: | Fazer o Assessment e manejar a Lista de Reparação do Percurso de Drogas até estares completamente confiante acerca de a maneres num pc. | _____ |
| 14. HCOB 15 Out 73RC , | Re-rev 26.7.86, ANULAR E LEVAR ATÉ F/N LISTAS PREPARADAS | _____ |
| 15. DEMO: | Quais são os botões que são postos in numa lista sem leitura e porquê estes botões. | _____ |
| 16. DEMO: | Porque é que um auditor tem de levar até F/N aquilo que começa, como ele levaria até F/N outra coisa qualquer e o que ocorre com o assunto que não foi levado até F/N. | _____ |

SECÇÃO DEZ - REMÉDIOS DE DIANÉTICA

A. DOIS REMÉDIOS DE DIANÉTICA

- | | | |
|---------------------------------------|---|-------|
| 1. HCOB 24 Jul. 78 , | REMÉDIOS DE DIANÉTICA | _____ |
| 2. HCOB 16 Jan 75R , | Rev. 6.7.78, REMÉDIOS DE VIDAS PASSADAS | _____ |
| 3. DEMO: | Quando estes remédios seriam usados. | _____ |
| 4. EXERCÍCIO: | O Remédio de Figura e Massas. | _____ |
| 5. EXERCÍCIO: | O Remédio de Vida Passada. | _____ |
| 6. HCOB 23 Mai. 69R , | Rev. 11.7.78, AUDITAR SESSÕES PARA FORA, CA-DEIAS NARRATIVAS CONTRA SOMÁTICAS | _____ |

SECÇÃO ONZE

A. SECÇÃO DE CS-1

- | | | |
|--|---|-------|
| 1. HCOB 21 Jun. 72 I , | Nº38 Série Clarificação de Palavras MÉTODO 5 | _____ |
| 2. HCOB 9 Ago 78 II , | CLARIFICAR COMANDOS | _____ |
| 3. EXERCÍCIO: | Clarifica as palavras e o comando: "Os pássaros voam?" até que todos os aspetos de clarificar comandos possam ser feitos facilmente. Mantém o Admin, utilização do E-Metro e os TRs in. | _____ |
| 4. EXERCÍCIO: | Clarifica uma listas de palavras até que o possas fazer facilmente. Mantém o Admin, utilização do E-Metro, e TRs in. | _____ |
| 5. HCOB 9 Jul. 78R , | Rev. 4.9.78, CS-1 DE DIANÉTICA | _____ |
| 6. EXERCÍCIO: | Faz os CS-1 de Dianética até que o possas fazer com facilidade. Mantém Admin completo, utilização do E-Metro e TRs in. | _____ |



ATESTAÇÃO DE TEORIA DO ESTUDANTE

A. ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE

Atestação seguinte é assinada, ponto após ponto, antes do estudante começar a auditar em Dianética da Nova Era.

Se o estudante tiver quaisquer dúvidas ou reservas acerca de atestar qualquer um dos pontos abaixo, ele deveria retratar-se nessa área.

Só quando o estudante adquiriu estas perícias sem dúvidas, ele atingirá bons resultados em Dianética da Nova Era.

Eu atesto que:

- a) Eu sei e posso aplicar completamente a Tech de Estudo conforme dada no Chapéu de Estudante. _____
- b) Eu apliquei completamente a Tech de Estudo do Chapéu do Estudante enquanto estive neste curso. _____
- c) Eu li os livros básicos de Dianética (particularmente DIANÉTICA: A CIÊNCIA MODERNA DA SAÚDE MENTAL e DIANÉTICA: A TESE ORIGINAL) e compreendo-os. _____
- d) Eu compreendo o E-Metro e sei como o usar. _____
- e) Eu adquiri bons TRs de 0 a 9 exercitando cada um até ao seu EP. _____
- f) Eu compreendo e posso percorrer processos objetivos. _____
- g) Eu tenho, sem reservas, uma boa compreensão dos materiais de Dianética da Nova Era. _____
- h) Eu sou capaz de fazer e dar o assessment de listas de itens de Dianética, conforme exigido nos Percursos específicos de Dianética da Nova Era. _____
- i) Eu sou capaz de fazer os TRs de 100 a 104 impecavelmente, usando os comandos de Dianética da Nova Era. _____
- j) Eu compreendo e posso percorrer Assistências de Toque, Assistências de Contacto e Assistências de Dianética. _____
- k) Eu posso fazer o assessment de e manejar Listas de Reparação de Dianética e fazer ações de reparação de Dianética. _____
- l) Eu sou capaz de manejar remédios de Dianética e todas as outras ações que são exigidas no processamento ou Curso de Dianética da Nova Era. _____

B. CONDICIONAL

Se o estudante não completou o M1 de Clarificação de Palavras, um exame é passado completamente em Qual sobre os materiais desta checksheet.

DIR. VALIDADE: _____ DATA: _____



SECÇÃO DOZE

A. SECÇÃO DE AUDIÇÃO: PRÁTICA

O estudante é agora elegível para auditar na prática QUAD de DIANÉTICA DA NOVA ERA.

NOTA: Os processos e audição de Dianética são completos em si. Contudo o estudante tem de compreender que há um sector enorme e inteiro de processos e ações que são processos de Cientologia. Este incluem as Classes de Auditor de 0 a XII de Cientologia. De 0 a IV são ensinados nas academias das Orgs Classe IV. Um auditor não pode e não pode ser ordenado por ninguém para auditar processos acima da sua classe. Os processos e perícias ensinados neste curso de Dianética da Nova Era são adequados para manejar os pcs ao nível de Dianética.

1. PRÁTICA:

Entrega uma Assistência de Toque completamente, com todos os passos e até um bom resultado conforme atestado pelo Relatório de Exame.

___ _ _

2. PRÁTICA:

Entrega uma Assistência de Dianética completamente, com todos os passos e até um bom resultado conforme atestado pelo Relatório de Exame.

___ _ _

3. PRÁTICA:

Recebe uma Assistência de Toque num verdadeiro ferimento ou somático até uma conclusão satisfatória.

___ _ _

4. PRÁTICA:

Descobre e percorre um incidente narrativo segundo a Ação Nove até um relatório de Exame completamente satisfatório.

___ _ _

5. PRÁTICA:

Recebe audição num incidente narrativo segundo a Ação Nove até um resultado completamente satisfatório. (NÃO PODE SER AUDITADO EM CLEARs E OTs OU CLEARs DE DIANÉTICA. Ref: HCOB 12 Set 78, URGENTE, IMPORTANTE, DIANÉTICA PROIBIDA EM CLEARs E OTs.)

___ _ _

6. PRÁTICA:

Entrega um apagamento de cadeia de R3RA QUAD de Dianética com o assessment completo e bem percorrido, até um Relatório de Exame completamente satisfatório.

___ _ _

7. PRÁTICA:

Recebe um apagamento de cadeia de R3RA QUAD de Dianética com o assessment completo e bem percorrido. (NÃO PODE SER AUDITADO EM CLEARs E OTs OU CLEARs DE DIANÉTICA. Ref: HCOB 12 Set 78, URGENTE, IMPORTANTE, DIANÉTICA PROIBIDA EM CLEARs E OTs.)

___ _ _



8. Revê e corrige quaisquer erros ou mal-entendidos na aplicação bem-sucedida de Dianética _____

9. PRÁTICA:

Descobre um pc que tenha sido anteriormente percorrido em Dianética, sobre o qual erros foram feitos e faz uma L3RG até um resultado completamente satisfatório. _____

10. PRÁTICA:

Descobre um estranho completo à Dianética ou Cientologia e maneja-o até à sua satisfação com Dianética. (A intenção aqui é ensinar o estudante a procurar o seu próprio pc. Ele não pode pegar em alguém na Div 6. Não se exige que a pessoa que recebe esta audição a pague.) _____

COMPLETAÇÃO DO CURSO DO ESTUDANTE

A. COMPLETAÇÃO DO ESTUDANTE

Eu completei os requerimentos desta checksheet e sei e posso aplicar os materiais.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE: _____ DATA: _____

Eu treinei este estudante ao melhor das minhas capacidades e ele/ela completou os requerimentos desta checksheet e sabe e pode aplicar os dados da checksheet.

ATESTAÇÃO DO SUPERVISOR: _____ DATA: _____

B. ATESTAÇÃO EM C & A

Eu atesto que: a) Me inscrevi no curso, b) paguei pelo curso, c) estudei e compreendo todos os materiais na checksheet, d) fiz todos os exercícios nesta checksheet e e) posso produzir o resultado exigido nos materiais do curso.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE: _____ DATA: _____

C & A: _____ DATA: _____

C. ESTUDANTE INFORMADO POR QUAL SEC OU C & A

Eu atesto que informei o estudante de que:

1. Mais dados sobre Dianética existem em DIANÉTICA HOJE e em muitos HCOBs que não nesta checksheet.



2. Para tornar o seu certificado provisório em permanente ele terá de fazer o seu estágio dentro de um ano.
3. Que as perícias e técnicas de resolver casos mais difíceis e de descobrir erros na audição estão disponíveis no CURSO DE GRADUADO DE DIANÉTICA DA NOVA ERA HUBBARD (Supervisor de Caso), segundo a HCO PL 11 Jul. 78R.

QUAL SEC OU C & A: _____ DATA: _____

D. CERTS E RECOMPENSAS

O Certificado de AUDITOR DE DIANÉTICA DA NOVA ERA HUBBARD (Provisório) é emitido.

C & A: _____ DATA: _____

(Enviar este impresso para o Admin de Curso para arquivar no folder do Estudante.)

LRH:lfg:jk

Trad. RMF:NB:rmf

Aprovada por I/A Off CLO EU

L. RON HUBBARD

FUNDADOR



SECÇÃO UM - ORIENTAÇÃO E FORMAÇÃO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 21 DE JUNHO DE 1978R

Rev. 8 Abr. 88

Série NED 1R

NOVA ERA DIANÉTICA

Nova Era Dianética é uma sùmula e refinamento da Dianética baseada em 30 anos de experiência na aplicação do assunto.

Nesses 30 anos descobri muitas coisas que podiam melhorar os resultados, se devidamente aplicadas.

E nesses 30 anos muitas emissões que estavam um pouco alteradas foram escritas por outros e alguns materiais foram perdidos. Nova Era Dianética corrige estes pontos.

Também eu fiz recentemente alguma pesquisa adicional, resultando nalgumas descobertas.

Em 1950 eu disse que deveríamos construir uma Ponte melhor.

Os da velha guarda da Dianética só aprovarão estes melhoramentos. Não existe qualquer invalidação daquilo que eles já sabem ser verdade. Mas existem refinamentos com que eles se vão regozijando.

A Nova Era Dianética é até mais aceitável, até mais funcional.

Fiz esta revisão para repor a Dianética na banda dos “milagres habituais” e o estudante que a estuda e o auditor que a pratica verá que, se seguir os exercícios com precisão, será capaz de manejar a vida e o espírito como nunca.

Claro que não posso clamar ou garantir que qualquer pessoa auditada em Dianética ou em Nova Era Dianética se cure de doenças que seriam melhor manejadas por tratamento médico imediato, e não posso prometer a qualquer Pc que qualquer destas condições indesejáveis serão erradicadas, pois isso depende do estado de treino e acuidade da aplicação pelo estudante.

O ESTUDANTE

O que é que um estudante precisa saber para adquirir a perícia dum auditor de Dianética?

0. O estudante precisa ter completado o Curso de Estudante. Precisa ser capaz de manejar a Tech de Estudo. Sem isso as palavras mal-entendidas virão a aniquilá-lo. A Tech de Estudo está contida no Curso de Estudante. As definições estão nos dicionários de Tech e Admin, e normais. O estudante não pode passar de uma única palavra da qual não saiba a definição.

1. Ele deve saber os antecedentes da Dianética contidos em vários livros sobre o assunto, particularmente em *Dianética: A Tese Original*, e *Dianética: A Ciência Moderna de Saúde Mental*.
2. Ele precisa dum E-Metro e de saber como o manejar.
3. Ele tem que ter bons TRs conforme o curso de TRs.
4. Ele tem que ter uma boa apreensão dos Processos Objetivos, para fazer dele um auditor melhor e o capacitar para fazer RDs de Drogas completos.

Os objetivos são na realidade processamento de Cientologia, mas são necessários para terminar o RD de Drogas NED.



5. Ele deve ter uma boa apreensão dos materiais da Nova Era Dianética.
6. Ele tem que ser capaz de fazer e verificar listas de itens de Dianética conforme pedido em verificações específicas dum preclaro a fim de completar RDs e Preclaros.
7. Ele tem que ser capaz de fazer o TR 101 a 104 sem falhas, usando os comandos da Nova Era Dianética.
8. Ele tem que saber fazer Assists de Dianética.
9. Ele tem que ser capaz de verificar e manejar listas de Reparação de Dianética, e fazer ações de reparação.
10. Ele tem que ser capaz de manejar remédios de Dianética e todas as outras ações pedidas num curso completo de Dianética ou processamento.
11. Ele precisa ser capaz de aplicar o que sabe.

Se um estudante pode adquirir a perícia acima descrita, alcançará bons resultados.

Não são precisas folhas de controle de 1Km de comprimento para fazer um bom auditor de Dianética.

É preciso *sim* estudo e exercícios duros e eficazes.

E é preciso um desejo de se ajudar a si próprio e aos outros e realmente fazer uma Ponte melhor, e um mundo melhor, colocando-a aí em termos de uma aplicação sem falhas.

A Cientologia continua e está acima da Dianética. Mas a Dianética é a base sólida de toda esta pesquisa.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOPL DE 7 DE FEVEREIRO DE 1965

Reem. 15 Jun. 70, 28 Jan. 1973

Reem. 27 Ago. 1980

Corrigida e Reemit. 12 Out. 1985

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Nota: A negligência desta Carta Política causou grandes dificuldades ao pessoal, custou milhões sem fim e tornou necessário em 1970 entrar num esforço internacional total para restaurar a Ciento-logia básica pelo mundo inteiro. Cinco anos após a emissão desta PL, comigo fora das linhas, a sua violação quase destruiu as Orgs. Apareceram "Graus à pressa" e negaram ganhos a dezenas de milhares de casos. Por isso, as ações que negligenciam ou violam esta Carta Política são ALTOS CRIMES, resultando em Comm-Evs sobre ADMINISTRADORES e EXECUTIVOS. Não é "inteiramente uma questão Técnica", pois a sua negligência destruiu as Orgs e causou uma recessão de 2 anos. Reforçá-la É O DEVER DE TODO O MEMBRO DO PESSOAL.

MENSAGEM ESPECIAL

A CARTA POLÍTICA SEGUINTE SIGNIFICA O QUE DIZ.

ERA VERDADE EM 1965 QUANDO EU A ESCREVI. ERA VERDADE EM 1970 QUANDO A MANDEI REEMITIR. ESTOU A REEMITI-LA AGORA, EM 1980, PARA MAIS UMA VEZ EVITAR DE NOVO DESLIZAR PARA UM PERÍODO EM QUE AÇÕES FUNDAMENTAIS DA CARTA DE GRAUS SÃO OMITIDAS E APRESADAS NOS CASOS, NEGANDO ASSIM OS GANHOS E AMEAÇANDO A VIABILIDADE DA CIENTOLOGIA E DAS ORGS. A CIENTOLOGIA CONTINUARÁ A FUNCIONAR SÓ ENQUANTO *VOCÊ FIZER A SUA PARTE PARA A MANTER A FUNCIONAR APLICANDO ESTA CARTA DE POLÍTICA.*

O QUE EU DIGO NESTAS PÁGINAS SEMPRE FOI VERDADE, É VERDADE HOJE, AINDA VAI SER VERDADE NO ANO 2000 E VAI CONTINUAR A SER VERDADE DAÍ PARA A FRENTE.

NÃO IMPORTA ONDE VOCÊ ESTÁ EM CIENTOLOGIA, SE ESTÁ NO PESSOAL OU NÃO, ESTA CARTA POLÍTICA TEM ALGO A VER CONSIGO.

TODOS OS NÍVEIS

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Um Hat Check (aferição de função) é feito pelo Séc. do HCO ou Comunicador a todo o pessoal e todo o pessoal novo à medida que vai entrando.

Há já algum tempo que nós ultrapassámos o ponto em que atingimos uma tecnologia uniformemente funcional.

A única coisa agora é fazer aplicar essa tecnologia.

Se não consegue fazer aplicar a tecnologia, então você não consegue entregar o prometido. É tão simples como isso. Se você conseguir fazer aplicar a tecnologia, *pode* entregar o prometido.

A única coisa pela qual você pode ser criticado por estudantes ou Pcs é a "falta de resultados". Os apuros só ocorrem quando há "falta de resultados". Ataques de governos ou monopólios só ocorrem quando há "falta de resultados" ou "maus resultados".

Por isso o caminho diante da Ciento-logia é claro, e o seu sucesso último está assegurado *se* a tecnologia for aplicada.



Portanto, fazer aplicar a tecnologia correta é a tarefa do Secretário da Associação ou da Organização, do Secretário do HCO, do Supervisor de Caso, do Diretor de Processamento, do Diretor de Treino e de todos os membros do pessoal.

Fazer aplicar a tecnologia correta consiste de:

- Um: Ter a tecnologia correta.
- Dois: Saber a tecnologia
- Três: Saber que é correta.
- Quatro: Ensinar corretamente a tecnologia correta.
- Cinco: Aplicar a tecnologia.
- Seis: Assegurar-se de que a tecnologia é aplicada corretamente.
- Sete: Exterminar a tecnologia incorreta.
- Oito: Eliminar as aplicações incorretas.
- Nove: Fechar as portas a qualquer possibilidade de tecnologia incorreta.
- Dez: Fechar as portas à aplicação incorreta.

Um acima, tem sido feito.

Dois, tem sido atingido por muitos.

Três, é atingido pelo indivíduo que aplica a tecnologia correta de uma forma correta e observa que esta funciona dessa forma.

Quatro, está a ser feito diariamente com sucesso na maioria das partes do mundo.

Cinco, é consistentemente realizado no dia a dia.

Seis, é consistentemente atingido por instrutores e supervisores.

Sete, é feito por uns poucos, mas é um ponto fraco.

Oito, não é trabalhado com força suficiente.

Nove, é impedido pela atitude "razoável" daqueles que não devem muito à inteligência.

Dez, raramente é feito com suficiente ferocidade.

Sete, Oito, Nove e Dez são as únicas áreas em que a Cientologia se pode atolar em qualquer lugar.

As razões para isto não são difíceis de encontrar:

Uma certeza fraca de que funciona em Três acima pode levar a uma fraqueza em Sete, Oito, Nove e Dez.

Além disso, os que não devem muito à inteligência têm um ponto fraco no botão da Autoimportância.

Quanto mais baixo é o Q.I., mais o indivíduo é privado dos frutos da observação.

Os Fac-símiles de Serviço das pessoas fazem-nas defenderem-se contra qualquer coisa que confrontem, boa ou má, procurando tornar essa coisa errada.



O Banco procura eliminar o bem e perpetuar o mal.

Assim nós, como Cientologistas e como organização, temos que estar muito alerta com Sete, Oito, Nove e Dez.

Em todos os anos que eu estive ocupado com a pesquisa mantive as minhas linhas de comunicação completamente abertas para os dados de investigação. Em tempos tive a ideia de que um grupo poderia desenvolver algo de verdadeiro. Um terço de século enganou-me totalmente dessa ideia. Disposto como eu estava a aceitar sugestões e dados, só uma mão cheia de sugestões (menos de vinte) tiveram valor de longa duração e *nenhuma* era principal ou básica, e quando realmente eu aceitei sugestões principais ou básicas e as usei, nós despistámo-nos e eu arrependi-me e tive por fim que arcar com toda a humilhação.

Por outro lado, tem havido milhares e milhares de sugestões e notas escritas que, se fossem aceites e levadas a cabo, teriam resultado na destruição total de todo o nosso trabalho, bem como da sanidade dos Pcs. Portanto, eu sei o que é que um grupo de pessoas vai fazer e quão insanas elas vão ficar quanto aceitarem a "tecnologia" não funcional. Segundo dados reais, a percentagem de possibilidades de um grupo de seres humanos imaginar má tecnologia para destruir uma boa tecnologia é de cerca de 100.000 para 20. Como conseguimos até hoje avançar sem sugestões, então é melhor fortalecermo-nos para continuarmos a fazê-lo, agora que aqui chegámos. É claro que este ponto vai ser atacado como "impopular", "egoísta" e "não democrático". Pode muito bem ser. Mas também é um ponto de sobrevivência. E eu não vejo que as medidas populares, a auto abnegação e a democracia tenham feito alguma coisa pelo homem, a não ser empurrarem-no mais para a lama. Atualmente a popularidade aconselha novelas degradadas, a auto abnegação encheu as selvas do Sudeste Asiático de ídolos de pedra e cadáveres, e a democracia deu-nos a inflação e o imposto de rendimento.

A nossa tecnologia não foi descoberta por um grupo. Verdade seja dita que, se o grupo não me tivesse apoiado de muitas maneiras, eu também não a teria descoberto. Mas ainda assim, se nos seus estados de formação não foi descoberta por um grupo, então pode assumir-se facilmente que os esforços de um grupo não a acrescentarão nem a alterarão com sucesso no futuro. Eu só posso dizer isto agora que está feita. É claro que resta a classificação ou coordenação de grupo, daquilo que tem sido feito e que vai ser valioso, mas só enquanto não procurar alterar os princípios básicos e aplicações bem-sucedidas.

As contribuições que valeram a pena neste período de formação da tecnologia foram a ajuda na forma de amizade, de defesa, de organização, de disseminação, de aplicação, de conselhos sobre resultados e de finanças. Estas foram grandes contribuições, e foram e são apreciadas. Muitos milhares contribuíram desta forma e tornaram-nos no que nós somos hoje. A contribuição para a descoberta, contudo, não fez parte da cena geral.

Não vamos especular aqui porque é que isto foi assim, ou como é que eu consegui levantar-me acima do Banco. Só estamos a lidar com factos, e o que foi dito acima é um facto: o grupo, deixado aos seus próprios meios, não teria desenvolvido a Cientologia, tendo-a simplesmente destruído com estranhas dramatizações do Banco chamadas "novas ideias". A apoiar isto está o facto de que o homem nunca desenvolveu anteriormente uma tecnologia mental funcional. Prova disto é a tecnologia maligna que ele *realmente* desenvolveu: a psiquiatria, a psicologia, a cirurgia, o tratamento de choque, os chicotes, a dureza, a punição, etc., até ao infinito.

Portanto, compreendam que nós emergimos da lama por qualquer boa sorte e bom senso, e recusamo-nos a afundar-nos nela outra vez. Assegure-se de que Sete, Oito, Nove e Dez acima são seguidos inflexivelmente e nunca seremos parados. Relaxe, fique razoável acerca deles e nós perceberemos.



Até agora, embora mantivesse completa comunicação com todas as sugestões, não falhei em Sete, Oito, Nove e Dez nas áreas que eu pude supervisionar de perto. Mas não é suficientemente bom ser só eu e uns poucos a trabalhar nisto.

Sempre que este controlo segundo Sete, Oito, Nove e Dez foi relaxado, toda a zona organizacional falhou. Testemunhas disto são Elisabeth, N. J., Wichita, as primeiras organizações e grupos. Eles despenharam-se só porque eu deixei de fazer Sete, Oito, Nove e Dez. Depois, quando estavam todos baralhados, viram-se as "razões" óbvias do fracasso. Mas antes disso pararam de entregar e *isso* envolveu-os com outras razões.

O denominador comum de um grupo é o Banco Reativo. Thetans sem Bancos têm respostas diferentes. Eles **só** têm os seus Bancos em comum. Assim eles só concordam com princípios do Banco. O Banco é idêntico de pessoa para pessoa. Portanto, as ideias construtivas são *individuais* e só muito raramente conseguem concordância num grupo humano. O indivíduo tem que subir *acima* de uma *ânsia de concordância* da parte de um grupo humanoide, para fazer qualquer coisa decente. A Concordância-de-Banco foi o que tornou a Terra num Inferno (e se estava à procura do Inferno e encontrou a Terra, essa certamente que servirá). Guerra, fome, agonia e doença têm sido o destino do Homem. Neste momento, os grandes Governos da Terra desenvolveram os meios de "fritar" todos os Homens, Mulheres e Crianças deste planeta. Isso é Banco. Isso é o resultado da Concordância de Pensamento Coletivo. As coisas decentes e agradáveis deste planeta vêm de ações e ideias *individuais* que foram de alguma forma apanhadas pela Ideia do Grupo. Quanto a isso, olhe como nós próprios somos atacados pela "opinião pública" dos média. No entanto não existe grupo mais ético neste planeta do que nós próprios.

Assim, cada um de nós pode subir acima do domínio do Banco, e então, como grupo de seres libertos, atingir a liberdade e a razão. Só o grupo aberrado, a multidão, é destrutivo.

Quando não faz Sete, Oito, Nove e Dez ativamente, está a trabalhar para a multidão dominada pelo Banco. Pois esta de certeza que irá:

introduzir tecnologia incorreta e jurar por ela,
aplicar a tecnologia tão incorretamente quanto possível,
abrir a porta a qualquer ideia destrutiva e
encorajar a aplicação incorreta.

É o Banco que diz que o grupo é tudo, e que o indivíduo não é nada. É o Banco que diz que nós temos que falhar.

Portanto não jogue pura e simplesmente esse jogo. Faça Sete, Oito, Nove e Dez e eliminará do seu caminho todos os futuros espinhos.

Aqui está um verdadeiro exemplo em que um executivo superior teve que interferir porque um Pc estava a enlouquecer: Um Supervisor de Caso disse ao Instrutor 'A' para fazer o Auditor 'B' correr o Processo 'X' no Preclaro 'C'. O Auditor 'B' disse depois ao Instrutor 'A' que o processo "não funcionou". O Instrutor 'A' era fraco em Três acima e não acreditava realmente em Sete, Oito, Nove e Dez. Portanto o Instrutor 'A' disse ao Supervisor de Caso: "O Processo X não funcionou no Preclaro 'C'".

Bem, *isto* vai imediatamente contra cada um dos pontos de Um a Seis acima no Preclaro 'C', Auditor 'B', Instrutor 'A' e no Supervisor de Caso. Isto abre a porta à introdução de "nova tecnologia" e ao fracasso.

O que é que aconteceu aqui? O Instrutor 'A' não apertou o pescoço ao Auditor 'B'. Foi isso que aconteceu. Isto é o que ele *deveria* ter feito: ter agarrado no relatório do Auditor e olhado para ele. Quando um executivo superior neste caso o fez, descobriu aquilo que o Supervisor de Caso e o



resto não tinham visto: que o Processo 'X' *aumentou* o TA do Preclaro 'C' para 25 divisões de TA na sessão, mas que perto do fim da sessão o Auditor 'B' fez Q&A com uma cognição e abandonou o Processo 'X' quando o TA ainda estava alto e desatou a correr um processo da sua própria autoria que quase enlouqueceu o Preclaro 'C'. Ao examinar isto, descobriu-se que o Q.I. do Auditor 'B' era cerca de 75. Descobriu-se que o Instrutor 'A' tinha grandes ideias sobre nunca se poder invadir ninguém, nem sequer um lunático. Descobriu-se que o Supervisor de Caso estava "ocupado demais com o trabalho administrativo para ter tempo para casos reais".

Muito bem. Este é um exemplo demasiado típico. O *Instrutor* deveria ter feito Sete, Oito, Nove e Dez. Isto teria começado desta maneira. Auditor 'B': "O Processo 'X' não funcionou". Instrutor 'A': "Exatamente, o que é que *tu* fizeste mal?" Ataque instantâneo. "Onde é que está o teu relatório de sessão? Ótimo. Olha aqui, tu estavas a ter muito TA quando paraste o Processo 'X'. O que é que fizeste?" Então o Pc não teria quase enlouquecido e todos estes quatro teriam garantido a sua certeza.

No espaço de um ano tive quatro ocorrências *num* pequeno grupo em que o processo correto recomendado foi reportado como não tendo funcionado. Mas durante a revisão descobriu-se que cada um tinha: (A) aumentado o TA, (B) sido abandonado e (C) sido falsamente relatado como não funcional. Também, apesar deste abuso, em cada um destes quatro casos o processo recomendado e correto resolveu o caso. Ainda assim eles foram relatados como *não tendo funcionado*!

Existem exemplos semelhantes na instrução, e estes são de todos os mais mortíferos, pois cada vez que a instrução da tecnologia correta falha, então, o erro resultante, não sendo corrigido no auditor, vai perpetuar-se em cada Pc que esse auditor auditar daí em diante. Portanto Sete, Oito, Nove e Dez são ainda mais importantes num curso do que na supervisão de casos.

Eis um exemplo: Um louvor delirante é dado a um estudante que se estava a graduar "porque ele consegue mais TA nos Pcs do que qualquer outro estudante do curso!" São relatados números da ordem de 435 divisões de TA por sessão. Também isso está incluído no louvor: "É claro que a sua sessão modelo é deficiente, mas isto é um dom que ele tem".

Uma revisão cuidadosa é levada a cabo porque *ninguém* nos níveis de 0 a IV irá conseguir tanto TA assim com os Pcs. Descobre-se então que este estudante nunca tinha sido ensinado a ler o quadrante de TA do E-Metro! E não houve nenhum instrutor que tivesse observado o seu manejo do e-metro para descobrir que ele "ultra-compensava" nervosamente o TA, girando-o duas ou três divisões para lá do ponto onde este necessitava estar para colocar a agulha em "set". Portanto toda a gente estava pronta para atirar fora os processos standard e a sessão modelo, porque este estudante "conseguiu um TA tão incrível". Eles só liam os relatórios e ouviam as fanfarrônicas, e nunca *olharam* para este estudante. Os Pcs estavam de facto a fazer ganhos ligeiramente abaixo da média, impedidos por uma sessão modelo tosca e processos mal pronunciados. Assim, aquilo que estava a fazer os Pcs vencerem (a verdadeira Cientologia) estava escondido debaixo de um monte de desvios e erros.

Estou a lembrar-me dum estudante que estava a "esquilar" (desviar-se para práticas estranhas ou alterar a Cientologia) num curso da Academia e que, depois das horas do curso, andava a auditar outros estudantes na banda total usando um monte de processos não standard. Os estudantes da Academia estavam eletrizados com todas estas novas experiências e não foram rapidamente postos sob controlo. O próprio estudante nunca tinha aprendido os mecanismos Sete, Oito, Nove e Dez de forma a compreendê-los. Subsequentemente, este estudante impediu que outro *esquilo* fosse corrigido e a sua mulher morreu de cancro resultante de abuso físico. Um instrutor duro e inflexível nesse momento, poderia ter salvo dois *esquilos* e poupado a vida a uma rapariga. Mas não, os estudantes tinham o direito de fazer o que mais lhes agradasse.

A *esquilagem* só aparece a partir da não compreensão. Normalmente a não compreensão não é da Cientologia, mas de um contacto anterior com alguma estranha prática humanoide que por sua vez não foi compreendida.



Quando as pessoas não conseguem obter resultados a partir *daquilo que elas pensam* ser a prática standard pode contar-se que *esquilarão*, nalguma medida. A maioria dos sarilhos nos dois últimos anos vieram de Orgs onde um executivo *não conseguia* assimilar a Cientologia correta. Quando se lhes ensinava Cientologia eles eram incapazes de definir termos ou de demonstrar exemplos de princípios. As Orgs onde eles estavam meteram-se em montes de sarilhos. E, pior ainda, isto não pôde ser corrigido facilmente porque nenhuma destas pessoas conseguia ou queria duplicar as instruções. Assim, deu-se um colapso em duas áreas, tendo sido diretamente descobertas na origem, falhas anteriores na instrução.

Portanto, a instrução correta é vital. O DdeT e os seus Instrutores e todos os Instrutores de Cientologia têm que ser impiedosos a pôr Quatro, Sete, Oito, Nove e Dez eficazmente em ação.

Aquele estudante, por mais estúpido e impossível que pareça e sem utilidade para ninguém, pode ainda um dia vir a ser a fonte de incríveis sarilhos porque ninguém esteve suficientemente interessado em se *assegurar* que ele tinha compreendido a Cientologia.

Com aquilo que nós agora sabemos, não há nenhum estudante inscrito que não possa ser corretamente treinado. Como Instrutor, uma pessoa deveria estar muito alerta ao avanço lento, e virar pessoalmente os preguiçosos do avesso. Nenhum *sistema* o vai fazer, só você ou eu, com as mangas arregaçadas, podemos partir as pernas ao mau estudo, e só o podemos fazer com o estudante individual, nunca com uma classe inteira. Ele é lento, logo algo está altamente errado. Tome ações *rápidas* para corrigir isso. Não espere até à semana que vem. Nessa altura ele vai ter outras confusões agarradas. Se não os conseguir graduar apelando ao bom senso, gradue-os num tal estado de choque que eles vão ter pesadelos se contemplarem esquilagem. Depois a experiência vai gradualmente criar Três neles e eles vão *saber* que é melhor não andarem a apanhar borboletas quando deveriam estar a auditar.

Quando alguém se inscreve, considere que ele aderiu para toda a duração do universo. Nunca permita uma abordagem de "espírito aberto". Se eles vão desistir, deixe-os desistir depressa. Se eles se inscreveram, eles estão a bordo e se estão a bordo, estão aqui nos mesmos termos que nós, para morrer ou vencer na tentativa. Nunca os deixe ficarem indecisos quanto a serem Cientologistas. As melhores organizações da história têm sido organizações duras e dedicadas. Nunca nenhum grupo indeciso de diletantes efeminados alguma vez fez alguma coisa. É um universo duro. O verniz social fá-lo parecer suave. Mas só os tigres sobrevivem, e mesmo *esses* passam um mau bocado. Nós vamos sobreviver porque somos duros e dedicados. Quando nós *realmente* instruimos alguém corretamente, esse alguém se torna cada vez mais um tigre. Quando nós instruimos indecisamente e temos medo de ofender, temos receio de impor, não transformamos os estudantes em bons Cientologistas e isso deixa toda a gente em baixo. Quando a Sra. Queque vem ter connosco para ser ensinada, transforme aquela dúvida vaga nos seus olhos num olhar brilhante, decidido e fixo, ela vai vencer e todos nós venceremos. Apaparique-a e todos nós morreremos um pouco. A atitude correta de instrução é: "tu estás aqui, portanto tu és um Cientologista. Agora vamos transformar-te num auditor especializado, aconteça o que acontecer. Antes queremos ver-te morto do que incapaz".

Alinhe isto ao contexto económico da situação e à falta de tempo adequado e verá a cruz que temos de carregar.

Mas não teremos que a carregar para sempre. Quanto maiores ficarmos, mais tempo e meios teremos para fazer o nosso trabalho. As únicas coisas que nos podem impedir de crescer tão rapidamente são as áreas de Um a Dez. Tenha-as em mente e seremos capazes de crescer, e depressa. E à medida que crescermos, as nossas grilhetas serão cada vez menores. Fracassar em manter Um a Dez fará com que *nós* crescamos menos.

Portanto, o ogre que nos poderia comer não é o Governo nem são os Altos Sacerdotes. É a nossa possível falha de conservar e praticar a nossa tecnologia.



Um Instrutor, Supervisor ou Executivo *tem* que desafiar com ferocidade casos de "não funcionalidade". Eles têm que descobrir o que *realmente* aconteceu, o que *foi* percorrido, o que *realmente* foi feito, ou que não foi feito.

Se tiver Um e Dois, só consegue adquirir Três para todos assegurando-se de todo o resto.

Nós não estamos a jogar algum jogo menor em Cientologia. Não é algo engraçado para fazer à falta de melhor.

Toda a futura agonia deste planeta, todos os seus homens, mulheres e crianças e o seu próprio destino para os próximos triliões de anos sem fim, dependem daquilo que você fizer aqui e agora, dentro e com a Cientologia.

Esta é uma atividade altamente séria. Se fracassarmos em sair da armadilha agora, poderemos nunca mais voltar a ter outra oportunidade.

Lembre-se, esta é a primeira oportunidade para o fazermos em todos os infindáveis triliões de anos do passado. Não a perca agora porque parece desagradável ou antissocial fazer os pontos Sete, Oito, Nove e Dez.

Faça-os e nós venceremos.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 17 DE JUNHO DE 70R

Reemit.30 Ago.80

Rev.25 de Out.83

KSW Séries 5R

URGENTE E IMPORTANTE

DEGRADAÇÕES TÉCNICAS

Qualquer Folha de Controlo em uso ou guardada que contiver qualquer declaração degradante, tem que ser destruída e reemitida sem qualificação.

Exemplo: As Folhas de Controlo dos Níveis de 0 a IV de SH dizem: "A. Materiais de Informação. Esta seção é incluída como informação histórica, mas tem muito interesse e valor para o estudante. A maioria dos processos já não são usados, tendo sido substituídos por tecnologia mais moderna. Só se exige que o estudante leia estes materiais e se assegure que não deixa mal-entendidos". Este título cobre coisas como TRs, Op Pro by Dup!

A declaração é uma falsidade.

Estas Folhas de Controlo não foram aprovadas por mim, e todo o material dos Cursos da Academia e SH ESTÃO em uso.

Ações como esta deram-nos os "Graus à Pressa", criaram quebras de ARC com o exterior e degradaram os Cursos da Academia e de SH.

Uma condição de TRAIÇÃO, cancelamento de certificados ou despedimento e uma investigação total do passado de qualquer pessoa declarada culpada, serão ativados no caso de cometer os seguintes ALTOS CRIMES:

1. Abreviar um Curso oficial de Dianética e Cientologia de forma a perder qualquer parte da teoria dos processos ou eficácia do assunto.
2. Adicionar comentários ou instruções às Folhas de Controlo rotulando qualquer material de "informação" ou "já não usado" ou "velho" ou qualquer ação semelhante que resulte no estudante não saber, não usar e não aplicar os dados sobre os quais está a ser treinado.
3. Usar depois do dia 1 de Setembro de 1970 qualquer Folha de Controlo para qualquer curso que não seja autorizada por mim ou pela Unidade Internacional da Autoridade de Verificação e de Correção (AVC Int).
4. (As Folhas de Controlo dos Hats podem ser autorizadas localmente segundo HCO PL 30 Set. 70 FORMATO DA FOLHA DE CONTROLO).
5. Não cortar de uma Folha de Controlo que, entretanto, continue em uso, quaisquer comentários como "histórico", "informação", "não usado", "velho", etc., ou DECLARÁ-LO VERBALMENTE AOS ESTUDANTES.
6. Permitir, sem sequer aconselhar ou avaliar, que um Pc ateste segundo a sua vontade mais de um Grau de cada vez.
7. Correr apenas um processo de um Grau inferior entre 0 e IV, quando o EP do Grau não foi atingido.
8. Não usar todos os processos de um nível quando o EP não foi atingido.
9. Gabar-se da rapidez de entrega numa sessão, como "Eu acabo o Grau Zero em 3 minutos", etc.
10. Encurtar o tempo de aplicação da audição por considerações financeiras ou de economia de pessoal.



11. Atuar de qualquer forma calculada para perder o uso da tecnologia de Dianética e Cientologia, impedir o seu uso ou encurtar os seus materiais ou a sua aplicação.

RAZÃO: Nas organizações considerou-se que a melhor forma de fazer os estudantes terminarem os seus cursos e processar os Pcs, é reduzir os materiais ou retirar processos dos Graus. A pressão exercida para acelerar as completações dos estudantes e dos Pcs foi erradamente resolvida simplesmente não entregando os serviços.

A maneira correta de apressar o progresso de um estudante é através do uso de Comunicação nos 2 Sentidos e da aplicação dos materiais de estudo.

A melhor maneira de realmente manejar os Pcs é assegurar-se de que eles fazem cada nível completamente antes de irem para o seguinte e corrigi-los quando não o fazem.

O enigma do declínio da rede inteira de Cientologia no fim dos anos 60 é totalmente explicado pelas ações empreendidas para encurtar o tempo de estudo e de processamento, retirando materiais e suprimindo ações.

A solução para uma recuperação é o uso e a entrega da Dianética e Cientologia completas.

O produto de uma organização é o seguinte: estudantes bem treinados e Pcs auditados a fundo. Quando o produto desaparece, a organização faz o mesmo. E elas têm de sobreviver para bem deste planeta.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL 22 DE NOVEMBRO DE 1967RA

Rev. e Reemit. 12.4.83

Chapéu do Estudante

Remimeo

REVISTA E REEMIT. 18 JULHO 1970

RE-REV. E REEMITIDA 12 ABRIL 1983

(Revista para atualizar os títulos dos postos no primeiro parágrafo e reemitida para incluir esta emissão como parte da Série KSW).

(Revisões em *Itálicas*)

Todos os estudantes

Todos os cursos

Série Manter a Cientologia a Funcionar Nº 25

TECH FORA

Se em qualquer momento um supervisor ou outra pessoa numa Org lhe der interpretações de HCOBs, PLs ou disser "Isso é velho, lê, mas não liguês, são só dados de segundo plano", ou fizer uma *chit* por seguir HCOBs ou Gravações, ou alterar a tech ou cancelar pessoalmente HCOBs ou PLs sem poder mostrar um HCOB ou PL que os cancele, VOCÊ TEM QUE REPORTAR A QUESTÃO, COMPLETA COM NOMES E POSSÍVEIS TESTEMUNHAS, EM LINHA DIRETA AO CHEFE INTERNACIONAL DE JUSTIÇA EM FLAG. SE ISTO NÃO FOR IMEDIATAMENTE MANEJADO, REPORTAR DA MESMA FORMA PARA O C/S SNR INTERNACIONAL E INSPETOR GENERAL NETWORK EM FLAG.

As únicas maneiras de falhar em termos de resultados com Pcs são:

1. Não estudar os HCOBs e os meus Livros e Gravações.
2. Não aplicar o que estudou.
3. Seguir "conselhos" contrários ao que se encontra nos HCOBs e Gravações.
4. Não conseguir obter os necessários HCOBs, Livros e Gravações.

Não existe qualquer linha escondida de dados.

Toda a Dianética e Cientologia funciona. Parte dela funciona mais depressa.

O único verdadeiro erro que os auditores cometeram ao longo dos anos foi não parar um processo no momento em que viram uma agulha flutuante.

Recentemente o crime agravou-se com a descoberta de terem sido retirados dados e Gravações das checksheets, "relegados dados para segundo plano" e de Graus não usados a fundo para completar os fenómenos finais conforme a coluna de Processamento da Carta de Classificação e Gradação. Isto provocou uma quase completa destruição do assunto e do seu uso. Estou a contar consigo para zelar para que isto NUNCA MAIS seja permitido.

Qualquer executivo ou supervisor que interprete, altere ou cancele a Tech, fica sujeito à atribuição da condição de Inimigo. Todos os dados estão nos HCOBs, PLs ou Gravações.



Deixar de divulgar esta emissão a todos os estudantes implica uma multa de \$10 (Dólares) por cada estudante a quem é sonegada.

L. RON HUBBARD

FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 12 DE SETEMBRO DE 1978R

Rev. 2 Dez 85

URGENTE - IMPORTANTE

DIANÉTICA PROIBIDA EM CLEARS E OTS

Nova Era Dianética ou qualquer Dianética NÃO é para ser aplicada a Clears ou acima, ou em Clears de Dianética.

Isto aplica-se mesmo quando eles dizem que podem ver algumas imagens.

Qualquer pessoa, Clear ou acima, que tenha comprado audição de NED, deve ser encaminhado para uma AO ou Flag para receber o RD especial NED para OTs. NÃO se lhes aplica a Nova Era Dianética normal.

Qualquer pessoa, Clear, mas não OT III, tem de chegar a OT III imediatamente para receber este RD Especial. Depois de OT III faz o novo OT IV (o RD de drogas para OTs), depois o Novo OT V, NOTs auditado, seguido pelo OT VI (Curso de Auditor Solo de NOTs), e Novo OT VII (Audição de Solo NOTs).

O fenómeno final deste Rundown é: CAUSA SOBRE A VIDA.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

BOLETIM DO HCO DE 24 DE SETEMBRO DE 1978 RA
EMIÇÃO III

RE-REVISTO EM 31 DE MARÇO DE 1981

Policopiar
AOs, Hills
Orgs. Classe IV
Checksheets de NED
Tech/Qual
Todos os C/Ss
Todos os Auditores
HCOs
Missões

(Este Boletim foi revisto para restabelecer uma definição mais precisa do Estado de Clear, tal como vem no Livro Um, Cap.II, de DIANÉTICA: A CIÊNCIA MODERNA DA SAÚDE MENTAL, para atualizar o Boletim tendo em conta o uso do Intensivo Especial de Clear de Dianética, para verificação e reabilitação do Estado se ele for alcançado antes de fazer o Curso de Clearing e para dar dados para programar os passos seguintes de audição para Clear em Dianética.)

SÉRIE SOBRE CLEAR DE DIANÉTICA Nº 1

CLEAR DE DIANÉTICA

REFERÊNCIAS:

HCOB 12 Set. 78
Reemitido em 31.3.81

Série Sobre Clear De Dianética Nº 2
URGENTE- IMPORTANTE, DIANÉTICA
PROIBIDA EM CLEARS E OTS

(Este Boletim dá uma versão corrigida da definição de "Clear de Dianética", pag.113, do Dicionário Técnico e da definição de "keyed-out Clear, pag.221, do Dicionário Técnico.)

O estado de Clear pode ser alcançado em Dianética.

Determinei agora que não existe tal coisa chamada "keyed-out Clear". Existe somente um Clear de Dianética e ele é um Clear.

A definição de Clear, isto para reforçar a melhor definição que foi dada originalmente no Livro Um, Cap. II de DIANÉTICA: A CIÊNCIA MODERNA DA SAÚDE MENTAL", é: UM SER QUE É NÃO-REPRIMIDO E AUTODETERMINADO.

O estado de Clear, quer atingido no Curso de Clearing quer no processamento dos materiais da Carta de Graus antes do Curso de Clearing, pode ser determinado de forma muito precisa, pois existem sinais muito específicos que acompanham o estado.

Caso o pc origine que chegou ou que já tinha chegado a Clear ou quando a sua leitura numa lista preparada indique que chegou a Clear, o seu folder deve ser enviado a um C/S que seja Clear e que seja qualificado para fazer C/S do Intensivo Especial para Clear de Dianética. Então será fornecido ao pc um Intensivo Especial para Clear de Dianética para verificar o estado e reabilitá-lo, no caso de ele ser válido. O Intensivo Especial para Clear de Dianética só é dado numa organização Classe IV (ou mais) a qual está qualificada para entregar esse Intensivo.

Se uma Missão ou Auditor de Campo acha que um dos seus pcs chegou a Clear, deve enviar o pc e o seu folder para o org qualificada mais próxima, que tenha um C/S qualificado, para adjudicação e um Intensivo Especial para Clear em Dianética completo, tal como é requerido.



NOTA: Nenhum auditor ou C/S, ou quem quer que seja pode avaliar pelo pc neste assunto nem fornecer ou coagir o pc a nenhuma cognição, o que constitui um delito sujeito a Comm-Ev. Os Clears fazem-se com audição e não fornecendo cognições aos pcs. Isto é importante na medida em que quem não chega a Clear não vai conseguir chegar aos níveis de OT.

Uma vez declarado, o folder do pc da pessoa deve ser claramente marcado com "Clear em Dianética", por segurança e para fins de programação futura.

É então emitido ao indivíduo o Certificado de Clear por Certs e Awards, o qual declara, simplesmente, que ele chegou ao Estado de Clear. Este certificado standard não contém qualquer declaração qualificativa em relação ao Estado.

O Clear em Dianética, ao chegar a este estado, não mais é percorrido em Dianética. Ele não deve ser percorrido em engramas R3RA ou qualquer versão de R3R ou Dianética. Podem-lhe ser dados Assistências de Toque e de Contacto (tal como aos Clears em Cientologia e OTs) mas não se lhe pode dar nenhuma audição de assistência Dianética. (Ele pode, certamente, receber quaisquer ações do Boletim de Assistências Sumárias, excluindo R3RA).

Um Clear em Dianética faz o Rundown Purificativo se não foi previamente completado. Ele faz o Rundown de Sobrevivência a menos que já tenham sido completados todos os Objetivos, cada um percorrido até ao Fenómeno Final, antes de começar o Rundown de Sobrevivência. Dá-se-lhe o Rundown de Drogas de Cientologia, se necessário (a menos que previamente completado um Rundown de Drogas NED total ou qualquer outro Rundown de Drogas de Dianética). Ele é percorrido no ARC Fio Direto Expandido e nos Graus 0-IV Expandidos até ganhas as capacidades totais para cada Grau não previamente declarado segundo os padrões.

(Nota: No Grau IV, contudo, não lhe será feito a secção R3RA do manejo de Fac-similes de Serviço).

Há aqui uma coisa de extrema importância para o bem estar imediato e futuro do indivíduo que é ele alcançar as Capacidades de cada Grau e não falhar nenhum dos Níveis ou ações que lhe permitam eventualmente chegar a OT.

Quando cada Grau foi manejado até ao Ganho das Capacidades, o próximo passo é o Curso de Auditor-Solo numa Saint Hill ou numa Org. Avançada.

Por outro lado, uma vez completadas as ações de audição acima descritas são agora requeridas a quem vá para Cursos Avançados numa AO.

Um Clear em Dianética não é percorrido em Poder, R6EW ou Curso de Clearing, mas após finalizar o Curso de Auditor-Solo vai diretamente para OT I.

Até ao aparecimento da Dianética e Cientologia, o assunto do banco reativo e de clearing não tinha sido nunca tocado nem superficialmente. Pode procurar em vão ao longo dos registos da História que não vai encontrar qualquer pedaço de informação válida ou esclarecimento acerca do banco.

A consecução uniforme do Estado de Clear através de processos padrão de audição em Dianética e Cientologia foi miraculosa e foi o resultado de um longo percurso de pesquisa culminando no lançamento do Curso de Clearing assegurando que todos possam alcançar esse estado. Então, com o avanço da tecnologia da Dianética, que resultou na Nova Era de Dianética, e como resultado de outras evoluções da tecnologia, tornou-se evidente que algumas pessoas chegavam a Clear em níveis mais baixos na Carta de Graus.

Onde, durante o processamento, a pessoa fica Clear (quer no Curso Clearing, ou num ponto anterior do seu processamento), não é importante. O que é importante é que honestamente fique Clear.

Com o Estado de Clear e a sua tecnologia protegida e reconhecida pela importante proeza que constitui, o futuro deste planeta pode evoluir para a sanidade e maior progresso para todos.

Isto é e tem sido sempre o objetivo, e essa é a confiança que todos os Cientologistas agora compartilham comigo.



L. RON HUBBARD

Fundador

Aceite pelo

CONSELHO DE DIRETORES

da

IGREJA DE CIENTOLOGIA

da CALIFÓRNIA

BDCSC:LRH:bk:dr

Copyright © 1978,1980,1981

por L. Ron Hubbard

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 10 DE SETEMBRO DE 1978

Nova Era Dianética Série 25

ALTO CRIME NED

Pessoas que tentem percorrer NED sem terem sido treinados em NED são accionáveis independentemente das suas classes.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 22 DE MAIO DE 1969

Mimeografar

Checksheet de Dianética

DIANÉTICA, OS SEUS ANTECEDENTES

Antes da Dianética o mundo nunca tinha conhecido uma ciência mental exata.

O homem usou o conhecimento mental no passado basicamente para controle, política e propaganda.

A palavra “psicologia” no seu uso popular é sinónimo de “dar a volta” a alguém.

Nos milhares de anos antes de 1950, houve muitos filósofos e muito conhecimento foi acumulado no campo da lógica, matemática, eletrónica e ciências físicas.

Contudo, devido a ideologias e conflitos políticos, pouco deste conhecimento prévio foi alguma vez aplicado ao campo da mente humana.

A ideia científica de considerar uma verdade apenas aquilo que pode ser demonstrado com resultado, nunca foi realmente aplicada à mente.

“Pesquisadores” deste campo não eram inteiramente treinados em matemática, no método científico ou lógico. Eles estavam apenas interessados nas suas próprias ideias e em objetivos políticos.

Por exemplo, as únicas “escolas” de psicologia, ensinadas ou seguidas no ocidente, eram as Russa e Alemã oriental.

A primeira escola foi a de Ivan Petrovitch Pavlov (1849-1936), uma escola veterinária. Cada criança de escola e estudante universitário era obrigado a estudar Pavlov sob um ou outro disfarce. O discurso do trabalho de Pavlov, é que o homem é um animal e só funciona através de “condicionamento”. As nações Ocidentais desprezaram o facto de que este trabalho tinha já destruído vários países incluindo a Rússia Czariana, de que Estaline mandou Pavlov escrever o seu trabalho no Kremlin em 1928 com o fim de permitir o controle do homem. Usar os estudos mentais de um inimigo é algo muito perigoso.

O Ocidente nessa altura era dirigido apenas pela “fina flor” e possivelmente agradou-lhes grandemente pensar que as massas que eles controlavam eram, no fim de contas, apenas animais. Que isto também fazia deles animais foi coisa que não lhes ocorreu.

Milhares de milhões de dólares foram adjudicados por parlamentos e congressos para subsidiar o homem para “controlar melhor” os seus animais.

Estes homens não tinham qualquer ideia de curar ou ajudar alguém.

Motins e desordem civil foi o único produto por eles conseguido.

A Dianética foi largada diretamente contra os dentes destes Barões da Mente, pesadamente subsidiados, com ideias como: “leva 12 anos a fazer um psiquiatra” e “autoridade afirma” e “qualquer esforço para interromper este monopólio tem que ser imediatamente destruído”.

Psicologia e psiquiatria eram assuntos de estado, impelidos pela “fina flor”.

Estes não conseguiam seguir o seu caminho sozinhos porque eram contrários à moral e costumes públicos. O público não queria na verdade nada com eles.



Nas instituições mentais a tortura, lesão permanente e morte estavam na ordem do dia baseando-se em que não tinha importância matar pessoas pois elas eram de qualquer modo apenas animais.

Assim o público estava do lado da Dianética (e mais tarde Cientologia) e o governo do lado da “fina flor”.

A imprensa, controlada pelo governo e serviços de inteligência e a “fina flor” mentiam sem fim sobre a Dianética (e Cientologia).

A Dianética, uma nova ciência mental válida, foi posta em competição contra os ensinamentos da Rússia e Europa Oriental.

A Dianética não é a apenas a primeira ciência mental desenvolvida no Ocidente, mas é a primeira ciência mental no planeta que produz uniformemente resultados benéficos.

O homem está a ser sujeito a esforços fantásticos e violentos para o seduzir ou subjugar à docilidade. Este é o produto final óbvio da tecnologia da Rússia e Europa Oriental agora altamente financiadas e apoiadas, involuntariamente, por governos ocidentais.

A resposta do homem a isto é motins e desordem civil nas universidades, nos sindicatos, e nas ruas. O homem não situa com precisão a fonte da sua opressão. Ele está extremamente preocupado. A resposta do governo foi mais milhões para os psicólogos e psiquiatras desenvolverem novos meios de controle e opressão. O que não funcionou no passado não é provável que funcione no presente ou no futuro.

A Rússia Czariana, os Balcãs inteiros, a Polónia, Alemanha e muito mais países do Leste Europeu, já pereceram ao tentar usar o trabalho de Pavlov, Wundt e outros. O ocidente inteiro, tendo “comprado” as mesmas ideias governativas, está agora em turbilhão e, por sua vez, a perecer.

A Dianética recusa ser uma atividade revolucionária. Não tem que ser. Toda a sua missão é fazer-se aplicar.

O bloco estrutural básico da sociedade é o indivíduo. Grupos são construídos a partir de indivíduos. E esta é a sociedade. Nenhuma sociedade é melhor que os seus blocos estruturais básicos.

Os homens não são animais.

Bom, homens são homens são.

A Dianética se aplicada a indivíduos na sociedade, traz esperança, seres felizes e são.

Estes seres felizes e são, seguindo para a Cientologia, tornam-se então brilhantes e seres muito capazes.

Nós estamos a fazer evoluir o homem para um estado mais elevado.

Neste estado ele pode manejar melhor os seus problemas.

Não estamos a tentar derrubar ninguém. Não nos estamos a revoltar contra ninguém. Na verdade, nós podemos até transformar uma falsa “fina flor” numa verdadeira fina flor.

A Dianética foi pela primeira vez concebida em 1930 e os desenvolvimentos de 39 anos entraram na produção da Dianética Standard.

Dianética: A Tese Original foi publicada em 1949 em forma de manuscrito. Foi copiada de várias maneiras, de mão em mão, pelo mundo fora.

Dianética: A Evolução de uma Ciência foi publicada nos fins de 1949.

Dianética: A Ciência Moderna de Saúde Mental, foi publicada em 9 de Maio de 1950 e desde aí vendeu milhões de cópias.

No início dos anos 50 novas descobertas a respeito do espírito, introduziram-nos na Cientologia.

Mas a Dianética nunca foi perdida de vista e, de vez em quando, tive que lhe dar um empurrão na direção de uma funcionalidade 100% fácil, rápida.

A presente publicação da Dianética Standard é quase o produto final.

Se feita com precisão, produz bons e permanentes resultados em apenas algumas horas de audição.



Podemos treinar um auditor de Dianética em Dianética Standard de 10 dias a um mês no máximo, em média, cerca de 2 semanas.

Estes avanços valem muito, muito a pena e a Dianética Standard é uma descoberta em 1969 quase tão grande como foi a Tese Original em 1949. Centenas e centenas de horas de pesquisa foram gastas com isso.

A Dianética progrediu do período pré Dianética de não ciência da mente, para a existência de uma verdadeira ciência da mente, para uma ciência exata, rápida, mais simples do que qualquer outro assunto científico e de maior valor para o homem.

Todo este avanço foi arduamente ganho, sem os milhões do governo, nos dentes de avalanches de mentiras e oposição.

O assunto não deve obediência a ninguém senão a si mesmo. Não deve obrigações a ninguém. Não tem política. Pertence àqueles que o usam.

É o único jogo no universo em que toda a gente vence.

Vamos manter isto assim.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 24 DE ABRIL DE 1969 RA
REVISTO 20 de JULHO de 1978
RE-REVISTO 20 de SETEMBRO de 1978

Remimeo
Dn Checksheet
Classe VIIIs
(Revisões neste tipo)

O USO DA DIANÉTICA

Ref: Série de Boletins de Nova Era Dianética, particularmente,
HCOB 28 Jul. 71 RA Nova Era Dianética Série 8R DIANÉTICA, INICIAR UM
PC EM,
HCOB 26 Jun. 78RA Nova Era Dianética Série 6RA ROTINA 3RA, PERCURSO de
ENGRAMAS POR CADEIAS
HCOB 18 Jun. 78R Nova Era Dianética Série 4R VERIFICAÇÃO E COMO OBTER
O ITEM
HCOB 22 Jun. 78R Nova Era Dianética Série 2R NOVA ERA DIANÉTICA DELI-
NEAR O PROGRAMA COMPLETO DO PC.
e HCOB 11 Jul. 73RB SUMÁRIO DE ASSISTS

A razão por que a Dianética caiu em desuso não tem nada a ver com a sua funcionalidade. Ela tem funcionado bem desde 1950.

Nalgumas áreas, principalmente nos EUA, era ilegal curar fosse o que fosse. Havia mesmo uma lei na Califórnia que ilegalizava a cura de 25 doenças. O Gabinete de “Melhores” Negócios dos EUA até emite panfletos que afirmam “podemos sempre identificar um charlatão porque ele diz ser capaz de curar alguma coisa”.

A razão por que a civilização ilegaliza a cura de doenças só pode ser explicada porque alguns interesses encobertos fazem mais dinheiro com pessoas doentes do que curá-las.

Existiu sempre uma ameaça contra aqueles que ajudaram o seu semelhante.

A capacidade da Cientologia para trazer liberdade espiritual recebeu por isso uma concentração de esforços da parte das organizações.

Recentemente a opinião pública voltou-se fortemente contra estes grupos supressivos, e a descoberta pública de que prisões ilegais, tortura e assassinio era uma atividade oculta de grupos politico-psiquiátricos, retirou a esta gente o seu apoio.

Não repararam que a cura espiritual do corpo não era ilegal e que a Dianética, usada para aconselhamento pastoral, era completamente legal.

É um caso sério pensar que o uso da única tecnologia efetiva de cura psicossomática, a Dianética, possa ser suprimida.

Estamos a manejar o efeito do espírito sobre o corpo. Por isso, mesmo a Dianética é cura espiritual, e como tal está longe de ser ilegal.

O homem deve manter-se doente só para que alguns detenham o monopólio.



Em quase todos os outros países exceto os EUA, não existem restrições de cura apesar de esforços monopolistas para o fazer.

Outra razão por que a Dianética esteve fora de uso por algum tempo é que se acreditou ter sido ultrapassada pela Cientologia, o que de facto nunca aconteceu. A Dianética pode ser feita sem qualquer referência à Cientologia ou às suas técnicas.

As pessoas que desistiram durante a doença são também propensas ao desejo de abandono. Em vez de confrontar a sua doença, é mais fácil tentar fugir dela. Assim esta gente está com pressa de ser livre e por isso prefere a Cientologia. Mas se eles têm um corpo doente, é um problema de tempo presente e isso inibe-os de atingir a liberdade espiritual que procuram.

O procedimento *correto* é curá-los com tratamento médico quando possível e manejar as suas doenças psicossomáticas com Dianética e então, antes que qualquer abuso da vida possa ocorrer, elevar a sua capacidade e assegurar a sua liberdade com Cientologia. Este é o uso correto da Dianética. É o remédio das doenças psicossomáticas.

O uso básico da Dianética é curar o corpo e alargar o tratamento físico.

Qualquer experiência traumática pode ser apagada pela Dianética. É muito fácil de usar, e se queremos gente feliz devemos usá-la em cada oportunidade.

Uma pessoa tem uma operação. Isto deveria ser imediatamente seguido de Assists de Toque e outros manejos da Lista Completa de Assists, HCOB 29 Jul. 81 I, incluindo o apagamento do engrama da experiência por Narrativa R3RA Quad. Os engramas e secundários relacionados com o incidente podem ser percorridos usando o procedimento de pré-verificação, e R3RA Quad. O tempo de cura será grandemente acelerado e muitas vezes a cura ocorrerá, quando a seguir poderia ter uma recaída.

Uma mulher tem uma criança. O engrama do parto deveria ser sacado imediatamente a seguir. O resultado é muito espetacular. Não há “psicose pós-parto”, ou aversão à criança nem a mazela permanente na mãe. É de facto melhor auditar a mãe antes e depois do parto, o que nos dá um nascimento rápido, relativamente indolor e convalescença rápida.

Uma convalescença é acelerada pela audição de Dianética.

Quando o incidente da quebra dum membro, em qualquer cadeia, é percorrido, o membro quebrado cura-se em 2 semanas em vez de seis (provado por Raios X).

Alguns pacientes que não estão a responder a tratamento médico e aos quais é dado apenas tanto como uma Assistência de Toque, *logo* se verificará responderem ao tratamento médico. Um auditor, dando uma sessão de Dianética, assegurará mais ou menos que o tratamento médico agora funcione.

Uma pessoa que é propensa a acidentes, quando auditada, usualmente perde esta característica indesejável.

Muitos “insanos” recuperam dos seus sintomas quando recebem tratamento médico apropriado, repouso, ausência de perturbação e depois processamento suave de Dianética. Tornam-se e permanecem gente normal sem recaídas.

Uma doença crónica, ou seja, a longo prazo, cessa quando auditada em Dianética e depois de tratamento médico, o qual antes era sem efeito.

Toda uma classe de crianças “atrasadas mentais” foram tornados mais normais por professores das escolas municipais de Londres usando Dianética relativamente imperita.

Cansaço, sensações indesejáveis, dores esquisitas, mau ouvido ou visão também respondem rotineiramente ao processamento de Dianética.

A doença e taxa de mortalidade entre pessoas que fazem parte de grupos da Dianética é apenas uma pequena fração da de outros grupos.

Soube-se, através de um teste envolvendo todo um esquadrão, que pilotos auditados com Dianética não tiveram um simples ou mesmo o mínimo acidente durante o ano seguinte.



Cientistas auditados com Dianética aumentaram grandemente a inteligência. A Dianética aumenta o QI como produto colateral à audição usual a uma taxa de um ponto de QI por hora de processamento.

A atrofia de membros, mal de pele, mesmo até cegueira e surdez, todos eles responderam à Dianética.

Possivelmente, o ponto que mais contou contra a Dianética nos ataques iniciais, foi porque ela fez uma grande quantidade de coisas. A verdade é que ela realmente as fez. Quando temos respostas para a mente humana como em Dianética, claro que qualquer coisa causada pela mente pode ser remediada.

É muito mais fácil treinar um auditor de Dianética do que um auditor de Cientologia. Requer apenas cerca de um mês para fazer um auditor de Dianética, que fica suficientemente familiarizado com o assunto para obter resultados. Isto também foi usado contra a Dianética, pois os psiquiatras de então clamavam que eles precisavam de doze anos de estudo para exercerem a psiquiatria. Claro que quando o público descobriu que o produto final destes doze anos de estudo foi matar os “insanos” e aumentar o seu número, o argumento revelou-se estúpido.

Os ganhos pessoais espetaculares disponíveis em Cientologia são de tal forma grandes que tendem a obscurecer o uso e valor muito real da Dianética.

Além disso, um executivo de Cientologia treinado e processado para além da necessidade de ajuda física, tendeu a esquecer que a maior parte do público lá fora tem que primeiro ser ajudado na sua miséria física antes de tentar algo como ganhos pessoais.

Usamos muito a Dianética da mesma maneira que qualquer outro remédio.

Quando um tipo está queimado, auditamos a queimadura.

Quando uma mulher perde o seu amado, auditamos a perda.

Quando um jovem não consegue acabar a escolaridade, auditamos as suas infelizes experiências escolares.

A Dianética é para ser USADA. Não há muita tinta sobre isso. Não é algo que se use depois de rumar três vezes a Chicago. USAMO-la e mais nada.

Um auditor de Dianética que vê alguém doente, não lhe dá tratamento e depois não o audita, não chega a ser humano.

Uma mulher vai ter um bebé; agarramos no E-metro e auditamo-la pondo-a em forma para isso. Depois dela o ter tido, percorremos o parto.

Um tipo queima a mão, usa e abusa do E-metro.

A Dianética é a resposta para o sofrimento humano. USE-a.

Criam-se ideias para parar o uso da Dianética tais como “uma vez obtida uma F/N em engramas não se percorrem mais”. Isto é estúpido. O fenómeno final da Dianética é Postulado Fora, F/N e VGIs. Isto quer dizer que a cadeia estoitou. Este EP completo pode ser chamado o fim *dessa* cadeia. Mas não o fim da Dianética no caso. (Ref. HCOB 16 Set. 78, NED séries 28, POSTULADO FORA IGUAL A APAGAMENTO)

Não estou a tentar pôr ninguém errado voltando a introduzir o uso da Dianética. Eu próprio não tinha reparado quão distintas e vitais eram como tecnologias até há pouco tempo. Estive envolvido durante muitos anos a pesquisar e completar a Cientologia. Não tinha notado e não tinha dito que a Dianética tem que ser preservada e usada em todos os casos de doenças psicossomáticas ou de sofrimento físico.

Contudo, durante todo este tempo em que *eu* tive que manejar a doença, não usei Cientologia. Usei sim uma boa velha Dianética.



Agora refinei-a e fiz uma melhor explanação dela e tornei-a mais fácil de usar e confio que ela será usada para o que foi concebida e que os graus de Cientologia serão aliviados do fardo de tentar curar doenças físicas, um uso para o qual nunca foram concebidos.

A Cientologia é uma prática em si mesmo vital. Ela coloca a pessoa *acima* de qualquer sofrimento, ou doença futura. Mas primeiro temos que pôr a pessoa boa.

As pessoas perguntarão “Surdez? Agora que processo especial é que é preciso para curar a surdez...?”

Este é um dos modernos refinamentos da Dianética. Percorremos o que for verificado no preclaro, com interesse por parte do preclaro. Não decidimos curar ninguém da surdez. Manejamos a doença ou incapacidade que o Pc oferece, que dê leitura no E-metro e em que o Pc tenha interesse. Pode ser que seja surdez.

Nós temos um único corpo de Tech que cobre todos os casos e esse é agora a Nova Era Dianética e os passos do HCOB 22 Jun. 78RA, NED Séries 2RA, NOVA ERA DIANÉTICA, DELINEAR O PROGRAMA COMPLETO DO PC. Toda e qualquer queixa da pessoa deve por fim desaparecer se continuarmos simplesmente com o Delinear O Programa Completo Do Pc aplicando Nova Era Dianética standard e completando integralmente cada uma das partes do programa.

Uma vez o Pc curado com tratamento médico e audição de Dianética, *então* começamos com a Cientologia. Se ele adoecer outra vez muito antes dos graus, regressamos à Dianética, manejamos e então, quando estiver bem, retomamos à Cientologia onde o deixámos.

Nunca percorremos um grau de Cientologia para pôr um Pc bom ou curar alguma coisa. É uma aplicação incorreta.

Usando Dianética tão prontamente como usamos sapatos, podemos pôr as pessoas boas permanentemente. Não nos preocupamos com overrun, rudimentos ou qualquer outra coisa. Usamos apenas R3RA, mesmo para corrigir quebras de ARC e PTPs e má audição.

Usando então Cientologia corretamente, podemos tornar a pessoa num ser de longe melhor.

Temos tido Dianética Standard durante algum tempo. Agora temos uma tecnologia de Dianética mais aperfeiçoada com as séries da Nova Era Dianética.

Nós desenvolvemos a TECH STANDARD DE CIENTOLOGIA.

Ambas são válidas em si mesmo.

Elas não se intercetam.

Dianética para o corpo.

Cientologia para o espírito.

Use-as a AMBAS.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 22 DE ABRIL DE 1969

DIANÉTICA VERSUS CIENTOLOGIA

Dianética é Dianética e Cientologia é Cientologia.

São assuntos *distintos*. Têm em comum alguns utensílios como o E-metro, TRs, e a presença do auditor, mas acaba aí.

A Dianética dirige-se ao *corpo*. A Cientologia dirige-se ao thetan.

Enquanto que um thetan pode produzir doenças, é o corpo que adoece.

Assim, a Dianética é usada para eliminar e apagar doenças, sensações indesejáveis, emoções negativas, somáticos, dores, etc. A Cientologia e os seus graus *nunca* são usados para tais coisas.

A Cientologia é usada para aumentar a liberdade espiritual, inteligência, capacidade, é usada para produzir imortalidade.

Misturar as duas foi um erro muito grave.

A Dianética veio antes da Cientologia. Ela solucionou doenças físicas e as dificuldades que um thetan estava a enfrentar com o seu corpo. Isto era um problema de tempo presente para o thetan. Na presença de um PTP não resultam ganhos de caso (uma velha descoberta).

Quando um thetan tem um desconforto ou desarranjo físico resolvido, ele pode então continuar com o que ele realmente queria que eram as melhorias a encontrar na Cientologia.

Misturar as duas práticas seja como for, não produziu nem produzirá ganho de caso. Os graus de Cientologia só ocasionalmente libertam doenças físicas e a Dianética não atingirá uma real liberdade espiritual.

Utilizadas dentro das suas próprias áreas, ambas, cada uma delas em separado, atingem aquilo para que estão destinadas. A Dianética pode curar um corpo, a Cientologia pode restaurar um thetan.

Por isso não usamos remédios ou procedimentos de supervisão de caso de Cientologia para percorrer sessões de Dianética. TA alto, quebras de ARC, etc., nem sequer são considerados na audição de Dianética.

A Dianética foi pesquisada em 1932, 38, 45, 48, 49, 50, 51, 52, para nomear os principais primeiros anos. Foi de novo desenvolvida em 1962 e 63 quando fiz a descoberta da R3R e outra vez divulgada. E foi finalmente realinhada conforme este HCOB em 1969 depois de pesquisa posterior.

Descobri que a Dianética tinha sido esquecida durante uma dúzia de anos, que, como curso, estava a levar uma ligeira escovadela, e que auditores e Pcs estavam a tentar usar os graus de Cientologia para manejar doenças físicas tais como dores de cabeça, somáticos crónicos, e assim por diante.

O PTP usual do homem é o seu corpo. Por isso se lhe dermos ornamentos de ouro ele tentará usá-los para curar as suas dores.

Assim que a Dianética foi esquecida e a Cientologia estava a ser obrigada a tentar curas. Logo ambos os assuntos estavam a ser afanosamente obrigados a falhar em certa medida.

A Dianética, da maneira que ela agora existe, é tão simples, tão elementar e tão largamente aplicável ao corpo que requer um verdadeiro esforço para complicá-la ou torná-la inoperante.

Mantenha as duas separados tanto na aplicação como na utilização.

Reconheça-as como dois assuntos inteiramente distintos e separados com usos amplamente diferentes.



L. RON. HUBBARD
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 24 DE ABRIL DE 1969R

Emissão II

Rev. 20 JUL. 78

RESULTADOS DA DIANÉTICA

De vez em quando obtemos um resultado de Cientologia ao percorrer Dianética. Também, por vezes obtemos um resultado de Dianética ao auditar Cientologia.

Isto tende a manter confundidos um com o outro os dois assuntos diferentes.

Um preclaro, depois da audição de Dianética, diz ao examinador que está exterior e espantosamente brilhante. Isto é um resultado de Cientologia.

Por vezes um preclaro de Cientologia depois de atingir um grau, declara que curou o seu terror de estômago. Isto é um resultado de Dianética.

Não há absolutamente nada de errado com isto exceto que convida o auditor a confundir os assuntos e pensar que eles são a mesma coisa.

A chave é a CONSISTÊNCIA.

A Dianética raramente exterioriza um preclaro.

A Cientologia só ocasionalmente maneja um terror de estômago. De facto, uma pessoa cujo terror de estômago não foi manejado pela Dianética e pela sua R3RA, pode por vezes seguir até OT VI com ele.

Ele não se liberta da fobia do estômago (uma vez que teve um problema de tempo presente ao longo do percurso) e também não fará o OT VI.

Se se trata de dor, sensação, somático, doença, incapacidade, no corpo, o assunto a usar é Dianética.

Se o propósito é um ganho de capacidade e da condição de Ser, o assunto a usar é Cientologia.

Depois de muitos anos a manejar casos isto emergiu como um facto. Dianética é Dianética e Cientologia é Cientologia. Se as misturamos atingimos resultados limitados.

Isto é tão verdade que quando usamos todos os proibitivos e “Nunca Nuncas” de Cientologia ao fazer Dianética a Dianética também falha.

Veja estes dois assuntos claramente distintos. Cada um deles tem a as suas próprias ordens de supervisão de caso. Não usamos ordens de supervisão de caso de Cientologia na supervisão de caso de Dianética. E não usamos as regras de Dianética em Cientologia.

Uma dirige-se ao corpo, a outra ao thetan. Ambas seguem as suas próprias regras.

Existe também NOVA ERA DIANÉTICA cujas regras estão rigidamente firmadas, assim que Dianética também não é um grau inferior da Cientologia.

Os resultados da Dianética são um Corpo em ordem e um Ser feliz com ele.

Os resultados da Cientologia são um Ser livre, poderoso, imortal.

Elas podem atingir e atingem os seus próprios resultados finais, mas apenas quando devidamente usadas, separadamente como tal.

L. RON HUBBARD



Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 15 DE JUNHO DE 1978

URGENTE IMPORTANTE

Remimeo

BPI

A chave para a Dianética Expandida é:

1. Objetivos incompletos ou mal feitos.
2. RD de drogas incompleto ou mal feito incluindo o Programa de Sudação
3. Dianética incompleta ou mal feita.

Quando estas coisas não são feitas, ficam incompletas ou são mal feitas, não temos qualquer hipótese real de ir ao fundo dos propósitos básicos malévolos do caso e, na melhor das hipóteses, percorrermos elos e assim o caso não recupera e recairá.

L: RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOPL DE 14 DE OUTUBRO DE 1968RA

Rev. 19.6.80

(Também HCOB 19.6.80)

O CÓDIGO DO AUDITOR

AD18

Celebrando os 100% de Vitórias alcançáveis com a Tecnologia Standard prometo, como auditor, seguir o Código do Auditor.

- 1- Prometo não avaliar pelo preclaro nem lhe dizer o que ele deve pensar sobre o seu caso, em sessão.
- 2- Prometo não invalidar nem o caso nem os ganhos do preclaro, dentro ou fora de sessão.
- 3- Prometo não ministrar a um preclaro nada mais a não ser Tecnologia Standard de uma forma standard.
- 4- Prometo respeitar todas as marcações de audição, uma vez feitas.
- 5- Prometo não auditar um preclaro que esteja cansado ou não tenha tido repouso suficiente.
- 6- Prometo não auditar um preclaro que não esteja suficientemente alimentado ou que esteja com fome.
- 7- Prometo não permitir uma mudança frequente de auditores.
- 8- Prometo não entrar em empatia para com um preclaro, mas sim, ser eficiente.
- 9- Prometo não permitir que o preclaro termine a sessão por sua própria determinação, mas sim terminar os ciclos que iniciei.
- 10- Prometo nunca abandonar um preclaro em sessão.
- 11- Prometo nunca me encolerizar com um preclaro em sessão.
- 12- Prometo auditar cada ação maior do caso até à sua agulha flutuante.
- 13- Prometo nunca auditar qualquer ação individual para além da sua agulha flutuante.
- 14- Prometo conceder condição de ser ao preclaro em sessão.
- 15- Prometo não misturar os processos de Cientologia com outras práticas, exceto quando o preclaro estiver fisicamente doente e convierem unicamente cuidados médicos.
- 16- Prometo manter a Comunicação com o preclaro em sessão e não cortar a sua comunicação nem o deixar fazer Overrun em sessão.
- 17- Prometo não introduzir comentários, expressões ou perturbações numa sessão que distraiam um preclaro do seu caso.
- 18- Prometo continuar a dar ao preclaro, em sessão, o processo ou o comando de audição sempre que necessário.
- 19- Prometo não deixar um preclaro executar um comando mal compreendido.
- 20- Prometo não explicar, justificar ou pedir desculpas em sessão, por qualquer erro, quer real quer imaginário, de um auditor.



- 21- Prometo só avaliar o estado do caso corrente de um preclaro através dos dados Standard da Supervisão de Caso e a não divergir por qualquer diferença imaginária no caso.
- 22- Prometo nunca usar os segredos de um preclaro divulgados em sessão para punição ou ganho pessoal.
- 23- Prometo assegurar que quaisquer honorários recebidos para processamento sejam reembolsados, se o preclaro não estiver satisfeito e o exigir dentro de um período de três meses após o dito processamento, sendo a única condição que ele não pode ser de novo processado ou treinado.
- 24- Prometo não preconizar o uso da Cientologia unicamente para a cura de doenças ou para tratar os doentes mentais, sabendo bem que ela tem como objetivo o melhoramento espiritual.
- 25- Prometo cooperar totalmente com as organizações legais de Dianética e Cientologia, tal como desenvolvidas por L. Ron Hubbard, na salvaguarda do uso e prática ética do assunto, de acordo com as bases da Tecnologia Standard
- 26- Prometo recusar-me a permitir que qualquer ser seja fisicamente maltratado, violentamente estropiado, operado ou morto em nome de "tratamento mental".
- 27- Prometo não permitir liberdades sexuais ou violação dos mentalmente diminuídos.
- 28- Prometo recusar-me a admitir nas fileiras de praticantes qualquer ser mentalmente doente.

Auditor _____

Data _____

Testemunha _____ Lugar _____

LRH.



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 23 DE ABRIL DE 1969RA
REV. 20 SET 78

DIANÉTICA, DEFINIÇÕES BÁSICAS

APAGAMENTO é a ação de apagar Elos, Secundários ou Engramas. Ocorre quando o postulado feito durante o incidente básico da cadeia é retirado.

ELO é uma Imagem Mental em que uma pessoa foi, consciente ou inconscientemente, lembrado de um Secundário ou Engrama. Ele não contém em si mesmo um estorço ou queimadura ou impacto e não é causa maior de emoção negativa. Ele não contém inconsciência. Pode conter uma impressão de dor ou doença, etc., mas não é em si mesmo a sua fonte. Exemplo”: vemos um bolo e sentimos-nos enjoados. Isto é um Elo no Engrama de ter ficado doente por comer bolos. A imagem de ver um bolo e sentir enjoo é um Elo do (está elada ao) incidente (não visto no momento) de ficar doente ao comer um bolo. Quando encontramos um Elo, pode ser percorrido como qualquer Quadro de Imagem Mental.

SECUNDÁRIO é uma Imagem Mental de um momento de perda severa e chocante, ou ameaça de perda que contém emoção negativa tal como ira, medo, desgosto, apatia ou “desfalecimento”. É um Quadro de Imagem Mental de uma ocasião de severa tensão mental. Pode conter inconsciência. Quando reestimulado por uma experiência similar, mas mais leve, é gravado outro Quadro de Imagem Mental o qual se torna um Elo sobre um Secundário e serve para manter vivo o Secundário. Um Secundário é chamado Secundário porque ele próprio depende dum Engrama anterior com dados similares, mas dor real, etc.

ENGRAMA é uma Imagem Mental que é uma gravação de um momento de dor física e inconsciência. Por definição, impacto ou ferimento tem que fazer parte do seu conteúdo.

É da maior importância que um Auditor de Dianética realmente apreenda o que estas coisas são. Caso contrário ele não saberá o que está a fazer ou para quê.

Agora, porque não está a *ver* as imagens do Preclaro ele pode descurá-las e não as manejar corretamente.

Se um Auditor não sabe realmente o que estas coisas são (apagamento, Elos, Secundários, Engramas), ele não pode, é claro, esperar manejá-los para o Preclaro.

Os erros básicos de Dianética são apenas não saber o que estas coisas são e que elas estão lá para ser manejadas e que elas e só elas causam doenças psicossomáticas.

Uma vez tendo uma apreensão total destas definições ele pode então, e só então, esperar fazer com elas alguma coisa para o Preclaro.

Se um Auditor vai manejar as dores, sensações indesejáveis e doenças psicossomáticas dum Preclaro, é preciso que ele apreenda totalmente estas definições básicas.

Literalmente, milhares de complicações podem advir do simples facto de que um Preclaro regista experiência em Quadros de Imagens Mentais e que estas podem depois afetar adversamente o SEU CORPO.

Uma vez que uma pessoa realmente compreenda que Quadros de Imagem Metal é *tudo* o que existe na “mente” do Preclaro, ele compreendeu toda a aberração. NÃO existe ali mais nada. Nada de ‘id’, nada de ‘ego’. Apenas existem Quadros de Imagens Mentais.

Estas, se usarmos os procedimentos exatos de Dianética, podem ser encontradas e apagadas.

Quando os indesejáveis Elos, Secundários e Engramas são apagados, o Preclaro ficará livre das incapacidades físicas de que se queixa, e ficará fisicamente bem.



SOMÁTICO significa essencialmente sensação, doença ou dor, ou desconforto do corpo. ‘Soma’ significa corpo. Daí PSICOSSOMÁTICO, ou dores provenientes da mente.

EMOÇÃO NEGATIVA é qualquer coisa que tenha a ver com emoção desagradável tal como antagonismo, ira, medo, desgosto, apatia e sensação de morte.

É esta a amplitude total da Dianética, hoje.

Em Cientologia lidamos com o thetan, o ser que é o indivíduo e que manobra e vive no corpo. Isto fica para além do alcance da Dianética.

Se um Preclaro está bem fisicamente, tendo-o conseguido através da Dianética e alguma medicação ou nutrição, ele pode embarcar na Cientologia para aumentar as suas capacidades e liberdade espiritual.

Se um Preclaro que está a ser auditado, ou foi auditado nos graus de Cientologia, fica doente, **NÃO O TENTAMOS POR BOM DANDO-LHE NOVOS GRAUS ACIMA**. Isso foi um erro de grande magnitude. Em vez disso **VOLTAMOS À AUDIÇÃO DE DIANÉTICA** até o Pc estar bem e só então continuamos com a Cientologia.

Este é o procedimento correto porque funciona.

As pessoas ‘entram na Cientologia’ para curar as suas dores de cabeça. Alguém os inicia nos graus de audição, e vários graus mais tarde ainda têm dores de cabeça. É um problema de tempo presente contínuo para elas e para o Auditor. Por vezes elas dissipam-se durante o processamento dos graus. Isto dá um ganho infeliz.

O que se devia ter feito era dar ao Pc **AUDIÇÃO de DIANÉTICA** até não ter mais dores de cabeça e então começar a auditá-lo nos graus a fim de o pôr bem acima da possibilidade de jamais voltar a ter dores de cabeça.

Dores de cabeça contínuas provêm de Quadros de Imagens Mentais da cabeça esmagada, baleada ou espancada, retidos pelo Pc. Isso é um *Engrama*. Tem na verdade que ter acontecido. **NÃO** é uma ilusão imaginária. A prova é que quando o Auditor finalmente apaga o Engrama, a gravação do ferimento desaparece e as dores de cabeça não voltam.

O Preclaro é por vezes incapaz de confrontar o verdadeiro Engrama à primeira. Ele oferece-nos um Elo, uma ocasião em que teve uma dor de cabeça. ‘Percorremos’ este Elo (percorremos sempre o que é oferecido, não forçamos o Pc) e verificamos, depois de mandar o Pc passar através desse Elo algumas vezes, que **ESTÁ A FICAR MAIS SÓLIDO**, ou simplesmente não se está a apagar. Encontramos uma gravação anterior. Isto revela possivelmente um Secundário. O Pc teve um momento de perda, chorou e também teve uma dor de cabeça.

Este Secundário pode ou não se apagar. Se se apagar deixamo-lo, é claro, como terminado. Mas se começar a ficar mais sólido (visível pela subida do TA no fim de uma passagem através do incidente, ou pelo Pc dizendo que está a ficar mais sólido) pedimos então um incidente anterior.

Provavelmente obteríamos então o verdadeiro *Engrama*, uma gravação de um momento em que a cabeça foi de facto atingida.

O Auditor percorre isto, e assim que completa uma passagem através do incidente e descobre (pela subida do TA ou pelo Pc) que o incidente está a ficar mais sólido, pede um incidente anterior.

Este apaga-se

Quando ele se apaga, toda a cadeia de dores de cabeça **TAMBÉM** se apaga.

E este é o fim das dores de cabeça do Pc, ponto final.

Então inquirimos sobre outros somáticos ou sensações e maneja-mo-los da mesma maneira.

Tudo isto é feito usando a técnica chamada R3RA sem variações.

Uma vez que estas gravações contêm alter determinação (imagens de outros a fazer coisas), o Auditor sempre tem mais controlo sobre as imagens mentais do Preclaro do que o próprio Preclaro. Assim, as



imagens fazem o que o Auditor disser. Também este ponto tem que ser assimilado pelo Auditor, ou ele ficará à espera de que o Preclaro aja ou se mova no tempo.

BANDA DO TEMPO é a gravação consecutiva de Quadros de Imagens Mentais que se acumulam através da vida ou vidas do Preclaro.

MOMENTOS DE PRAZER são Quadros de Imagens Mentais contendo sensações de prazer. Elas respondem a R3RA. Raramente as pedimos a menos que o Preclaro esteja fixo nalgum tipo de “prazer” ao ponto de ficar altamente aberrado.

CAMPO NEGRO é apenas alguma parte de uma Quadro de Imagem Mental em que o Preclaro está a olhar para uma escuridão. Faz parte de algum Elo, Secundário ou Engrama. Em Cientologia pode ocorrer (raramente) quando o Pc está exterior, a olhar para alguma coisa negra. Isto responde a R3RA.

CAMPO INVISÍVEL é apenas uma parte de um Elo, Secundário ou Engrama que é “invisível”. Como o campo negro, responde a R3RA.

SOMÁTICO DE PRESSÃO é, em Dianética, considerado um sintoma num Elo, Secundário ou Engrama; é simplesmente parte do seu conteúdo.

Seja qual for o sintoma de sensação de dor, seja ele qual for, ou provém diretamente do corpo (tal como um osso partido, cálculo biliar ou causa física imediata) ou faz parte do conteúdo de uma Quadro de Imagem Mental, Elo, Secundário ou Engrama.

O Auditor de Dianética, não audita ideias ou pensamento. Ele maneja gravações mentais. As ideias estão contidas nessas gravações. As ideias vêm dessas gravações. Mas *pensamento* já não faz parte da Dianética.

Em Dianética manejamos Elos, Secundários e Engramas.

KEY-IN é a ação de gravar um Elo num Secundário ou Engrama.

KEY-OUT é a ação de desativar um Engrama ou Secundário sem ser apagado.

F/Ns DE DIANÉTICA SÃO MANEJADAS DIFERENTEMENTE DAS F/Ns DE CIENTOLOGIA.

Uma F/N vista por um Auditor ao percorrer R3RA não é anunciada antes do EP completo de Dianética ser atingido.

Um Auditor, ao percorrer R3RA, não está à procura de F/Ns. Ele está à procura do postulado que se encontra no fundo da cadeia que está a percorrer.

O EP de uma cadeia de Dianética é sempre, sempre, sempre, postulado fora. O postulado é o que mantém a cadeia no lugar. Libertamos o postulado e a cadeia estoura. Mais nada.

O Auditor tem que reconhecer o postulado quando o Pc o dá, notar os VGIs, anunciar a F/N e acabar com a audição dessa cadeia.

Uma F/N observada com o incidente a apagar, não é anunciada.

O Pc não tem que declarar que o incidente se apagou. Uma vez que ele tenha cedido o postulado, o apagamento já ocorreu. O Auditor verá uma F/N e VGIs. Agora a F/N é anunciada. As F/Ns não são indicadas até o EP do postulado fora, F/N e VGIs ser atingido.

É do postulado, e não da F/N, que nós estamos à procura em Nova Era Dianética.

DOENÇA MÚLTIPLA significa que o Preclaro está fisicamente desconfortável ou doente devido a vários Engramas de diferentes tipos todos reestimulados. Percorremos uma cadeia somática de cada vez, percorrendo cada novo sintoma verificado ou declarado pelo Preclaro.

CADEIA significa uma série de gravações de experiências similares. Uma cadeia contém Engramas Secundários e Elos. Exemplo: cadeia de ferimentos na cabeça na sequência encontrada por um Auditor e percorrida em R3RA, ver montra de artigos desportivos (Elo), perder um taco (Secundário), pancada na cabeça com um taco (Engrama). O Engrama é na data mais antiga, o Secundário é posterior e o Elo é o mais recente.



Usando somáticos para nos guiar (desconfortos significativos, queixas, sensações, dores) e mantendo-nos na cadeia de um único somático, (isto é, dores de cabeça), vamos por essa e só essa cadeia abaixo sem nos dispersarmos por cadeias diferentes. Assim percorremos a cadeia de um determinado somático ou desconforto, ou queixa, até key-out ou apagamento antes de fazer o próximo somático ou desconforto ou queixa.

BANCO AUTOMÁTICO: quando um Pc tem imagem atrás de imagem, atrás de imagem, tudo fora de controle. Isto acontece quando não estamos a seguir o somático ou queixa verificada, ou tivermos escolhido um errado ou um que o Pc não está preparado para confrontar, ou avassalamos o Pc com TRs grosseiros ou ficamos muito longe de standard. Alguns Pcs surgem na sua primeira sessão com bancos automáticos. O que há a fazer é verificar cuidadosamente a queixa física através da maior ou melhor leitura e gentilmente manejar bem *essa* cadeia.

BÁSICO é a PRIMEIRA experiência gravada em Quadros de Imagens Mentais dum certo TIPO de dor, sensação, desconforto, etc. Toda a cadeia tem o seu básico. É uma PECULIARIDADE e um FACTO que quando descemos até ao básico duma cadeia (a) o postulado feito na altura do incidente sai fora e (b) toda a cadeia se desvanece para sempre. O básico é simplesmente o mais antigo.

DESCARGA: como um básico não está disponível à primeira numa cadeia, habitualmente *descarregamo-la* percorrendo Engramas, Secundários e Elos mais recentes. A ação de descarga seria escavar de cima para atingir o fundo como em areias movediças. À medida que removemos incidentes recentes, a capacidade do preclaro para confrontar também aumenta e o básico é facilmente percorrido quando finalmente contactado.

BÁSICO-BÁSICO: isto pertence à Cientologia. Está totalmente para além do âmbito da Dianética. Significa o mais básico-básico de todos os básicos e resulta em clarificação. É encontrado no Curso de Clarificação 'CC'. Se contactado ou percorrido antes do Pc ser elevado através dos graus de Cientologia, ele não será de qualquer modo capaz de o manejar, conforme a experiência tem mostrado.

VALÊNCIA é a forma e identidade do Preclaro ou de outro, o ser.

ALIADO é uma pessoa de quem obtivemos simpatia e ficámos dependentes.

ASSESSMENT em Dianética significa escolher, a partir de uma lista ou declarações, o item ou coisa com a maior leitura, ou o maior interesse do Pc. A maior leitura também terá o maior interesse do Pc, por estranho que pareça.

Se soubermos estas definições a FRIO ao ponto de não ter que as murmurar ou memorizar, mas apenas SABÊ-las, obteremos realmente resultados com a Dianética.

O maior fracasso no treino de Auditores foi a assimilação deficiente daquilo a que se estavam a dirigir, mais o seu pensamento adicional.

As descobertas da Dianética foram básicas e vitais, e abriram uma nova fronteira inexplorada mais ampla.

Estas palavras foram atribuídas às coisas arbitrariamente. Tiveram que ser. O homem não tinha tido qualquer noção destas coisas antes, por isso elas não tinham nomes e esses nomes tiveram que ser atribuídos. Os nomes foram assim escolhidos porque também não tinham outro significado noutra campo da ciência.

Os termos são, por isso, IMPORTANTES e as coisas que eles significam e as coisas a que eles dão nome têm que ser apreendidas antes do sucesso poder estar presente em qualquer audição.

Quaisquer fracassos dos Auditores de Dianética não foram fracassos da Dianética. As pessoas que tentavam auditar outros não SABIAM o que eram estas *coisas*, essencialmente o Elo, o Secundário, o Engrama, apagamento, e key-out.

Logo elas são essenciais para qualquer treino ou uso de Dianética.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 15 DE MAIO DE 1963

Orgs Centrais

Franchise

A PISTA DO TEMPO E O PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS BOLETIM I

Há tantos anos que o percurso de engramas é um utensílio familiar aos auditores que é difícil saber por onde começar a ensinar outra vez a esta aptidão. Na verdade, milhares de palavras foram escritas ou faladas sobre a questão de percorrer engramas. Contudo, por estranho que pareça, não houve qualquer boletim sucinto, condensado. O percurso de engramas, desenvolvido, nunca foi compilado. Por isso vou tentar remediar o assunto.

PERCURSO DE ENGRAMAS SIMPLIFICADO

Nunca foi feita uma recapitulação ou compilação de materiais sobre o percurso de engramas. Por isso, sendo verdadeiros todos os livros e palestras, nenhum contém uma visão final do percurso de engramas incluindo tudo o que é vital à sua perícia e leis que o governam. O material dos livros e fitas teria que ser revisto. Mas os materiais destes boletins têm que ser absolutamente assimilados, pois tomam precedência sobre qualquer material anterior.

A RAZÃO POR QUE AS PESSOAS TÊM PROBLEMAS AO PERCORRER ENGRAMAS

Eu perdi a paciência com os constantes apelos por um conjunto mecânico de comandos para percorrer engramas. A necessidade de tais comandos é o *testemunho da falta de conhecimento do Auditor* das mecânicas da Pista do Tempo e do comportamento do Pc durante uma sessão de percurso de engramas.

Um auditor *tem que conhecer* as leis básicas e a mecânica da Pista do Tempo para escoar engramas. Não existe qualquer procedimento de rotina, e jamais poderá haver algum bem-sucedido sem o conhecimento do que é a Pista do Tempo.

Não há nada que substitua o conhecimento do que são engramas e do que eles fazem. Sabendo isto podemos escoar os engramas. Não sabendo isto não há nada que supra a falta desse conhecimento. Temos que saber o comportamento dos engramas e dados a respeito deles. Não existe qualquer forma mágica que prescindia desse conhecimento. Se soubermos tudo acerca de engramas poderemos escoá-los. Se não soubermos, criaremos confusão, sejam quais forem os comandos dados.

Consequentemente, a essência do *escoamento* de engramas é um conhecimento do carácter e comportamento dos engramas. Isto não é um assunto muito extenso.

Contudo, estas três coisas são o caminho para aprender acerca de engramas:

- 1) Engramas contêm dor e inconsciência. O medo de dor ou de infringir dor faz com que o auditor não confronte os engramas do PC e, afinal, a inconsciência é uma condição de não saber; e,
- 2) O auditor está tão habituado a que os operadores de cinema passem os filmes e programas de televisão para ele, que o auditor tende simplesmente a sentar-se enquanto a ação continua agindo como um espectador e não como operador de projeção.
- 3) Deixar de manejar o Tempo em Incidentes.

Em (1) podemos remediá-lo sabendo, apercebendo e resolvendo isso, e em (2) podemos remediar a atitude apercebendo-nos que o auditor, e não o PC, (ou qualquer operador de cinema) está a operar o banco do PC. (3) será coberto posteriormente.

Se tomarmos um projetor de bolso e um bocado de filme e o rodarmos para trás e para a frente durante algum tempo, verificamos que *nós* é que estamos a movê-lo. Então se dermos um comando e rodarmos o filme, veremos o que estamos a fazer como auditores. Muitos exercícios podem ser desenvolvidos usando este



equipamento e (2) pode ser ultrapassado. (1) requer apenas compreensão e a vontade de nos elevarmos acima dele.

A PISTA DO TEMPO

A gravação infinita, chamada PISTA DO TEMPO completa, com 52 percepções, de todo o passado do PC, está à disposição do auditor e dos seus comandos de audição.

As regras são: A PISTA DO TEMPO OBEDECE AO AUDITOR; A PISTA DO TEMPO NÃO OBEDECE A UM *PRECLARO* (no princípio da audição).

A Pista do Tempo é uma gravação muito precisa do passado do PC, cronometrada com muita exatidão, muito obediente ao auditor. Se um filme fosse em três dimensões, tivesse 52 percepções e pudesse influir completamente sobre o observador, chamaríamos filme à Pista do Tempo. Ela tem pelo menos 350.000.000.000.000 de anos, provavelmente muito mais, com uma cena por $\frac{1}{25}$ de segundo.

DEFINIÇÕES

A parte da Pista do Tempo que é livre de dor e infortúnios é simplesmente chamada a pista livre, na qual o PC não cristaliza.

Qualquer imagem mental que criada inconscientemente e que faça parte da Pista do Tempo é chamada FAC-SÍMILE, seja um engrama, secundário, lock ou momento de prazer.

Qualquer imagem mental *conscientemente criada* que não faça parte da Pista do Tempo, é chamada MOCK-UP.

Qualquer imagem mental criada inconscientemente que pareça ser uma gravação do universo físico, mas que de facto é apenas uma cópia alterada da Pista do Tempo, é chamada DUB-IN.

As partes da Pista do Tempo que contêm momentos de dor e inconsciência são chamadas ENGRAMAS.

As partes da Pista do Tempo que contêm experiências engrâmicas anteriores são chamadas SECUNDÁRIOS.

As partes da Pista do Tempo que contêm o primeiro momento em que um engrama anterior é restimulado, são chamadas KEY-INS.

As partes da Pista do Tempo que contêm momentos que o PC associa a Key-ins são chamadas ELOS.

Uma série de engramas semelhantes ou de elos semelhantes é chamada CADEIA.

Um BÁSICO é o primeiro incidente (engrama, elo, overt) numa cadeia.

BÁSICO, BÁSICO é o primeiro engrama de toda a Pista do Tempo.

Os incidentes não estão nem empilhados nem arquivados. Eles são simplesmente uma parte da pista consecutiva do tempo.

Por INCIDENTE queremos dizer a gravação de uma experiência, simples ou complexa, relacionada pelo mesmo assunto, localização ou pessoas, sendo que tem lugar em períodos de tempo curtos e finitos tais como minutos ou horas ou dias.

Uma CADEIA DE INCIDENTES forma toda uma aventura ou atividade relacionada pelo mesmo assunto, localização geral ou pessoas, sendo que tem lugar em períodos longos de tempo, semanas, meses, anos ou mesmo bilhões ou trilhões de anos.

Um incidente pode ser um engrama, secundário, key-in ou elo. Uma cadeia de incidentes pode, portanto, ser uma cadeia de experiências que são engramas, secundários, key-ins e elos.

Uma cadeia de incidentes tem só um BÁSICO. O seu BÁSICO é o primeiro engrama recebido, ou overt contra o assunto, localização ou seres, o que constitui uma cadeia.

A INFLUÊNCIA DA PISTA DO TEMPO

Shakespeare disse que toda a vida era uma peça. Ele tinha razão no que se refere ao facto de que a Pista do Tempo é um filme a três dimensões e 52 percepções, e que são toda uma série de peças relacionadas com o



Preclaro. Mas a influência que ele tem sobre o Preclaro retira-lhe a categoria de representação e de peça. Não é apenas muito real, *é* que contém o que quer que seja que deprime o PC àquilo que ele é hoje. Uma vez atenuada a sua selvajaria, o PC pode recuperar, e só então. Não existe outro caminho funcional válido.

O Preclaro como thetan é o efeito de toda esta experiência gravada. Quase toda ela lhe é desconhecida.

Não existem agentes influenciadores do Preclaro sem ser a Pista do Tempo e o tempo presente. E o tempo presente, um momento depois já faz parte da Pista do Tempo.

A CRIAÇÃO DA PISTA DO TEMPO

O Preclaro produz a Pista do Tempo à medida que o tempo avança. Ele fá-lo de criação em criação obsessiva a um nível subconsciente. Isto é feito com uma INTENÇÃO INVOLUNTÁRIA, e não consciente ou sob o controlo do PC.

O caminho para Claro, levando o preclaro a tomar conta da criação da Pista do Tempo, foi muito explorado e provado sem qualquer valor ou possibilidade.

O caminho para Claro levando o preclaro a abandonar a Pista do Tempo (exteriorização) dura apenas minutos, horas ou dias e provou ser sem valor.

O caminho para Claro, provado ao longo de 13 anos de pesquisa intensa e um vasto número de horas de audição e casos, assenta apenas no manejo da Pista do Tempo por um auditor, retirando dela, por meios governados pelo Código do Auditor, o material, tanto motivadores como overts, que, nela gravado, está fora do controlo do Pc e mantém o Pc em efeito. Listando para objetivos e itens confiáveis, percurso de engramas, Prepchecks, Sec-checks, processos de recordar e ajudas, tudo isto maneja a Pista do Tempo com sucesso e é, por isso, toda a base do processamento moderno.

ERROS APARENTES DA PISTA DO TEMPO

Não existem erros de gravação na Pista do Tempo. Há apenas complicações causadas por agrupadores, e indisponibilidade e falta de percepção da Pista do Tempo.

Um agrupador é algo que puxa a Pista do Tempo para um monte num ou mais pontos. Quando o agrupador desaparece, percebe-se que a Pista do Tempo fica direita.

A indisponibilidade é causada pela incapacidade do Pc para confrontar, ou por RESSALTADORES ou NEGADORES. Um RESSALTADOR atira o Pc para trás, para a frente, para cima ou para baixo da pista tornando-a assim aparentemente indisponível. Um NEGADOR obscurece uma parte da pista sugerindo que ela não está lá ou está noutro lado (um desorientador) ou que ela não deve ser vista.

Agrupadores, ressaltadores e negadores são frases materiais (Matéria, Energia, Espaço e Tempo na forma de esforço, força, massa, ilusão, etc.) ou de comando (palavras que agrupam, ressaltam ou negam). Quando agrupadores, ressaltadores e negadores vigoram por ambas as frases, materiais e de comando, tornam-se efetivas ao máximo, indisponibilizando a Pista do Tempo para o Pc.

A menos que a Pista do Tempo seja disponibilizada, não pode ser as-isada pelo PC, continuando assim aberrativa.

A Pista do Tempo é autêntica no sentido em que ela é feita de matéria, energia, espaço, e tempo bem como pensamento. Aqueles que não podem confrontar MEST pensam que é composta apenas de pensamento. Um agrupador pode tornar um Pc gordo e um ressaltador magro, se ele estiver cronicamente preso a eles ou se a pista estiver agrupada ou indisponibilizada por via de má audição.

A ORIGEM DA PISTA DO TEMPO

Através de grande profusão de estudo, não inteiramente acabado, podem ser feitas as seguintes conjecturas acerca da Pista do Tempo, do universo físico e do Pc.

A tendência do universo físico é para condensação e solidificação. Pelo menos este é o efeito produzido no Thetan. Uma persistência continuada no seu seio sem reabilitação torna o thetan menos capaz de alcançar (mais pequeno) e mais sólido. Um thetan, sendo um estático, pode convencer-se de que não pode duplicar



matéria, energia, espaço ou tempo, ou certas intenções, e assim sucumbe à influência do universo. Esta influência em si mesmo seria negligenciável a menos que gravada pelo thetan, classificada e tornada reativa sobre o thetan como Pista do Tempo, e maliciosamente usada para apanhar o thetan.

Pesquisas recentes que eu fiz no campo da estética tendem a indicar que o ritmo é a fonte do tempo presente. O thetan é transportado pelo seu próprio desejo de ter, fazer ou ser, e por ter sido avassalado num passado distante por um ritmo contínuo diminuto. Esta é uma explicação possível para a presença contínua de um thetan em tempo presente. Tempo presente, então pode ser definido como a resposta ao ritmo contínuo do universo físico, resultando numa condição de aqui e agora.

Em resposta a este ritmo, indubitavelmente ajudado por overts e implantes, e a convicção da necessidade de gravação, o thetan começou a responder ao universo físico com as criações dele e acabou por criar obsessivamente (por meio de intenções involuntárias reestimuláveis) o momento que passa do universo físico. Mas só quando ele considerou estas imagens importantes, elas puderam ser usadas para o aberrar.

Estas são apenas em parte permanentemente criadas. Outros momentos do passado se recriam apenas quando a intenção do thetan é dirigida para eles, onde estas partes aparecem espontaneamente e o thetan as cria involuntariamente.

Isto forma Pista do Tempo. Algumas das suas partes estão, portanto, "permanentemente" num estado de criação, e a sua maioria é criada quando a atenção do thetan lhe é dirigida.

As porções "permanentemente criadas" são as ocasiões de avassalamento e indecisão, que fizeram submergir quase totalmente a própria vontade e consciência do thetan.

Estas partes encontram-se em implantes e momentos de grande tensão. Estas partes estão em permanente restimulação.

O mecanismo de restimulação permanente consiste de forças opostas de magnitude comparável que produzem um equilíbrio que não responde ao tempo corrente e permanece "intemporal".

Fenómenos tais como a sequência overt-motivador, o problema (postulado-contra-postulado), tendem a manter certas porções da Pista do Tempo em "criação permanente" e causam a sua existência em tempo presente como massas, energias, espaços tempos e significâncias irresolutos.

A intenção do universo físico (e daqueles que se degradaram o suficiente para seguir apenas os seus fins) é tornar o thetan sólido, imóvel e indeciso.

A luta do thetan é permanecer "etéreo" (não sólido), móvel ou imóvel à vontade, e capaz de decidir.

Isto é em si o principal problema irresoluto, e ele mesmo cria massa intemporal que cumpre o propósito básico da armadilha.

O mecanismo da Pista do Tempo pode então dizer-se ser a ação primária de tornar um thetan sólido, imóvel e indeciso. Pois sem uma gravação do passado acumulando e formando uma solidificação gradual do thetan, a armadilha potencial do universo físico seria negligenciável, e a condição de ter que ele oferece poderia ser muito terapêutica. É provavelmente preciso mais do que viver no universo físico para ficar aberrado. O método principal de provocar aberração e de armadilhar é por isso encontrado em ações que criam ou confundem a Pista do Tempo.

Um thetan tem coisas para além da Matéria, Energia, Espaço e Tempo que podem deteriorar-se. O seu poder de escolha, a sua capacidade de manter dois locais separados, a sua crença em si próprio e os seus padrões éticos são independentes das coisas materiais. Mas estas coisas podem também ser gravadas na Pista do Tempo e vemo-las recuperar quando já não são influenciadas pela Pista do Tempo.

À medida que o thetan constrói a sua própria Pista do Tempo, mesmo que sob compulsão, e comete os seus overts, mesmo que por provocação, pode dizer-se então, que o thetan se aberrar a si próprio. Mas ele é ajudado por imensas traições e sua necessidade de as combater. Ele é culpado de aberrar o seu semelhante.



É duvidoso que outro tipo de ser construísse o universo físico e ainda se escondesse dentro dele para depois caçar. Mas seres mais velhos, já degradados, têm estado continuamente a ajudar seres mais novos a ir por aí abaixo.

Cada thetan teve o seu “Universo Lar” e este, colidindo ou feito colidir, é provavelmente o universo físico. Mas desta origem e destas intenções não estamos neste momento certos.

É para nós suficiente resolver o problema da natureza aberrativa deste universo e suprir uma tecnologia que suavize essa aberração e nos mantenha a par disso. Isto é prático e já o podemos fazer. Mais discernimento deste problema será mais um bónus. E mais dados já estão à vista.

(Seguir-se-á um Boletim 2 sobre a Pista do Tempo e percurso de engramas).

L. Ron HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 8 DE JUNHO DE 1963

Orgs Centrais

Franchise

REV. 3 OUT 77

A PISTA DO TEMPO E PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS BOLETIM 2

MANEJAMENTO DA PISTA DO TEMPO

Embora encontrar e trincar o desenvolvimento da pista do tempo à nascença não seja improvável, a capacidade para o pc o atingir logo é questionável sem a redução da carga existente na pista. Por isso qualquer sistema que reduza a condição da carga da pista do tempo, sem reduzir, mas aumentando a consciência e poder de decisão do preclaro, é processamento válido. Qualquer sistema que procure manejar a carga, mas que reduza a consciência e poder de decisão do preclaro não é processamento válido, mas sim degradante.

De acordo com axiomas anteriores a única fonte de aberração é o tempo, por isso qualquer sistema que confunda ou sobrecarregue mais o sentido do tempo do preclaro não é benéfico.

Daqui que a primeira tarefa de um estudante de percurso de engramas é dominar o manejo do tempo na pista do preclaro. Incerteza ou confusão tem de ser, sem dúvida, manejado.

Deixando de manejar o tempo na pista do pc com confiança, certeza e sem erros, resultará num agrupamento ou negação da pista do tempo para o pc.

Existem apenas algumas razões pelas quais alguns não podem percorrer engramas em pcs, a saber:

1. Q&A com a dor e inconsciência em incidentes.
2. Deixar de manejar a pista do tempo do pc para o pc.
3. Deixar de compreender e manejar o tempo.

(2) e (3) são praticamente a mesma coisa, contudo existem três formas de movimentar a pista do tempo:

- a) por significância (o momento em que algo foi considerado);
- b) por localização (o momento em que o pc estava localizado algures);
- c) unicamente pelo tempo (a data ou anos antes dum evento ou há quantos anos).

Veremos que todas as três têm o tempo em comum. "O momento em que pensaste....."; "O momento em que estavas no penhasco....."; "Dois anos antes de teres posto o pé no último degrau do cadafalso." estão todas dependentes do tempo. Cada uma designa um instante da pista do tempo no qual pode haver erro tanto do auditor como do pc.

Todo o manejo da pista do tempo pode ser feito por um destes três métodos, significância, localização e tempo.

Por isso, todo o trabalho do operador de cinema é feito através momento da significância, do momento da localização e unicamente do momento.

A pista responde. Os auditores em dificuldades não podem apreender a totalidade, a exatidão e velocidade dessa resposta. A exatidão idiótica e maravilhosa da pista do tempo derrota o desleixo e a negligência. Eles



interrogam-se: será que foi? Eles põem em causa que o pc esteja lá. Eles atrapalham-se ao ponto de destruírem o seu domínio sobre a pista do tempo.

"Vai para 47.983.678.283.736 anos, 2 meses, 4 dias, 1 hora e seis minutos atrás". Bom, uma clara enunciação disso, sem confusões, provocará que isso aconteça mesmo. A mais leve hesitação, uma confusão sobre os milhões e nada acontece.

Datação trapalhona não obtém datas. Temos que estar ousadamente sem prisão de voz ou hesitações. "Mais de 40.000?" Menos de 40.000?" Tomamos a primeira leitura. Não continuamos a perscrutar o e-metro como míopes fazendo a mesma pergunta o resto da sessão. Exato, ousado, rápido. São estas as palavras a observar ao datar e manejar a pista do tempo.

Ao andar com a pista do tempo, movemos apenas a pista. Não a misturamos nem movemos também o pc. Podemos dizer "Move-te para ____." Não temos que dizer (mas podemos dizer) "A banda somática mover-se-á para ____." Mas nunca dizemos "*Tu* mover-te-ás para ____." E isto aplica-se ao tempo presente. Ele está aqui. Mas a pista do tempo mover-se-á para a data do tempo presente a menos que o pc esteja realmente preso. Ao trazer um pc para o tempo presente (sem importância no percurso de engramas moderno) dizemos, "Move-te para (data, mês e ano do TP)".

Ao *explorar*, usamos sempre "Move-te para ____." Ao percorrer um engrama, ou seja o que for, usamos ATRAVÉS. Move-te através do incidente ____."

Se o auditor não tiver uma visão clara sobre a pista do tempo e sua composição, ele nunca será capaz de percorrer engramas. Por isso, obviamente, a primeira coisa a ensinar e a ser passado no percurso de engramas é a composição da pista do tempo. Quando um auditor aprende isto, será capaz de percorrer engramas. Se um auditor não está bem dentro do assunto da pista do tempo, ele não pode ser ensinado a percorrer engramas pois não podem existir comandos fixos que cubram todos os casos. Nós não podíamos ensinar o funcionamento de um projetor de cinema por comandos fixos se o operador nunca tivesse imaginado a existência do filme. Um auditor que está ali sentado pensando que o *pc* está a fazer isto ou aquilo numa embriaguez geral acerca disso, em breve terá filme espalhado por todo o lado e enrolado nas orelhas. A sua apelação por um comando fixo só embaraça mais filme uma vez ele não saiba que *é* um filme e que *ele*, não o preclaro, está a manipulá-lo.

Se um auditor puder aprender isto, ele será *então* capaz de aprender a percorrer aquelas pequenas partes da pista do tempo chamadas engramas. Se um auditor não pode percorrer um pc através de um momento de prazer impecavelmente, ele certamente não poderá percorrer um pc através das partes vivas e luminosas da pista do tempo chamadas engramas.

Um auditor que não pode manejar a pista do tempo suavemente dificilmente pode chamar-se a si mesmo um auditor pois é tudo o que há para auditar além dos postulados, não importa que processo estamos usando não importa que processos inventarmos e até se tentarmos o que é chamado, na galhofa, uma "abordagem bioquímica" à mente. Existe apenas uma pista do tempo a afetar os bios.

Existe um thetan, existe uma pista do tempo. O thetan é apanhado na pista do tempo. O trabalho do auditor é libertar o thetan desenterrando-o da pista do tempo. Assim, se não podemos manejar aquilo de onde estamos a desenterrar o thetan, vamos ter uma enorme quantidade de desabamentos de terras e montes de perdas de audição para ambos, nós e preclaros.

Inventem jogos, engenhocas, tabelas e auxiliares de treino em quantidade e ensinem com essas coisas e obtemos auditores que podem manejar a pista do tempo e percorrer engramas.

A CARGA E A PISTA DO TEMPO

Carga, quantidades de energia acumulada na pista do tempo, é a única coisa que está a ser atenuada ou removida da pista do tempo.



Quando esta carga está presente em quantidades gigantescas, a pista do tempo avassala o pc e o pc é mergulhado abaixo da observação da verdadeira pista do tempo. Esta é a Escala de Estado de Caso. (Todos os níveis dados são níveis maiores. Os níveis menores estão entre eles).

Nível (1) SEM PISTA	-	Sem carga.	
Nível (2) PISTA TOTALMENTE VISÍVEL	-	Alguma Carga.	
Nível (3) VISIBILIDADE ESPORÁDICA DA PISTA-		Algumas áreas densamente carregadas.	
Nível (4) PISTA INVISÍVEL negro ou invisível)	-	Existem áreas muito densamente carregadas.	(Campo
Nível (5) DOBRAGEM (DUB-IN)	-	Algumas áreas da pista tão densamente carregadas que o pc está abaixo da. inconsciência	
Nível (6) DOBRAGEM DA DOBRAGEM	-	Muitas áreas da pista tão densamente carregadas que a dobragem está submersa	
Nível (7) CONSCIENTE SÓ DE AVALIAÇÕES PRÓPRIAS	-	Pista tão densamente carregada que não pode absolutamente ser vista.	
Nível (8) INCONSCIENTE	-	Pc embotado, muitas vezes em coma.	

Nesta nova escala os casos muito fáceis de percorrer estão no nível (3). Um Percurso de engramas apurado pode manejar o nível (4) abaixo. O percurso de engramas é inútil do nível (4) para baixo. No nível (4) é questionável.

Nível (1) é, claro está, um OT. Nível (2) é o claro mais claro de que jamais se ouviu falar. Nível (3) pode percorrer engramas. Nível (4) pode percorrer engramas do início da pista se o percurso for apurado. Nível (5) tem que ser percorrido em processos gerais de ARC. Nível (6) tem que ser percorrido cuidadosamente em processo especiais de ARC com muita condição de ter (havingness). Nível (7) responde aos CCHs. Nível (8) responde apenas a CCHs de alcançar e afastar.

Os estudos mentais pré-Dianética e pré-Cientologia foram observações a partir do nível (7) os quais consideraram os níveis (5), (6) e (8) os únicos estados de caso e, por estranho que pareça não prestaram qualquer atenção ao nível (7), todos os estados de caso foram considerados ou neuróticos ou insanos, com a sanidade ou ligeiramente vislumbrada ou depreciada.

Na verdade, nalguma porção de cada pista do tempo encontraremos cada um dos níveis, exceto o (1), momentaneamente expresso. A escala acima é destinada ao nível *crônico* de caso e é útil para a programação dum caso. Mas qualquer caso, por momentos mais ou menos breves, tocará estes níveis ao ser processado. Este é o nível temporário encontrado apenas em sessões de casos de nível cronicamente mais altos quando atravessam um mau bocado.

Assim, o percurso de engramas pode ver-se limitado a casos de nível mais alto. Outro processamento, notáveis processos modernos de ARC, eleva o caso ao nível do percurso de engramas.

Agora, o que é que gera estes níveis de caso.

É apenas *carga*. Quanto mais carregado está o caso mais baixo cai na escala acima. É carga que impede o pc de confrontar a pista do tempo e a some da vista.

Carga é energia armazenada ou potenciais de energia recreável ou armazenada.



O e-metro regista carga. Um Braço de Tom muito alto ou muito baixo, uma agulha colada ou suja, tudo são registos dessa carga. A “metria crónica de um caso” é um índice de carga crónica. As flutuações dum e-metro durante a sessão registam carga relativa em diferentes porções da pista do tempo do pc.

De maior valor é o registo no e-metro de carga *libertada*. Podemos vê-la no e-metro a desaparecer. A queda do TA, as grandes Falls, a agulha a soltar-se, tudo isto mostra carga a ser libertada.

O e-metro regista carga detetada e depois carga libertada. Ele regista carga detetada, mas ainda não libertada, através duma agulha presa, duma DN, dum TA a subir, ou dum TA a descer muito abaixo de Claro “clear read”. Depois, conforme isto vai limpando, vê-se a carga a “voar”.

A carga que é restimulada, mas não libertada deixa o caso “carregado”, na medida em que a carga já existente na pista do tempo é espoletada, mas ainda não vista pelo pc. O ciclo completo de carga restimulada que depois voa, dá-nos a ação de audição. Quando carga *anterior* é restimulada, mas não localizada para poder voar, temos “quebras de ARC”.

O estado de caso, o nível crónico, conforme a tabela acima, é a totalidade da carga num caso. Nível (1) *não* tem carga. Nível (8) é só carga. A condição de um caso dia a dia, o seu temperamento, a reação às coisas, brilho, dependem de dois fatores: (a) a totalidade da carga no caso e (b) a quantidade de carga em restimulação. Assim, um caso ao ser processado varia no tom por causa de (a) a totalidade da carga remanescente no caso, (b) a quantidade de carga em restimulação e (c) a quantidade de carga extinta pelo processamento.

A carga é sustida pelo básico da cadeia. Quando só incidentes posteriores são percorridos, a carga pode ser restimulada e depois engarrafada de novo, com apenas uma pequena parte libertada. Isto é conhecido como “remoer” um incidente. Um engrama está a ser percorrido, mas como não é o básico da cadeia não está a ser libertada a quantidade de carga adequada.

Incidentes posteriores ao básico são percorridos (a) para descobrir incidentes mais básicos (anteriores) ou (b) para limpar a cadeia depois do básico ter sido encontrado e apagado.

Não é possível qualquer apagamento total de incidentes posteriores ao básico, mas pode ser-lhes retirada carga, *desde que não a remoer*, mas apenas percorrendo-os levemente uma vez ou duas e depois encontrando um incidente anterior na cadeia e percorrê-lo da mesma maneira. Quando o básico é encontrado *ele* é apagado por *muitas* passagens através dele. O básico é o único que pode ser percorrido muitas vezes. Quanto mais recente o incidente é (quanto mais longe do básico), mais levemente ele é percorrido.

Não existe qualquer diferença entre percorrer um incidente básico e um posterior. É apenas o número de vezes ATRAVÉS dele que difere. O básico é percorrido muitas vezes. Um engrama algo posterior é percorrido poucas vezes. Um engrama muito recente na cadeia é percorrido uma vez. De qualquer modo os engramas quer sejam básicos ou não, são percorridos exatamente da mesma maneira.

Os engramas são percorridos para libertar carga de um caso. A carga não é libertada para curar o corpo ou para curar alguma coisa física e o e- metro não cura nada. A carga é libertada unicamente para devolver ao thetan a sua causação sobre a pista do tempo, para restaurar o seu poder de escolha e para o libertar da sua mais íntima armadilha, a sua própria pista do tempo. Não podemos ter seres honestos, capazes, enquanto estiverem apanhados e avassalados. Podendo esta filosofia ser contrária às intenções dos escravagistas ou degradadores, é, contudo, demonstravelmente verdadeira. O universo não é por si só uma armadilha capaz de degradação. Mas existem também seres, os quais, vencidos e avassalados, podem utilizar este universo para degradar outros.

A missão de percorrer engramas é libertar carga que se acumulou num ser e assim restaurar esse ser para uma vida interessante.

Todos os casos, mais cedo ou mais tarde, têm que ser percorridos nos engramas, não importa o que para além disso tiver que ser feito. Pois é nos engramas que reside o grosso da carga da pista do tempo. E são, por isso, essas partes da pista do tempo chamadas engramas que avassalam o thetan. Estas contêm dor e inconsciência e são assim a gravação de momentos em que o thetan estava mais efeito e menos causa. Nestes momentos, então, o thetan é menos capaz de confrontar ou de ser causativo.



O engrama também contém momentos em que foi necessário ter mexido ou, mais degradante, ter mantido uma posição no espaço.

E os engramas contêm a mais pesada quebra de ARC com o ambiente do thetan e outros seres.

E todas estas coisas adicionam carga, um impulso para se afastar daquilo de que não se pode afastar ou aproximar daquilo de que não se pode aproximar e isto, como uma bateria de dois polos, gera corrente. Esta corrente constantemente gerada é carga crônica. As ações principais são:

- a) Quando a atenção do thetan é dirigida largamente na direção de certo registro da pista a corrente aumenta.
- b) Quando a atenção está dirigida com mais precisão e mais de perto, (mas não à força) a corrente é descarregada.
- c) Quando o básico da cadeia é encontrado e apagado, os próprios componentes dos polos são apagados assim como incidentes posteriores, pois já não é possível geração posterior por essa cadeia tornando-se esta incapaz de produzir nova carga reestimulável.

O exposto são as ações que ocorrem durante a audição. Se estas ações não ocorrerem, mercê da audição, então não existe melhoramento de caso. Por isso é da responsabilidade do auditor assegurar-se de que elas ocorrem.

Como a pista do tempo é criada por uma resposta involuntária do thetan, ela *é* e existe como coisa real composta de espaço, matéria, energia, tempo e significância. Num caso de Nível (8) a pista do tempo está completamente submergida pela carga mesmo ao ponto de uma total inconsciência do próprio pensamento. No nível (7) a consciência da pista é confinada a opiniões sobre ela, pela carga existente. No Nível (6) a carga da pista é de modo a que imagens de imagens são fornecidas gratuitamente, dando origem a cópias ilusórias de cópias inexatas da pista. No Nível (5) a carga é suficiente para permitir que apenas cópias inexatas da pista sejam visíveis. No Nível (4) a carga é suficiente para obscurecer a pista. No Nível (3) a carga é suficiente para varrer partes da pista. No Nível (2) existe apenas a carga suficiente para manter a existência da pista. No Nível (1) Não existe carga nem pista para a criar. Toda a carga que é gerada do nível (1) para cima, em estados mais elevados, é gerada pelo thetan com o seu conhecimento, cuja capacidade para manter localizações no espaço e polos separados resulta em carga conforme necessária. Isto poderia degenerar de novo se ele pusesse estas coisas em automático ou comesasse uma vez mais a criar uma pista do tempo, mas estas ações não são por si só capazes de aberrar um thetan até encontrar mais degradações violentas e armadilhas na forma de implantes. A aberração em si mesmo, para ter lugar, tem que ser calculada. A existência da pista do tempo apenas torna possível a sua ocorrência e retenção. Assim, o primeiro erro real do thetan é considerar importantes as suas próprias imagens e gravações de eventos e o segundo é não eliminar as suas atividades com armadilhas de modo a não ficar apanhado ou aberrado ao fazê-lo, o que ele pode e deve fazer.

O escoamento de engramas é um passo necessário para atingir as causas mais fundamentais de uma pista do tempo e manejá-las.

Por isso, isto é uma perícia que tem de ser aplicada e *bem*.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 19 JANEIRO de 1967

Curso de Dianética
Estudantes (Classe. Estrela)
Execs Qual
Execs Tech

MANIFESTAÇÕES DE ENGRAMAS E SECUNDÁRIOS MAIS DEFINIDOS

Com o fim de suprir uma diferenciação mais apurada entre as manifestações de um engrama e de um secundário, são listadas abaixo definições detalhadas de dor e de sensação.

Sensação, (nas suas várias formas) é a indicação de um secundário que sucede ao engrama real.

DEFINIÇÕES

SOMÁTICOS = Esta é a palavra geral para percepções físicas desconfortáveis provenientes da mente reativa. A sua génese está nos primórdios da Dianética e é uma palavra geral usada por Cientologistas para significar “dor” ou “sensação” sem fazer a diferença entre elas. Para compreender a fonte destas impressões temos que ter o conhecimento de Engramas, Cristas e outras partes do banco reativo. Para o Cientologista qualquer coisa é um SOMÁTICO desde que emane das várias partes da mente reativa e produza uma consciência da reatividade. Abreviatura SOM.

DOR = DOR é composta de calor, frio, eletricidade e o efeito combinado de lesão aguda. Se espetássemos um garfo no braço experimentaríamos dor. Quando usamos DOR ligada a clarificação, queremos dizer consciência de calor, frio, eletricidade ou lesão, proveniente da mente reativa. De acordo com experiências feitas em Harvard, se fizéssemos uma grelha com tubos aquecidos na vertical e tubos arrefecidos na horizontal, e se fizéssemos passar uma corrente elétrica fraca através da grelha, o dispositivo, tocando num corpo, produziria um efeito de DOR. Não precisava ser composto de algo muito quente ou muito frio, ou de alta tensão para produzir uma sensação muito intensa de dor. Por isso o que nós chamamos DOR é em si mesmo calor, frio e eletricidade. Se um Pc experimentar uma ou mais destas coisas provenientes da sua mente reativa, dizemos que ele experimenta DOR.

“Eletricidade” é a ponte entre Sensação e DOR e é difícil de classificar tanto DOR como sensação quando existem separados. Abreviatura PN.

SENSAÇÃO = Todas as outras percepções desconfortáveis provenientes da mente reativa são chamadas SENSACÕES. Estas são basicamente “pressão”, “movimento” “tontura” “sensação sexual” e “emoção positiva e negativa”. Existem outras por si só definidas, mas definíveis nestas cinco categorias gerais. Se pegássemos no garfo da definição de Dor acima e o pressionássemos contra o braço, isso seria “pressão”. “Movimento” é apenas isto: uma impressão de estarmos em movimento quando não estamos. “Movimento” inclui os “ventos do espaço”, uma impressão de ser soprado especialmente a partir da frente da cara. “Tontura” é uma impressão de desorientação e inclui a cabeça andar à roda assim como desequilíbrio. “Sensação sexual” significa qualquer impressão, agradável ou desagradável, vulgarmente experimentada durante restimulação ou ação sexual. “Emoção positiva e negativa” incluem todos os níveis da escala de tom completa, excepto “dor”. Emoção positiva e negativa estão intimamente ligadas a “movimento”, sendo apenas uma partícula de ação mais fina. Uma solidez do banco é uma forma de pressão, e quando a sensação de aumento de solidez das massas ocorre na mente, dizemos “o banco está a ganhar força”. Tudo isto é classificado como SENSACÃO. Abreviatura SEN.

L. RON HUBBARD

Fundador





GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 23 DE ABRIL DE 1969

Emissão III

VIDAS PASSADAS

A razão por que a primeira Fundação Hubbard de pesquisa Dianética teve problemas foi a sua direção ter tentado impedir que fossem percorridas vidas passadas.

Quando um grupo procura seguir apenas o que é correntemente aceitável, isso é claro que encrava todo o progresso.

Além disto é desonesto suprimir ou deixar de revelar descobertas científicas.

Discordar da lei da gravidade poderia provocar algumas quedas bem aparatosas.

Os estudos mentais pré-dianéticos por norma deitaram fora tudo o que não estivesse de acordo com as suas queridas teorias ou que fosse “impopular” perante as autoridades.

Foi tal a desonestidade praticada no campo da humanística que todo esse campo caiu em mãos brutais. A Dianética teve que se defrontar com a atmosfera da Idade das Trevas que então prevalecia, completa, com tortura e assassinato dos insanos.

O facto é que aquilo em que o auditor acredita tem pouco a ver com a realidade do preclaro. Se um profissional desafia ou exige provas dos dados dum paciente, o paciente fica doente. Isto é um facto incontroverso. Faz parte do código do auditor.

No que respeita a *vidas passadas*, se não percorremos figuras de imagem mental de vidas passadas quando surgem numa cadeia, o preclaro não recupera.

Um caso patético destes aconteceu no início das pesquisas. Uma rapariga aleijada da poliomielite, conseguiu atirar fora as muletas depois da minha primeira sessão. E tudo teria ficado completamente bem se não fosse ela ter-se lembrado de ver e ouvir o Lincoln a dar o seu endereço de Getty burgo. A mãe censurou-a por tal disparate. A condição de aleijada foi confirmada e perpetuada por isto e por um pai psicótico que ficou furioso comigo por me atrever a sugerir tal coisa. Eu não sugeri nada. Ao auditar a rapariga ela surgiu com a cena de estar em Getty burgo a ouvir Lincoln.

Parece um pouco cruel condenar uma rapariga a ser coxa toda a vida apenas para satisfazer uma ideia fixa.

A ideia *esquisita* é que só se vive uma vez.

Várias vezes seguimos a pista das sepulturas de Pcs num projeto especial e geralmente surgiram corretas. Um Pc ficou muito perturbado por descobrir que o seu amigo não colocou a pedra tumular que foi paga, substituindo-a por uma laje comum, possivelmente para embolsar a diferença.

Alguns Pcs foram tão avassalados no passado por alguma grande figura, que eles entram na sua valência nessa vida. Isto lança muitas vezes o descrédito em vidas passadas.

Recordo uma rapariga que foi todas as figuras famosas da história que, quando a metemos na sua valência, descobriu-se ter sido apenas uma vítima delas. Os grandes generais e políticos da história, tem que ser tristemente notado, não se distinguem facilmente de assassinos de massas.

Mas mesmo as figuras famosas estão algures.

O assunto de vidas passadas é tornado desenxabido, possivelmente de propósito, por alguns que, receando não ter sido ninguém e procurando estatuto, falam alto dizendo ter sido Napoleão, Júlio César, e Brutus tudo ao mesmo tempo.

Numa sociedade que tenta esconder a identidade atual ou procura tornar mortal toda a gente e fazer das pessoas animais, o assunto de vidas passadas pode ser um assunto socialmente difícil.



A verdade em audição é que SE NÃO PERCORRER OS INCIDENTES DADOS PELO PC ELE NÃO SE CURA.

Uma recuperação espetacular de uma mulher insana ocorreu quando percorreu um incidente como leão que comeu o seu tratador. Trabalho freudiano não tinha sido capaz de rachar o caso. O alienista do sanatório manteve-a lá dentro para tentar explicar como tudo era ilusão (a técnica corrente pré-Dianética). Um auditor de Dianética encontrou isto e percorreu-o e ela ficou boa e continuou boa.

NÃO é papel do auditor manejar os aspetos filosóficos ou sociais de incidentes. Censurar um Pc por ter engramas antissociais, ou uma história de um crime ou desafiar os seus dados ou recusar-lhe a sua vida passada, barra-lhe o caminho para a recuperação e é em si mesmo um crime.

Veremos que o homem é basicamente bom. Só as suas aberrações são más. Quando se lhe erradicam os engramas ele torna-se social e volta a ser bom.

Audição é audição. Auditamos o que o Pc tem para auditar. Deixamos os aspetos sociais do caso para outros. Não é esse o trabalho do auditor.

L. RON HUBBARD

Fundador



SECÇÃO DOIS - O E-METRO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB 21 de JANEIRO de 1977RB

Re-rev.25.5.80

Remimeo

Tech & Qual

Todos os níveis

Todos os Auditores

Todas as Checksheets de Tech

(este HCOB foi revisto para incluir dados adicionais sobre TA Falso e a lista completa de referências sobre TA Falso. O plano da lista de manejos foi organizado para seguir a linha de verificar e referenciar todas as marcas específicas de creme de mãos que foi adotada).

LISTA DE VERIFICAÇÃO DE TA FALSO

Referências.

HCOB 08 Junho 70	MANEJO DO TA BAIXO
HCOB 16 AGO 70R	C/S série 15R, LEVAR A F/N AO EXAMINADOR
HCOB 24 Out 71RA	TA FALSO
HCOB NOV. 12 71RB	TA FALSO, adição
HCOB 15 FEV. 72R	TA FALSO, adição 2
HCOB 18 FEV. 72RA	TA FALSO, adição 3
HCOB 16 FEV. 72	C/S série 74, falar para DESCER O TA
HCOB 23 NOV. 73RB	mãos secas e MOLHADAS fazem TA FALSO
HCOB 24 Nov73RD	C/S 53RL FORMA CURTA
HCOB 24 Nov73RE	C/S 53RL FORMA longa
HCOB 19 ABR. 75R	básicas FORA e como Introduzi-los
HCOB 23 Abr. 75RA	creme DISSIPADO e TA FALSO
HCOB 24 Out 76RA	C/S série 96RA, listas de reparação. de entrega
HCOB 10 dez 76RB	C/S série 99RB, F/N DE SCN E posição DO TA
HCOB 13 Jan 77RB	manejo DE UM TA FALSO
HCOB 24 Jan 77	RONDA DE correção DA TECH
HCOB 26 Jan 77R	uso PROIBIDO DE PALMILHAS
HCOB 30 Jan 77R	dados falsos DE TA
HCOB 04 Dez 77	CHECKLIST para PREPARAR sessões e um E-METER
HCOB 07 FEV. 79R	EXERCÍCIO DE E-metro 5RA
BTB 24 Jan 73RII	EXAMINADOR E TA FALSO
livro:	O ESSENCIAL DO E-METER
livro:	INTRODUÇÃO AO E-METRO
MANUAL DO possuidor	MARK VI PROFISSIONAL HUBBARD "COMO PREPARAR O SEU MARK VI".

"Este Boletim cancela o HCOB 29 Fevereiro 1972RA Revisto a 23 de Abril de 1975, pois é enganoso e levou alguns auditores a verificar o Pc no e-metro para encontrar a causa do TA falso em vez de o verificar diretamente com o Pc". Este Boletim restabelece a Lista de TA falso com o manejo específico diretamente das emissões que eu escrevi sobre TA falso.



São os seguintes os itens a serem averiguados pelo auditor em qualquer Pc. Basta fazer isto uma única vez, a menos que a própria verificação seja suspeita ou a condição das mãos do Pc, etc., mude.

A lista é mantida na pasta do Pc e dá entrada no Sumário da Pasta como feita.

“O valor de operar com o tamanho correto de latas não deve ser subestimado e os Boletins que a isso se referem mostram a razão”.

O auditor assinala e responde aos pontos seguintes da lista. O auditor deve obter a informação verificando pessoalmente as mãos do Pc para saber se estão secas ou húmidas. A causa do TA falso está no universo físico e é ali que a sua verificação é feita. Não é perguntando ao Pc ou testando a reação no e-metro. Assim, o auditor apalpa as mãos do Pc a fim de determinar se estão secas ou húmidas, apalpa as mãos do Pc após ter posto creme para saber se o creme secou, vê se as mãos do Pc fazem concha de modo a que a área formada não toca as latas, etc. O TA falso não é pensamento ou massa mental. Está no universo físico e é onde tem de ser tratado para ser corrigido. O manejo vem a seguir a cada linha, à medida que se verifica. Isto é simplicidade, pois é assim que a lista está feita, resolvendo cada linha à medida que se avança.

FATOR DE REALIDADE AO PC: "VOU VERIFICAR AS LATAS, AS TUAS MÃOS E VÁRIAS OUTRAS COISAS, A FIM DE AJUSTAR TUDO PARA OBTER UMA MAIOR EXATIDÃO”.

LISTA DE VERIFICAÇÃO DE TA FALSO E MANEJO

1. O E-METRO ESTÁ COMPLETAMENTE CARREGADO?

Manejo: "Manter o e-metro a carregar pelo menos uma hora para cada 10 de audição numa corrente de 240 voltes, ou 2 horas para cada 10 horas de audição numa corrente de 110. (O Mark VI dará cerca de 6 horas para cada hora de carga.)" Antes de cada sessão, rode o botão para TEST. A agulha deve bater com força no lado direito do mostrador. Pode até fazer ricochete. Se a agulha não bater com força à direita ou não atingir bem a linha de TESTE, então o e-metro vai ficar sem carga a meio da sessão e dará um TA falso, não apresentando reações ou movimentos de TA em assuntos quentes" (HCOB 24/10/71RA - TA FALSO)

NOTA: Para garantir uma verificação exata, o e-metro deve ser ligado um ou dois minutos antes de colocá-lo em TEST.

2. O E-METRO ESTÁ CORRETAMENTE CALIBRADO?

Manejo: "Um e-metro pode estar impropriamente calibrado (não colocado em 2.0 com o botão de calibragem) e dar uma posição falsa de TA. Quando não é ligado um minuto ou dois antes da calibragem, pode ir à deriva na sessão e dar um TA ligeiramente falso.

A calibragem pode ser discretamente verificada no meio da sessão retirando a ficha do e-metro, colocando o TA em 2.0 para ver se a agulha fica em SET. Caso contrário, pode mexer no botão regulador para ajustá-lo. A ficha é discretamente colocada de volta. Tudo sem distrair o Pc". (B24/10/71RA - TA FALSO)

3. OS FIOS ESTÃO LIGADOS AO E-METRO E ÀS LATAS?

Manejo: "Um e-metro ajustado como deve ser, com latas adequadas ao Pc, que as segura corretamente, ESTÁ SEMPRE CORRETO" (HCOB-24/10/71RA). A referência para o ajuste do e-metro é dada no Livro de Exercícios do E-Metro, EM 4 e, no caso dum Mark VI, no manual do proprietário.



4. AS LATAS ESTÃO ENFERRUJADAS?

Manejo: "Latas ferrugentas podem falsificar o TA. Obtenha latas novas de vez em quando" (HCOB- 24/10/71RA)

5. AS MÃOS DO PC SÃO EXCESSIVAMENTE SECAS, NECESSITANDO DE CREME?

Manejo: "Um teste rápido é fazer o Pc colocar as latas nas axilas se se trata de calosidades ou mão secas motivadas por produtos químicos. A mão excessivamente seca tem aparência brilhante ou polida. Dá para sentir a secura. O tratamento correto é usar um creme para mãos, mas não gorduroso ou que desapareça. Um bom creme para mãos espalha-se bem sem deixar excesso de gordura. Usualmente unta-se, esfrega-se e pode-se então enxugar o creme completamente. Normalmente as mãos produzirão então um TA normal e reação no e-metro" (HCOB-23/11/73RB 25/5/80 Mãos secas e mãos húmidas dão TA falso)

6. AS MÃOS DO PC ESTÃO EXCESSIVAMENTE HÚMIDAS, NECESSITANDO DE TALCO?

Manejo: "Se o TA está baixo, verificar se as mãos do Pc estão húmidas. Caso estejam, faça-o enxugá-las e obtenha o novo TA. Normalmente descobre-se que 1.6 era, na verdade, 2.0". (HCOB-24/10/71RA, Fazer o Pc enxugar as mãos.) "Podem ser usados anti-transpirantes em mãos muito suadas. Há muitas marcas, frequentemente em pó ou spray. Podem-se enxugar após a aplicação e pode durar duas a três horas". (HCOB-23/4/75RA)

7. NÃO ESTÁ A DIZER CONTINUAMENTE AO PC PARA ENXUGAR AS MÃOS?

Manejo: Ver acima, com referência a mãos húmidas.

8. O APERTO DAS LATAS NÃO ESTÁ A SER CONSTANTEMENTE VERIFICADO PELO AUDITOR DE MODO A INTERROMPER O PC?

Manejo: "Manter as mãos do Pc à vista. Observar o aperto das latas. Obtenha latas menores".
(HCOB-24/10/71RA)

8A. O PC ESTÁ A USAR O TIPO ERRADO DE LATAS?

- a) Onduladas?
- b) De metal revestido de plástico?
- c) De metal errado

O metal certo é o aço estanhado (folha-de-flandres) e não revestido de plástico ou pintado.

Manejo: Substituir por latas corretas. "As latas devem, é claro, ser de aço com um fino revestimento de estanho". (HCOB-24/10/71RA)

8B. AS LATAS SÃO MUITO CURTAS PARA AS MÃOS DO PC



Manejo: Substituir por latas de comprimento correto para a mão toda ter contacto com elas. (HCOB-24/10/71RA)

9. POSIÇÃO DO TA COM LATAS GRANDES?

Tamanho aproximado de 11 x 8cms

Manejo: Para um Pc de mãos normais ou grandes, o tamanho da lata é de cerca de 12,5 x 7cms. Podem ir até 11x 8 cm. São medidas padrão”. (HCOB-24/10/71RA)

10. POSIÇÃO DO TA COM LATAS MÉDIAS?

Tamanho aproximado de 12,5 x 7 cm

Manejo: Descrito acima.

11. POSIÇÃO DO TA COM LATAS PEQUENAS?

Tamanho aproximado de 9 x 5 cm.

Manejo: "Esta lata deveria ter 9 x 5 cm de diâmetro mais ou menos. Uma criança ficaria perdida mesmo com esta lata. Assim, uma latinha de filme de 35mm poderia ser usada para ela. Mede 5 x 3 cm. Funciona, mas tenha atenção pois estas latas são de alumínio. Funcionam, mas teste quanto ao

verdadeiro TA com uma lata ligeiramente maior e, em caso de diferença, ajuste a seguir para as latas de alumínio”.

"As latas, é claro, devem ser de aço com leve camada de estanho. Latas vulgares de sopa. O tamanho adequado da lata evita alívio do aperto das latas ou cansaço nas mãos, tornando-as frouxas, dando ao auditor F/Ns a 3,2 e sarilhos”. (HCOB-24(10/71RA)

11A. TAMANHO DE LATA INCORRETO PARA UMA CRIANÇA?

Manejo: Para uma criança, o tamanho pode descer ao das latas de filme de 35mm, aproximadamente de 5 x 3cms. Anotar a posição do TA

.

11B. SE O TAMANHO MENCIONADO ACIMA NÃO É CERTO PARA AS MÃOS DO PC, PODEM TENTAR-SE OUTROS TAMANHOS

Manejo: Podem experimentar-se tubos de 3 ou 3,5cms ou outros tamanhos de lata para ver se se adaptam às mãos do Pc. Notar a posição do TA.

12. AS LATAS SÃO DEMASIADAMENTE GRANDES PARA O PC?

Manejo: "O tamanho adequado da lata evita aliviar o aperto das latas ou cansar as mãos, tornando-as frouxas”. (HCOB-24/10/71RA).

Verifique o aperto das latas do Pc e veja se a mão está a tocar em toda a lata, e se o tamanho é confortável. (Ref. HCOB-13/1/77RB Lidar com um TA falso)

13. AS LATAS SÃO MUITO PEQUENAS PARA O PC?



Manejo: Conforme acima. Verificar como o Pc está a pegar nas latas, se a mão está toda nas latas e se elas são confortáveis, e ajuste conforme acima.

14. AS LATAS SÃO CERTINHAS PARA O PC?

Manejo: Verifique o aperto e se a lata é de tamanho correto para o Pc. As latas encaixam-se confortavelmente nas mãos com estas a tocarem nas latas de modo a obterem uma reação exata no e-metro? Se o tamanho é correto, assegure-se, a seguir, de que o aperto das latas também é correto

.

15. AS LATAS ESTÃO FRIAS?

Manejo: "Qualquer que seja o tamanho da lata, os eléctrodos frios têm tendência a dar uma posição do TA muito mais alta, particularmente em alguns Pcs.

Até as latas aquecerem, a posição é geralmente falsa e acima. Alguns Pcs têm “sangue frio” e o choque das latas geladas pode levar o TA para cima, levando um pouco de tempo para descer.

Uma prática que contorna isto é o auditor, ou o Examinador, segurar um pouco as latas até aquecerem e então dá-las ao Pc. Outro modo é o auditor, ou Examinador, colocar as latas nas axilas enquanto ajusta o e-metro. Isto aquece-as. Há provavelmente muitos outros modos de aquecer as latas à temperatura do corpo”. (HCOB-12/11/71RB)

15A. O PC LAVOU AS MÃOS LOGO ANTES DA SESSÃO?

Manejo: Use um pouco de creme para devolver as mãos à humidade normal

.

16. AS MÃOS DO PC ESTÃO SECAS OU CALEJADAS?

Manejo: Isto é tratado acima, com referência a mãos excessivamente secas, necessitando creme para mãos. Há modos corretos de aplicar o creme para mãos para o Pc específico e resolver o TA falso. Uma das formas é espalhá-lo extensivamente, enxugando-o a seguir, e pondo depois um pouco mais, incluindo os polegares. (Ref. HCOB-13/1/77RB) O importante é apalpar as mãos após a aplicação do creme, para ver se eliminou a secura excessiva do aspeto brilhante ou polido. Não devem dar a sensação de secura. (Ref. HCOB-23/11/73RB) O tratamento correto é usar um creme para mãos, mas não gorduroso ou que desapareça. Um bom creme para mãos, ao ser esfregado, penetra na pele e não deixa gordura em excesso. Isto restaura o contacto elétrico normal. Tal creme só teria de ser aplicado uma vez por sessão, no início da sessão, pois dura muito tempo. Se um creme deixa manchas na lata, foi usado em demasia ou muito pouco absorvido. (HCOB-23/4/75RA)

17. O PC TEM MÃOS ARTRÍTICAS?

Manejo: "Muito de vez em quando há Pcs tão deformados pela artrose que não fazem um contacto completo com as latas. Isto produz TA alto. Use tiras (ou correias) largas nos pulsos e obterá uma posição correta”. (HCOB-24/10/71RA)

18. O PC ALARGA O APERTO DAS LATAS?



Manejo: Verifique o aperto. O ângulo das latas atravessa as palmas das mãos? A curva natural dos dedos é suficiente para manter as latas no lugar e a colocação das latas está num ângulo que garanta a área máxima da pele a tocar as latas? (Ref. LIVRO DE EXERCÍCIOS DO E-METRO). Veja se a palma da mão está a tocar na lata, e não para cima, sem contacto. (Ref. B-13/1/77RB)

19. VERIFICAR O APERTO DO PC. ELE PEGA CORRETAMENTE NAS LATAS? _____

Manejo: Tratado na secção acima. Verifique também se o Pc está a pegar nas latas com tanta força que causa suor nas mãos e regista um TA falsamente baixo.

(Ref. HCOB-13/1/77RB e HCOB-7/2/79R - Exercício 5RA do E-Metro)

20. O PC ESTÁ COM CALOR? _____

Manejo: Tenha um ventilador na sala ou refresque a sala, ponha e o Pc confortável.

21. O PC DORMIU BEM? _____

Manejo: Não audite um Pc que não teve repouso suficiente ou está fisicamente cansado.

(Ref. HCOPL-14/10/68RA - O Código do Auditor)

22. O PC ESTÁ COM FRIO? _____

Manejo: "Um Pc que está com frio tem, às vezes, um TA FALSO alto. Embrulhe-o num cobertor ou aqueça a sala de audição. O ambiente de audição é da responsabilidade do auditor". (HCOB-24/10/71RA)

23. O PC ESTÁ COM FOME? _____

Manejo: Faça o Pc comer alguma coisa e não audite um Pc que não está suficientemente alimentado ou com fome. (Ref. HCOPL-14/10/68RA - O Código do Auditor)

24. A HORA (DA NOITE) É AVANÇADA? _____

Manejo: "A partir das duas ou três da madrugada, ou a uma hora avançada da noite, o TA do Pc pode ficar muito alto. Depende de quando ele dorme usualmente. O TA encontrar-se-á na faixa normal durante as horas regulares". (HCOB-24/10/71RA)

25. A AUDIÇÃO ESTÁ A SER FEITA FORA DAS HORAS NORMAIS EM QUE O PC ESTÁ ACORDADO? _____

Manejo: Conforme acima.

26. O PC ESTÁ COM OS ANÉIS NOS DEDOS? _____

Manejo: "O Pc deve sempre retirar os anéis. Eles não influenciam o TA, mas produzem uma "R/S" falsa". (HCOB-24/10/71RA)

Caso não consiga retirar os anéis, use tirinhas de papel ao seu redor para evitar que toquem nas latas.



27. O PC ESTÁ COM SAPATOS APERTADOS? _____

Manejo: Faça-o tirar os sapatos. (Ref. HCOB-24/10/71RA)

28. A ROUPA DO PC ESTÁ APERTADA? _____

Manejo: Se se verificar que as roupas apertadas estão a afetar o TA, assegure-se de que o Pc não usa mais roupas apertadas em sessões futuras. Se possível, faça-o tirar a roupa apertada para ver o efeito que tem no TA. Faça com que não mais sejam usadas roupas apertadas em futuras sessões.

29. O PC ESTÁ A USAR CREME INCORRETO PARA MÃOS? _____

Manejo: Usando os materiais de referência, descubra o creme para mãos correto e experimente-o no Pc. Anote a posição do TA.

30. A APLICAÇÃO DO CREME PARA MÃOS ESTÁ CORRETA E ABRANGE A MÃO TODA? _____

Manejo: Observe como o Pc aplica o creme para mãos e veja se é passado na mão toda, incluindo os polegares. Caso contrário faça o Pc passá-lo na mão toda e pegar nas latas. Anote a posição do TA. Alguns Pcs podem ter de pôr o creme, enxugá-lo e depois tornar a pô-lo. (Ref. HCOB-13/1/77RB)

31. A CADEIRA EM QUE O PC ESTÁ SENTADO É DESCONFORTÁVEL? _____

Manejo: Arranje outra cadeira que seja confortável para o Pc.

32. NA VERDADE TRATA-SE DUM CASO CRÓNICO DE TA ALTO OU BAIXO? _____

Manejo: Verificação da C/S 53 ou de TA Alto-Baixo. Feito até uma verificação Flutuante. Assim sendo, a tecnologia standard trata do TA alto e baixo. A Série de C/S fornece mais dados sobre o assunto

33. O PC ENTROU EM DESESPERO QUANTO AO SEU TA? _____

Manejo: Trate do TA falso usando esta lista como orientação para achar a causa do TA falso e saná-lo inteiramente com o Pc através dos vários modos mencionados acima. Uma vez o TA falso solucionado, verifique se há preocupações relacionadas com o TA, aborrecimentos com o TA e faça uma L1C pela melhor leitura

Esta lista das maneiras de manejar é usada em conjunto com os itens verificados, pois fornece o modo de tratá-los.

Recorra aos materiais de referência para obter dados adicionais sobre como lidar com um TA falso.



L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 21 JULHO DE 1978

Remimeo

Todos os Auditores

Todos os C./Ses

Todos os Clarificadores de Palavras

Toda as Checksheets de Tech

O QUE É UMA AGULHA FLUTUANTE?

Uma agulha flutuante é uma varrida rítmica do quadrante a passo lento e regular da agulha.

É isto que é um F/N. Nenhuma outra definição é correta.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 10 de DEZEMBRO de 1976RB

Rev.7.7.78

Re-rev. 18.9.78

Remimeo

Todos os Auditores

Todos os Estagiários

Supervisores

Todos os C/Ses

URGENTE - IMPORTANTE

C/S Série 99RA

F/N DE CIENTOLOGIA E POSIÇÃO DO TA

Através de tecnologia verbal agora localizada descobriu-se que alguns auditores receberam ordens para desconsiderarem as F/Ns acima de 3.0 ou abaixo de 2.0. no e-metro.

Também houve auditores que anunciaram F/Ns que eram agulhas de Quebra de ARC, indicando-as falsamente ao Pc.

Estas duas ações, as de não levar em conta F/Ns autênticas por o TA não estar entre 2 e 3, e anunciar "F/Ns" que não eram senão F/Ns de Quebra de ARC, perturbaram muitos Pcs.

As incorreções aqui são:

- A.** Não considerar os indicadores do Pc como o mais importante;
- B.** Não notar os indicadores do Pc ao anunciar uma F/N e,
- C.** Ignorar e dar menor importância à tecnologia de TAs Falsos.

(Veja lista de referências no fim deste HCOB ou o índice de assuntos dos Volumes de HCOBs)

Os auditores foram até levados a falsificar folhas de trabalho (dando o TA dentro do âmbito quando de facto não estava, ao anunciarem uma F/N) porque poderiam "ter problemas" por anunciarem uma F/N fora do âmbito, tal como 1.8 ou 3.2.

O procedimento CORRETO para F/Ns fora de âmbito é:

1. Observar os indicadores do Pc;
2. Anunciar a F/N, independentemente do seu âmbito;
3. Anotar a posição REAL do TA;
4. Resolver o TA Falso na primeira oportunidade quando não interferir com o corrente ciclo de audição em que o Pc está. (Não se interrompe, por exemplo, uma R3RA Quad para tratar um TA Falso. Completa-se e, sob a direção do C/S, maneja-se depois o TA Falso).
5. Em qualquer Pc suspeito de F/Ns ignoradas por causa de TA Falso, obter um C/S para reparação e reabilitação deste erro.

As latas do E-metro podem influenciar ou mudar a posição do TA quando as palmas das mãos estão demasiado secas ou demasiado húmidas, quando essas latas são demasiado grandes ou demasiado pequenas, ou quando é usado um creme inadequado para as mãos. O E-metro não reage somente à humidade da mão, conforme o pessoal de electrónica acreditou durante muito tempo. Mas é que o TA depende da resistência das



palmas das mãos, fios e e-metro à corrente elétrica, assim como da resistência principal que acontece vir das massas mentais ou da falta delas.

Dizer simplesmente a um Estagiário que "não considere uma F/N fora do âmbito correto" é prepará-lo para perdas, levando o Pc ao desastre. A informação correta é que, uma F/N que não está dentro do âmbito, é acompanhada por indicadores do Pc que mostram se é uma F/N ou não. ALÉM DISSO também indicam que será melhor tratar desse TA Falso depressa, uma vez que esse facto não interrompa o ciclo em curso. TAMBÉM se anota o TA quando ocorre a F/N a fim de o C/S poder dar o C/S para o manejo do TA Falso.

No caso de aparecer uma agulha de Quebra de ARC (que se parece com uma F/N), quer esteja dentro ou fora do âmbito (de 2.0 a 3.0, ou abaixo de 2.0 ou acima de 3.0). OLHE para o Pc e determine os indicadores antes de anunciar uma F/N falsa. Um Pc quase a chorar NÃO está a flutuar e, se for indicada uma F/N a esse Pc, isso irá aumentar a Quebra de ARC e reprimirá uma carga emocional pronta a sair.

REPARAÇÃO

Quando os assuntos acima não foram completamente compreendidos e tendo ocorrido erros com os Pcs, deve presumir-se que:

1. Os auditores falsificaram as suas folhas de trabalho quanto à posição do TA, acumulando, desse modo, contensões, e ficando assim com tendência para se afastarem;
2. Todo o Pc que já teve problemas devido a TA alto ou baixo teve F/Ns não consideradas como tal e F/Ns de Quebra de ARC mal indicadas;
3. Todos os Estagiários e Auditores devam estudar e exercitar este Boletim;
4. Deve ser feito um breve programa de limpeza de F/Ns desconsideradas e F/Ns de Quebra de ARC mal anunciadas, para cada Pc;
5. Cada um desses Pcs seja considerado em dificuldades relativas a TA Falso e precise de um C/S para o manejar e corrigir;
6. Todos os Auditores e Estagiários devam ser exercitados em todos os HCOBs relativos a indicadores de Pcs.

AMOSTRA DE C/S DE LIMPEZA

Não considere a posição do TA; use apenas F/Ns e indicadores do Pc ao fazer este C/S.

1. Descobriu-se que algumas das tuas F/Ns (pontos de libertação) podem não ter sido consideradas por auditores passados ou presentes.
2. Alguma vez sentiste que uma F/N (ponto de libertação ou fim de ação) foi ultrapassada no teu caso?
3. Encontrar e reabilitar, até F/N, o *Override* do ponto de libertação. Verificar se houve outras F/Ns ultrapassadas e reabilitá-las.
4. Alguma vez sentiste que uma F/N não devia ter sido indicada pelo auditor?
5. Localizar o ponto, introduzir o botão "suprimido" e completar a ação. Verificar: "há quaisquer outras F/Ns que o auditor não deveria ter indicado, e indicou?" e manejar conforme acima.
6. Descobrir e resolver as Quebras de ARC ultrapassadas, com o manejo de Quebras de ARC.
7. Localizar e resolver, por completo, o TA Falso.

F/Ns DE DIANÉTICA

Quando faz R3RA, o auditor não anuncia uma F/N sem ter sido alcançado o EP total de Dianética.

Ao fazer R3RA o auditor não está à procura de F/Ns. Ele está à procura do postulado localizado no fundo da cadeia que está a ser auditada.



O EP duma cadeia de Dianética é sempre, sempre, sempre *a saída do postulado*.

O postulado é o que mantém a cadeia no lugar. Solta-se o postulado e a cadeia desaparece. É tudo.

O auditor deve: reconhecer o postulado quando o Pc o apresenta, verificar os VGIs, anunciar a F/N e dar por terminada a audição daquela cadeia.

Uma F/N que aparece enquanto o incidente se está a apagar não se anuncia.

O Pc não precisa de declarar que o incidente se apagou. Quando o postulado se apresenta, o incidente apagou-se. O auditor verá uma F/N e VGIs. SÓ AGORA é que a F/N é anunciada. Não se anunciam F/Ns antes do EP “postulado fora, F/N e VGIs” ser atingido.

É do postulado, e não da F/N, que andamos à procura na Nova Era Dianética.

F/Ns DOS PROCESSOS DE PODER

Em Poder não se consideram as F/Ns.

Cada Processo de Poder tem os seus próprios Fenómenos Finais e só termina quando estes são obtidos.

BOLETINS DE REFERÊNCIA PARA TA FALSO

- | | |
|--------------------|--------------------------------------|
| 1. HCOB 24/10/71R | TA FALSO |
| 2. HCOB 15/2/72R | TA FALSO - ADIÇÃO 2 |
| 3. HCOB 12/11/71RA | TA FALSO - ADIÇÃO |
| 4. HCOB 18/2/71RI | TA FALSO - ADIÇÃO 3 |
| 5. HCOB 21/1/77RA | LISTA DE VERIFICAÇÃO DE TA FALSO |
| 6. HCOB 23/11/73RA | MÃOS SECAS E HÚMIDAS CAUSAM TA FALSO |
| 7. HCOB 23/4/75R | CREME EVANESCENTE E TA FALSO |

BOLETINS SOBRE INDICADORES DO PC

- | | |
|------------------------|---|
| 1. HCOB 29/7/84 | BONS INDICADORES EM NÍVEIS MAIS BAIXOS |
| 2. HCOB 28/12/63 | INDICADORES, PARTE UM, BONS INDICADORES |
| 3. HCOB 23/5/71R | RECONHECIMENTO DA CORREÇÃO DE UM SER |
| Emissão VIII-R 4.12.74 | |
| 4. HCOB 22/9/71 | AS TRÊS REGRAS DE OURO PARA O C/S LIDAR COM AUDITORES |
| 5. HCOB 21/10/68R | AGULHA FLUTUANTE |

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 16 DE NOVEMBRO DE 1965

AJUSTE DA SENSIBILIDADE DO E-METRO

Ao fazer os preparativos para uma sessão, um auditor ajusta o seu e-metro conforme o exercício de e-metro #4.

Os rudimentos são corridos à sensibilidade 16.

Os processos de nível inferior são corridos à sensibilidade 16.

Acima de grau V a sensibilidade corre em 5.

L. Ron Hubbard

Fundador



SECÇÃO TRÊS - EXERCÍCIOS DE TREINO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, Grinstead Oriental, Sussex

BOLETIM DO HCO DE 16 DE AGOSTO DE 1971R

EMIÇÃO II

REVISTO 5 JUL. 1978

REEMITIDO 6 AGO 1983

Remimeo

Cursos

Checksheets

EXERCÍCIOS DE TREINO RE-MODERNIZADOS

(Revê 17 Abril 1961.

Este HCOB cancela o seguinte:

HCOB 17 Abr. 61, origin,	EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS.
HCOB 5 Jan. 71, revisto,	EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS.
HCOB 21 Jun. 71, revisto,	EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS. Emissão III
HCOB 25 Maio 71	O CURSO DE TRs

Este HCOB é para substituir todas as outras emissões de
TRs de 0 a 4 em todos os blocos e folhas de controlo).

Devido aos fatores seguintes, modernizei os TRs de 0 a 4.

1. A perícia de audição de qualquer estudante só fica tão boa quanto ele possa fazer os TRs.
2. Erros de TRs são a base de toda a confusão nos esforços subsequentes para auditar.
3. Se os TRs não ficarem bem-sabidos bem cedo nos cursos da Cientologia, O EQUILÍBRIO DO CURSO FALHARÁ E OS SUPERVISORES DOS NÍVEIS SUPERIORES ENSINARÃO, NÃO OS SEUS ASSUNTOS, MAS OS TRs.
4. Quase todas as confusões com o E-metro, Sessões Modelo e processos de Cientologia ou Dianética vêm diretamente de uma incapacidade de fazer os TRs.
5. Um estudante que não tenha dominado os seus TRs não irá dominar mais nada.
6. Os processos de Cientologia ou Dianética não funcionarão na presença de maus TRs. O Preclaro já está a ser sobrecarregado pela velocidade do processo e não pode suportar erros com TRs sem ter quebras de ARC.

As Academias foram duras com os TRs até 1958 e, desde então, tenderam a abrandar. Os cursos de comunicação não são um passatempo social.

Estes TRs aqui dados devem ser postos imediatamente em uso em todo o treino de auditores, na Academia e HGC e não devem jamais ser atenuados no futuro.

Os cursos de TRs para público não são "suaves" porque são para público. Absolutamente nenhuns padrões são reduzidos. O PÚBLICO FAZ



VERDADEIROS TRs SEVEROS, FIRMES E DUROS. Fazer outra coisa é perder 90% dos resultados. Não há nada de pálido ou de infantil nos TRs.

ESTE HCOB SIGNIFICA O QUE DIZ E NÃO OUTRA COISA QUALQUER. NÃO IMPLICA OUTROS SIGNIFICADOS. NÃO ESTÁ ABERTO A INTERPRETAÇÕES DE OUTRA FONTE.

ESTES TRs SÃO FEITOS EXATAMENTE SEGUNDO ESTE HCOB SEM AÇÕES OU ALTERAÇÕES ADICIONAIS.

NÚMERO: OT TR0 1971

NOME: Confronto de Thetan Operante.

COMANDOS: Nenhum.

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente de olhos fechados, a uma distância confortável, cerca de um metro.

PROPÓSITO: Treinar o estudante estar ali confortavelmente e confrontar outra pessoa. A ideia é levar o estudante a ESTAR ali confortavelmente numa posição um metro à frente da outra pessoa, ESTAR ali e não fazer nada mais além de ESTAR ali.

ÊNFASE DE TREINO: estudante e treinador sentados frente a frente de olhos fechados. Não há conversação. Este é um exercício silencioso. Não há NENHUNS tiques, movimentos, confronto com uma parte do corpo, "sistemas" ou vias para confrontar, ou outra coisa qualquer além de ESTAR ali. Normalmente uma pessoa, com os olhos fechados, verá negrume ou uma área da sala. ESTAR ALI, CONFORTAVELMENTE E CONFRONTAR.

Quando o estudante puder estar ali confortavelmente e confrontar, e atingir uma vitória principal estável, o exercício é passado.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Junho de 1971 para dar um gradiente adicional ao confronto e eliminar o confronto dos estudantes com os olhos, pestanejar, etc. Revisto por L. Ron Hubbard em Agosto de 1971 depois de pesquisa sobre TRs.

NÚMERO: TR 0, CONFRONTO, REVISTO em 1961

NOME: Confronto com o Preclaro.

COMANDOS: Nenhum.

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente a uma distância confortável, cerca de um metro.

PROPÓSITO: Treinar um estudante a confrontar um Preclaro com audição ou sem nada. A ideia é só levar o estudante a ser capaz de estar ali confortavelmente a uma distância de um metro de um Preclaro, ESTAR ali e não fazer nada mais além de ESTAR ali.

ÊNFASE DE TREINO: estudante e treinador sentados frente a frente, sem conversa e sem qualquer esforço para serem interessantes. Ficam ali sentados a olhar um para o outro sem dizerem nada e sem fazerem nada durante algumas horas. O estudante não pode falar, pestanejar, mexer os dedos nervosamente, rir ou ficar envergonhado ou *anatem*. Descobrir-se-á que o estudante tende a confrontar COM uma parte do



corpo, em vez de confrontar simplesmente, ou a usar um sistema para confrontar em vez de ESTAR ali simplesmente. O exercício teria um nome errado se Confrontar significasse FAZER algo ao Pc. A ação é toda ela para acostumar o auditor a ESTAR ALI a um metro do Preclaro sem se desculpar ou se mover, ou ficar assustado, envergonhado ou defensivo. O confronto com uma parte do corpo pode causar somáticos na parte do corpo usada para confrontar. A solução é simplesmente confrontar e ESTAR ali. O estudante passa quando puder ESTAR ali e confrontar simplesmente, e tiver atingido uma vitória principal estável.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, Março de 1957 para treinar os estudantes a confrontar Preclaros na ausência de truques ou conversas sociais, e ultrapassar compulsões obsessivas para ser "interessante". Revisto por L. Ron Hubbard em Abril de 1971 ao descobrir que as Metas SOP precisavam, para seu sucesso, de um nível de perícia técnica muito mais alto do que os outros processos. Revisto por L. Ron Hubbard em Agosto de 1971 depois de descobertas sobre TRs.

NÚMERO: TR 0 PROVOCADO, REVISTO EM 1961

NOME: Confronto Provocado.

COMANDOS: Treinador: "Começa" "Para" "Falhou" (Reprovado).

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente a uma distância confortável, cerca de um metro.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a confrontar um Preclaro com audição ou sem nada. A ideia é levar o estudante a ser capaz de ESTAR ali confortavelmente, numa posição um metro do Preclaro, sem ser derrotado, distraído ou reagir de qualquer forma àquilo que o Preclaro diga ou faça.

ÊNFASE DE TREINO: Depois do estudante ter passado o TR 0 e poder simplesmente ESTAR ali confortavelmente, a "provocação" pode começar. Qualquer coisa adicionada a ESTAR ALI é totalmente reprovada pelo treinador. Tiques, pestanejar, suspiros, mexer os dedos, qualquer coisa para além de estar ali é rapidamente reprovada pelo treinador, indicando a razão.

LINGUAGEM: O estudante tosse. Treinador: "Falhou! Tossiste. Começa". Este é a única linguagem do treinador como treinador.

LINGUAGEM COMO SUJEITO CONFRONTADO: O treinador pode fazer ou dizer qualquer coisa exceto abandonar a cadeira. Os "botões" do estudante podem ser encontrados e duramente "apertados". Quaisquer palavras que não sejam de treino não podem obter qualquer resposta do estudante. Se o estudante responder, o treinador é imediatamente treinador (ver linguagem acima). O estudante passa quando puder ESTAR ali confortavelmente sem ser derrotado ou distraído ou reagir de qualquer maneira a qualquer coisa que o treinador diga ou faça, e atingir uma vitória principal estável.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, Março de 1957, para treinar os estudantes a confrontarem os Preclaros na ausência de truques ou conversas sociais, e ultrapassarem compulsões obsessivas para ser "interessantes". Revisto por L. Ron Hubbard em Abril de 1961 ao descobrir que as Metas SOP requerem, para seu sucesso, um nível de perícia técnica muito superior aos processos anteriores. Revisto por L. Ron Hubbard em Agosto de 1971 depois de pesquisa sobre TRs.



NÚMERO: TR1, REVISTO em 1961

NOME: Querida Alice.

PROPÓSITO: Treinar o estudante para dar um comando de novo e numa nova unidade de tempo ao Preclaro sem vacilar ou tentar sobrecarregar ou usar uma via.

COMANDOS: Uma frase (com "ele disse" omitido) é tirada do livro "Alice no País das Maravilhas" e lida para o treinador. A frase é repetida até que o treinador fique satisfeito por esta ter chegado até ele.

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente a uma distância confortável.

ÊNFASE DE TREINO: O comando vai do livro para o estudante e, como seu, para o treinador. Não pode ir do livro para o treinador. Tem que soar natural e não artificial. Dicção e elocução não tomam parte nisto. O volume pode tomar.

O treinador tem que ter recebido e compreendido claramente o comando (ou pergunta) antes de dizer "Muito bem".

LINGUAGEM: O treinador diz "Começa", diz "Muito bem" sem um novo começo se o comando for recebido, ou diz "Falhou" se o comando não for recebido. "Começa" não é usado outra vez. "Pronto" é usado para interromper para discussão, e o treinador tem que dizer: "Começa" antes de retomar a atividade.

Este exercício só é passado quando o estudante puder passar um comando naturalmente, sem esforço ou artificialidade, ou floreios e gestos locutórios, e quando o estudante o pode fazer fácil e descontraidamente.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, Abril de 1956, para ensinar a fórmula da comunicação aos estudantes novos. Revisto por L. Ron Hubbard em 1961 para aumentar a capacidade de audição.

NÚMERO: TR2 REVISTO 1978

NOME: Acusar a Receção.

PROPÓSITO: Ensinar ao estudante que acusar a receção (reconhecimento) é um método de controlar a comunicação do Preclaro e que acusar a receção é um ponto final. O estudante tem que **compreender** e acusar **corretamente** a receção à comunicação, e de tal forma que ela não continue.

COMANDOS: O treinador lê linhas de "Alice no País das Maravilhas" omitindo "ele disse", e o estudante acusa totalmente a receção. O estudante diz "Muito bem", "Ótimo", "Ok", "Percebi", **qualquer coisa** desde que seja apropriada à comunicação do Preclaro, e de tal maneira que realmente convença a pessoa que está ali como Preclaro que foi ouvida. O treinador repete qualquer linha da qual sinta não ter recebido um verdadeiro acusar de receção.

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente a uma distância confortável.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar o estudante a acusar exatamente a receção àquilo que foi dito, para que o Preclaro saiba que isso foi ouvido. Pergunte de vez em quando ao estudante: o que é que eu disse? Restrinja o acusar de receção. Nem demais nem de menos. A princípio deixe o estudante fazer qualquer coisa para fazer passar o acusar de receção, estabilize-o depois. Ensine-lhe que acusar a receção é uma paragem, e não o começo de um novo ciclo de comunicação, que não encoraje o



Preclaro a continuar, e que esse acusar de receção tem que ser apropriado à comunicação do Pc. O estudante tem que ser desabituaado de usar roboticamente "Muito bem", "Obrigado" como únicas formas de acusar a receção.

Ensinar, além disso, que uma pessoa pode deixar de fazer passar um acusar de receção, ou de parar um Pc, ou fazer saltar a cabeça do Pc com um acusar de receção.

LINGUAGEM: O treinador diz: "Começa", lê uma linha e diz: "Falhou" todas as vezes que sentir que acusar a receção foi incorreto. O treinador repete a mesma linha cada vez que diz "Falhou". "Pronto" pode ser usado para interromper para discussão ou para terminar a sessão. "Começa" tem que ser usado para começar um novo treino depois de um "Pronto".

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres em 1956 para ensinar a estudantes novos que acusar a receção acaba um ciclo de comunicação e um período, e que um novo comando inicia um novo período. Revisto em 1961, e outra vez em 1978 por L. Ron Hubbard

NÚMERO: TR 2 ½, 1978

NOME: Semi Acusar de Receção.

PROPÓSITO: Ensinar ao estudante que semi acusar de receção é um meio de encorajar o Preclaro a comunicar.

COMANDOS: O treinador lê linhas de "Alice no País das Maravilhas" omitindo "Ele disse" e o estudante semi acusa a receção ao treinador. O treinador repete qualquer linha que ele tenha sentido que não recebeu esse semi acusar de receção.

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente a uma distância confortável.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar ao estudante que semi acusar a receção é um meio de encorajar o Preclaro a **continuar** a falar. Restrinja um acusar de receção excessivo que impeça o Pc de falar. Além disso ensine-lhe que semi acusar a receção é uma maneira de manter o Pc a falar, dando ao Pc a sensação que está a ser ouvido.

LINGUAGEM: O treinador diz: "Começa", lê uma linha e diz: "Falhou" todas as vezes que sentir que houve um semi acusar de receção incorreto. O treinador repete a mesma linha cada vez que diz "Falhou". "Pronto" pode ser usado para parar para discussão ou terminar a sessão. Se a sessão for parada para discussão o treinador tem que dizer "Começa" mais uma vez antes de retomar a atividade.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Julho de 1978 para treinar os auditores em como levar o Preclaro a continuar a falar, como na R3RA.

NÚMERO: TR 3 REVISTO 1961

NOME: Pergunta Duplicativa.

PROPÓSITO: Ensinar o estudante a duplicar, sem variação, uma pergunta de audição, cada vez de novo na sua própria unidade de tempo, e não como uma misturada com outras perguntas, acusando-lhe a receção. Ensinar que uma pessoa nunca faz uma segunda pergunta sem ter obtido a resposta à primeira.

COMANDOS: "Os peixes nadam?" ou "Os pássaros voam?"



POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados a uma distância confortável.

ÊNFASE DE TREINO: Uma pergunta e o acusar de receção de estudante à resposta, numa unidade de tempo, que então termina. Impedir que o estudante se afaste para variações do comando. Embora seja a mesma pergunta, esta é feita como se nunca tivesse ocorrido.

O estudante tem que aprender a dar um comando, a receber uma resposta e a acusar-lhe a receção numa unidade de tempo.

O estudante é reprovado se não conseguir uma resposta à pergunta feita, se falhar em repetir a pergunta exata, se fizer Q&A com as divagações do treinador.

LINGUAGEM: O treinador usa "Começa" e "Pronto", como nos TRs anteriores. O treinador não é obrigado a responder à pergunta do estudante, podendo fazer um atraso de comunicação (comunicação lag), ou dar respostas tipo comentário para enganar o estudante. O treinador também deve responder regularmente. De uma forma menos regular o treinador tenta levar o estudante a fazer Q&A ou a perturbá-lo. Exemplo:

Estudante: "Os peixes nadam?"

Treinador: "Sim."

Estudante: "Muito bem."

Estudante: "Os peixes nadam?"

Treinador: "Não estás com fome?"

Estudante: "Sim."

Treinador: "Falhou!"

Quando a pergunta não é respondida, o estudante tem que dizer suavemente, "Vou repetir a pergunta de audição", e fá-lo até conseguir a resposta. Qualquer coisa para além dos comandos, de acusar a receção e, conforme necessário, da frase de repetição, é reprovada. O uso desnecessário da frase de repetição é reprovado. Um comando deficiente é reprovado. Um acusar de receção deficiente é reprovado. Q&A é reprovado (como no exemplo). Uma má-emoção ou confusão do estudante é reprovada. Uma falha do estudante em dar o comando seguinte sem um grande atraso de comunicação é reprovada. Um acusar de receção cortante ou prematuro é reprovado. Uma falta de acusar a receção (ou falta de uma comunicação clara) é reprovada. Quaisquer palavras do treinador exceto uma resposta à pergunta, "Começa", "Falhou", "Muito bem" ou "Pronto" não deverão influenciar em nada o estudante, exceto levá-lo a dar a frase de repetição e o comando, mais uma vez. Por frase de repetição queremos dizer "Vou repetir a pergunta de audição".

"Começa", "Falhou", "Muito bem" e "Pronto" não podem ser usados para desorientar ou enganar o estudante. Quaisquer outros "dichotes" podem ser usados. Neste TR o treinador pode tentar deixar a cadeira. Se ele o conseguir, o estudante é reprovado. O treinador não deve usar declarações introvertidas como: "Tive uma cognição". As declarações divertidas do treinador deverão todas ser relacionadas com o estudante, e concebidas para enganarem o estudante e levá-lo a perder o controlo da sessão, ou da ordem daquilo que está a fazer. O trabalho do estudante é manter a sessão em marcha apesar de tudo, usando o comando, a frase de repetição ou o acusar de receção. O estudante pode usar as mãos para impedir o abandono do treinador. Se o estudante fizer qualquer outra coisa além do descrito acima, é reprovado e o treinador tem que lho dizer.



HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres em Abril de 1956, para ultrapassar as variações e mudanças repentinas nas sessões. Revisto em 1961 por L. Ron Hubbard. O TR antigo tem uma ponte de comunicação como parte do treino, mas isto agora já faz parte, e é ensinado, na Sessão Modelo, e já não é necessário neste nível. Os auditores têm fraquejado em conseguir respostas às suas perguntas. Este TR foi redesenhado para remediar essa fragilidade

NÚMERO: TR 4 REVISTO 1961

NOME: Originações do Preclaro.

PROPÓSITO: Ensinar o estudante a não ficar embatocado ou surpreendido ou fora de sessão pelas originações do Preclaro, e a manter ARC com o Preclaro durante a originação.

COMANDOS: O estudante percorre "Os peixes nadam?" ou "Os pássaros voam?" no treinador. O treinador responde, mas de vez em quando faz comentários surpreendentes a partir de uma lista preparada fornecida pelo Supervisor. O estudante tem que manejar as originações até satisfação do treinador.

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente a uma distância confortável.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar o estudante a ouvir a originação e a fazer três coisas:

1. Compreendê-la.
 2. Acusar-lhe a receção e
 3. Retornar o Preclaro para a sessão.
- Se o treinador sentir que há brusquidão, demoras, ou faltas de compreensão, corrige o estudante.

LINGUAGEM: Todas as originações têm a ver com o treinador, com as suas ideias, reações ou dificuldades, e não têm nada a ver com o auditor. Tirando isto, a linguagem é a mesma dos TRs anteriores. A linguagem do estudante é governada por:

1. Clarificar e compreender a originação.
2. Acusar a receção da originação.
3. Dar a frase de repetição: "Vou repetir o comando de audição", e depois dá-lo. Qualquer outra coisa é reprovada.

O auditor tem que ser ensinado a evitar quebras de ARC e a diferenciar entre um problema vital que tem a ver com o Preclaro, e um mero esforço para abandonar a sessão. (TR 3 Revisto). O estudante é chumbado se fizer mais do que: 1. Compreender; 2. Acusar a Receção; 3. Devolver o Pc à sessão.

O treinador pode introduzir comentários pessoais relacionados com o estudante, como no TR 3. Se o estudante não os diferenciar (tentando manejá-los) das observações do treinador sobre si próprio como "Pc", é um chumbo.

Uma falta de persistência do estudante é sempre reprovada em qualquer TR, mas ainda mais aqui. O treinador nem sempre deve fazer a originação a partir da lista, nem olhar para o estudante ao fazer um comentário. Por Originação quer-se dizer uma declaração ou observação referente ao estado do treinador, ou fingido. Por comentário queremos dizer uma declaração ou comentário referente apenas ao estudante ou à sala. *Originações são manejadas, Comentários são negligenciados pelo estudante.*

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres em Abril de 1956 para ensinar os auditores a ficarem em sessão quando o Preclaro escorrega para fora. Revisto por L. Ron Hubbard em 1961 para ensinar ao auditor mais sobre como manejar originações, evitando Quebras de ARC.



Como o TR 5 também faz parte dos CCHs pode ser omitido nos TRs do Curso de Comunicação, apesar da sua presença nas listas anteriores para estudantes e auditores de pessoal.

NOTA DE TREINO

É melhor passar através destes TRs várias vezes ficando estes cada vez mais duros, do que ficar pendurado para sempre num TR, ou ser tão duro a princípio que o estudante entra em declínio.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 24 DE MAIO DE 1968

Remimeo

TREINAMENTO

A fim de o ajudar tanto quanto possível nos cursos na função de treinador, encontra em baixo alguns dados:

1. *Treine com um propósito*

a) Ao treinar, mantenha o objetivo de o estudante vir a fazer o exercício de treino corretamente; mantenha o propósito de trabalhar para alcançar esta meta. Como treinador, quando corrigir o estudante não o faça sem razão ou objetivo. Tenha em mente o propósito de o estudante obter uma melhor compreensão do exercício de treino, e de o fazer o melhor que puder.

2. *Treine com realidade*

a) Seja realista no seu treino. Quando der uma Originação a um estudante, faça uma verdadeira Originação e não apenas uma coisa que a folha diz que deve dizer; para que tudo se passe como se o estudante tivesse que a manejar, exatamente como você a disse, em condições e circunstâncias reais. Isto não quer, no entanto, dizer que sinta realmente, ao treinar, as coisas que está a dizer, como quando, por exemplo diz: “dói-me esta perna”. Isto não significa que a perna tenha que doer, mas deve dizê-lo de forma a transmitir ao estudante a ideia de que lhe dói a perna. Outra coisa: não use experiências do passado no treino. Seja imaginativo no presente.

3. *Treine com uma intenção*

a) Subjacente a todo o treino deverá estar a intenção de, ao terminar a sessão, o estudante ter a consciência de estar no fim melhor do que no princípio. O estudante deve sentir que realizou alguma coisa nesse passo do treino, por pouco que seja. Enquanto treina, a sua intenção é, e deverá sempre ser, que o estudante em treino fique mais capaz, e que tenha uma melhor compreensão daquilo em que está a ser treinado.

4. *No treino, tome uma coisa de cada vez*

a) Por exemplo: Ao usar o TR 4, se o estudante atinge a meta fixada para o TR 4, verifique então os TRs precedentes, um de cada vez. Ele está a confrontar? Cada vez que ele origina a pergunta é como se fosse dele próprio e tem mesmo a intenção que você a receba? Ao acusar a receção termine o ciclo de comunicação, etc. Mas treine estas coisas uma de cada vez; nunca duas ou mais ao mesmo tempo. Assegure-se que o estudante faz corretamente cada coisa antes de passar ao passo seguinte do treino. Quanto melhor um estudante executar um certo exercício ou parte dum exercício pedido, você, como treinador, maior destreza deve exigir dele. Isto não significa “nunca estar satisfeito”. Significa sim que uma pessoa pode sempre melhorar e que, depois de alcançar uma certa plataforma de capacidade, deve trabalhar para alcançar uma nova plataforma.

Como treinador, deve sempre trabalhar com vista a dar treino melhor e mais preciso. Nunca se permita fazer um trabalho descuidado como treinador, porque estaria a prestar um mau serviço ao seu estudante, e duvidamos que gostasse que lhe prestassem a si um mau serviço desses. Se alguma vez tiver dúvidas acerca da correção do que ele ou você



está a fazer, melhor será perguntar ao Supervisor. Ele terá muito gosto em ajudar, indicando os materiais corretos.

Ao treinar nunca dê uma opinião como tal, mas sempre as suas instruções com uma afirmação direta, em vez de dizer “penso que” ou “Bem, talvez deva ser desta forma”, etc.

Como treinador, você é o primeiro responsável pela sessão e pelos resultados obtidos pelo estudante. Isto não significa, é claro, que seja totalmente responsável, mas você tem mesmo responsabilidade para com o estudante e a sessão. Certifique-se de que mantém sempre um bom controlo sobre o estudante e dê-lhe boas diretivas.

De vez em quando, ao fazer algo incorreto, o estudante começará a racionalizar e a justificar o que está a fazer. Dará razões e porquês. Falar extensamente sobre essas coisas não adianta muito. A única coisa que realmente chega às metas do TR e soluciona qualquer divergência é fazer a Rotina de Treino. Fazê-lo leva mais longe do que falar sobre ele.

Nos exercícios de treino o treinador deve treinar com os materiais dados sob os títulos “Ênfase do Treino” e “Propósito” da folha de treino.

Estes exercícios de treino têm ocasionalmente a tendência de perturbar o estudante. Durante um exercício existe a possibilidade do estudante se zangar, ficar extremamente perturbado ou sofrer qualquer má-emoção. Se isto ocorrer, o treinador não deve “recuar”. Deve continuar com o exercício de treino até ele o poder fazer sem tensão nem coação, e sentir-se “bem com ele”. Portanto, não “recue”, mas empurre o estudante através de quaisquer dificuldades que ele possa ter.

Há uma pequena coisa que a maioria das pessoas se esquecem de fazer, que é, quando o estudante executou bem o exercício ou fez um bom trabalho num passo particular, dizer-lhe que o fez. Além de corrigir os erros também se deve louvar a correção.

Dê “falha” muito decididamente ao estudante por qualquer coisa que se traduza em “auto-treino”. A razão é que o estudante terá tendência a introverter-se e olhará demasiado para o que está a fazer e como o está a fazer em vez de simplesmente o fazer.

Como treinador mantenha a sua atenção no estudante e em como ele vai, e não tanto no que você próprio está a fazer, o que o faria esquecer o estudante e a sua consciência da capacidade ou incapacidade dele de fazer o exercício corretamente. É fácil ficar “interessante” para um estudante, fazê-lo rir e representar um pouco. Porém o seu trabalho principal como treinador é verificar a que ponto ele se pode tornar capaz em cada exercício de treino, e é nisso que tem que ter a sua atenção; nisso e em como ele vai.

Em larga medida, os progressos do estudante são determinados pelo nível do treino. Ser um bom treinador produz auditores que, por seu turno, produzirão bons resultados nos preclaros. Bons resultados produzem pessoas melhores.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 26 de ABRIL de 1971

Emissão I

Remimeo
Chshts de DN
Chshts dos Graus de Scn
Cramming
Auditores do HGC

TRs E COGNIÇÕES

Em presença de maus TRs não há cognições.

As cognições são as demarcações que indicam que existem ganhos ao nível do caso.

Não há ganhos ao nível do caso em presença de maus TRs, de má utilização do e-metro, de transgressões do código e de um auditor que distrai.

Quando um auditor tem TRs suaves, segundo as normas, que utiliza o seu e-metro com perícia, sem chamar a atenção do pc, quando segue o código do auditor (sobretudo no que respeita a avaliação e invalidação) e quando, enquanto auditor, está interessado e não interessante, o pc tem cognições e ganhos do ponto de vista do caso.

Para mais, conforme os axiomas, põe-se ordem no banco, quando se faz AS-IS do conteúdo. Se a atenção do pc é desviada pelo auditor e pelo e-metro, ela não está no seu banco e não pode haver AS-IS.

A definição de “em sessão” é a seguinte: INTERESSADO NO SEU PRÓPRIO CASO E DISPOSTO A FALAR AO AUDITOR. Quando a sessão em curso corresponde a esta definição, o pc vai certamente ser capaz de fazer as-is e vai ter cognições.

Na “Tese original” diz-se que o auditor mais o pc são mais fortes que o banco do pc. Quando o auditor e o banco submergem ambos o pc, o banco parece ser mais forte que o pc. É uma situação que dá um TA baixo ao pc.

Um auditor que não se ouve, que não acusa a receção, que não dá o comando seguinte ao pc, que não consegue manejar as originações, tem simplesmente MAUS TRs.

O auditor que procura mostrar-se interessante aos olhos do pc, que acusa a receção excessivamente, que se ri ruidosamente chama a atenção do pc. Por isso, a atenção do pc não está no seu banco, ele não faz as-is e não tem cognições.

O auditor que passa além das F/Ns ou que indica as F/Ns no momento errado, ou que diz ao pc “isso deu leitura”, “isso provocou um Blowdown”, etc., ou que usa o e-metro de forma a distrair o pc (que sabe quando está percorrido de menos ou overrun e que sabe quando o auditor comete erros com o e-metro) transgride naturalmente a definição de EM SESSÃO. O pc põe a sua atenção no e-metro, e não no banco, o que o impede de fazer as-is e de ter cognições.

A invalidação e a avaliação da parte do auditor, são uma maldade pura e simples. Elas impedem o pc de ter cognições. As outras transgressões do código são igualmente perturbadoras.

UMA SESSÃO PERFEITA

Se se compreender a definição perfeita de EM SESSÃO, se se compreender que é necessário que o pc tenha a sua atenção no banco para fazer as-is dele e se se vir o que, numa sessão, provocará uma cognição (as-is da aberração acompanhada de uma tomada de consciência em relação à vida), seremos capazes de detetar todas as coisas que, nos TRs, no uso do e-metro e no código, serão obstáculo aos ganhos que um caso possa ter.



Uma vez detetados os erros nos TRs e no uso do e-metro e as transgressões ao código que VÃO CONTRA a definição de EM SESSÃO, ver-se-á o que impede o pc de fazer as-is e de ter cognições.

Quando isso estiver bem compreendido, seremos capazes, nesse momento, de ver claramente o que significam TRs DENTRO, USO CORRETO DO E-METRO e APLICAÇÃO CORRETO DO CÓDIGO.

Pode haver uma quantidade infinita de erros. Há apenas algumas formas corretas de proceder.

Para reconhecer TRs corretos, um uso correto do e-metro e um uso correto do código, apenas é preciso:

- (a) compreender os princípios enunciados neste boletim, e
- (b) de os pôr em prática a fim de que se tornem um hábito.

Quando tudo isto estiver bem dominado, os pcs terão cognições e ganhos ao nível dos seus casos e estarão ao lado dos “seus auditores”!

L. RON HUBBARD

Fundador



SECÇÃO QUATRO - OBJETIVOS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 19 DE MARÇO DE 1978

Remimeo
Snr HSDC

OBJETIVOS À PRESSA

Ref:	HCOB 12 Abril 62,	PROPÓSITO DOS CCHs
	HCOB 11 Jun. 57	TREINO & PROCESSOS de CCH
	HCOB 3 Fev. 59,	ESGOTAR UM PROCESSO
	CRIAÇÃO DA CAPACIDADE HUMANA	
	CONTROLO E AS MECÂNICAS DE SCS	
	HCOB 14 Ago 63,	GRÁFICOS da CONFERÊNCIA (Nº. 5 pág. 342 Vol. V)

Recentes investigações à eficácia dos RDs de Drogas, incluindo a sua taxa de reparação e re-reparação, revelou uma tendência marcada para Objetivos à pressa.

Um fracasso em correr Objetivos a fundo e completamente, especialmente num caso com uma extensa história de drogas, pode preparar o Pc para menos do que ganho ótimo em Dianética. Um RD de Drogas sem Objetivos a fundo e completos não é um RD de Drogas.

COMM DUAS VIAS

A maneira mais fácil e muito fora de Tech para apressar Objetivos é correr alguns comandos e então pôr o Pc no e-metro e 2WC para F/N, ou fazer alguma rápida “Reab”. Mas o processo Objetivo alguma vez foi corrido? O que é que de facto flutuou, o Objetivo ou 2WC? Qualquer Objetivo corrido deste modo é nulo.

A Tech de Objetivos é extensa e ainda bem em vigor. Eles têm os seus próprios EPs, e com estes eles são corridos completamente para uma verdadeira mudança do Pc. Só este é o manejo válido dos Objetivos.

CURA

A maneira de manejar auditores que apressam Objetivos é W/C a fundo no assunto, uma grande demonstração em massa do propósito dos Objetivos e uma grande demonstração em massa do efeito que os Objetivos têm no percurso de um RD de Drogas e R3R. Então alise os próprios Objetivos do auditor.

Qualquer RD de Drogas que precise de ser reparado ou feito novamente tem que incluir um estudo cuidadoso dos Objetivos para ver se foram corridos honestamente, e se os EPs válidos dos Objetivos dos próprios processos foram atingidos. Onde o Objetivo foi obviamente apressado basta dar o fator-R ao Pc que você o vai esgotar. Se o EP de um Objetivo foi questionável, você pode perguntar ao Pc o que aconteceu, e se ele der F/N num real EP do Objetivo, ótimo, caso contrário esgote o processo.

Um RD de Drogas completo com Objetivos prepara a fase de o Pc voar pelo Quadro de Graus acima, logo faça-o bem à primeira.

L. RON HUBBARD

Fundador

Ajudado por CS-5



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 7 DE MAIO DE 1968

Remimeo

TRs DE DOCTRINAÇÃO SUPERIOR

Os TRs seguintes são os TRs de Doutrinação Superior de 6 a 9, inclusive.

Número: TR 6

Nome: 8-C (Controlo do Corpo)

Comandos: Não-verbais durante a primeira metade da sessão de treino. Na primeira metade da sessão de treino o estudante guia silenciosamente o corpo do treinador pela sala, sem tocar as paredes, começando, mudando e parando silenciosamente o corpo do treinador. Quando dominou totalmente o 8-C não verbal, o estudante pode começar com o 8-C verbal.

Os comandos a serem usados para o 8-C são:

"Olha para aquela parede". "Obrigado."

"Caminha até aquela parede". "Obrigado."

"Toca nessa parede". "Obrigado."

"Volta-te". "Obrigado."

Posição: O estudante e o treinador andam lado a lado, o estudante sempre no lado direito do treinador, exceto ao virar.

Propósito: Primeira parte: Acostumar o estudante a mover outro corpo que não o seu, sem comunicação verbal. Segunda parte: Acostumar o estudante a mover outro corpo dando, e só enquanto dá os comandos, e também aos próprios comandos de 8-C.

Ênfase do Treino: Precisão completa e seca de movimentos e comandos. O estudante, como em qualquer outro TR, é reprovado (Falhou) tanto no TR corrente como nos TRs anteriores. Assim, neste caso, o treinador dá falha ao estudante por cada hesitação ou nervosismo ao deslocar o corpo, por cada engano no comando, por confronto deficiente, por má comunicação do comando, por acusar de receção deficiente, por má repetição do comando e falta de manejar uma originação do treinador. Atenção para que o estudante aprenda a conduzir levemente todos os movimentos ao andar pela sala, ou através da sala. Ver-se-á que isto tem muito a ver com confronto. Na primeira parte da sessão não é permitido ao estudante levar o treinador de encontro à parede pois nesse momento as paredes tornam-se paragens automáticas e não é o estudante a parar o corpo do treinador, permitindo que a parede o faça por ele.

História: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Camden, New Jersey em Outubro de 1953, modificado em Julho de 1957 em Washington, D.C., sendo os comandos modificados no HCOB 16 Nov. 1965, Emissão II.

Número: TR 7

Nome: Doutrinação Superior.

Comandos: Os mesmos que do 8-C (controle) mas com o estudante em contacto físico com o treinador. O estudante força os comandos através de condução manual. Há só três declarações do treinador a que o estudante tem que ligar: "Começa" para começar a sessão de treino, "Falhou" para chamar a atenção do estudante para o seu erro e "Pronto" para acabar a sessão de treino. Nenhum outro comentário do treinador é relevante para o estudante. O treinador tenta parar o estudante de exercer controlo sobre si de todas as maneiras possíveis, verbais, encobertas e físicas. Se o estudante tropeçar, tiver um atraso de comunicação, se se atrapalhar com um comando ou o treinador falhar a execução do mesmo, o treinador diz: "Falhou!" e eles



recomeçam no início do ciclo de comandos no qual o erro ocorreu. Não é permitido ao treinador atirar-se para o chão.

Posição: Estudante e Treinador ambulantes. O estudante maneja o treinador fisicamente.

Propósito: Treinar o estudante a nunca ser parado por uma pessoa quando ele lhe dá o comando. Treiná-lo a exercer um bom controle em quaisquer circunstâncias. Ensinar-lhe a manejar pessoas rebeldes. Criar nele a disposição de manejar as outras pessoas.

Ênfase do Treino: Dar ênfase à precisão do estudante e sua persistência. Começar a endurecer gradualmente a resistência do estudante. Não o matar imediatamente.

História: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, Inglaterra, em 1956.

Número: TR 8

Nome: Tom 40 num Objeto.

Comandos: "Levanta-te". "Obrigado". "Senta-te nessa cadeira". "Obrigado". Estes são os únicos comandos utilizados.

Posição: Estudante está sentado numa cadeira em frente de outra cadeira que tem em cima um cinzeiro. O treinador senta-se numa cadeira na frente das cadeiras ocupadas pelo estudante e pelo cinzeiro.

Propósito: Levar o estudante a conseguir claramente comandos em Tom 40. Clarificar como as intenções são diferentes das palavras. Iniciar o estudante no caminho de manejar objetos e pessoas com postulados. Obter obediência, mas não inteiramente baseada em comandos verbais.

Ênfase do Treino: O TR 8 é começado com o estudante a pegar no cinzeiro, dando-lhe os comandos que ele faz executar manualmente. Sob o título de ênfase do treino são incluídas as várias maneiras e meios de levar o estudante a atingir os objetivos neste passo do treino. Durante as primeiras partes deste exercício, digamos a primeira sessão de treino, o estudante deverá ser treinado nas partes básicas do exercício, uma de cada vez. Primeiro, localizar o espaço que o inclui a ele próprio e ao cinzeiro, **mas não mais do que isso**. Segundo, localizar o objeto nesse espaço. Terceiro, comandar o objeto na mais alta voz possível que ele possa dominar. Isto chama-se gritar. A linguagem do treinador seria algo deste tipo: "Localiza o espaço". "Localiza o objeto nesse espaço". "Comanda-o tão alto quanto puderes". "Acusa-lhe a receção tão alto quanto puderes". "Comanda-o tão alto quanto puderes". "Acusa-lhe a receção tão alto quanto puderes". Isso completaria dois ciclos de ação. Quando gritar estiver completo, então o estudante vai para um tom de voz normal com muita atenção do treinador ao estudante ao fazer a *intenção* chegar até ao objeto. Depois põe o estudante a fazer o exercício usando os comandos errados. Exemplo: dizer "Obrigado" enquanto está a colocar no objeto a intenção de se levantar, etc. Depois faz o estudante exercitar-se silenciosamente, pondo a intenção no objeto sem nem sequer pensar nas palavras dos comandos ou de acusar a receção. O passo final seria o treinador dizer: "Começa" e nada mais que o treinador dissesse seria relevante para o estudante, exceto "Falhou" e "Pronto". Aqui o treinador tentaria distrair o estudante usando todos os meios verbais possíveis para o tirar (o estudante) do Tom 40. Fisicamente não seria mais do que tocar no joelho ou no ombro o estudante para conseguir a sua atenção. Quando o estudante conseguir manter o Tom 40 e puser uma intenção limpa no objeto em cada comando e cada acusar de receção, o exercício está esgotado.

Existem outras maneiras de ajudar o estudante a passar através disto. Ocasionalmente o treinador pergunta:

"Estás disposto a estar naquele cinzeiro?" Quando o estudante responde:

"Estás disposto a que um pensamento esteja lá em vez de ti?" Então o exercício continua. As respostas a estas duas perguntas não são tão importantes, mas sim o facto de trazer esta ideia à atenção do estudante.

Outra pergunta que o treinador fará ao estudante é:

"Esperavas mesmo que o cinzeiro cumprisse esse comando?"



Este é um exercício que aumentará muito a realidade do estudante sobre o que é que uma intenção. O treinador pode usar este exercício três ou quatro vezes durante o treino de Tom 40 sobre um objeto, da seguinte maneira:

"Pensa o pensamento: "Eu sou uma flor silvestre". "Ótimo".

"Pensa o pensamento de que estás sentado numa cadeira". "Ótimo".

"Imagina esse pensamento dentro daquele cinzeiro". "Ótimo".

"Imagina aquele cinzeiro com esse pensamento na sua substância". "Ótimo".

"Agora leva o cinzeiro a pensar que é um cinzeiro". "Ótimo".

"Leva o cinzeiro a tencionar continuar a ser um cinzeiro". "Ótimo".

"Leva o cinzeiro a tencionar ficar onde está". "Ótimo".

"Manda o cinzeiro terminar esse ciclo". "Ótimo".

"Põe no cinzeiro a intenção de ficar onde está". "Ótimo".

Isto também ajuda o estudante a obter realidade sobre colocar uma intenção em algo separado dele próprio. Sublinha que uma intenção não tem nada a ver com palavras e não tem nada a ver com a voz, e nem sequer depende de pensar em certas palavras. Uma intenção tem que ser clara e não conter qualquer contra intenção. Este exercício, Tom 40 sobre um Objeto leva normalmente mais tempo do que qualquer outro de Doutrinação Superior, mas o tempo gasto é bem gasto. Os objetos a serem usados são cinzeiros, de preferência de vidro, pesados e coloridos.

História: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., em 1957 para treinar os estudantes a usar a intenção quando auditam.

Número: TR 9

Nome: Tom 40 sobre uma Pessoa.

Comandos: Os mesmos de 8-C (Controlo). O estudante gera uma intenção boa e nítida e ordens verbais sobre o treinador. O treinador tenta quebrar o Tom 40 do estudante. Os comandos válidos do treinador são: "Começa" para começar. "Falhou" para chamar a atenção para o erro do estudante e para dizer que eles têm que voltar ao início do ciclo, e "Pronto" para fazer um intervalo ou para acabar a sessão de treino. Nenhuma outra declaração do treinador é válida para o estudante e é apenas um esforço para arrancar o estudante do Tom 40 ou para o parar em geral.

Posição: Estudante e treinador ambulantes. O estudante em contacto manual com o treinador conforme necessário.

Propósito: Tornar o estudante capaz de manter o Tom 40 sob qualquer pressão ou dureza.

Ênfase do Treino: Deve ser usada pelo estudante a quantidade exata de esforço físico mais uma intenção compulsória, não verbalizada. Não são permitidas lutas e puxões, visto que cada puxão é uma paragem. O estudante tem que aprender a aumentar suave e rapidamente o esforço necessário para levar o treinador a obedecer. A atenção é na intenção exata, força exata necessárias, Tom 40 exato. Até um ligeiro sorriso do estudante pode ser uma Falha. Força demais deve ser reprovada. Força a menos é com certeza reprovada. Qualquer coisa que não seja Tom 40 é uma Falha. Aqui o treinador deverá verificar muito cuidadosamente a capacidade do estudante para colocar uma intenção no treinador. Isto pode ser verificado pelo treinador, pois o treinador ver-se-á "obrigado" a cumprir o comando, quase quer ele queira quer não, se o estudante fizer realmente passar a sua intenção. Uma vez o treinador satisfeito com a capacidade do estudante para passar a sua intenção, o treinador deverá então fazer tudo o que puder para quebrar o Tom 40 do estudante, especialmente através de surpresas e mudanças de ritmo. Assim o estudante será levado a uma maior tolerância e rápida recuperação de uma surpresa.

História: Desenvolvido em Washington, D.C., em 1957, por L. Ron Hubbard.



O propósito destes quatro exercícios de treino, TRs 6, 7, 8 e 9, é criar no estudante uma disposição e uma capacidade de manejar e controlar corpos de outras pessoas, e de confrontar alegremente outra pessoa enquanto dá comandos a essa mesma pessoa. Também para manter um alto nível de controlo em quaisquer circunstâncias.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCO BOLETIM DE 19 JANEIRO 1982

Emissão II

Remimeo

Tech

Qual

Checksheets de SRD, Nível I, NED, SHSBC

Checksheets TRs de Doutrinação Superior

DOUTRINAÇÃO DE ALTA ESCOLA

(Extraído do Manual ACC Preparatório para Estudantes Avançados de Cientologia).

REF: HCOB 4 Out. 56

DOUTRINAÇÃO de Alta Escola

PAB 152 15 Jan

OS CINCO NÍVEIS DE DOUTRINAÇÃO

HCOB 7 68 de maio

TRs de DOUTRINA SUPERIOR

O capítulo seguinte de Doutrinação de Alta Escola foi extraído do Manual ACC e publicado em HCOB para assegurar que os seus dados estão facilmente disponíveis para os estudantes de TRs de Doutrinação Superior.

Há cinco níveis de doutrinação do Auditor, cinco níveis de perícia na qual ele deve ser versado. Um destes é Doutrinação de Alta Escola.

De vez em quando, todo o Auditor se encontrou em circunstâncias difíceis e peculiares ao auditar um preclaro. Que tal o PC que lhe faz um “passe” sexual perfeitamente claro? E quando você disse: „caminha para a parede?” e o preclaro o olhou atentamente e perguntou: „você É um Theta Claro?” Então há o Pc que se senta, presumivelmente para ser auditado, e lança-lhe isto: „Oh, que bonita gravata que você tem hoje. Eu arranjei uma para o meu marido, só que é verde em vez de azul, quer dizer, a que eu lhe arranjei. E era para custar três e cinquenta, mas comprei-a a um grossista por dois e noventa e cinco porque conheço o dono da loja. Eu fui ao casamento da filha dele na semana passada. A minha sobrinha era para ser uma dama de honor, mas no último minuto...” sem parar. Ou talvez você tenha encontrado um „Tom Vinte”: „se eu vejo aquela parede? Bem, eu consigo ver através da parede! Consigo ver o universo MEST inteiro, em qualquer altura, em absoluto. Agora mesmo o sistema solar parece-me do tamanho de uma linha impressa”. Irrealidade, irreabilidade, irreabilidade.

Depois o que é que você fez? Ficou um nada tenso quando a Pc começou a apalpá-lo afetuosamente? Ficou um pouco brusco?

Você foi atraído a uma discussão da história do seu caso e estado corrente de exteriorização pelo tipo que queria saber se você era Claro? Um pouco sensível, talvez? E o preclaro que fala, e conversa, e conversa, e conversa? Você ficou a pensar: “é uma originação do preclaro? Deveria acusar-lhe a receção? Deveria ignorar isto? Há maneira de a amordaçar até ela conseguir: ‘localiza o teto?’”

Talvez ela esteja a estoirar Elos. Ou é este o seu Problema de Tempo de Presente? E nesse caso, qual é dos dezasseis itens que ela cobriu nos últimos três minutos?” Talvez você tenha o falador obsessivo em fita, mas como é que você se vê com o falso Tom Vinte? Um pouco confuso sobre como o levar a encontrar uma parede sem produzir torrentes de protestos angustiados? „Você está-me a invalidar! Você deve estar a correr-me em 8-0. Você está só a tentar prender-me na minha cabeça, porque você próprio é um Cinco Negro. Todos os meus percéticos theta se desligaram! O que é que você faz então?”



Bem, lá vem a Cavalaria dos Estados Unidos ajudar o Auditor parado, molesto e hostilizado. É chamado Doutrinação de Alta Escola. E nunca deveria acontecer ao homo sapiens; ele nunca sobreviveria a isso. Os Auditores, felizmente, são mais duros do que o homo sapiens. Eles saem disso, luminosos como um dólar, a gritarem: „Tragam os leões!”

Eis como acontece. Um instrutor, que agirá como preclaro, conduz um Estudante-Auditor a uma extensa sala, retirada. Assim que as palavras, „começo de sessão” saem da boca dele, o instrutor-preclaro pode cair ao chão desmaiado, desatar numa carga de desgosto selvagem, fugir para a porta, ou empancar como um burro com um vítreo olhar fixo, em branco. Ou talvez ele possa acariciar só o cabelo do Estudante-Auditor e murmurar: „você é realmente muito giro. Porquê é que não deixamos este pretenso...” “qualquer coisa que o instrutor-preclaro escolha por via da casualidade. Se o Estudante-Auditor se atola totalmente, um instrutor-preclaro de coração mole poderia dizer: „Fim de sessão, “e dar-lhe um par de dicas. Mais duros instrutores-preclaros franzem o sobrolho isto e acreditam em deixar o Estudante-Auditor sair da situação à sua maneira, mesmo que através de 76,000,000,000,000 anos de banda, ano a ano, para realizar isso.

O instrutor-preclaro pode ir de entusiasmo-maníaco à apatia mais profunda numa fração de segundo, e se o Estudante-Auditor não descobre instantaneamente a mudança de „nível de caso” sem o manejar devidamente, irá ouvi-las do instrutor-preclaro. Uma das coisas mais perturbadoras que o instrutor-preclaro faz é comportar-se como um preclaro belo, são, alto de tom durante minutos a fio. O Estudante-Auditor sabe que este estado de coisas não pode durar muito tempo. Será completamente esticado e, momento a momento, será esperada a próxima explosão repulsiva. É como andar com uma bicha-de-rabiar acesa à volta do quarto. Quando a tensão fica óbvia, o instrutor-preclaro dirá: „Fim de sessão”. E ele pode dizer, „para é que estás tão tenso? Relaxa. Começo de sessão”. Três segundos mais tarde, ele está com um ataque epilético no chão, completo com espuma e tudo.

Há um segundo passo da Doutrina de Alta Escola que é corrido sentado. Por esta altura o Estudante-Auditor tem bastante a certeza de que pode lutar com um preclaro que está a sair do seu controle a um nível físico geral. A forma sentada toma uma volta mais insidiosa. É usado algum processo muito simples, Locacional, ou „Olha para mim. Quem sou eu?”. O instrutor-preclaro sairá muito mais subtilmente de controlo. Ele tentará conseguir que o Estudante-Auditor mude o processo, com um pretexto ou outro. A coisa mais suja para a maior parte dos Estudantes-Auditores em Doutrinação Sentado é uma avalanche de críticas altamente pessoais e botões apontados diretamente ao Estudante-Auditor. Quando ele estremece notoriamente, o instrutor-preclaro persegue o mesmo tópico para o fim pleno. „As suas mãos têm um cheiro estranho. Você não as lava? Há também muita sujidade nas unhas. Cuidado. Não me arranhe e arranje uma infeção”.

Ou, talvez: „se a Cientologia é tão boa, porá que é que ainda usa óculos?” Por outras palavras, o instrutor-preclaro abre fogo com ambos os canos sobre qualquer coisa que ele suspeite a que o Estudante-Auditor poderia ser na verdade um pouco sensível. Quando um Estudante-Auditor sobreviveu a esta fase de Doutrinação de Alta Escola, e descobre que ainda pode dar um comando de audição e ver que é executado, ele quase alcançou um porte e compostura inabaláveis!

Pode soar inumano, mas não está fora de alcance. Há estudantes a chegar diariamente a esta meta, estudantes que titubeavam, e estudantes inquietos. Estudantes que não podiam confrontar ou controlar um PC, e correram um processo no nível N de abstração. (Sabe, eles „corriam 8C num preclaro durante uma hora”, não pondo este preclaro a caminhar para aquela parede, agora mesmo). Eles podem fazer todos os minutos de uma sessão agora, porque tudo o que eles fazem em sessão é AUDIÇÃO. É o que se espera da rotina de um diplomado de ACC no presente dia. Pode ser ensinado a quem está disposto a aprender.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 19 DE JUNHO DE 1978

Remimeo

Nova Era Dianética Série 3

OBJETIVO ARC

Eu juntei recentemente um novo processo para ser feito antes de toda a bateria de Processos Objetivos. É chamado Objetivo ARC.

Objetivo ARC é o primeiro Processo Objetivo a ser feito num Pc. É seguido pelos CCHs 1-10, Op Pro by Dup. SCS num objeto, SCS, e SOP 8C conforme HCOB 11 Jun. 57 Reeditado a 12 Maio 77, Treino e Processos de CCHs, PAB 80, PAB 97, PAB 34, e HCOB 4 Fevereiro 59, Op Pro by Dup.

Os comandos de Objetivo ARC são corridos 1-2-3, 1-2-3, três comandos dados repetitivamente.

Os comandos são:

“Olha aqui à volta e encontra alguma coisa realmente real para ti”

“Olha aqui à volta e encontra alguma coisa com que não te importarias de comunicar”

“Olha aqui à volta e encontra alguma coisa que não te importarias que estivesse para aí”

(Uma alteração do comando original porque o comando original era muito íngreme).

Pc e auditor ambulantes.

Este processo morderá de repente e trará uma pessoa para tempo presente. Foi conhecido por rachar casos.

De todos os Objetivos, este processo tende a ser o mais curto. Termina frequentemente com uma Cog muito brilhante depois de apenas alguns comandos.

O fenómeno final deste processo seria a pessoa em tempo presente, cognição e muito bons indicadores, acompanhados por uma F/N.

O anterior realizará uma grande coisa para o Pc se feito corretamente e com TRs impecáveis.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 1 DE DEZEMBRO DE 1965

Remimeo

Todos os Estudantes

Cursos de Saint Hill

Todo o Staff

CCHs

(Substitui o HCOB 5 Jul. 63, CCHs Rescritos)

Segundo a HCOPL 17 Maio 65. Os CCHs são processos.

Estes não são Exercícios

O percurso seguinte revisto sobre os CCHs tem que ser usado por todos os Auditores.

PROCESSOS DE CONTROLO - COMUNICAÇÃO - HAVINGNESS

O percurso seguinte dos CCHs 1, 2, 3 e 4 foi ligeiramente emendado. Os CCHs são percorridos da seguinte maneira:

CCH 1 até um ponto esgotado, depois CCH 2 até um ponto esgotado, depois CCH 3 até um ponto esgotado, depois CCH 4 até um ponto esgotado, depois CCH 1 até um ponto esgotado, etc.

Nº: CCH 1.

NOME: DÁ-ME ESSA MÃO. Tom 40.

COMANDOS DE AUDIÇÃO: *DÁ-ME ESSA MÃO.*

Ação física de pegar na mão quando esta não é dada e depois voltar a pô-la no colo do Pc. Contacto físico com a mão do Pc se o Pc resistir. OBRIGADO para acabar cada ciclo.

Tudo Tom 40 com uma intenção clara, cada comando numa unidade de tempo. Tomar cada nova mudança Física manifestada como se fosse uma originação do Pc, quando acontecer, indagando com a pergunta "O que é que se está a passar?" Esta comunicação nos dois sentidos não é Tom 40. Percorrer só na mão direita.

POSIÇÃO DE AUDIÇÃO: Auditor e Pc sentados em cadeiras sem braços. Os joelhos do Auditor por fora dos joelhos do Pc.

PROPÓSITO DO PROCESSO: Demonstrar ao Pc que o controlo do corpo do Pc é possível, apesar da revolta dos Circuitos, convidando o Pc a controlá-lo diretamente. Controlo absoluto da parte do Auditor que então passa para o controlo absoluto do Pc, do seu próprio corpo.

Nunca pare o processo até ter atingido um ponto esgotado. Podem ser introduzidas paragens no fim do ciclo, isto depois do OBRIGADO e antes do próximo comando, mantendo uma linha de comunicação sólida, para obter informação do Pc, ou fazer uma ponte para sair do processo. Isto é feito entre dois comandos, seguindo a mão do Pc depois de acusar a receção. A mão do Pc deve ser agarrada com a pressão exatamente correta. Faça todos os comandos e ciclos separados. Mantenha Tom 40, dê ênfase à intenção do Auditor para o Pc em cada comando. Deixe um momento para que o Pc o execute por vontade própria antes de decidir pegar-lhe na mão ou entrar em contacto com ela. O Auditor indica a mão com um aceno de cabeça.



Comando Tom 40 = Intenção sem reservas.

Uma mudança é qualquer manifestação física observada.

Nº: CCH 2.

NOME: 8-C TOM 40

COMANDOS DE AUDIÇÃO:

TU OLHA PARA AQUELA PAREDE. OBRIGADO.

TU CAMINHA ATÉ AQUELA PAREDE. OBRIGADO.

TU TOCA NESSA PAREDE. OBRIGADO.

VOLTA-TE. OBRIGADO.

Considere cada nova mudança física manifestada como originação do Pc, quando acontecer, perguntando: "O que é que se está a passar?" Esta 2WC não é Tom 40. Os comandos são forçados suave e fisicamente conforme necessário. Tom 40 é intenção total.

POSIÇÃO DE AUDIÇÃO: Auditor e Pc ambulantes, Auditor em contacto físico com o Pc conforme necessário.

PROPÓSITO DO PROCESSO: Mostrar ao Pc que o seu corpo pode ser controlado convidando-o assim a controlá-lo. Orientá-lo no seu Ambiente de tempo presente. Aumentar a sua capacidade de duplicar e assim aumentar a sua Havingness.

Precisão Absoluta do Auditor. Sem quebras do Tom 40. Sem enganos. Tempo presente total. Auditor do lado direito do Pc. O corpo do Auditor atua como bloqueio ao avanço quando o Pc se vira. O Auditor dá o comando, dá tempo ao Pc para este obedecer forçando depois o comando com contacto físico, com a força exatamente correta, para fazer executar o comando. O Auditor não impede o Pc de executar os comandos. Método de introdução como no CCH 1. Paragens podem ser introduzidas no fim de cada ciclo, depois do OBRIGADO e antes do próximo comando, mantendo uma linha de comunicação sólida, para obter informação do Pc ou para sair do processo, isto é, acusar a receção, "OBRIGADO", depois do comando "VOLTA-TE".

O CCH 1 e o CCH 2 foram desenvolvidos por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., em 1957 para o 19º ACC.

Nº: CCH 3.

NOME: MÍMICA DE MÃOS NO ESPAÇO

COMANDOS DE AUDIÇÃO: O Auditor levanta as duas mãos com as palmas defronte para as do Pc a uma distância igual entre ele e o Pc e diz: "PÕE AS TUAS MÃOS CONTRA AS MINHAS, SEGUE-AS E CONTRIBUI PARA O SEU MOVIMENTO". Depois faz um movimento simples com a mão direita, e depois com a esquerda. "CONTRIBUÍSTE PARA O SEU MOVIMENTO?" Acusa a receção à resposta. O Auditor permite que o Pc quebre a linha sólida de comunicação. Quando isto estiver esgotado, o Auditor faz o mesmo, mas com um espaço de 1 cm entre as palmas das suas mãos e as do Pc. O comando seria: "PÕE AS TUAS MÃOS DEFRONTE DAS MINHAS A CERCA DE 1 CM, SEGUE-AS E CONTRIBUI PARA O SEU MOVIMENTO". "CONTRIBUÍSTE PARA O SEU MOVIMENTO?" Acuse-lhe a receção. Quando isto estiver esgotado o Auditor fá-lo com um espaço mais amplo, continuando assim até que o Pc possa seguir os movimentos a um metro de distância.

POSIÇÃO DE AUDIÇÃO: Auditor e Pc sentados, bastante juntos de frente um para o outro, joelhos do Pc entre os joelhos do Auditor.



PROPÓSITO DO PROCESSO: Desenvolver realidade sobre o Auditor usando a escala de realidade (linha de comunicação sólida). Pôr o Pc em comunicação através de controlo e duplicação. Descobrir o Auditor.

O Auditor deve ser suave e preciso nos seus movimentos, sendo todos os movimentos em Tom 40, proporcionando vitórias ao Pc. Para ser livre em 2WC. O processo é introduzido e percorrido como um processo formal. Se o Pc começar a ficar sonolento neste processo, o Auditor pode pegar no pulso do Pc e ajudá-lo a executar o comando, uma mão de cada vez. Se o Pc não responder durante a pergunta "CONTRIBUÍSTE PARA O SEU MOVIMENTO?" o Auditor pode esperar pelo comm lag normal do Pc, acusar a receção e continuar o processo.

Movimento de Tom 40 = Intenção sem Reservas.

2WC = Uma Pergunta - A pergunta Certa.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., 1956, como versão terapêutica de Mímica de Mãos Modelo. Era preciso algo para suplantar a parte dos rudimentos "Olha para mim", "Quem sou eu?" e "descobre o Auditor".

Nº: CCH 4.

NOME: MÍMICA DO LIVRO

COMANDOS DE AUDIÇÃO: NÃO HÁ COMANDOS VERBAIS.

O Auditor faz movimentos simples com o livro. Dá o livro ao Pc. O Pc faz os movimentos duplicando os do Auditor como num espelho. O Auditor pergunta ao Pc se está satisfeito por ter duplicado o movimento. Se ambos, Pc e Auditor, estiverem inteiramente satisfeitos, o Auditor pega de volta no livro e vai para o próximo comando. Se o Pc não tiver a certeza de ter duplicado algum comando, o Auditor repete-lho e devolve-lhe o livro. Se o Pc estiver certo de que o duplicou e o Auditor puder ver que a duplicação foi bastante má, o Auditor aceita a resposta do Pc e continua numa escala gradiente de movimento, com a mão direita ou com esquerda, até que o Pc possa executar corretamente o comando original. Isto assegura que não há invalidação para o Pc. Tom 40 só nos movimentos, comunicação verbal nos dois sentidos bastante livre.

POSIÇÃO DE AUDIÇÃO: Auditor e Pc sentados de frente um para o outro a uma distância confortável.

PROPÓSITO DO PROCESSO: Elevar a comunicação do Pc com controlo e duplicação (controlo e duplicação = comunicação).

Dê vitórias ao Pc. É necessário que o Auditor duplique os seus próprios comandos. Movimentos circulares são mais complicados do que linhas retas. A tolerância a casualidade positiva ou negativa é aqui evidente, e o Auditor deveria provavelmente começar com o Pc os movimentos sempre com início no mesmo ponto, nem depressa, nem devagar nem complicados demais. É apresentado pelo Auditor assegurando-se de que o Pc compreende o que tem a fazer no processo formal, uma vez que não há comandos.

HISTÓRIA: Desenvolvido por LRH para o 16º ACC em Washington, D.C., 1957. Baseado na duplicação. Desenvolvido por LRH em Londres, 1952.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 11 de JUNHO de 1957

REEDITADO a 12 de MAIO de 1972

Remimeo

TREINO E PROCESSOS DE CCH

(Originalmente emitido como um HCO Training Boletim do Gabinete de Comunicações de Hubbard, Washington, D.C.).

NOTA... As variações e alguns dos processos mais potentes não estão neste Boletim de Treino, mas aparecerão no Manual do Estudante quando publicado em Setembro de 1957.

NÚMERO: Treino 0

NOME: Confronto do Pc.

COMANDOS: Nenhum.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados na frente um do outro uma distância confortável, cerca de um metro e meio.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a confrontar um Pc só com audição ou com nada.

ÊNFASE DO TREINO: Sentar estudante e treinador na frente um do outro, sem qualquer conversação ou esforço para ser interessante. Sente-os a olhar um para o outro sem dizerem nem fazerem nada durante algumas horas. O estudante não deve falar, incomodar-se, rir ou ficar envergonhado ou anaten. O treinador só pode falar se o estudante ficar anaten. O estudante está a confrontar o corpo, thetan e banco do Pc.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, Março de 1957, para treinar os estudantes a confrontar Pcs na ausência de truques sociais ou conversação e superar compulsões obsessivas para ser "interessante".

NÚMERO: Treino 1

NOME: Querida Alice.

COMANDOS: Uma frase (com os "ele disse:" omitidos) é tirada do livro "Alice no País das Maravilhas" e dita ao treinador. Esta é repetida até o treinador estar satisfeito que lhe chegou onde ele está.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados de frente um para o outro a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Ensinar o estudante a enviar uma intenção a um Pc numa unidade de tempo sem vias.

ÊNFASE DO TREINO: O comando vai do livro para o estudante e, como o seu próprio, para o treinador. Não deve ir do livro para o treinador. Tem que soar natural e não artificial. Dicção e elocução não fazem parte disso. A altura do som pode fazer.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, Abril de 1956, para ensinar a fórmula de comunicação aos novos estudantes.

NÚMERO: Treino 2

NOME: Reconhecimentos.

COMANDOS: O treinador lê linhas de "Alice no País das maravilhas" omitindo os "ele disse:" e o estudante acusa a receção (reconhece) completamente. O treinador repete qualquer linha que sente que não foi verdadeiramente reconhecida.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados de frente um para o outro a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Ensinar o estudante que um reconhecimento é um método de controlar a comunicação do Pc e que um reconhecimento é uma paragem total.

ÊNFASE DO TREINO: Ensinar o estudante a reconhecer exatamente o que foi dito de maneira que o Pc saiba que foi ouvido. Pergunte de vez em quando ao estudante **o que foi dito**. Restrinja os "sobre e sub" reconhecimentos. Deixe o estudante fazer qualquer coisa no princípio para comunicar reconhecimentos, então nivele-o. Ensine-o que um reconhecimento é uma paragem e não o início de um novo ciclo de comunicação ou um encorajamento ao Pc para continuar.



HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres em Abril de 1956, para ensinar os novos estudantes que um reconhecimento termina um ciclo de comunicação e um período de tempo, e que um novo comando inicia um novo período de tempo.

NÚMERO: Treino 3

NOME: Pergunta Duplicativa.

COMANDOS: “Os peixes nadam?” ou “Os pássaros voam?”. Ponte de comunicação entre eles.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Ensinar um estudante a duplicar sem variação uma pergunta de audição, cada vez novamente, na sua própria unidade de tempo, não como um borrão com outras perguntas; e ensinar-lhe como mudar de uma pergunta para outra com uma ponte de comunicação em lugar de uma mudança abrupta.

ÊNFASE DO TREINO: Uma pergunta e reconhecimento do estudante à sua resposta numa unidade de tempo que é então terminada. Impedir o estudante de entrar em variações do comando. Insistir na ponte de comunicação quando pergunta é mudada. Embora a mesma pergunta seja feita, é feita como se nunca tivesse ocorrido a ninguém antes. Ensinar os estudantes que uma ponte de comunicação consiste em obter três acordos: um acordo para terminar esta pergunta, um segundo acordo para continuar a sessão em geral e manter ARC e um terceiro acordo para iniciar uma nova pergunta. Ensine o estudante que Pc faz parte destes acordos. Nunca ensine o estudante a variar pergunta ou mudar a pergunta ou comando sem uma ponte.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, Abril de 1956, para superar variações e mudanças súbitas em sessão.

NÚMERO: Treino 4

NOME: Originações do Pc.

COMANDOS: O estudante corre “Os peixes nadam?” ou “Os pássaros voam?” no treinador. O treinador responde, mas de vez em quando faz comentários surpreendentes de uma lista preparada dada pelo instrutor. O estudante tem que manejar originações para satisfação do treinador.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados na frente um do outro uma distância confortável.

PROPÓSITO: Ensinar um estudante a não ser língua-atada ou surpreendido, ou ser atirado para fora de sessão por originações de Pc e manter ARC com Pc ao longo de uma originação.

ÊNFASE DO TREINO: O estudante é ensinado ouvir originações e fazer três coisas: (1) Compreender; (2) Acusar a recepção; e (3) Retornar o Pc para sessão. Se o treinador sente rudeza ou muito tempo consumido, ou falta de compreensão, ele retifica o estudante para um melhor manejo.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres em Abril de 1956, para ensinar os Auditores a ficarem em sessão quando o Pc sai fora.

NÚMERO: Treino 5

NOME: Mímica da Mão.

COMANDOS: Todos os comandos são por movimentos de uma ou duas mãos. O Auditor faz um simples movimento de mão, e pára a mão ou mãos na posição final. O treinador acena a cabeça como tendo recebido isso. O treinador então, tipo espelho, faz o mesmo movimento com a mão ou mãos. O estudante então reconhece. Se o movimento não fosse feito corretamente pelo treinador o estudante acusa a recepção em dúvida, então repete o movimento ao treinador. Se o treinador o faz bem, o estudante agradece ao treinador com ambas as mãos (tipo prêmio de lutador). Mantenha os movimentos simples. O estudante deve sempre poder duplicar próprios movimentos.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados de frente um para o outro a curta distância, os joelhos do treinador por dentro dos do estudante.

PROPÓSITO: Educar o estudante que comandos *verbais* não são inteiramente necessários. Fazer o estudante telegrafar fisicamente uma intenção. Mostrar ao estudante a necessidade de fazer o Pc obedecer aos comandos.

ÊNFASE DO TREINO: Precisão do estudante ao repetir os próprios comandos. Ensinar o estudante a dar ganhos ao Pc. Ensinar o estudante que uma intenção é diferente das palavras.



HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, Abril de 1956, dos princípios de mímica de corpo desenvolvidos por LRH em Camden, N.J., em 1954.

O seguinte grupo de processos é usualmente ensinado no Curso de Doutrinação Superior:

NÚMERO: Treino 6

NOME: 8-C simples.

COMANDOS: "Olha para aquela parede". "Caminha para aquela parede". "Com a tua mão direita, toca naquela parede". "Volta-te". Tudo com reconhecimentos. Não Tom 40. (é acusada a receção ao Pc quando ele origina, sem contacto físico).

POSIÇÃO: Estudante e treinador ambos ambulantes numa sala sem obstáculos no centro. O estudante caminha com treinador que faz o processo para o estudante.

PROPÓSITO: Dar ao Pc a realidade do ambiente, controle em seguir diretivas e havingness. Nem todos os efeitos completamente explorados.

ÊNFASE DO TREINO: Precisão na repetição de comandos pelo estudante e, numa escala gradiente, a experiência de dirigir outro corpo que não o seu próprio. Manejo de originações. Reconhecer a execução de comandos pelo Pc. Quando este processo desenvolve somáticos num Pc deve ser continuado até esgotar.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Camden, 1953. Originalmente chamado Procedimento de Abertura 8-C", sendo 8-C um completo procedimento de audição apontado ao pensamento negativo. A única parte sobrevivente disto é agora chamada 8-C e significa o processo acima. A intenção original era colocar o Pc sob o controle do Auditor para que a audição pudesse ocorrer. Provado tão bem-sucedido foi que se tornou um fim em si mesmo. Nomeado no Resumo do Projeto de Pesquisa 1956 como por si só responsável por aproximadamente 50% dos resultados alcançados por Auditores pelo mundo fora.

NÚMERO: Treino 7

NOME: Doutrina de Alta-Escola.

COMANDOS: Os mesmos que o 8-C, mas com o estudante em contacto físico com o treinador, forçando o estudante os comandos manualmente. O treinador tem só três declarações válidas que o estudante tem que ouvir: estas são "Começa" para iniciar o processo, "Falhou!" para chamar atenção do erro do estudante, e "Pronto!" para terminar a sessão. Nenhuma outra observação do treinador é válida para o estudante. O treinador tenta de todas as maneiras possíveis, verbais, encobertas e físicas, para parar o estudante de correr 8-C nele. Se o estudante hesita, atrasa a comm, ensaia um comando ou não obtém uma execução do treinador, o treinador diz "Falhou!" e eles começam do início do ciclo de comando no qual o erro ocorreu. Não é permitido o treinador cair no chão.

POSIÇÃO: Estudante e treinador ambulantes. O estudante maneja o treinador fisicamente.

PROPÓSITO: Treinar um estudante a nunca ser parado por um Pc. Treiná-lo a correr um bom 8-C em qualquer circunstância. Ensiná-lo a manejar pessoas rebeldes.

ÊNFASE DO TREINO: Ênfase na precisão do desempenho do estudante e sua persistência. Comece a endurecer a resistência do estudante gradualmente. Não o mate de uma vez.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, 1956.

NÚMERO: Treino 8

NOME: Tom 40 num Objeto.

COMANDOS: "Levante-te". "Obrigado". "Senta-te na mesa". "Obrigado". São estes os únicos comandos usados. (Se o estudante tem problemas com o Treino 9, mande-o fazer Tom 40 num Objeto com os comandos de 8-C).

POSIÇÃO: Estudante ao lado da mesa com o cinzeiro em cima ao qual ele que faz executar manualmente os comandos que lhe dá.

PROPÓSITO: fazer o estudante alcançar claramente o comando Tom 40. Clarificar intenções como diferentes das palavras. Começar o estudante no caminho para manejar com postulados objetos e Pcs. Obter obediência não completamente baseado em comandos falados.



ÊNFASE DO TREINO: Mande o estudante dar só ordens durante algum tempo. Então comece a importuná-lo para a levar até comandos Tom 40. Mande o estudante, em silêncio, atravessar objeto com um comando e uma expectativa que ele fará isso. Quando o estudante puder "ver" as intenções dele entrarem com precisão, quando ele se perguntar por que razão o objeto não obedece instantaneamente, quando ele não estiver a tropeçar em energia ou a depender da voz dele, o processo de treino está esgotado. Este processo toma usualmente a maior parte tempo no treino de qualquer processo, e o tempo é bem gasto. Os objetos podem ser cinzeiros ou bonecos de trapos.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., 1957, para o 17º ACC.

NÚMERO: Treino 9

NOME: Tom 40 numa Pessoa.

COMANDOS: Os mesmos de 8-C. Este não é 8-C Tom 40 (CCH 12). O Estudante corre boas intenções claras e ordens verbais no treinador. O treinador tenta demolir o Tom 40 do estudante. Os comandos válidos do treinador são "Começa!" para iniciar, "Falhou" para dizer ao estudante que errou e tem que voltar ao início do ciclo, e "Pronto!" para fazer um intervalo ou parar a sessão desse dia. Nenhuma outra declaração do treinador é válida para o estudante sendo só um esforço para o fazer sair do Tom 40 ou ser parado em geral.

POSIÇÃO: Estudante e treinador ambulantes. Estudante em contacto manual com treinador conforme necessário.

PROPÓSITO: Tornar o estudante capaz de manter Tom 40 sob qualquer tensão de audição.

ÊNFASE DO TREINO: A quantidade exata de esforço físico deve ser usada pelo estudante mais uma intenção coativa não verbal. Não são permitidas lutas aos arrancos, uma vez que cada puxão são 3 paragens. O Estudante tem que aprender a aumentar suavemente e depressa o esforço ao ponto de fazer o treinador executar. A ênfase está na intenção *exata*, força exata necessária, força exata imprescindível, Tom 40 exato. Até um leve sorriso do estudante pode ser um fracasso. Muita força pode ser um fracasso. Muito pouca é definitivamente um fracasso. Qualquer coisa não Tom 40 é um fracasso.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., para o 17º ACC.

Os processos seguintes são ensinados no Curso Comunicação-Controlle-Havingness:

NÚMERO: CCH 0

NOME: Rudimentos, Metas e o Problema de Tempo de Presente.

COMANDOS: Estabelecer a sessão começando por chamar a atenção para a sala, para o Auditor e para o começo da sessão. Discutir as metas do Pc para a sessão. O Auditor pede um Problema de Tempo Presente e resolve isso com Problemas de Magnitude Comparável, ou de Magnitude Incomparável, ou com Processamento Locacional. Em geral, observações e comandos bastantes para trazer ARC ao início da sessão, mas não o bastante para destruir a havingness do Pc.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Dar a conhecer o início de uma sessão a Pc e Auditor para que nenhum erro seja cometido quanto ao seu início. Para pôr o Pc na condição de ser auditado.

ÊNFASE DO TREINO: *Iniciar* sessões, e não as deixar apenas acontecer. Educar o estudante nos verdadeiros elementos de uma sessão e condição de Pcs. Acentuar a inabilidade para auditar qualquer outra coisa quando o Problema de Tempo Presente não está esgotado. Demonstrar o que acontece quando o Pc não sabe que a sessão começou ou não tem uma meta para ela, ou quando o Problema de Tempo Presente só está meio esgotado quando há outras coisas envolvidas. Enfatizar que cada sessão seja feita. Explicar o mecanismo de fechamento do problema do Pc, a solução de "o risco das soluções".

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Elizabeth, N.J., 1950; Metas em Wichita, Kansas em 1951; Problema de Tempo de Presente, Londres, 1952; Rudimentos, Fénix, 1955.

NÚMERO: CCH 1.

NOME: * Dá-me a Tua Mão, Tom 40.

COMANDOS: "Dá-me a Tua Mão". Ação física de pegar na mão quando não é dada, colocando-a então no colo do Pc. E "Obrigado" a terminar ciclo. Tudo Tom 40 com intenção clara, um comando numa unidade de tempo, nenhuma originação de Pc de qualquer forma reconhecida, verbal ou física. Pode ser corrido na mão direita, esquerda, em ambas as mãos, cada uma aplanada por sua vez.



POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados juntos em cadeiras sem braços. Os joelhos do Auditor ambos para a esquerda dos joelhos do Pc, de fora da coxa direita do Auditor contra o exterior da coxa direita do Pc. Esta posição inverte-se para a mão esquerda. Em ambas as mãos, joelhos do Pc entre os joelhos do Auditor.

PROPÓSITO: Demonstrar ao Pc que é possível controlar o corpo do Pc, apesar de revolta dos circuitos, e convidar o Pc a controlá-lo diretamente. O controle absoluto do Auditor passa então para o controle absoluto do Pc do seu próprio corpo.

ÊNFASE DO TREINO: Nunca parar o processo até ser alcançado um lugar plano. Processar com bom Tom 40. Auditor ensinado a apanhar a mão do Pc pelo pulso com o dedo polegar do Auditor mais próximo do corpo do Auditor, para ter um lugar exato e invariável para levar a mão do Pc antes de a agarrar, agarrando a mão com pressão precisamente correta, recolocando a mão (com a mão esquerda do Auditor ainda a segurar o pulso do Pc) no colo do Pc. Fazer cada comando e ciclo separados. Manter o Tom 40. Ênfase na intenção do Auditor para o Pc em cada comando. Dar um momento para o Pc o fazer por vontade própria antes de o Auditor o fazer. Acentuar a precisão do Tom 40. Manter epicentros equilibrados. CCH I (b) também deverá ser aplanado.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard no 17º ACC, Washington, D.C., 1957.

* O nome e comanda ao CCH 1 foi revisto desde então para, "dá-me **essa** mão".

NÚMERO: CCH2

NOME: * Tom 40 8-C.

COMANDOS: "Olha para aquela parede". "Obrigado". "Caminha para aquela parede". "Obrigado". "Com a mão direita, toca naquela parede". "Obrigado". "Volta-te". "Obrigado". Correr sem acusar a receção a qualquer originação do Pc de qualquer forma, e acuse a receção só à execução do comando. Comandos suavemente forçados fisicamente. Tom 40, intenção total.

POSIÇÃO: Auditor e Pc ambulantes, Auditor em contacto físico com o Pc conforme necessário.

PROPÓSITO: Demonstrar ao Pc que o corpo dele pode ser diretamente controlado convidando-o por isso a controlá-lo. Encontrar o Tempo Presente. Havingness. Outros efeitos não completamente explicados.

ÊNFASE DO TREINO: Absoluta precisão do Auditor. Sem baixa de Tom 40. Nenhuma falha. Audição de Tempo Presente total. O Auditor vira o Pc ao contrário dos ponteiros do relógio depois passa para a direita do Pc. O corpo do Auditor age como um bloqueio ao movimento do Pc quando ele se volta. O Auditor dá o comando, dá ao Pc um momento para obedecer, então força o comando com contacto físico e a força correta exata para obter a execução do comando. O Auditor não restringe o Pc de executar comandos.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., 1957, para o 17º ACC.

* O nome e comando do CCH 2 foram revistos desde então para, "Tu olhas para aquela parede".

NÚMERO: CCH 3

NOME: Mímica de Livro.

COMANDOS: O Auditor faz um movimento simples ou complexo com um livro. Dá o livro ao Pc. O Pc faz o movimento do Auditor e duplica-o tipo imagem de espelho. O Auditor pergunta ao Pc se está satisfeito com a duplicação do movimento. Se o Pc e o Auditor estão razoavelmente satisfeitos, o Auditor pega no livro e vai para o próximo comando. Se o Pc diz que sim e o Auditor está bastante seguro de que não, o Auditor pega de novo no livro, repete comando e dá o livro outra vez ao Pc para outra prova. Se o Pc não tem a certeza que duplicou algum comando o Auditor repete-lho e devolve-lhe o livro. Movimentos só em tom 40. Verbal duas vias, à-vontade.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados de frente um para o outro a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Comunicação do Pc com controle e duplicação. (Controle + duplicação = comunicação).

ÊNFASE DO TREINO: Dar ganhos ao Pc. Acentue a necessidade de o Auditor duplicar os seus próprios comandos. Movimentos circulares são mais complexos do que linhas retas.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard para o 16º ACC em Washington, D.C., 1957. Baseado em duplicação desenvolvida por LRH em Londres, 1952.

NÚMERO: CCH 4



NOME: Mímica de Mãos no Espaço.

COMANDOS: O Auditor levanta as duas mãos, palmas viradas para o Pc e diz: "Põe as tuas mãos contra as minhas, segue-as e contribui para o seu movimento". Ele faz um movimento simples com mão direita, depois com a esquerda. "Contribuíste para o movimento?" Ótimo". "Põe as mãos no teu colo". Quando isto está plano o Auditor faz esta mesma coisa com um Cm entre as palmas das mãos dele e as do Pc. Quando isto está plano o Auditor fá-lo com mais espaço e assim por diante até o Pc poder seguir movimentos a um metro.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados de frente um para o outro, os joelhos de Pc entre os do Auditor.

PROPÓSITO: Desenvolver realidade no Auditor que usa a escala de realidade (linha de comm sólida). Pôr o Pc em comm através de controle + duplicação.

ÊNFASE DO TREINO: Que o Auditor seja gentil e preciso nos movimentos dando ganhos ao Pc. Ser livre em comm duas vias.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, 1956, como versão terapêutica de Réplica de Mímica Mãos. Algo foi preciso suplantar, a parte de rudimentos "Olha para mim. Quem sou eu?" e "Encontra o Auditor".

NÚMERO: Treino 10

NOME: Processamento de Localização.

COMANDOS: "Tu notas aquele (objeto indicado)". "Obrigado". O Auditor força o comando quando necessário dirigindo a cabeça do Pc para o objeto. Corra dentro ou fora de uma sala de audição. O Auditor indica objetos óbvios, nomeia-os e aponta para eles.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados lado a lado ou de frente um para o outro, ou sentados ou a andar lá fora.

PROPÓSITO: Controlar a atenção. Uma vez que a atenção está a ser controlada por fac-símiles, um controle desconhecido, substituindo-os por um controle conhecido traz o Pc até Tempo Presente. Veja também as Pré-lógicas. Um processo altamente terapêutico. Pode ser um substituto até certo ponto para Problemas de Tempo de Presente em casos que não podem correr um Problema de Tempo Presente como um processo.

ÊNFASE DO TREINO: Que treinador (ou Pc) olhe sempre na direção do objeto.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Elizabeth, N.J., em Junho de 1950, para trazer Pcs para dentro da sala de audição depois de terem sido "trazidos até tempo de presente".

NÚMERO: CCH 5

NOME: Localização por Contacto.

COMANDOS: "Toca naquele (objeto indicado)". "Obrigado".

POSIÇÃO: Auditor e Pc podem estar sentados quando o Pc é muito inapto caso em que eles estão assentados a uma mesa com vários objetos espalhados. Ou Auditor e Pc podem andar ambulantes, com o Auditor em contacto manual com o Pc uma vez que é necessário virá-lo e guiá-lo para o objeto indicado.

PROPÓSITO: O propósito do processo é dar ao Pc orientação e havingness, e melhorar a sua perceção.

ÊNFASE DO TREINO: É na delicadeza, ARC, elevando a certeza do Pc que ele tocou o objeto indicado. Deverá ser notado que isto pode ser corrido em cegos.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard a partir de Processamento de Localização, em 1957.

NÚMERO: CCH 6

NOME: Contacto de Corpo-Sala.

COMANDOS: "Toca no teu (parte do corpo)". "Obrigado". "Toca no (objeto indicado da sala)". "Obrigado".

POSIÇÃO: Auditor e Pc andam juntos conforme necessário, o Auditor força os comandos por contacto manual usando as mãos do Pc para tocar objetos e partes do corpo.

PROPÓSITO: Estabelecer a orientação e aumentar a havingness do Pc, e dar-lhe uma realidade do seu próprio corpo em particular.



ÊNFASE DO TREINO: Usar só as partes do corpo não embaraçosas para o Pc, uma vez que se verá que o Pc tem vulgarmente muito pouca realidade de várias partes do corpo. Em caso algum deverão ser dados ao Pc comandos impossíveis.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em 1957 em Washington, D.C., como passo inferior para Corpo-Sala, Mostra-me.

NÚMERO: CCH 7

NOME: Contacto por de Duplicação.

COMANDOS: "Toca nessa mesa". "Obrigado". "Toca no teu (parte de corpo)". "Obrigado". "Toca nessa mesa". "Obrigado". "Toca no teu (mesma parte de corpo)". "Obrigado". "Toca nessa mesa". "Obrigado". "Toca no teu (mesma parte de corpo)". "Obrigado," etc., nessa ordem.

POSIÇÃO: O Auditor pode estar sentado. O Pc deverá estar a andar. Usualmente o Auditor está perto para forçar os comandos manualmente.

PROPÓSITO: O Processo é usado para exaltar a percepção, orientar o Pc e elevar a sua havingness. O controle da atenção como em todos estes processos de "contacto" tira naturalmente as unidades de atenção do banco que mantém controlada a atenção do Pc.

ÊNFASE DO TREINO: Precisão de comandos e movimento, com cada comando na sua unidade de tempo, todos os comandos perfeitamente duplicados. O Pc continua a correr o processo mesmo que entre em dope-off. Bom ARC com o Pc, não apanhando uma parte de corpo aberrada no princípio, mas aplanando algumas não-aberradas antes da parte do corpo aberrada ser tocada.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em 1957 em Washington, D.C., como processo de nível inferior ao Procedimento de Abertura por Duplicação, ou Mostra-me por Duplicação. Todos os processos de contacto foram desenvolvidos a partir das Pré-lógicas.

NÚMERO: CCH 8

NOME: Trio.

COMANDOS: "Olha à volta da sala (ambiente) e diz-me algo que poderias ter". Corra até esgotado.

"Olha à volta da sala e diz-me alguma coisa que o corpo (parte de corpo) não pode ter".

Forma de valência: "Olha à volta da sala e diz-me alguma coisa que a mãe (ou outra valência) não pode ter". Forma longa: "Olha à volta da sala e diz-me o que tu poderias ter". Corra até esgotado.

"Olha à volta da sala e diz-me algo que permitirias que ficasse". Corra até esgotado.

"Olha à volta da sala e diz-me o que poderias dispensar".

Dispensar na forma longa é às vezes corrido primeiro quando o Pc está fixo em desperdiçar.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados a uma distância confortável ambos de frente para maior parte da sala.

PROPÓSITO: remediar a havingness objetivamente.

ÊNFASE DO TREINO: Correr suavemente sem perguntas invalidativas. Um dos processos mais eficazes conhecido, quando o pensamento pode ser algo controlado. Corrido quando a havingness cai, ou para um intensivo total.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres em 1955. O nome derivou das três perguntas da forma longa. Originalmente chamado o "Trio Terrível".

NÚMERO: CCH 9

NOME: Tom 40 "Impede isso de se ir embora".

COMANDOS: "Olha para esse (objeto indicado)". "Obrigado". "Caminha para esse (objeto indicado)". "Obrigado". "Toca nesse (objeto indicado)". "Obrigado". "Impede-o de se ir embora". "Obrigado". "Impediste-o de se ir embora?" "Obrigado," e assim sucessivamente.

POSIÇÃO: Auditor e Pc ambulantes. O Auditor ajuda através de contacto manual.



PROPÓSITO: O propósito do processo é aumentar a havingness do Pc e a capacidade de impedir coisas de irem embora, capacidade essa que, uma vez perdida, conta para a posse de doenças psicossomáticas.

ÊNFASE DO TREINO: É na precisão e rigor, e descobrir que este é de facto Tom 40 8-C com pensamento. Este é o primeiro passo para a rota de solidificar coisas.

HISTÓRIA: Desenvolvido em 1956 em Londres, Inglaterra, por L. Ron Hubbard.

NÚMERO: CCH 10

NOME: Tom 40 "Mantém-no parado".

COMANDOS: "Olha para esse (objeto indicado)". "Obrigado". "Caminha para esse (objeto indicado)". "Obrigado". "Toca nesse (objeto indicado)". "Obrigado". "Mantém-no parado". "Obrigado". "Mantiveste-o parado?" "Obrigado," etc., naquela ordem.

PROPÓSITO: Melhorar a capacidade de um indivíduo para fazer coisas mais sólidas e afirmar a sua capacidade de controlar o ambiente dele.

ÊNFASE DO TREINO: O mesmo que do CCH 9.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, Inglaterra, em 1956.

NÚMERO: CCH 11

NOME: Tom 40 "Faz isso um pouco mais sólido".

COMANDOS: "Olha para esse (objeto indicado)". "Obrigado". "Caminha para esse (objeto indicado)". "Obrigado". "Toca nesse (objeto indicado)". "Obrigado". "Faz isso um pouco mais sólido". "Obrigado". "Fizeste isso um pouco mais sólido?" "Obrigado," etc., naquela ordem.

POSIÇÃO: Auditor e Pc ambulantes.

PROPÓSITO: Afirmar controle sobre o Pc e aumentar a havingness do Pc. Aumentar a realidade do Pc nas Pré-lógicas. Inverter o fluxo de sólidos.

ÊNFASE DO TREINO: Precisão Completa de desempenho, uma ênfase em todo o CCH 9, CCH 10 e CCH 11, de que eles incluem um controle do pensamento do Pc e por isso não deverão ser corridos com uma grande de confiança do Auditor no Pc, e não deverá ser corrido até os níveis inferiores de CCHs estarem até certo ponto planos uma vez que darão perdas ao Pc.

HISTÓRIA: Desenvolvido em 1956 em Londres, Inglaterra, por L. Ron Hubbard.

NÚMERO: Treino 11

NOME: ARC Fio Direto.

COMANDOS: "Recorda alguma coisa que era realmente real para ti". "Obrigado". "Recorda uma ocasião em que estavas em boa comunicação com alguém". "Obrigado". "Recorda uma ocasião em que realmente gostavas de alguém". "Obrigado". Os três comandos são dados e repetidos consistentemente naquela ordem.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados de frente um para o outro a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Dar ao estudante a realidade sobre a existência de um banco. Isto é auditado noutro e é auditado até o outro estudante estar em Tempo Presente. Ver-se-á que o processo revela a ação cíclica do Pc ir mais cada vez mais fundo no passado e então cada vez mais superficial no passado até recordar outra vez alguma coisa perto de Tempo Presente. Esta ação cíclica deverá ser estudada e compreendida, e a realidade das imagens que o Pc obtém deverá ser completamente compreendida pelo estudante. O facto que outro tem imagens deveria ser totalmente real para o estudante em treino.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em 1951 em Wichita, Kansas. Este foi um processo muito importante. Foi conhecido por trazer as pessoas de neurótico a um nível são apenas depois de um curto período de aplicação. Foi corrido numa base de grupo com sucesso, mas deverá ser notado que o pensamento dos indivíduos do grupo teria que estar bem sob o controle do Auditor a fim deste processo ser amplamente benéfico. Quando foi descoberto que este processo reduzia ocasionalmente a havingness, o próprio processo não foi geralmente corrido depois disso. Contudo, ainda é um processo excelente com aquela condição, uma redução da havingness nalguns casos.

NÚMERO: CCH 12



NOME: Havingness Subjetiva Limitada.

COMANDOS: "O que é que podes *Imaginar* (mock-up)?" "O.K. (à resposta do Pc)". "Faz um Mock up de (o que o Pc disse que podia *Imaginar*)". "O.K.". "Arrasta isso para dentro de ti próprio". "O.K.". Quando isto está relativamente plano, "faz um Mock up (do que o Pc disse que podia fazer)". "O.K.". "Deixa que permaneça onde está". "O.K.". Quando isto está relativamente plano entra na terceira parte. Faz um Mock up (do que o Pc disse que podia fazer)". "O.K.". "Deita isso fora". "O.K.". Se o Pc não pode deitar fora o objeto de imediato, mande-o duplicar isso muitas vezes e mova um deles ligeiramente para mais longe até que por fim ele o deita fora. Se o Pc não pode *Imaginar* (Mock up) nada, remedeie a havingness dele com negrume. Se o "campo" do Pc é uma invisibilidade, mande-o pôr objetos de vidro de muitos géneros e tamanhos numa mesa e, um após outro: "impede-o de se ir embora". Se o mock-up desaparecer mande o Pc continuar a tentar porque ele poderá finalmente obtê-lo de volta.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados de frente um para o outro.

PROPÓSITO: Remediar a Havingness do banco do Pc.

ÊNFASE DO TREINO: não dar ao Pc nenhuma perda. Ele tem que completar cada passo com êxito e o Auditor tem que fazer as coisas numa escala de gradiente até o Pc completar cada comando dado com êxito.

HISTÓRIA: Estes e outros processos criativos foram desenvolvidos por L. Ron Hubbard em Londres no Outono de 1952.

NÚMERO: CCH 13

NOME: Sólidos Subjetivos.

COMANDOS: "O que é que podes *Imaginar* (mock-up)?" "O.K. (à resposta do Pc)". (Isto é perguntado uma vez cada vez que muda o tipo de mock-up). Faz um "Mock up" (do que o Pc disse)". "O.K.". "Agora faz isso um pouco mais sólido". "O.K.". "Fizeste isso?" "Obrigado". São feitos mock-ups de vários objetos e são feitos um pouco mais sólidos. Pode ser dito ao Pc par fazer o que lhe aprouver com eles. Este não é um processo Tom 40.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados.

PROPÓSITO: Possibilitar ao Pc fazer mock-ups de objetos subjetivos e fazê-los um pouco mais sólidos. Preparatório para "Sólidos Então e Agora".

ÊNFASE DO TREINO: Saber o que o Pc está a fazer, como ele o está a fazer, onde ele está a pôr os mock-ups, para que o Pc seja policiado e faça o processo com certeza. Se o Pc negligencia o processo, embora receba o comando e mostre o seu consentimento, ele está, é claro, a fugir ao controle do Auditor.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em 1956 em Londres.

NÚMERO: CCH 14

NOME: Sólidos Então e Agora.

COMANDOS: "Obtém uma imagem e fá-la um pouco mais sólida". "Obrigado". "Olha para esse (o Auditor indica objeto) e fá-lo um pouco mais sólido". "Obrigado". Estes comandos são dados com uma pausa minúscula entre a primeira e a segunda frase pois ver-se-á que o olhar do Pc ao objeto tende a dar-lhe a impressão de que ele já o fez um pouco mais sólido antes do Auditor lhe dar o comando, se este comando de audição for quebrado em dois comandos.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados de frente um para o outro a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Corrigir a Banda do Tempo do Pc. Clarificar o Banco dele. Revelar a computação da sua vida. Mostrar a banda toda. Dar ao Pc a prática de manejar tempo. Livrar-se de fac-símiles não desejados. E em geral manejar a mente reativa na sua totalidade.

ÊNFASE DO TREINO: Conduzir com gradientes para qualquer fracasso que o Pc possa ter ao fazer algo um pouco mais sólido. Impedir o Auditor de caçar por todo o banco cada vez o Pc tem uma segunda imagem ou uma terceira ou uma quarta ou uma quinta, do mesmo comando. O Auditor quer uma imagem e quer uma coisa ou a própria imagem um pouco mais sólida. Não fazemos duas ou três imagens e então um objeto da sala. O Pc pode facilmente ficar perdido na banda a menos que isto seja obedecido. Além disso, será notado que o Pc sai de Tempo Presente cada vez mais, e então cada vez menos, e então cada vez mais, e então cada vez menos, e este ciclo de mais no passado e então menos no passado acaba finalmente com o Pc completamente em Tempo Presente.



HISTÓRIA: Desenvolvido a partir de Sobre e Sub Sólidos, desenvolvido por L. Ron Hubbard nos fins 1955 e melhorado por ele em 1956. O processo completa mais ou menos o trabalho iniciado sobre a mente reativa em 1947. Será notado que muitos processos e efeitos anteriores são urdidos em Sólidos Então e Agora.

NÚMERO: Treino 12

NOME: Pensa um Pensamento.

COMANDOS: "Pensa um pensamento". "Obrigado".

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados uma distância confortável.

PROPÓSITO: Dar ao estudante um pouco de realidade sobre o pensamento de outras pessoas e demonstrar que o controle de pensamento é possível.

ÊNFASE DO TREINO: Deverá ser no facto que depois do controle do corpo ter sido afirmado e o controle de atenção aplanada, o controle do pensamento pode acontecer. Realmente não há nada errado com o Pc a não ser que não pode controlar o pensamento dele, por isso não pode mudar considerações à vontade, porque é parado pelo banco. Isto é o mais permissivo de tal processo uma vez que o Pc realmente não pode deixar de pensar um pensamento e nós não queremos muito saber se foi ele que o pensou ou se foi o banco.

HISTÓRIA: Desenvolvido em 1955 em Fénix, Arizona, por L. Ron Hubbard.

NÚMERO: CCH 15

NOME: Escala de Processamento Ascendente.

COMANDOS: É empregado O Quadro de Atitudes, sendo o topo e fundo dos botões: MORTE-SOBREVIVÊNCIA, NINGUÉM-TODA A GENTE, DESCONFIANÇA-CONFIANÇA, PERDA-GANHO, ERRADO-CORRETO, NUNCA-SEMPRE, EU NÃO SEI - EU SEI, PARAR-MUDAR-COMEÇAR, NENHUMA RESPONSABILIDADE-TOTALMENTE RESPONSÁVEL, MOVIMENTO DE PARAR-CAUSA, EFEITO TOTAL-CAUSA, IDENTIFICAÇÃO-DIFERENCIAÇÃO, NÃO POSSUIR NADA-POSSUIR TUDO, ALUCINAÇÃO-VERDADE, EU NÃO SOU - EU SOU, NENHUNS JOGOS-JOGOS ILIMITADOS.

Os comandos de audição neste processo são: "obtem a ideia de (botão do fundo)". "Tens essa ideia?" "Certo". Agora muda essa ideia para tão perto quanto puderes de (botão do topo)". "O.K.". "Quão perto é que chegaste?" "Obrigado". Isto é corrido muitas vezes no conjunto dos botões até o Pc ter a certeza que pode manter a ideia da escala superior.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados uma distância confortável.

PROPÓSITO: Dar ao Pc exercícios para mudar de ideias e demonstrar que pode manter altos níveis de certeza e que pode alterar as considerações dele. E casualmente mudar a sua estrutura glandular provavelmente para melhor até ter um melhor desempenho que não é de grande importância para o processo e tem pouco para ver com Cientologia.

ÊNFASE DO TREINO: Manter ARC com o Pc, tendo, contudo, a ideia definida do que é suposto o Pc obter. Os requisitos exigem que o pensamento do Pc esteja até certo ponto sob o controle do Auditor. O Auditor não deve ser impaciente com o Pc, mas deixar o Pc tentar obter aquelas duas ideias repetidas vezes, um uma ideia do fundo da escala e mudá-la para uma ideia do topo da escala. O Pc deve estar numa condição bastante boa em termos de havingness ou o processo pode falhar.

HISTÓRIA: Este processo foi desenvolvido no Outono de 1951 por L. Ron Hubbard em Wichita, Kansas, e é tirado do *Cientologia 8-8008* conforme publicado na Inglaterra e conforme *A Criação da Capacidade Humana*, página 129, como R2-51. Este é provavelmente o mais velho processo puramente de Cientologia em existência. Não era inteiramente exequível no passado porque não foi compreendido que o corpo tem que ser posto sob o controle do Auditor, e que a atenção tem que ser posta sob o controle do Auditor antes do pensamento do Pc poder ser posto sob o controle do Auditor. Contudo, o processo corrido em Pcs que não estavam numa condição muito má, teve continuamente êxito, tanto mudando as suas entidades físicas como as capacidades, estando a última na esfera de interesse da Cientologia. O primeiro Pc no qual este e Procedimento de Abertura por Duplicação foram corridos foi Mary Sue Hubbard.

NÚMERO: GP I

NOME: Processos de Banco (Engramas, Secundários, Elos, Percéticos e Banda Total).

NÚMERO: GP 2

NOME: Total Havingness Subjetiva, Reparação e Remédio de Havingness, Avalanches, o Negro e Branco, Fluxos.



NÚMERO: GP 3

NOME: Conexão, Associação, Identificação, A = A = A = A.

NÚMERO: GP 4

NOME: Processos de Tempo.

NÚMERO: GP 5

NOME: Processos Criativos.

NÚMERO: GP6

NOME: Processos de Escala de Alçamento Cheios.

NÚMERO: GP7

NOME: Processos de Não-saber, Estação de Waterloo, Algo que não se importaria de Esquecer.

NÚMERO: GP8

NOME: Pensa um Pensamento, faz Mock-ups de (imagina) Futuros.

NÚMERO: GP9

NOME: CDEI, Problemas, Encontram Alguma coisa que Não está a pensar.

NÚMERO: GP10

NOME: Colocação de Pensamento, Inventa uma Mentira, Atribui uma Intenção, Coloca um Comando.

NÚMERO: GP11

NOME: Exteriorização, Pré-lógicas, Impede a Cabeça de Se ir embora, Tenta não Exteriorizar.

NÚMERO: GP12

NOME: Rota 1.

NÚMERO: GP13

NOME: Pontos Âncora, Estrutura do Corpo.

NÚMERO: GP14

NOME: Levantamento do Corpo.

NÚMERO: GP15

NOME: Realidade Mundial, Obtém a Ideia que esse (objeto) está a Pensar nele próprio. Perceção do Ambiente, Escala de realidade.

NÚMERO: Treino13

NOME: Pescar uma Cognição.

COMANDOS: Este é ARC geral e responde ao processo de originação do Pc. Quando o Pc experimenta um somático, quando ele suspira, quando ele dá uma reação a um processo Tom 40, o Auditor repete o processo mais duas ou três vezes (número casual) e interrompendo então o processo pergunta ao Pc: "como é que estás agora?" ou "o que é que se passa?" e descobre o que aconteceu ao Pc como se o Auditor não tivesse notado que o Pc teve uma reação. O Auditor não aponta a reação, mas quer meramente uma discussão geral. Durante esta discussão ele traz o Pc até pelo menos uma cognição de que o Pc teve um somático ou uma reação, e então continua meramente o processo sem ponte adicional. Isto é feito casualmente. E nem sempre cada vez que o Pc experimenta uma reação.



POSIÇÃO: Qualquer posição em que o Pc e Auditor estejam conforme o processo que estão a correr. Mas usualmente com o Auditor a tocar no Pc. Por exemplo, em "Dá-me a tua mão" o Auditor continua a pegar na mão do Pc depois dele dizer "Obrigado" e pergunta ao Pc como é que ele está.

ÊNFASE DO TREINO: A pesca de uma cognição é uma arte e não pode ser ensinada por comando geral, e o Auditor não deve fazer as-is da havingness do Pc perguntando-lhe, "Como é que te sentes agora?", o Pc não deve ser posto na posse do conhecimento de que ele pode parar o Auditor de auditar tendo uma reação ou experimentando uma reação ao processamento, caso contrário ele começará a experimentar isso simplesmente para parar o Auditor. Por isso o uso do Treino 13 não é rotineiro e regular, mas fortuito. Deverá ser acentuado que isto pode ser usado ao correr todo e qualquer processo Tom 40. Deverá ser acentuado que o Tom 40 é corrido como ele próprio e que pescar uma cognição é entrar no processo entre ciclos de comando, e reconhecimento e comando, e reconhecimento. Depois de um reconhecimento completo a pessoa pode pescar uma cognição fazendo para isso uma pausa momentânea no processo, corrigir as coisas, manter ARC com o Pc e então continuar com o processo Tom 40. Não se entra a pescar uma cognição entre o comando e o reconhecimento. Nunca se reage ao que o Pc está a fazer no momento em que o Pc o faz, caso contrário educa o Pc a pará-lo. A Ênfase do Treino aqui é que um processo Tom 40 não é corrido numa base de autómato.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., em 1957 enquanto desenvolvia CCHs nas notas seguintes do caderno de LRH: "eu uso processos para restimular pensamento ou ação, e quando isto acontece pesco uma cognição e, ou continuo o processo, ou atravesso para o próximo processo". Foi desenvolvido basicamente para manter os Auditores em comunicação com o Pc uma vez que processos Tom 40 dão a alguns Auditores, quando os estão a estudar, a ideia de que devem sair de comunicação com o Pc.

L. RON HUBBARD

Fundador

[CCHs 5, 6 & 7 foram reeditados para o Curso de HQS como HCOB 30.09.71, Emissão VI, emendados e reeditados 19.04.74, CCHs 5, 6 & 7, Volume VII, pág. 408. O Treino 13 foi revisto para uso em Consultor de Análise de Tensão Hubbard como BTB 25.06.70R, Emissão II, 14.08.74 revisto e reeditado, Pescar uma Cognição]



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 2 de Agosto de 1962

CenOCon

RESPOSTAS SOBRE CCHs

As questões seguintes e as minhas respostas são úteis nos CCHs.

Surgiram algumas perguntas sobre CCHs. Poderíamos ter os mais recentes dados estáveis quanto a:

1. Quando se aceita uma originação física: após o comando ser executado e antes de acusar a receção, ou após acusar a receção?
2. Aceitamos a originação física perguntando "Como vai isso?", "O que é que aconteceu?" ou "Notei que aconteceu isto e aquilo. O que é que se passa?", ou existe algum outro método, que não temos, melhor do que qualquer destes?

Respostas:

1. Quando acontece.
2. Apenas com uma pergunta do tipo 2WC como "O que é que está a acontecer?"

Nunca designe a origem.

Não faça das perguntas um sistema. Três comandos bem feitos, está esgotado.

Não aceite dados falados do Pc sobre somáticos como razão para continuar.

Também, o processo que faz algo aparecer o fará desaparecer.

L. Ron Hubbard



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 5 DE ABRIL DE 1962

Franchise

CCH's ATITUDE DE AUDIÇÃO

Este é um boletim importante. Se o compreender, obterá daqui por diante resultados em casos encalhados e mais rápidos (uma hora tão eficaz como 25 horas anteriores) nos CCHs.

Eis o que aconteceu e continuará a acontecer para danificar o valor dos CCHs:

Os CCHs, na sua forma mais funcional foram *finalizados* por mim em Londres em Abril de 1957. Foi a sua maré-alta de funcionalidade durante os 5 anos seguintes. Após essa data, as dificuldades descobertas em os *ensinar aos Auditores* adicionaram soluções extraordinárias aos CCHs (não por mim) que os reduziram a cerca de 1/25 do seu valor original de AUDIÇÃO. Daí em diante, os PCs encontraram dificuldades crescentes ao fazê-los e o benefício diminuiu.

Até que ponto é que os CCHs foram afastados da AUDIÇÃO original dos CCHs? Bem, na outra noite fiz uma demonstração na TV dos devidos CCHs originais que produzem benefícios nos PCs. E mais de doze Auditores antigos (os de grau mais baixo num total de 36) pensavam que estavam a ver uma demonstração de processos inteiramente estranhos.

Embora esses Auditores tivessem sido "bem treinados" nos CCHs (mas não por mim) não viram *nenhuma* semelhança entre a maneira como os faziam e como me viram executá-los. Dois ou três estudantes e dois instrutores pensaram que estavam a ser *mal* feitos. Até os estudantes de nível mais alto ficaram surpreendidos. Nunca tinham visto CCHs como esses.

No entanto, o PC estava muito feliz, subiu muito de tom, perdeu um forte somático de antes da sessão e, em 48 horas, teve uma mudança completa de um problema físico crónico, tudo em *1 ½ hora* de CCHs na forma original apropriada.

Os estudantes e instrutores "sabiam não estar a ver os CCHs corretos", pois não havia antagonismo ao PC, o Tom 40 não era gritado porque não havia uma maratona de resistência em curso. Havia apenas AUDIÇÃO calma, positiva, com o PC em boa e feliz 2WC com o Auditor, permitindo este ao PC ter vitórias.

Na AUDIÇÃO de estudantes dos dois dias seguintes, foi usada uma sombra da atitude da demonstração e os casos auditados tiveram *benefícios muito mais rápidos* do que antes. Entretanto, pelo menos dois ou três ainda acharam isto muito fácil para serem os CCHs.

Em cinco anos, os CCHs não supervisionados de perto por mim, porém alterados no treino, tinham-se tornado completamente irreconhecíveis (e quase improdutivos).

Porquê?

Porque os CCHs foram confundidos com o Procedimento de Abertura por Duplicação que era para Auditores. Porque os CCHs se tornaram um *ritual* duro, e não um modo de auditar o PC que está na nossa frente. Os CCHs tornaram-se um método de AUDIÇÃO sem comunicar, desenrolando novelos de exercícios sem estar ali. E os CCHs são tão bons que, mesmo quando feitos incorreta, ou até viciosamente, produzem algum pequeno ganho. Os CCHs apresentam matizes que vão do branco brilhante ao cinzento-escuro, e nunca o negro, nos resultados.

Tendo sido pervertidos no treino a um sistema de fazer os Auditores auditá-los, converteram-se em algo que nada tinha a ver com o PC.

O que esses estudantes viram demonstrado (e que os perturbou terrivelmente) foi isto:



O Auditor sentou-se, conversou um pouco com o PC sobre a sessão e explicou de modo geral o que ia fazer. A sessão foi iniciada. O Auditor explicou o exercício do CCH-1 em particular, e depois deu-lhe início. O PC deixou transparecer um pouco de acanhamento. O Auditor tomou a reação física como uma originação do PC e inquiriu-o. A rotina do exercício do CCH-1 prosseguiu e logo ficou esgotada por três respostas iguais. O Auditor foi para o CCH-2. Explicou o exercício e deu-lhe início. Foi verificado estar esgotado. O PC fez o exercício três vezes sem mudança de comunicação. O Auditor explicou e passou ao CCH-3. Este também ficou esgotado e, após um teste de três vezes, o Auditor passou a explicar o CCH-4, e deu-lhe início. Estava não-esgotado e foi gradualmente trabalhado até três respostas corretas do PC em tempo igual, num movimento que o PC a princípio não podia fazer. Tinham-se passado cerca de 50 minutos; assim, **o Auditor deu um intervalo de dez minutos**. Após a pausa, o Auditor voltou ao CCH-1, achou-o esgotado, foi para o CCH-2 e verificou estar o PC a saltar o comando, e, entrepondo pequenas demoras de diferentes durações antes de dar os comandos, derrotou o automatismo. O Auditor passou para o CCH-3, achou-o esgotado, e foi depois para o CCH-4 que não estava esgotado e, de acordo com isso, foi esgotado. O Auditor então discutiu os rudimentos finais de um modo geral, obteve um sumário dos ganhos e terminou a sessão.

Todos os comandos e ações foram em Tom 40 (que *não* é "antagonismo" ou "desafio"). Entretanto o PC foi mantido pelo Auditor em 2WC entre ciclos completos do exercício. Tomando *cada nova* mudança física manifestada *como uma originação* do PC, inquirindo e fazendo o PC manifestar a sua reação sobre isso, esta 2WC não foi em Tom 40. Auditor e PC levaram a sério os exercícios. Não houve relaxamento na precisão. Ambos, Auditor e PC, estavam descontraídos e felizes quanto à coisa toda. E o PC terminou nas nuvens.

Esses foram CCHs feitos corretamente. Tiveram altos ganhos como resultado.

Os espectadores não viram nenhum rosar de cão de guarda, nenhum PROPÓSITO sombrio, nenhuma suspeita antagonista, nenhum PC a sair de sessão, nenhum mau trato, nenhum berro de sargento-instrutor e, portanto, SABIAM que esses não poderiam ser os CCHs. Havia bom relacionamento Auditor/PC (melhor do que em sessões formais) e boa 2WC o tempo todo, assim sendo, os espectadores "SABIAM" não serem esses os CCHs apropriados.

Bem, não sei o que são esses banhos de sangue a que chamam "os CCHs". Eu fi-los como eram executados em Abril de 1957, proporcionando em Abril de 1957 resultados rápidos. E os processos nem sequer são reconhecidos!

Portanto, nalgum ponto dos anos desde Abril de 1957 a Abril de 1962, e nalgum ponto em cada local em que são feitos, cresceram aditivos, injunções e "agora devo fazer..." à volta desses processos exatos, porém fáceis e agradáveis, criando um monstro não-funcional chamado "os CCHs" o que, entretanto, definitivamente não é.

Não vendo as estranhas perversões, mas as respostas lentas marcadas em gráfico e muitas horas queimadas, após 1959 comeci a deixar de recomendar os CCHs, achando-os muito demorados nas mãos dos outros. Mal suspeitava quão complicados e sombrios se tinham tornado.

Bem, os CCHs *reais*, *bem desempenhados*, feitos do modo aqui descrito, são uma rota de benefício rápido, fácil para Auditor e PC, alcançando os casos mais baixos.

Releia os boletins de Junho e Novembro do ano passado (deixe de lado o teste dos 20 minutos; 3 vezes feitas de modo igual é o suficiente para ver se um CCH está esgotado) e, sem esquecer o seu Tom 40 e exatidão, afastando a atitude de Auditor militante, distante e carrancudo, tente fazê-los tão agradavelmente quanto descritos na sessão delineada acima, e admire-se com o progresso do PC.

Os CCHs são fáceis para Auditor e PC? Ah, eles tinham observado uma porção de CCHs, mas nenhum *fácil* para o Auditor ou PC. Todos acreditavam ser uma confusão em grande, esmagadora e árdua, uma verdadeira luta. A única dificuldade era o sumiço dos benefícios, quando acabava o ARC.

Hoje em dia, pondo *qualquer* PC nos CCHs *originais* conforme acima até estarem esgotados, passando depois para 3D Criss Cross (nome de um processo), o PC levantará voo.



Por certo não é preciso parecer e soar tão zangado, desinteressado e vil quando audita os CCHs. Desejamos tornar o PC “*Claro*”, e não o converter numa trémula ruína. Os CCHs são feitos facilmente (quando feitos corretamente).

Eles irão perder-se novamente, a menos que se lembre que se podem perder.

Acredito que os TRs de Doutrinação Superior deverão ser cancelados nas Academias, dedicando simplesmente mais tempo aos CCHs, pois é a atitude de Doutrinação Superior transferida para os CCHs que os torna sombrios.

SUMÁRIO

O PROPÓSITO dos CCHs é fazer o PC atravessar incidentes e vir para Tempo Presente. É o contrário da AUDIÇÃO "mental" na medida em que coloca a atenção do PC fora do banco e no Tempo Presente. Isto é feito pelo uso de Comunicação, Controle e Condição-de-Ter ('Havingness'). Se tornar o Tempo Presente uma hostilidade para o PC, ele certamente não quererá vir para o Tempo Presente, levando simplesmente mais todo esse tempo para fazer os CCHs funcionarem.

Faça os CCHs tendo em mente o Código do Auditor, com firmeza. Não trabalhe um processo que não esteja a produzir mudanças. Trabalhe um processo enquanto produzir mudanças. Não entre em 2WC com o PC.

Complete cada ciclo do processo. Não introduza 2WC no meio de um ciclo; use 2WC somente após um ciclo ter tido reconhecimento e ter sido completado.

Não termine um processo antes de estar esgotado. Não continue um processo após ter sido esgotado.

Use os Comandos em Tom 40. Não confunda Tom 40 com gritaria antagonista contra o PC. Se *tiver* que manejar o PC à mão, faça-o, porém somente para o ajudar a esgotar o processo. Se *tiver* de manejar o PC à mão, já acumulou quebras de ARC, já lhe ocasionou perdas e já o lançou para fora de sessão.

Melhore a capacidade do PC numa escala gradativa, dê-lhe muitas vitórias nos CCH-3 e CCH-4, e, entre eles, esgote o que o PC não foi capaz de fazer.

Os exercícios dos CCHs devem ser feitos pelo Auditor, com precisão. O critério, no entanto, é no sentido do PC conseguir ganhos, não no facto do Auditor ser um ritualista perfeito.

O ritual exato é algo em que deve ter orgulho. Entretanto, existe somente para dar cumprimento à AUDIÇÃO. Quando existe apenas por si só, cuidado.

Audite o PC que está na sua frente. Não algum outro PC ou objeto geral.

Use os CCHs a fim de atrair o PC para fora do banco e para dentro do Tempo Presente.

Tome as mudanças físicas do PC como se fossem originações. Todas as vezes que ocorrer uma nova, aceite-a com 2WC como se o PC tivesse falado. Caso a mesma "originação" aconteça repetidamente, aceite-a de novo, ocasionalmente, e não todas as vezes.

Saiba o que se está a passar. Mantenha o PC nisso. Mantenha o PC informado. Mantenha o PC a vencer. Mantenha o PC a exteriorizar do passado e a vir para o Tempo Presente.

Conheça os CCHs e o que está a fazer. Se tudo se deteriorar num mero ritual, levará de 25 a 50 vezes o tempo necessário para produzir o mesmo resultado que eu obteria.

A AUDIÇÃO é para o PC. Os CCHs são para o PC. Em AUDIÇÃO você vence nos CCHs somente quando o PC vence.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
WASHINGTON, D.C.
HCOB DE 3 DE FEVEREIRO DE 1959

ESGOTAR PROCESSOS

Um processo (NT: feito fora do E-metro) é considerado esgotado quando:

1. Há o mesmo atraso de comunicação entre o momento em que o comando é dado e o Pc responde, ou executa o comando, *pelo menos* 3 vezes seguidas.
2. Ocorre uma cog.
3. Uma capacidade é recuperada.

L. Ron Hubbard



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

WASHINGTON, D.C.

HCOB DE 4 DE FEVEREIRO DE 1959

Originalmente emitido a partir de Londres

PROCEDIMENTO DE ABERTURA POR DUPLICAÇÃO

Use dois objetos: um livro e uma garrafa.

Mande o Pc examiná-los e manipulá-los para sua satisfação. Então mande-os colocar a alguma distância um do outro na sala, num par de mesas ou localizações similares.

Os comandos:

”Olha para aquele livro”.

”Caminha até ele”.

”Apanha-o”.

”Qual a sua cor?”

”Qual a sua temperatura?”

”Qual o seu peso?”

”Coloca-o exatamente no mesmo lugar”.

Repita com a garrafa.

Não varie os comandos de forma alguma. Use Tom 40. Dê o reconhecimento com ”Obrigado”. Os comandos básicos nunca deverão ser largados, e nunca, nunca engane o preclaro usando o livro outra vez quando sabia que ele começava a ir para o frasco. O propósito do processo é duplicação. Deverá ser usado bom controle.

Aceite as respostas dos Pcs quer sejam lógicas, tolas, imaginativas, obtusas ou ilícitas. Ao começar o processo você pode discutir com ele o que vai fazer, e garantir que tem os rudimentos estabelecidos. Corra o processo até os atrasos de comm estarem esgotados.

Este processo é um requisito para HPA/HCA.

L. RON HUBBARD

LRH:mc.rd



BTB DE 24 OUTUBRO de DE DE 1971R

Emissão I

Revisto a 2 de Janeiro de 1975

Remimeo
Tech & Qual
Cksheet Nível I
HQS
Checksheet Curso Super

CANCELA

HCOB DE 24 de OUTUBRO de 1971

Emita II MESMO TÍTULO

TAMBÉM MODIFICA O BTB DE 9 de OUTUBRO DE 1971R

EXERCÍCIOS NÍVELE I (Página 13, N°. 9)

PROCEDIMENTO DE ABERTURA POR DUPLICAÇÃO FENÓMENOS FINAIS

Exteriorização é um EP para o processo Procedimento de Abertura por Duplicação, mas não é o único EP. A razão por que o Procedimento de Abertura por Duplicação teve um EP de Exterior foi que nós não tínhamos então o Int-Ext, e tínhamos que terminar isso na primeira exteriorização.

Os EPs para o Procedimento de Abertura por Duplicação incluem:

- A. Atrasos de Comm aplanados e mais nenhuma mudança no processo (segundo PAB 48).
- B. Um grande ganho real com F/N, Cog, VGIs e capacidade recuperada (segundo HCOB 20 Fev. 70, "Agulhas Flutuantes e Fenómenos Finais").
- C. Exterior com F/N, Cog, VGIs.

Na presença de overts pesados é possível que um Pc não exteriorize no Procedimento de Abertura por Duplicação.

São manejados overts no Grade II Exp. O Procedimento de Abertura por Duplicação poderia moer sem parar tanto como 50 horas sem mudança num tentativa de correr isso para Ext, quando é um Grau II fora.

Nada neste BTB deverá ser usado para um *rapidinho* Procedimento de Abertura por Duplicação.

Tirado de um C/S de LRH

Reeditado por Compilações de Tech de Flag para CS-4, W/O Ron Shafran

Aprovado por

L. RON HUBBARD

Fundador

para o Quadros de diretores

das

IGREJAS DE CIENTOLOGIA

BDCS:LRH:RS:LG:rs.jh



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 18 DE MAIO DE 1980

OS COMANDOS DE COMEÇAR, MUDAR E PARAR (SCS)

(Ref.: HCOB 28 Jul. 58 PROCEDIMENTO DE CLARIFICAÇÃO,
PAB 97 1 Out. 56, COMEÇAR-MUDAR-PARAR, CONTROLE E AS MECÂNI-
CAS DE SCS
CIENTOLOGIA: PROCEDIMENTO DE CLARIFICAÇÃO - EMISSÃO UM.

Começar, Mudar e Parar é a anatomia do controle.

Isto é o ciclo de ação.

Mau controle é coisa que não existe, mas apenas controle não positivo. Bom controle é controle positivo e controle positivo não é mau controle.

Começar-Mudar-Parar é o nome de um processo objetivo. Ele tem duas fases, ambas concebidas para subir gradualmente a capacidade de controlar do Pc.

O processo é muitas vezes abreviado como "SCS".

SCS NUM OBJETO

A primeira fase do percurso de Começar, Mudar e Parar, é "SCS NUM OBJETO"

Começar, mudar e parar um objeto é um nível abaixo de mover o corpo.

Os seguintes são os comandos de SCS NUM OBJETO. (Isto foi tirado do filme de LRH sobre "SCS" o qual foi programado para apresentar na academia).

Num objeto:

COMEÇAR:

1. Vou pedir-te para começares a mover o (objeto) e quando eu disser começa, tu comesas a mover o objeto naquela direção (o auditor indica uma direção com a mão).

Compreendes isto?

2. "Começa".

3. "Tu começaste a mover o objeto?"

(Repetir 1, 2, 3, 1, 2, etc., até o Pc cumprir facilmente os comandos nesse objeto).

MUDAR:

1. "A este ponto vamos chamar-lhe 'A'". (O auditor indica o ponto "A" com uma fita marcada em cima da mesa, ou um pedaço de papel marcado, no chão, conforme apropriado).
2. "A este ponto vamos chamar-lhe 'B'". (O auditor indica o ponto "B" com uma fita marcada em cima da mesa ou um pedaço de papel marcado, no chão, conforme for apropriado).
3. "A este ponto vamos chamar-lhe 'C'". (O auditor indica o ponto "C" com uma fita marcada em cima da mesa ou um pedaço de papel marcado, no chão, conforme apropriado).



4. "A este ponto vamos chamar-lhe 'D'". (O auditor indica o ponto "D" com uma fita marcada em cima da mesa ou um pedaço de papel marcado, no chão, conforme for apropriado).
5. "Quando eu te pedir para mudares o (objeto) quero que tu mudes a posição dele de "A" para "B". Comprendes isto?"
6. "Muda".
7. "Tu mudaste o (objeto)?"
8. "Quando eu te pedir para mudares o (objeto) quero que tu mudes a posição dele de "B" para "C". Comprendes isto?"
9. "Muda".
10. "Tu mudaste o (objeto)?"
11. "Quando eu te pedir para mudares o (objeto) quero que tu mudes a posição dele de "C" para "D". Comprendes isto?"
12. "Muda".
13. "Tu mudaste o (objeto)?"

(Repetir os comandos 1- 13, 1- 13, etc., até que o Pc os cumpra facilmente no objeto).

(Nota: enquanto os comandos 1- 13 são repetidos, a posição dos locais designados não tem que ser a mesma da vez anterior pois isso tornaria o processo demasiado repetitivo, levaria o Pc a prevê-lo demasiado facilmente e a fazê-lo mecanicamente).

PARAR:

1. Vou pedir-te para pões o (objeto) a andar naquela direção (o auditor indica a direção com a mão). A certa altura vou dizer pára. Então tu paras o (objeto).
Comprendes isto?
2. "Tu pões o (objeto) a andar".
3. "Pára !"
4. "Tu paraste o (objeto)?"

(Repetir 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, etc., até o Pc cumprir facilmente os comandos nesse objeto).

O auditor deveria agora percorrer Começar e assim por diante, de novo no mesmo objeto até que nem Começar nem Mudar nem Parar produza qualquer mudança.

O auditor começa SCS NUM OBJETO, dando comandos num objeto de baixo gradiente. (Por exemplo um clipe).

Quando o primeiro objeto estiver esgotado, o auditor percorre SCS num objeto maior (por ex. um tijolo, uma bola, etc.) até que isto esgote indo para um objeto maior e assim por diante até o Pc ter uma consciência de Começar, Mudar e Parar objetos e fazê-lo facilmente. (Isto pode acontecer em qualquer ponto do percurso de SCS NUM OBJETO).

SCS NO CORPO

A segunda fase do percurso do Começar-Mudar-Parar é "SCS NO CORPO"

O Pc está aqui a ser processado no sentido da capacidade de controle sobre o seu corpo.

O seguinte são os comandos para SCS NO CORPO. (Isto foi tirado do filme de LRH sobre "SCS" o qual foi programado para apresentar na academia).

COMANDOS SCS NO CORPO

COMEÇAR:

1. Vou pedir-te para começares a mover esse corpo. Não te vou pedir para o parares.
Comprendes isto?



2. "Quando eu disser começa, tu comesças a mover esse corpo, O.K.?"

3. "Começa".

4".Tu começaste a mover esse corpo?"

(Repetir 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4,ect, até o Pc cumprir facilmente os comandos).

MUDAR:

1. "A este ponto vamos chamar-lhe 'A'". (O auditor indica o ponto "A" com um pedaço de papel marcado, no chão).

2. "A este ponto vamos chamar-lhe 'B'". (O auditor indica o ponto "B" com um pedaço de papel marcado, no chão).

3. "A este ponto vamos chamar-lhe 'C'". (O auditor indica o ponto "C" com um pedaço de papel marcado, no chão).

4. "A este ponto vamos chamar-lhe 'D'". (O auditor indica o ponto "D" com um pedaço de papel marcado, no chão).

5. "Quando eu disser muda! quero que tu mudes a posição desse corpo de "A" para "B". Compreendes isto?"

6. "Muda".

7. "Tu mudaste esse corpo?"

8. "Quando eu disser muda quero que tu mudes a posição desse corpo de "B" para "C". Compreendes isto?"

9. "Muda".

10. "Tu mudaste esse corpo?"

11. "Quando eu disser muda quero que tu mudes a posição desse corpo de "C" para "D". Compreendes isto?"

12. "Muda".

13. "Tu mudaste esse corpo?"

(Repetir os comandos 1-13, 1-13, etc., até que o Pc os cumpra facilmente).

PARAR:

1. Vou pedir-te pões esse corpo a andar naquela direção (o auditor indica a direção com a mão). A certa altura vou dizer pára! Então tu paras esse corpo.

Compreendes isto?

2. "Tu pões esse corpo a andar".

3. "Pára!"

4".Tu paraste esse corpo?"

(Repetir 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, etc., até o Pc cumprir facilmente os comandos).

PARAR SUPREMO:

1. Vou pedir-te para pões esse corpo andar. A certo ponto vou dizer-te pára! Quando o fizer quero que tu pares esse corpo o mais depressa possível e o mantinhas parado tanto quanto puderes, o.k.?

2. "Tu pões esse corpo a andar".

3. "Pára!"

4".Tu conseguiste?"

(Repetir 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, etc., até o Pc cumprir facilmente os comandos).



O auditor agora percorreria Começar outra vez no corpo e assim por diante até que nem Começar nem Mudar nem Parar Supremo produzisse qualquer mudança. O Pc será capaz de executar os passos de SCS facilmente e terá uma consciência sobre Começar, Mudar e Parar o corpo. (Isto pode acontecer em qualquer ponto do percurso de SCS NO CORPO).

Quando o Pc está de pé para executar o comando, o auditor está de pé ao seu lado. Ele também se assegura de tocar o Pc (a mão ao de leve no braço ou ombro, etc.) enquanto lhe dá o R/F como nos passos 5, 8 e 11 acima.

O auditor, é claro que acusa sempre a receção a cada *execução* dum comando de audição.

A única forma de errar ao percorrer SCS é fazê-lo com imprecisão e mau ARC. É fácilmo ser preciso com alto ARC.

L RON HUBBARD

FUNDADOR

Ajudado pelo

I/C do projeto técnico.



P.A.B. Nº. 97

BOLETIM DO AUDITOR PROFISSIONAL

A mais Antiga Publicação Contínua de Dianética e Cientologia

De L. RON HUBBARD

Via gabinete de comunicações de Hubbard

20 Rua de Buckingham, Strand, Londres W.C.2

1 de Outubro de 1956

COMEÇAR - MUDAR - PARAR

Editado das conferências de L. Ron Hubbard HPA/HPC de Agosto de 1956

Esta é a entrada para casos duros hoje em dia. A mais baixa entrada que hoje temos para um caso é a mesma para um caso inferior e para um caso superior. Este processo não “critica” o caso do preclaro.

Ele está abaixo do estabelecimento dos rudimentos, mas ainda deverá ser auditado na moderna forma de Pontes de Comunicação, Reconhecimentos, etc.

Só um procedimento inferior a este processo seria um procedimento altamente especializado que tivesse a ver com um indivíduo que perdeu o uso da voz, da vista e do ouvido, ou a capacidade de mexer as mãos.

Torna-se necessário o auditor ficar inventivo a fim de estabelecer comunicação, mas ele deveria manter-se tão perto quanto possível destes procedimentos. O processo inferior, que seria endereçado a qualquer caso, seria simplesmente o primeiro processo de SLP 8 que não é, como dissemos antes, “Encontra o auditor,” “Encontra o preclaro”, etc., mas o processo que conduz a isso. Este é um processo interessante uma vez que é em si mesmo capaz de produzir um resultado total e é extremamente simples.

Começar, Mudar, e Parar é a anatomia do controle. É um ciclo de ação. Existe continuar (persistir) no meio da curva e outros ciclos dentro dos ciclos de ação, mas os fatores importantes são Começar, Mudar e Parar.

Estas três partes do Controle são esgotadas individualmente. Então apanhe a outra parte do ciclo e esgote-a nesta ordem: nós esgotamos *Mudar*, então esgotamos bem *Começar*, e então esgotamos *PARAR*.

Seria neste momento um erro dizer que este processo está terminado, pela excelente razão de que, se corresse Mudar outra vez, você encontraria mais considerações a mudar no preclaro, e então se corresse Começar encontraria isso por esgotar, logo corrê-lo-ia outra vez e então aplanava Parar.

Não seria possível dizer quanto tempo teria que correr o processo. Em alguém que fosse total maquinaria e que nunca tivesse estado em sessão, este seria um processo duro. Num caso em boa condição, isto correria mais facilmente. O preclaro consideraria isso interessante e exteriorizaria muito melhor.

O resultado final deste processo é exteriorização. Para alguém que está exteriorizado compulsivamente isto seria excelente, uma vez que ele deslizaria para dentro da sua cabeça e finalmente sairia outra vez, mas agora não a nível compulsivo.

A pessoa encontra três condições em audição: o preclaro que está compulsivamente interiorizado, o preclaro que está compulsivamente exteriorizado, e o preclaro que está a besuntar todo o universo. Este caso corrido



em SCS acumularia grandemente a capacidade de se recompor. Isto poderia não acontecer antes de o correr cinco ou mais horas nisso.

Se este processo for continuado o suficiente, o preclaro estará a mover o corpo dele por postulado, i.e., do exterior e não através de raios, estímulo-resposta, etc.

Este processo não vai até lá cima por causa da extensão da atenção do preclaro. A maior parte dos preclaros não podem ficar num processo mais do que alguns momentos, logo você variaria o processo um pouco para o manter interessado. Contudo, a sua resposta factual não é importante contanto que ele o faça.

Não há coisa tal como mau controle, mas apenas controle não-positivo. Bom controle é Controle positivo e Controle positivo não é mau Controle. Nós temos aí um nível inferior ao de mover o corpo. Este é SCS em objetos. É sempre mais seguro correr isto em alguém que você está a testar. Alguém para quem um corpo não é real deveria ser corrido usando um objeto em vez do seu corpo.

Para correr este processo o auditor e preclaro devem estar ambos em pé. Isto dá realidade, e o auditor duplicando (mímica) o preclaro provocará maior ARC. A sessão falha sempre quando o auditor se senta enquanto corre SCS.

A coisa corre deste modo:

O auditor aponta ao preclaro um ponto no chão e diz: "vês aquele ponto? Ótimo, bem, nós chamaremos àquele Ponto A. Agora fica lá. Certo". O auditor indica agora outro ponto e diz: "agora vês aquele outro ponto? Ótimo, nós chamaremos àquele Ponto B. Certo, agora quando eu disser que mudes a posição do corpo quero que o movas do Ponto A para o Ponto B. Certo? Ótimo. Muda a posição do corpo. Ótimo". Então você diz: "vês aquele ponto? Bem, nós chamaremos àquele Ponto C (usamos três pontos de maneira a não correremos um processo de duplicação). Agora quando eu disser que mudes a posição do corpo quero que movas o corpo do Ponto B para o Ponto C. Compreendes isso? Certo, muda a posição do corpo".

Você pode-lhe perguntar: "mudaste a posição do corpo?" se o caso não está muito baixo, mas não é aconselhável a princípio num caso inferior.

Então volte ao Ponto A. Não tem que ser sempre o mesmo Ponto A, uma vez que isso faz o processo muito como uma duplicação, leva o preclaro a prever o processo muito facilmente e fazê-lo mecanicamente.

Você faz um contrato com o preclaro de cada vez. Você não depende de qualquer entendimento anterior com este processo. Cada momento no tempo é novo. Fazemos de cada movimento um movimento novo no tempo. Ele não tem que depender da memória dele, logo você repete cada vez como acima, todo o fraseado como dado.

Em Começar nós enfatizamos COMEÇAR. Você diz: "Vês aquela parede ali? Ótimo. Agora quando eu te der este comando quero que movas o corpo naquela direção. Quando eu disser COMEÇA quero que comeces a pôr o corpo a andar. Certo. Começa. Ótimo". Ele pode protestar que teve que parar o corpo e também mudá-lo. O que está a acontecer é que a palavra "controle" está a começar a desagrupar-se e como começar, mudar e parar ficam separados e distintos uns dos outros, a capacidade do indivíduo aumenta para controlar o corpo e ele ganha mais confiança podendo controlá-lo de uma distância cada vez maior.

O próximo comando seria: "muito bem, quando eu disser começa, tu começa a pôr o corpo a andar. OK. Começa a pôr o corpo a andar".

O terceiro comando é para PARAR. "vou pedir-te que ponhas o corpo a andar para ali, para àquela parede, e algures no caminho vou dizer-te para parar e eu quero que pares o corpo. Está bem?" Ele concorda e você diz: "Põe o corpo a andar". Não diz começa. Ele faz isso, e você diz: "Pára!" e "paraste o corpo?"

Parar é a parte mais importante de SCS. Ao longo de toda a linha foi dito ao preclaro para parar. Ele foi feito todo o tempo. Agora você leva-o a fazer isso mesmo sob o seu próprio controle e autodeterminação, e ele toma conta da automação.

Finalmente o preclaro aplanará cada um destes por sua vez. Você pode ter que fazer "Parar" uma vez mais do que os outros.



Você deverá acompanhá-lo de maneira que ele possa sentir o contexto da mímica disto. Se você se sentar sairá logo de ARC e abandonará a sessão.

L. RON HUBBARD



P.A.B. Nº. 34

O BOLETIM de AUDITOR PROFISSIONAL

De L. RON HUBBARD

Via Gabinete De Comunicações Hubbard

163 Holanda Park Avenue, London W.11,

4 de Setembro de 1954

Com esta emissão do Boletim do Auditor Profissional começa uma nova série por L. Ron Hubbard intitulada UM CURSO BÁSICO DE CIENTOLOGIA. Os boletins desta série são planeados par cobrir o período de pelo menos um ano. Este Curso Básico consiste de numerosos artigos de Ron sobre a teoria e técnicas da Cientologia de hoje. O auditor profissional experiente achará isto uma excelente fonte de revisão; o recém-chegado terá disponível uma riqueza de dados novos numa forma de fácil utilização e altamente compreensível.

PROCEDIMENTO DE ABERTURA, SOP-8-C,

Um Curso Básico de Cientologia—Parte 1

Porque muita gente me escreve pedindo informações sobre como percorrer uma técnica em particular e porque a maior parte dessas perguntas são sobre como pôr um caso a correr, este processo é aqui delineado para usar na primeira parte do Curso Básico. Tendo percorrido uma vez este processo SOP 8-C num “caso chamado ‘difícil’ não precisamos mais de garantir ou de conversa de vendedor sobre isso. E tendo sido percorrido em nós mesmo por um auditor perito no seu uso, ficará demonstrada adequadamente a sua funcionalidade.

IMPORTANTE: EM PROCESSAMENTO, COM PSICÓTICOS OU NEURÓTI-COS QUALQUER QUE SEJA O GRAU OU COM OS QUE SOFREM DE MALES PSICOSSOMÁTICOS DE QUALQUER TIPO, USAMOS O PROCEDIMENTO DE ABERTURA 8-C, CADA UMA DAS PARTES, ATÉ A PESSOA ESTAR CERTA DE QUEM O ESTÁ A FAZER. USAMOS APENAS O PROCEDIMENTO DE ABERTURA SOP 8-C ATÉ O CASO ESTAR TOTALMENTE SÃO. NÃO USAMOS NENHUM OUTRO PROCESSO DE QUALQUER ESPÉCIE.

Todo o modus operandi do Procedimento de Abertura 8-C consiste em levar o preclaro a mover o corpo à volta da sala sob a direção do auditor até que (a) ele ache que está em verdadeira comunicação com muitos pontos na superfície das coisas da sala, (b) até ele poder selecionar pontos da sala e saber que ele os está a selecionar e pode comunicar com eles e (c) selecionar pontos e mover-se para eles, decidir quando os tocar e quando os largar. Cada um destes passos é feito até o auditor estar bem seguro de que o preclaro não tem comm lag.

Os comandos de audição para a parte (a) são os seguintes: ‘Vês aquela cadeira?’ ‘Vai lá e põe-lha a mão em cima ‘. ‘Agora olha para o candeeiro ‘Vai lá e põe-lhe a mão em cima ‘. Isto é feito com vários objetos sem especificamente designar pontos de natureza mais precisa do que um objeto até o preclaro estar muito certo de estar em boa comunicação com estes objetos e paredes e outras partes da sala.

O acima indicado é percorrido até as seguintes manifestações de comm-lag (e quaisquer outras que possamos encontrar) estarem bem apagadas: o preclaro roçar só o objeto que foi mandado tocar, olhando muito depressa para longe dele, não olhando para ele em absoluto, olhando para o auditor em vez do objeto que foi mandado tocar, executar o comando antes de ser dado, como ir tocar no candeeiro quando tudo o que o auditor disse foi ‘vês aquele candeeiro?’, de algum modo reclamando do processo, opondo-se a que o mandem



executar a ação, indisponibilidade para tocar os itens designados, pondo toda a atenção em criar um efeito no auditor e apatia, desgosto, raiva, medo e aborrecimento provocados por este processo.

Quando o acima mencionado foi completado, o auditor pode dizer o que lhe aprouver ou introduzir as significâncias que desejar desde que siga de perto aquilo que neste método o faz funcionar, ou seja a percepção do universo físico e estabelecer contacto com ele. Nesta altura o auditor pode tornar-se muito específico acerca da seleção dos pontos para o preclaro tocar. ‘Estás a ver aquela marca negra no braço esquerdo da cadeira?’ ‘Vai lá e toca-lhe com o indicador direito’. ‘Agora tira-o daí’. ‘Estás a ver o parafuso de baixo na chapa do interruptor?’ ‘Vai lá e toca-lhe com o dedo anelar’. ‘Agora tira-o daí’, e assim sucessivamente até o preclaro ter uma *percepção uniforme* de todo e qualquer objeto na sala incluindo as paredes, o chão e o teto. Este passo pode ser continuado por muito tempo. Ele tem uma infinidade de variações. Mas não são as variações que funcionam, mas estabelecer e quebrar a comunicação com os pontos na verdade designados. Neste ponto *podemos* fazer o seguinte: asseguramo-nos que o preclaro está a executar o processo fazendo perguntas tais como, ‘Estás a tocar no manípulo da porta?’ ‘Onde está o manípulo?’ ‘Que forma é que ele tem?’ ‘De que cor é que ele é?’ ‘Estás a senti-lo?’ ‘Olha para ele’. ‘Quem é que lhe está a tocar?’ ‘De quem é a mão que está nesse manípulo?’ ‘Quem é que lá está a segurar a tua mão?’ ‘Onde está esse manípulo?’ ‘Quando é que ele lá está?’ Podemos chatear o preclaro desta maneira até o que ele faz mostrar que está em comunicação com o objeto e até não se zangar com as perguntas e direção.

SE ALGUMA VEZ SURGIREM QUAISQUER DÚVIDAS SOBRE O CASO DUM PRECLARO, FAZEMOS ESTE PASSO (PARTE (a)) ATÉ ESTAR SATISFEITO DE QUE A COMUNICAÇÃO ESTÁ BOA. UM CASO QUE NÃO OBEDEÇA ÀS ORDENS DO 8-C (a) PERVERTEM OU ALTERAM SEMPRE OS COMANDOS A SER EXECUTADOS COM MENOS SUPERVISÃO DO QUE A PERCEÇÃO DO SEU CORPO.

A parte (b) tem estes comandos de audição: ‘Encontra um, ponto nesta sala’. Não é necessária uma maior designação para este ponto. O procedimento de localização dá ao preclaro a deliberação da seleção. Quando preclaro acaba de fazer isto o auditor diz: ‘Vai lá e põe-lhe o dedo em cima’. Quando o preclaro acaba de fazer isto o auditor diz: ‘Agora larga-o’. Tem que ser realçado que o preclaro não executa o comando antes dele ser dado e não larga antes de lhe ser dito para o fazer. Ao preclaro é permitido selecionar pontos até todos os comm-lags estarem aplanados e até ele selecionar pontos livremente nas paredes, objetos, cadeiras, etc., sem qualquer especialização, ou seja, até que a sua percepção da sala esteja uniforme. Muitas coisas surgem no decurso deste procedimento tal como o facto do preclaro não poder olhar para paredes etc.

A parte (c) deste procedimento é corrido com estes comandos de audição: ‘Encontra um ponto na sala’. ‘Decide quando lhe vais tocar e toca-lhe’. ‘Decide quando vais largá-lo e larga-o’. Uma variação deste processo é mandar o preclaro decidir sobre um ponto e depois mandá-lo mudar de ideias e selecionar outro ponto.

O problema com a maior parte dos casos e com qualquer caso que não está a processar, é que foi usada uma quantidade insuficiente do Procedimento de Abertura 8-C pelo auditor. Descobriu-se ser esta uma regra invariável. Os preclaros fingem percorrer comandos de natureza subjetiva, mas não os percorrem em absoluto. Por outras palavras, o auditor está a dizer-lhe para fazer uma coisa e ele está a fazer outra coisa completamente diferente. Por isso o processo não está na verdade a ser usado no preclaro. A dificuldade neste caso é uma dificuldade específica na comunicação em que o preclaro não pode duplicar. Mas mais importante do que isso, qualquer preclaro cujo caso está pendurado está fora de contacto com a realidade a tal ponto que ele começou a fazer o processo mais com mock-ups do que no verdadeiro universo físico. Veremos que fazendo o processo em mock-ups descobrindo neles os pontos, encontrando as distâncias a eles e assim por diante, produz não ganho e até ganho negativo. Só os processos que se dirigem diretamente ao universo físico se verificaram capazes de subir o tom do preclaro. Ele tem que chegar a uma completa tolerância do mesmo antes de poder sair dele. Assim qualquer caso que esteja atolado algures em procedimentos mais intrincados, pode ser aliviado e trazido para o tempo presente pelo Procedimento de Abertura 8-C. A única precaução a ter da parte do auditor é que ele tem que ser muito preciso a dar a suas ordens e tem que insistir com o preclaro no sentido de ele estar muito certo de que ele está realmente a ver os pontos e a tocar-lhes e de o inibir de executar os comandos antes de serem dados.



L. RON HUBBARD



SECÇÃO CINCO - DIANÉTICA DA NOVA ERA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 22 DE JUNHO DE 1978RA

Rev. 8 Abr.88

Nova Era Dianética Séries 2RA

NOVA ERA DIANÉTICA, DELINEAMENTO COMPLETO DO PROGRAMA DO PC

À medida que uma pessoa atravessa a vida e outras vidas, ela colide com secundários, perdas, mortes daqueles a quem está ligado de perto, lesões, acidentes, doenças, operações, e tensão emocional. Isto, é claro, não é tudo, mas cobre as principais queixas e sintomas dos Pcs.

A Dianética presta-se a manejar as queixas correntes, do passado e ocasionais, e os sintomas acima referidos.

Ela alcança os seus resultados dirigindo-se e manejando o espírito, e não é de modo algum passível de confusão com a medicina ou outras práticas.

O fenómeno final da audição de Dianética é um Pc Bem e Feliz. Estes passos, conforme abaixo expostos, se forem TODOS FEITOS e com precisão, produzirão exatamente isso.

NOVA ERA DIANÉTICA, DELINEAMENTO TOTAL DO PROGRAMA DO PC:

AS AÇÕES DO PROGRAMA COMPLETO DA NOVA ERA DIANÉTICA SÃO PARA SER CORRIDAS NA ORDEM DADA. O PRODUTO É UM PC BEM E FELIZ E É NESTA DIRECÇÃO QUE VAMOS, PASSO A PASSO, PARA OBTER ESSE PRODUTO.

AÇÃO UM: FOLHA DE ASSESSMENT ORIGINAL.

Esta folha é totalmente preenchida com o Pc no e-metro. Ela dá a história do Pc, as drogas e álcool que ele tomou nesta vida, doenças, operações, condições físicas presentes, tratamento mental, dificuldades médicas e de percepções. O assessment é feito neste ponto mesmo que já tenha sido feita antes na audição do Pc.

Neste ponto são apenas tirados os dados. Não tentamos manejar nenhum dos itens neste passo. (Ref. HCOB 24 Jun. 78RA, Série NED 5RA, FOLHA DE ASSESSMENT ORIGINAL).

AÇÃO DOIS: MANEJAR QUALQUER CONDIÇÃO PTS.

Deve notar-se que temos que manejar qualquer condição PTS antes de qualquer audição poder começar. Os Pcs que estão PTSs não conservam os seus ganhos. Por isso, qualquer condição PTS tem que ser manejada antes da audição ser iniciada. (Ref. HCOB 10 Ago. 73, MANEJO PTS; HCOB 9 Dez. 71RC, PTS RD AUDITADO).



AÇÃO TRÊS: ARC OBJETIVO.

Adicionei um novo processo para ser feito antes da bateria completa dos Processos Objetivos. Ele é chamado ARC Objetivo. Este é o primeiro processo a ser feito num Pc e trará a pessoa para o tempo presente. (Ref. ARC Objetivo está coberto no HCOB 19 Jun. 78, Série NED 3, ARC OBJETIVO). Este processo faz parte da bateria completa de Objetivos os quais se seguem ao Purif. RD e faz parte do Grau I Expandido. O C/S deve verificar se o Pc já o recebeu ou não. Se o Pc não o recebeu, tem que ser corrido até EP neste ponto do programa de NED.

AÇÃO QUATRO: PURIF. RD

Um Purif. RD é necessário a menos que a pessoa não tenha uma história pesada de drogas e os seus valores no OCA estejam todos acima do meio do gráfico (em tais casos é opcional). Também é necessário quando a pessoa foi exposta a substâncias tóxicas as quais se alojaram no tecido e gordura do corpo. No futuro, psiquiatras e outros de má reputação podem desenvolver outros compostos como o LSD os quais se alojam no sistema. Nestes casos é indicado um Purif. RD. (Ref. HCOB 15 Jul. 71RD III, Série NED 9RC, MANEJO DE DROGAS). Vulgarmente o preclaro terá tido antes um Purif. RD, e o C/S deve verificar se ele o completou com sucesso. Se o Pc não o fez deve ser feito até EP neste ponto do programa do NED.

AÇÃO CINCO: OBJETIVOS

Neste passo é feita uma bateria completa de objetivos. Esta consiste dos seguintes Processos Objetivos devida e totalmente feitos até o EP completo de cada processo: CCH 1-10, SCS num objeto, e SCS num corpo. (Nota: SOP 8C e Op-Pro-by-Dup são corridos num passo posterior). (Ref. HCOB 15 Jul. 71RD III, Série NED 9RC, MANEJO DE DROGAS). Muitos Pcs terão tido a bateria completa de Objetivos na sua audição anterior a seguir ao Purif. RD ou como parte dos Grau I Expandido. O C/S tem que verificar se os Objetivos já foram corridos até EP; se não, são corridos neste ponto do programa do NED.

AÇÃO SEIS: TRs 0-9

A seguir o preclaro fará completamente os TRs de 0-9. (Ref. HCOB 15 Jul. 71RD III, Séries NED 9RC, MANEJO DE DROGAS; HCOB 16 Ago. 71R II, EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS; HCOB 7 Maio 68, TRs de DOCTRINAÇÃO SUPERIOR). O C/S tem que se certificar que o preclaro exercitou completamente todos os TRs 0-9 em cursos anteriores de TRs no treino da Academia. Se estes não foram completamente exercitados, o preclaro deve fazê-los num curso próprio neste ponto do programa do NED.

AÇÃO SETE: C/S 1 de DIANÉTICA

Antes mesmo de podermos iniciar um Pc em Dianética, temos que o doutrinar sobre o que é a Dianética e o que se espera dele como Pc.

Isto é uma ação standard e efetiva executada através do uso do C/S 1 de Dianética, HCOB 9 Jul. 78RA, Série NED 21, C/S 1 de DIANÉTICA.

AÇÃO OITO: RD DE DROGAS DA NOVA ERA DIANÉTICA QUAD

Ficou provado que antes de auditar as drogas, álcool e remédios que uma pessoa tomou, cada uma pelo seu nome, ela não faz bons ganhos de caso.



Uma pessoa que esteve metida em drogas, álcool ou remédios, raramente corre qualquer outro tipo de engrama, raramente vai com facilidade para a banda anterior e está sujeita a bloqueios de somáticos, de emoção e de percéticos, tornando qualquer outro tipo de audição de Dianética ou de Cientologia numa atividade difícil.

Por isso se drogas, remédios e álcool, ou seus nomes individuais, lerem no e-metro na Folha de Assessment Original, eles são manejados PRIMEIRO E ANTES DE MAIS NADA.

(Nota: Não perguntamos ao Pc por drogas da banda total. Só queremos as drogas, remédios ou álcool que ele tomou nesta vida).

Em Nova Era Dianética o RD de Drogas tem cinco partes: (1) O Assessment Original no qual são obtidos os nomes das drogas, remédios ou álcool que o Pc tomou nesta vida; (2) O percurso de cada droga, remédio ou álcool com reação, narrativa R3RA Quad; (3) O Preassessment de cada uma delas e o percurso dos itens com R3RA Quad; (4) O assessment prévio a cada uma das drogas ou álcool; (5) O passo final para trazer o Pc completamente para PT e estabilizá-lo correndo mais Objetivos, SOP 8C e Op-Pro-by-Dup.

1. O Assessment Original.

Isto já foi feito como Ação Um. Se ele teve várias ações depois da última Assessment Original, pode ser necessário mandar o preclaro acrescentar a lista e é altamente possível que ele tenha tomado mais tipos de drogas nesta vida das quais não se lembrou no momento em que o Assessment Original foi feita.

Temos que ter todas as drogas, remédios e álcool pelos seus nomes verdadeiros conforme o Pc as conhece. Não basta usar um termo como “drogas”, “álcool”, ou “remédios” pois assim não chegamos a lado nenhum. Eles terão que ser “heroína” ou “penicilina” ou “gin”.

2. Manejo Narrativo de Drogas.

Antes de qualquer outro manejo o Pc corre CADA uma das drogas, remédios ou álcool com reação, com Narrativa R3RA Quad. Isto é feito PRIMEIRO.

3. A Preassessment.

O manejo Nova Era Dianética para drogas inclui o uso da Lista de Preassessment. Isto é um procedimento novo no manejo e percurso de Dianética. Antes disto pediríamos ao Pc atitudes, emoções, sensações, e dores ligadas a um item. Em vez disso é feito um Preassessment. Ela assegura que todos os somáticos ligados a seja o que for que estivermos a manejar, sejam retirados. (Ref. HCOB 18 Jun. 78R, Série NED 4R, ASSESSMENT E COMO OBTER O ITEM).

Cada item encontrado pelo Preassessment é corrido pela R3RA Quad logo que o item de percurso é encontrado em cada caso. Depois continuamos com mais Preassessment até todas as possíveis drogas, remédios ou álcool serem totalmente manejados com R3RA Quad.

4. Assessment prévio.

Depois de todas as drogas, remédios ou álcool com leitura terem sido preverificado e corridos na R3RA Quad, é feita o assessment prévio às drogas ou álcool. Este passo localiza e corre todos os sentires atitudes, emoções negativas, dores, etc., que o Pc tinha antes da primeira tomada de cada droga, remédio ou álcool. (Ref. HCOB 15 Jul. 71RD III, Série NED 9RC, C/S Séries 48RE, MANEJO DE DROGAS, e HCOB 19 Maio 69RB, ASSESSMENT PRÉVIO DE CASOS DE ÁLCOOL E DROGAS)

5. O Passo Final - Mais Objetivos.

Como passo final o Pc é trazido totalmente para o tempo presente com mais Objetivos: SOP 8C, e depois Op-Pro-by-Dup, cada um deles corrido até completo EP. Estes processos fazem parte da bateria completa de Objetivos que se seguem ao Purif. RD e fazem também parte do Grau I Expandido. O C/S tem que verificar se o Pc já os correu ou não. Se não os correu, os



processos devem ser corridos até EP neste ponto do programa do NED. Se o C/S verificou que eles já foram corridos antes, é corrido outro Processo Objetivo, Localizar Objetos, para trazer o Pc para o tempo presente e o estabilizar. Ref. HCOB 15 Jul. 71RD III, Série NED 9RC, C/S Séries 48RE, MANEJO DE DROGAS).

Isto completa o RD de Drogas da Nova Era Dianética.

AÇÃO NOVE: RD DE ALÍVIO

Quando a Folha de Assessment Original mostra perdas por morte ou outras mudanças severas na vida da pessoa tais como perdas de posição ou de animais ou de objetos, ver-se-á que a vida da pessoa mudou para pior nesse ponto.

O auditor localiza estes pontos de mudança, ou na Folha de Assessment Original ou perguntando ao preclaro. Estes pontos são então manejados com o procedimento da Nova Era Dianética.

Ver-se-á que quando tais grandes mudanças na vida da pessoa são manejadas, ela experimentará um alívio considerável acerca da vida. (Ref. HCOB 3 Jul. 78R, Série NED 10R, RD de ALÍVIO).

AÇÃO DEZ: REMÉDIOS DE DIANÉTICA - OPCIONAL

O remédio de Imagens e Massas e o remédio de Vidas Passadas são opcionais e feitos só quando deparamos com problemas. Eles são corridos depois do RD de Drogas, porque drogas por manejar são a causa da maior parte desses problemas. (Ref. HCOB 22 JUL.: 69 II, ASSESSMENT DE TA ALTO; HCOB 24 Jul. 78, Série NED 24, REMÉDIOS DE DIANÉTICA; HCOB 16 Jan. 75R, REMÉDIO DE VIDA PASSADA).

AÇÃO ONZE: R3RA, MANEJO DO FAC. DE SERVIÇO

Os Facs de serviço do preclaro foram localizados e libertos usando a R3SC no Grau IV Expandido. A ação onze agora apaga esses Facs de serviço usando a R3RA. Pode acontecer que o Pc o tenha feito antes e isso deve ser verificado no seu folder. Se não foi feito antes, o auditor pega em cada um dos Facs de serviço encontrados e corridos nas chavetas no Grau IV e corre-os com R3RA. Um Fac. de serviço é irmão dos R/Ss e intenções malévolas, assim, apagar os Facs de serviço do Pc pode resultar nalguns ganhos tremendos em termos de sanidade e capacidade. (Ref. HCOB 10 Abr. 88, Série NED 30, MANEJO DE FACS DE SERVIÇO R3RA, AÇÃO ONZE, e HCOB 6 Set. 78 III, ROTINA 3 SC-A, MANEJO COMPLETO DOS FACS DE SERVIÇO ATUALIZADO COM NOVA ERA DIANÉTICA).

AÇÃO DOZE: MANEJO COMPLETO DA FOLHA DE ASSESSMENT ORIGINAL

Já manejamos todas as drogas, remédios e álcool e todas as perdas que o Pc teve, total e completamente. O Pc está agora pronto para continuar com o resto das suas queixas e sintomas.

O procedimento completo para manejar o resto desta Folha de Assessment Original está exposto por completo no HCOB 28 Jul. 71RB, Série NED 8RA, DIANÉTICA, INICIAR UM PC EM, e HCOB 18 Jun. 78R, Série NED 4R, ASSESSMENT E COMO OBTER O ITEM. Seguimos estas emissões com exatidão.

AÇÃO TREZE: RE ASSESSMENT DA FOLHA DE ASSESSMENT ORIGINAL

Quando todos is itens da Folha de Assessment Original estão manejados conforme acima, a Folha de Assessment Original é reverificada. A memória do Pc terá melhorado, se até agora fizemos um bom trabalho de audição, e as suas metas em processamento terão mudado.



Assim, reverificamos a Folha de Assessment Original e manejamos alguma área agora com reação. (Ref. HCOB 4 Jul. 78R, Série NED 12R, SEGUNDA ASSESSMENT ORIGINAL)

AÇÃO CATORZE: INTENSIVO DE SALVAÇÃO DO ESTUDANTE

Este é um passo opcional a ser feito se o nosso Pc está com problemas com o estudo. Ele pega e maneja todo e qualquer somático relacionado com o estudo.

Um Intensivo de Salvação do Estudante não é corrido antes de o estudante ter chegado ao fim da Ação Doze pois isto interromperia o programa porque as drogas, se ele tivesse tomado algumas, seriam um contributo provável para ele ser incapaz de estudar. O Intensivo de Dianética de Salvação do Estudante também não é um substituto para uma apropriada Clarificação de Palavras de Dianética, Cientologia e cursos e treino anteriores. Contudo torna os últimos muito mais eficazes. (Ref. HCOB 2 Jul. 78, Série NED 11, O INTENSIVO DE SALVAÇÃO DO ESTUDANTE).

AÇÃO QUINZE: FORMULÁRIO. DE ASSESSMENT PREPARADO

Este é um antigo passo I de Dianética que caiu em desuso e abandono. Contudo, pode produzir alguns resultados espantosos, e por isso posto de novo como um dos passos standard ao percorrer Dianética. É feito verificando uma lista preparada de tipos de somáticos e manejando a fundo cada um deles usando Nova Era Dianética.

Quando temos uma lista a dar F/N e o Pc está com VGIs, é o fim deste passo.

O procedimento e a lista são cobertos pelo HCOB 1 Jul. 78, Série NED 13, RD DE ASSESSMENT PREPARADA DE DIANÉTICA.

AÇÃO DEZASSEIS: RD DE INCAPACIDADE

Este RD maneja qualquer coisa que o Pc considere ser uma incapacidade, mental física ou outra. Maneja tudo, desde ser baixo demais, a não ser capaz de falar Árabe ou não querer ir a festas. Ele pega em cada incapacidade e maneja-a com R3RA. (Ref. HCOB 29 Jun. 78, Série NED 14, RD DE INCAPACIDADE).

AÇÃO DEZASSETE: RD DE IDENTIDADE

Nunca antes tivemos um processo de Dianética especificamente dirigido a meter um Pc em valência. O RD de Identidade maneja agora isso. Ele pega nas valências específicas em que o Pc pode estar e maneja-as usando a tech de Nove Era Dianética. (Ref. HCOB 20 Jun. 78, Série NED 15, RD DE IDENTIDADE).

AÇÃO DEZOITO: AUDIÇÃO DAS SESSÕES; OPCIONAL

De vez em quando é necessário auditar uma sessão de audição ou toda a audição. Fazemos isto com R3RA, correndo o incidente narrativo até o apagar e indo a anterior semelhante apenas quando a coisa começa a moer gravemente ou, se se tratar de toda a audição, manejar sessão por sessão como uma cadeia. (Ref. HCOB 23 Maio 69R, AUDITAR SESSÕES; HCOB 26 Jun. 78RA II, Série NED 6RA, ROTINA 3RA, PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS; e HCOB 18 Jun. 78R, Série NED 4R, ASSESSMENT E COMO OBTER O ITEM).

SE ENTRAMOS EM APUROS



Se entramos em apuros nestes passos de Dianética, usamos a L3RH e manejamos todos os itens com leitura até EP. Ou vamos para Cramming em Dianética. (Ref. HCOB 11 Abr. 71RE, Série NED 20, L3RH).

SUMÁRIO

Completar todos os passos acima a fundo e completamente assegurando que todas as cadeias sejam corridas até um completo Fenómeno Final é a única maneira de termos um Pc bem e feliz.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 24 DE JUNHO DE 1978R
REVISTO EM 22 DE SETEMBRO DE 1978

(Cancela o BTB 24 ABR. 69RA,
Folha de Assessment do Preclaro)

Remimeo
BPI
HGC
Todos os Auditores

Série 5R de Dianética da Nova Era

FOLHA DE ASSESSMENT ORIGINAL
(FAO. Em Inglês: OAS)

QUANDO É FEITA A FAO:

Esta FAO é feita como ação inicial de Dianética (ou da 1ª Audição). é feita numa sessão formal de audição, numa sala de audição, com o pc corretamente inscrito e em sessão.

QUEM FAZ A FAO:

O auditor designado para auditar o pc faz o assessment. É incluído como parte do tempo de audição do pc visto se trata de uma coleta valiosa de dados sobre o caso do pc e é feita com o pc no E-Metro.

OBJETIVO DA FAO

O objetivo desta folha é fornecer dados essenciais sobre o pc ao C/S, ao Diretor de Processamento e ao auditor e familiarizar melhor o auditor com o pc no começo da audição.

COMO É FEITA A FAO

O assessment é feito com o preclaro no E-Metro.

Ao pc é dado um Fator-R de que lhe vais simplesmente pedir dados essenciais sobre ele próprio com o objetivo dado acima.

O auditor toma nota dos dados à medida que o pc os dá. Ele não questiona as respostas do pc às perguntas exceto, quando necessário, para se certificar de que a pergunta é respondida e de que tem os factos corretos.

O TA é anotado no princípio e no fim do assessment juntamente com quaisquer alterações durante o assessment. As reações da agulha às perguntas são anotadas quando as perguntas são feitas além de quaisquer reações que ocorram durante a resposta do pc.



CLAREZA DA FAO

Os dados devem ser escritos clara e asseadamente e na folha de assessment de forma a serem legíveis visto a informação ser necessária. Contudo, o auditor não atrasa nem empata o pc enquanto completa o trabalho administrativo.

PARA ONDE VAI A FAO QUANDO COMPLETA

Quando completada, a FAO é mantida no folder do pc. É introduzida uma nota na Folha de Sumário do folder de que a FAO foi feita.



DATA: _____

FOLHA DE ASSESSMENT ORIGINAL

NOME DO PC _____ IDADE DO PC _____

AUDITOR _____ ORG _____

POSIÇÃO DO TA NO INÍCIO DO ASSESSMENT _____

A. FAMÍLIA:

1. A tua mãe vive? _____ Reação do EM _____

2. Data da morte? _____ Reação do EM _____

3. Declaração do pc sobre o relacionamento com a mãe: _____

_____ Reação do EM _____

4. O teu pai vive? _____ Reação do EM _____

5. Data da morte? _____ Reação do EM _____

6. Declaração do pc sobre o relacionamento com o pai: _____

_____ Reação do EM _____

7. Faça a lista dos irmãos e outros parentes do pc, data da morte de qualquer um e reação do E-Metro:

PARENTE	DATA DA MORTE	REAÇÃO DO EM
_____	_____	_____
_____	_____	_____



8. Onde e com quem vives? _____

_____ Reação do EM _____

9. Estás correntemente ligado a alguém que seja contra tratamento mental, espiritual ou contra a Cien-tologia?

(Se sim, QUEM?):

REAÇÃO DO EM

_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Nas perguntas 10 a 17, se a resposta for "SIM", descubra quem é e a reação do E-Metro.

10. Está alguém ativamente a opor-se a que tu obtenhas tratamento? _____

11. Alguém insistiu que tu obtivesses tratamento? _____

12. Alguém alguma vez se opôs a que tu obtivesses tratamento? _____



13. Alguém te encorajou a obteres tratamento? _____

14. Alguém alguma vez se opôs a que tu melhorasses? _____

15. Alguém alguma vez te ajudou a te melhorares a ti mesmo? _____

16. Alguém que não goste da maneira como tu és? _____

17. Alguém tentou fazer-te mudar ou seres diferente? _____

B. SITUAÇÃO MATRIMONIAL

1. Casado _____ Solteiro _____ N.º de vezes divorciado _____

2. Declaração do pc sobre relacionamento com o esposo(a) _____



Reação do EM

3. Faça a lista de quaisquer dificuldades matrimoniais que o pc presentemente tenha:

Reação do EM

4. Se divorciado, liste as razões para o divórcio e a sensação emocional do pc em relação ao divórcio:

Reação do EM

5. Faça a lista dos filhos, data da morte de qualquer filho e reação do E-Metro

FILHO

DATA DA MORTE

REAÇÃO DO EM

<hr/>	<hr/>	<hr/>
<hr/>	<hr/>	<hr/>
<hr/>	<hr/>	<hr/>
<hr/>	<hr/>	<hr/>

C. NÍVEL EDUCACIONAL:

Escreva o nível de escolaridade que o pc atingiu, educação universitária ou treino profissional:

Reação do EM

D. VIDA PROFISSIONAL:



Escreva os principais empregos que o pc teve:

EMPREGO	REAÇÃO DO EM

E. DROGAS (Nota: Faça a lista das drogas, medicamentos ou álcool tomados só nesta vida.):

1. Está correntemente a tomar drogas?

QUE DROGA	DATA (desde quando?)	REAÇÃO DO EM

Já alguma vez tomaste drogas?

QUE DROGA	DATA	REAÇÃO DO EM



2. Estás correntemente a tomar qualquer bebida alcoólica?

QUE BEBIDA ALCOÓLICA	DATA (desde quando?)	REAÇÃO DO EM

Já alguma vez tomaste bebidas alcoólicas?

QUE BEBIDA ALCOÓLICA	DATA	REAÇÃO DO EM

3. Faça a lista de quaisquer medicamentos correntemente, ou alguma vez tomados.

O QUÊ	QUANDO?	REAÇÃO DO EM



F. PERCAS:

Que percas graves tiveste na tua vida e que a influenciaram?

PERCA	DATA	DESCRIÇÃO	REAÇÃO NO EM

G. MORTES:

Que mortes afetaram gravemente a tua vida

MORTE	DATA	DESCRIÇÃO	REAÇÃO DO EM

H. TRANSTORNOS

Estás, neste momento transtornado com alguma coisa ou alguém ou zangado com alguém?



TRANSTORNO	DATA	REAÇÃO DO EM

I. PERIGOS:

1. Estás em risco ou em perigo neste momento?

DESCRIÇÃO	REAÇÃO DO EM

2. Existem engramas no passado que condizem com isto?

(Note as leituras no E-Metro) _____

J. ACIDENTES:

Faça a lista de quaisquer acidentes graves que o pc tenha tido, a sua data, qualquer dano físico e reação do E-Metro.

ACIDENTE	DATA	DANO FÍSICO	REAÇÃO DO EM



K. DOENÇAS:

Faça a lista de quaisquer doenças graves que o pc tenha tido, a data de cada, qualquer dano físico permanente e reação do E-Metro.

DOENÇA	DATA	DANO FÍSICO	REAÇÃO DO EM

L. OPERAÇÕES:

Faça a lista de quaisquer operações, data de cada e reação do E-Metro

OPERAÇÃO	DATA	REAÇÃO DO EM

M. CONDIÇÃO FÍSICA PRESENTE:

Faça a lista de quaisquer más condições físicas que o pc tenha presentemente e reações do E-Metro a elas.



CONDIÇÃO FÍSICA

REAÇÃO DO EM

_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

N. DOENÇAS NO MOMENTO PRESENTE:

1. faça uma lista de quaisquer doenças que o pc tenha correntemente:

DOENÇA	DATA	REAÇÃO DO EM
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

2. Tens alguma doença física que se repete periodicamente? _____

O. PAGAMENTOS OU PENSÕES DE INVALIDEZ:

Faça a lista de quaisquer pagamentos ou pensões de invalidez recebidas pelo pc, pelo que são, quanto e há quanto tempo são recebidas.

PELO QUÊ	QUANTO	DURAÇÃO	REAÇÃO DO EM
_____	_____	_____	_____



P. QUALQUER HISTÓRIA FAMILIAR DE DEMÊNCIA:

QUEM	O QUÊ	QUANDO	REAÇÃO DO EM

Q. OLHOS: REAÇÃO DO EM

Algum matiz no branco dos olhos _____

Cor dos olhos _____

Daltonismo _____

Óculos _____

R. PESO REAÇÃO, DO EM

Peso a mais? _____

Peso a menos? _____

S. QUAISQUER DIFICULDADES NAS PERCEÇÕES:

O QUÊ	REAÇÃO DO EM



T. QUAISQUER PROBLEMAS DE PERCEÇÕES NA FAMÍLIA:

O QUÊ, QUEM	REAÇÃO DO EM

U. FAMILIARES DOENTES OU DIMINUÍDOS:

	REAÇÃO DO EM

V. ALIADOS OU AMIGOS ÍNTIMOS ANTERIORES:

	REAÇÃO DO EM

W. PROBLEMAS FÍSICOS DO MARIDO OU MULHER:

O QUÊ	REAÇÃO DO EM

X. ATITUDE EM RELAÇÃO À DOENÇA:

	REAÇÃO DO EM
--	--------------



Y. ATITUDE EM RELAÇÃO AO TRATAMENTO:

REAÇÃO DO EM

Z. ALGUM TRATAMENTO CORRENTEMENTE EM PROGRESSO:

REAÇÃO DO EM

AA. COMPULSÕES, REPRESSÕES E MEDOS:

Faça a lista de quaisquer compulsões (coisas que o pc se sente compelido a fazer), repressões (coisas que o pc tem de se impedir a si mesmo de fazer) e medos que o pc tenha.

COMPULSÕES

REAÇÃO DO EM

REPRESSÕES

REAÇÃO DO EM

MEDOS

REAÇÃO DO EM



Estás a tentar mudar alguma coisa que outra pessoa não gosta?

O QUÊ E QUEM

BB. REGISTO CRIMINAL:

Faça a lista de qualquer crime cometido pelo pc, pena de prisão se houver e reações do E-Metro:

CRIME	SENTENÇA	REAÇÃO DO EM

CC. INTERESSES E PASSATEMPOS:

Faça a lista de quaisquer interesses e passatempos do pc

INTERESSES E PASSATEMPOS	REAÇÃO DO EM

DD. ESTÁS AQUI POR TEU PRÓPRIO AUTO-DETERMINISMO? _____

_____ Reação do EM _____

EE. PROCESSAMENTO DIANÉTICO OU CIENTOLÓGICO ANTERIOR:

1. Faça a lista dos auditores, horas e reações do EM a qualquer processamento tido:



AUDITORES

HORAS

REAÇÃO DO EM

2. Anote brevemente os processos auditados: _____

3. Faça a lista dos objetivos atingidos
com tal processamento:

REAÇÃO DO EM

4. Faça a lista dos objetivos não atingidos
com tal processamento:

REAÇÃO DO EM

FF.

1. Vês-te como sendo outra pessoa?

REAÇÃO DO EM



2. Quando vês imagens do passado, vês-te à distância?

REAÇÃO DO EM

GG. PRÁTICAS ANTERIORES:

1. Em que práticas ou tratamentos te envolveste no passado?

PRÁTICA OU TERAPIA	DATA	REAÇÃO DO EM

2. Estás a continuar qualquer delas no presente?



HH. Que problemas estás a tentar resolver
com o processamento?

REAÇÃO DO EM

II. Já alguma vez fizeste algo prejudicial à Dianética, Dianeticistas, Cientologia, Cientologistas ou Organizações? (Anotar quaisquer leituras)

JJ. FATOR DE REALIDADE

Sabes, é claro, que as pessoas por vezes ficam zangadas com o auditor ou abandonam quando estão a encobrir informações a seu respeito e não queremos que isso te aconteça.

Tudo o que me disseres é confidencial e está protegido pelo segredo confessional.

Há alguma coisa que tenha escapado ou que tenhamos omitido enquanto fazíamos este questionário?
(Anotar cuidadosamente qualquer leitura do E-Metro.)

Pergunte: "Existe alguma coisa que me queiras dizer sobre isto?"



Estado da agulha no final do passo anterior: _____

LRH:ldv.dr

Copyright © 1978

por L. Ron Hubbard

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB 28 JULHO 1971RB
Rev. 8 Abr. 88

C/S Séries 54RB
NED Séries 8RA

DIANÉTICA, INICIAR UM PC EM

Façamos a Dianética funcionar em cheio na nossa cultura moderna.

JÁ NÃO INICIAMOS A DIANÉTICA COM UM FORMULÁRIO DE SAÚDE.

INICIAMOS A DIANÉTICA COM A FOLHA DE ASSESSMENT ORIGINAL, HCOB 24 JUN. 78RA. ISTO É VITAL.

DROGAS OU ÁLCOOL

SE TIVERMOS ALGUMA ACÃO DE TA OU LEITURAS EM DROGAS OU ÁLCOOL MESMO QUE O PC DIGA QUE “NÃO”, A PRIMEIRA ACÃO DE DIANÉTICA É MANEJÁ-LOS CONFORME HCOB 15 JUL. 71RD III, C/S SÉRIES 48RE, NED SÉRIES 9RC, MANEJO DE DROGAS.

Se o pc está presentemente metido em drogas, pode ser necessário dar-lhe os Processos Objetivos e TRs de 0-9 para o tirar delas. Fazer isto, evitará os sintomas dolorosos de abstinência particularmente presentes ao sair da heroína ou drogas psiquiátricas. A sequência usual dos passos do RD de Drogas é dada no HCOB 22 Jun. 78RA, NED Séries 2RA, NOVA ERA DIANÉTICA, DELINEAMENTO COMPLETO DO PROGRAMA DO PC, e HCOB 15 Jul. 71RD III, C/S Séries 48RE, NED Séries 9RC, MANEJO DE DROGAS.

O pc não será em muitos casos capaz de correr quaisquer engramas a menos que antes se corram drogas, álcool ou medicamentos. Eles correrão estes e só estes até os engramas desaparecerem.

As pessoas que “não podem correr engramas” são geralmente casos de drogas.

MEDICAMENTOS

Se Medicamentos, Parte E da Folha de Assessment Original, ler, então manejamo-la conforme C/S Séries 48RE, pois isso reage como qualquer outra droga, mas os pc por vezes não pensam nos medicamentos como drogas. Eles são drogas.

PERDAS E MORTES

Se Perdas (de posição, haveres, animais, etc.) ler ou se Mortes de parentes, etc., ler nas partes F e G, consultamos o interesse do pc e corremos os Secundários Narrativos R3RA Quad.

TRANSTORNOS

Se transtornos ler e o pc estiver interessado em corrê-los, manejamos com Narrativa R3RA Quad. Também podem ser manejados com a Preassessment regular, etc., como na NED Séries 4R.

PERIGOS

Se a parte I ler e o pc estiver interessado, corremos o perigo com Narrativa R3RA Quad. Também pode ser manejado com a Preassessment regular, etc., como na NED Séries 4R.

DOENÇA, ACIDENTES, OPERAÇÕES

As partes J, K, L, M e N são manejadas, se lerem, consultando o interesse do pc e correndo a doença, operação, acidente ou condição física indesejável, Narrativa R3RA Quad.

Pré-verificamos estes itens se necessário para um manejo completo e a fundo com R3RA Quad.



INSANIDADE NA FAMÍLIA

Se a Secção P ler corremos a perda com R3RA de Secundários Quad. Isto pode se necessário ser preverificado.

DIFICULDADE COM PERCEÇÕES

A falta de percepções (visão, ouvido, etc.) vem de overts e melhora quando é feito o Fluxo 2 nalguma cadeia R3RA.

Encontrada a queixa a respeito da percepção (que pode incluir falta de sentir, falta de emoção, etc.), tratá-las como item original e faríamos a Preassessment da condição manejando-a então com R3RA Quad, como qualquer outro item original. Ver Nova Era Dianética, Séries 4R sobre como manejar itens originais.

COMPULSÕES, REPRESSÕES, MEDOS

Se alguma compulsão, repressão ou medo ler na parte AA, tratamo-los como itens originais conforme Nova Era Dianética, Séries 4R.

PROCESSAMENTO ANTERIOR DE DIANÉTICA OU CIENTOLOGIA

Se o pc tem carga no seu processamento anterior, a audição pode ser corrida Narrativa R3RA Quad, consultando primeiro o interesse do pc. Serão utilizados o início anterior e anterior semelhante.

VER-SE A SI MESMO COMO OUTRA PESSOA

Se a secção FF ler, deve dar-se ao pc o RD de Identidade assim que chegar o passo correto do seu programa da Nova Era Dianética.

PROBLEMAS QUE ESTÁ A TENTAR RESOLVER COM PROCESSAMENTO

Se esta secção ler e o pc estiver interessado, tratamos o problema como item original conforme NED Séries 4R.

ALGO FEITO CONTRA A DIANÉTICA, DIANETICISTAS, CIENTOLOGIA, CIENTOLOGISTAS, ORGANIZAÇÕES

Se ler, consultar o interesse e tratar como item original conforme NED Séries 4R.

CHOQUE ELÉTRICO/ESPIÃO

Se o pc diz que lhe foi dado um choque elétrico ou que foi instruído para se introduzir na organização, o C/S tem que mandar o pc manejar a Ética conforme a política sobre fontes de sarilhos e pcs ilegais. (Ref. HCO PL 6 Dez. 76RB, Pcs ILEGAIS, ACEITAÇÃO DE, PL DE ALTO CRIME, e HCO PL 27 Out. 64R, POLÍTICA SOBRE CURA FÍSICA, INSANIDADE E FONTES DE PROBLEMAS)

Manejar uma pessoa instruída para se introduzir na org. inclui a obtenção duma confissão completa documentada incluindo (conforme o caso) quem assim instruiu a pessoa e onde.

REPARAÇÃO

REPARAR COM A L3RH QUALQUER SESSÃO OU CADEIA DE DIANÉTICA FALHADA DENTRO DE 24 HORAS. Não a deixamos por reparar.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 18 DE JUNHO DE 1978R

Rev. 20 Set 78

(Revisões neste tipo de letra)

Série NED 4R

ASSESSMENT E COMO OBTER O ÍTEM

Tem havido uma grande quantidade de material sobre o assessment do preclaro. Em NED, o assessment de Dianética foi sumariado, simplificado e acrescentado. Estes passos dos assessments de NED são exatos. E eles detetam e isolam as coisas que têm que ser manejadas a fim de um Pc ficar bem e feliz.

É importante compreender o que é um assessment e o que procuramos alcançar ao fazê-lo.

Se simplesmente compreendermos que procuramos um item que leia bem, que traga indicadores ao Pc, no qual o Pc esteja interessado, um item fraseado com eficácia e que corra, tê-lo-emos.

Em NED, são usados vários tipos de assessments para conseguir itens para percorrer R3RA no Pc.

Os Itens de NED do Assessment Original.

Esta é o primeiro assessment feito em NED. Ele foi conhecido por vários nomes. “Formulário de Saúde”, “Folha de Assessment do Preclaro”, e agora é reemitida com alterações menores, como HCOB 24 Jun. 78RA, Série NED 5RA, FOLHA DE ASSESSMENT ORIGINAL.

Ela contém a história e antecedentes físicos do Pc e dá ao auditor e C/S uma imagem do caso. É um assessment uma vez que é feito no e-metro e habilita o auditor e C/S com o que precisa ser manejado.

Item Original

O item original é uma condição, uma doença, acidente, droga, álcool ou medicamento, etc., que foi dado ao auditor pelo Pc. Isto sairá da Folha de Assessment Original, de outro RD de NED ou pode simplesmente ser voluntariado pelo Pc.

Os itens Originais tendem a ser de carácter geral, tais como “coxo” ou uma condição médica e, tanto são coisas omissas da Lista de Preassessment como são demasiado latos para serem percorridos. Os Pcs dão normalmente itens desta maneira quando pedidos na Folha de Assessment Original de NED, Série NED 5RA.

Preassessment

O Preassessment é um procedimento novo em NED. É feito com uma Lista preparada de Preassessment, e determina que categorias de somáticos estão ligados ao item original e qual destes é o que está mais altamente carregado.

É chamado de Preassessment porque vem antes do assessment do verdadeiro item a percorrer na R3RA. (O item a ser percorrido é agora chamado o **item de percurso**).

É feito um Preassessment no item original com uma Lista de Preassessment.

Lista de Preassessment



Esta encontra-se em Série NED 4-1.

Uma lista preparada de categorias de somáticos cujo assessment é feito em ligação com o item original. (A lista inclui dores, sensações, sentires, emoções, atitudes, emoções negativas, inconsciência, doridos, compulsões, medos, males, cansaço, pressões, desconforto, aversões, entorpecimentos).

Item de Preassessment

O item que mais reage obtido no Preassessment da Lista de Preassessment. Este item é usado para obter itens de percurso.

LISTAGEM PARA ITENS DE PERCURSO

O auditor agora pega no Item de Preassessment e faz uma lista numa folha de papel separada e pergunta ao Pc: “que (Item de Preassessment encontrado) estão/está ligado a (o item original encontrado)?”

O auditor escreve numa coluna exatamente o que o Pc diz, e anota as leituras do e-metro no exato momento em que o Pc acaba de declarar o **item de percurso**.

O resultado é uma lista chamada **lista de itens de percurso**.

Se o Pc nos dá um sentir exato “sentimento de medo”, “uma sensação de ardor na orelha”, “Uma dor aguda no dedo grande do pé”), o somático é percorrido simplesmente com R3RA Quad, se ele ler e o Pc estiver interessado.

Um item que exprime um somático e é passível de ser percorrido, é chamado **item de percurso**. Itens de percurso são dores exatamente expressas, sensações, sentires, emoções, atitudes, emoções negativas, inconsciência, doridos, compulsões, medos, males, cansaço, pressões, desconforto, aversões, entorpecimentos.

Se o Pc der um tipo de item de carácter geral como “problemas somáticos”, um termo de droga, de álcool, de medicamento, médico ou narrativo que não exprima um somático (etc.), têm que ser encontrados os sentires (etc.) para o item para que possam ser percorridos. O Preassessment é feito para obter itens de percurso.

Item de percurso

O auditor pega no item da lista de itens de percurso (possivelmente uma LF, LFBD ou F/N instantânea) que melhor ler e confere com o Pc: “estás interessado neste item?” e se sim ele converte-se no **item de percurso** que será percorrido pela R3RA.

Itens de percurso são por vezes abruptamente expressos pelo Pc, e se eles se encontram dentro das categorias da lista de assessment, podem ser percorridos, mas é preciso cuidado para (1) não saltar para algum outro assunto diferente do item original que procuramos manejar ou para (2) não perturbar o Pc porque nos recusamos a auditar esse item. Aviso: Se abandonarmos o procedimento de assessment de NED ficaremos às apalpadelas por todo o caso e nunca mais o acabamos.

Todo este procedimento de NED conduz a encontrar itens de percurso que virão a correr e a resolver o caso. Assim, a coisa que perseguimos num assessment é o **item de percurso** e ele é obtido com muita exatidão conforme acima.

Isto é feito pegando no item original, digamos, “problemas de estômago”, fazendo-lhe um Preassessment e, com o item do Preassessment, encontrar o **item de percurso**.

(Exemplo: problemas de estômago é o item original. É feito um Preassessment e “dorido” é o item da Lista de Preassessment com maior leitura. O Auditor lista então para o **item de**



percurso usando *dorido* e obtém: “ligeiro dorido no meu lado esquerdo” Este é o **item de percurso** que será manejado com R3RA Quad.)

PREASSESSMENT

Antes de NED teríamos pegado num item de Dianética, tal como uma droga, condição crônica ou acidente, e pedido ao Pc as atitudes, emoções, sensações e dores ligadas ao item.

Acabei de desenvolver um novo procedimento sobre o manejo e percurso da Dianética. É chamado de Preassessment. É assim que funciona:

1. O auditor obtém do Pc um item original. Isto será feito a partir de uma lista de drogas, da Folha de Assessment Original ou outro RD de NED. (Será uma droga, uma condição, uma doença, um acidente, etc.)
2. Então faz o Preassessment dos sentimentos na Lista de Preassessment para descobrir que *item de Preassessment* ligado ao *item original* está mais altamente carregado.
3. A partir do item de Preassessment (o item da Lista de Preassessment com maior leitura) o auditor pode obter do Pc somáticos específicos chamados itens de percurso. Estes itens de percurso serão aqueles em que o Pc está mais interessado.
4. O **item de percurso** encontrado no passo 3 é percorrido na R3RA Quad.

Exemplo: o item original é “bronquite”. O auditor verifica a Lista de Preassessment abaixo perguntando ao Pc:

“Há _____ ligados a bronquite?”

Dores	compulsões
sensações	medos
sentires	males
emoções	cansaços
atitudes	pressões
emoções negativas	desconfortos
inconsciência	aversões
doridos	entorpecimentos

Ele tem uma LF em emoções negativas. Esta é a maior leitura.

“Que emoções negativas estão ligadas a bronquite?”

À medida que o Pc as diz o auditor escreve-as anotando as leituras do e-metro enquanto o Pc dá os itens. (E é tudo quanto há sobre o Preassessment).

ITEM DE PREASSESSMENT

Este é por sua vez o item com maior leitura na Lista de Preassessment acima e depois pegamos nos itens subsequentes da mesma lista com menores leituras.

Na posse do item de Preassessment, o auditor pode listar para achar os itens de percurso.

Exemplo: o item de Preassessment é “emoção negativa”. O auditor pergunta: “que emoções negativas estão ligadas a bronquite?”

Ele toma nota de todas as respostas que o Pc lhe der, com as respectivas leituras.



Sentir como se eu quisesse desistir X
Preocupado com os meus pulmões LFBD
Sentir-me irritado com não respirar F
Medo da morte SF

O auditor percorreria primeiro “Preocupado com os meus pulmões” R3RA Quad e depois voltava ao próximo item com melhor leitura, neste caso, “sentir-me irritado com não respirar”.

ITEM DE PERCURSO

O auditor escolhe o item de maior leitura que o Pc deu e averigua do interesse pela próxima cadeia. Este é o **item de percurso**.

AUDIÇÃO EFETIVA

Tendo encontrado o **item de percurso** o auditor percorre-o então com R3RA Quad.

ENCONTRAR O PRÓXIMO ITEM DE PERCURSO

O auditor tem a alternativa de pegar em itens de menor leitura da Lista de Preassessment ou da lista de itens de percurso, ou (mais seguro) fazer um novo Preassessment no mesmo item original. (Não deixamos de trabalhar o item original até ter desaparecido completamente e para sempre).

Tendo feito uma Preassessment no mesmo item original, fazemos uma nova lista de itens de percurso, pegamos na melhor leitura (F, LF, F/N instantânea) e usamo-la com o nosso novo **item de percurso**.

COMANDO DE ASSESSMENT

Comandos para a Folha de Assessment Original:

1. Fazer a pergunta da Folha de Assessment Original ao Pc. Escrever a resposta e anotar a leitura do e-metro.
2. “(*Item de Preassessment chamado*) ligado a (*Item Original do Preassessment*)?”
3. “Que (*Item de Preassessment de maior leitura*) está, ligados a (*item original*)?”
4. “Estás interessado em percorrer (*o item de percurso da maior leitura ou de F/N instantânea encontrado em 3 acima*)?”
5. Vamos diretamente para R3RA Quad usando o item em 4 se o Pc está interessado.

MANEJAR SOMÁTICOS

A Lista de Preassessment foi concebida para localizar somáticos que o auditor pode então manejar com a R3RA.

Por somático queremos dizer uma dor ou mal, sensação, emoção negativa, ou mesmo inconsciência. Existem mil palavras descritivas diferentes que poderiam redundar num sentir, dores, males, vertigens, tristeza, mas todos são sentires.

Todas as cadeias estão presas por vários estados gerais de consciência os quais são nomeados na Lista de Preassessment.

Uma dificuldade geral identificada, dada pelo Pc no Assessment Original é, de facto, em quase todos os casos, composta de dores, sensações, sentires, emoções, atitudes, emoções negativas, inconsciência, doridos, compulsões, medos, males, cansaço, pressões, desconforto, aversões e entorpecimentos assim como um ou mais postulados. É muito possível que qualquer item de Assessment Original maior contenha 3 ou 4 cadeias completas para cada um deles.



Daí que um auditor não tem mais remédio para erradicar um Assessment Original maior, a não ser percorrer 64 ou mais cadeias completas minuciosamente e com precisão.

Alguns podem ceder com menos e outros podem precisar de muito mais.

MANEJAR NARRATIVAS

Uma narrativa é uma história, uma descrição, um conto.

Durante anos as narrativas tiveram má fama e os auditores eram por vezes alertados contra percorrê-las. A razão para isto ter acontecido é que quando tentamos resolver um caso apenas por narrativas leva vários milhares de horas de audição.

Contudo, abandonar totalmente a narrativa é abandonar uma das mais dramáticas mudanças de caso que pode haver.

Por vezes o Pc virá para a sessão depois de uma experiência física ou emocionalmente dolorosa, um acidente, doença, perda, ou grande tensão emocional. Percorrendo estes incidentes em narrativa apaga o trauma físico que sofreu e acelera o restabelecimento.

Por vezes vemos que toda uma vida da pessoa muda à volta da morte de um parente, ou criança, ou um divórcio, ou um acidente de automóvel ou alguma outra catástrofe semelhante. Isto é usualmente encontrado e manejado na AÇÃO NOVE no HCOB 22 Jun. 78RA, Série NED 2 RA, NED, DELINEAÇÃO DO PROGRAMA COMPLETO DO PC.

Ao percorrer uma narrativa, estamos a percorrer o *incidente* narrativo. Uma narrativa precisa ser percorrida, e percorrida, e percorrida nesse incidente. Estamos a percorrer esse incidente até o apagar e só vamos a anterior semelhante se a coisa começar a remoer penosamente. O truque para percorrer narrativas é encontrar o início anterior do incidente cada vez que a pessoa é movida através dele. (Ver AÇÃO NOVE, Série NED 2RA).

Uma condição ou circunstância sem um incidente NÃO é narrativa. É apenas um item incorreto. Um exemplo disso seria tentar percorrer o item “obstrução à justiça”. Não o percorreria pois não existe ali um incidente real. “Atacar um polícia” é narrativa, “Sentir-se mal com polícias” não é narrativa pois não há história ligada a isso, mas existem somáticos.

PERCORRER NARRATIVAS

Para percorrer um item narrativo o auditor tem que primeiro descobrir exatamente o que aconteceu ao Pc, perguntando-lhe então: “o que é que vamos chamar a este incidente?”. Ele obterá o fraseado do Pc, e pode percorrê-lo Narrativo usando os comandos Narrativos de NED. SÓ corremos um item narrativo se ler bem e o Pc estiver interessado em corrê-lo.

O manejo Narrativo até ao seu EP completo pode dar resultados miraculosos, mas o Pc pode levar muito tempo a passar através dele. Tem que ser alcançado um EP completo de Dianética de Postulado fora (que *É* o apagamento), F/N e VGIs. Se o Pc dá uma cognição que não é o verdadeiro postulado do incidente ou que não soa como tal ao auditor, é pedido o postulado.

COMANDOS DE ASSESSMENT NARRATIVO

1. Fazemos as perguntas constantes da Folha de Assessment Original.
2. Notamos quaisquer itens originais que contenham perdas recentes, doenças, acidentes, perturbações ou mortes e perguntamos:
“Estás interessado em manejar (*descrição do item da Folha de Assessment Original*)?”
3. Se o Pc mostrar que sim, entramos de imediato na R3RA Narrativa.



TOM DE VOZ DO ASSESSMENT

O auditor faz o assessment fazendo a pergunta como pergunta, não como a afirmação de um facto. Verificar a pergunta como afirmação tende a avaliar e pode mesmo invalidar o preclaro.

Podemos ir por aí fazendo perguntas com um gravador ligado. Se ouvirmos a gravação notaremos que o tom de voz sobe numa pergunta e desce numa afirmação. Assim, a maneira correta de verificar a pergunta seria ela ter uma ligeira curva ascendente no final e verificá-la verdadeiramente como pergunta.

UM ASSESSMENT É FEITO PELO AUDITOR ENTRE O BANCO DO PC E O E-METRO. EM ASSESSMENTS DE DIANÉTICA NÃO HÁ ESPECIAL NECESSIDADE DE OLHAR PARA O PC. NOTAMOS APENAS O ITEM COM A MAIOR F OU BD. O AUDITOR OLHA PARA O E-METRO ENQUANTO FAZ UM ASSESSMENT.

Procedimentos rotineiros atravessam-se pesadamente no caminho do assessment de Dianética. O Pc dá uma lista, o auditor não observa as leituras nem as anota, depois é comum o auditor voltar a verificar a lista. Por essa altura a carga está ausente. Ele deveria em primeiro lugar ter observado o e-metro e apanhá-las. Porquê todos estes assessments da lista completa? Claro que quando temos uma lista verificada por outrem sem leituras marcadas, temos que lha ler e anotar o que reagir. E usando uma lista pela segunda vez temos que a ler ao Pc e ver o que reage.

Em Dianética manejamos sempre primeiro uma *F/N instantânea*, depois algum *LFBD*, *LF*, *F* ou *SF*, por esta ordem. Os itens com maior leitura são aqueles que o Pc pode confrontar mais facilmente. Quando o item de maior leitura é manejado, continuamos para o próximo item com maior leitura (e assim por diante) até todos os itens com reacção terem sido manejados. Este mesmo princípio aplica-se a toda a audição de NED. Apanhamos as áreas de maior leitura e manejamo-las primeiro.

Podemos achar que há algo errado plenamente visível com o preclaro, como uma perna partida, contudo pode não ler absolutamente nada. Em vez disso o e-metro lê numa dor no braço. Executamos as ações standard de manejar os itens que o e-metro lê.

Ao verificar uma lista preparada como a Lista de Preassessment, pegamos sempre no item que teve uma *F/N instantânea* em primeiro lugar seguido da próxima maior leitura.

Numa lista como a de itens de percurso, continuamos a listar até o Pc dizer “é tudo” ou termos um item com F/N. Se entrarmos em problemas logo após listar uma lista de itens de percurso num Pc e o Pc parecer perturbado e não formos auditores de Cientologia, vamos depressa buscar um auditor de Cientologia classe IV e mandamo-lo reparar a lista pois ela pode ter-se convertido numa lista de Cientologia, por erro ou inépcia do auditor para ler o e-metro, por perder uma leitura, ou seja o que for.

As leis de Listagem e Anulação aplicam-se sempre às listas de Cientologia, e por vezes em raras ocasiões aplicam-se a uma lista de Dianética, e nestes casos podem provocar sarilhos.

Listar para um **item de percurso** na lista de itens de percurso não provoca usualmente sarilhos pois ela já é tirada numa Lista de Preassessment e não é uma questão muito geral.

Isto é deixar de seguir exatamente o assessment de NED e o procedimento R3RA, ou deixar de apagar o básico numa cadeia, é quase tudo o que nos pode meter em problemas.

Reveja a Série NED 1R sobre o que se espera dum estudante.

L. RON HUBBARD

Fundador





GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 11 DE JULHO DE 1978

REEMITIDO 11 de OUTUBRO de 1978

Remimeo

Nova Era Dianética Séries 4-1

A LISTA DE PREASSESSMENT

Esta Lista de Preassessment pô-lo-á a percorrer itens, se o pc deu um item de somático geral, um item de droga, item de álcool, etc.

É usada conforme descrito no HCOB 18 Jun. 78, N°4 da Série sobre Nova Era Dianética, ASSESSMENT E COMO CONSEGUIR O ITEM.

Nome do pc: _____ Data: _____

Nome do auditor: _____

Nome do Rundown de Dianética da Nova Era a ser feito: _____

Item original de que está a fazer o Preassessment: _____

Faça a assessment da lista seguinte, usando cada Item de Preassessment.

"Há _____ ligados(as) a (Item Original)?"

"Antes de tomares _____ havia _____?"

Dores

Sensações

Sentimentos

Emoções

Atitudes

Emoções Negativas

Inconsciências

Doridos

Compulsões

Medos

Sofrimentos



Cansaços

Pressões

Desconfortos

Aversões

Entorpecimentos

Tome o Item de Preassessment com maior leitura e pergunte ao pc: "Que (Item de Preassessment com a maior leitura) estão ligados(as) a (Item Original)?"

Faça o Preassessment nesta folha.

Liste a pergunta e as respostas do pc numa folha separada e note as leituras de cada uma, incluindo as F/Ns.

(Ver o BTB Nov. 72R IV, N°19R da Série sobre Admin do Auditor, LISTAS DE ASSESSMENT DE DIANÉTICA.)

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 15 DE JULHO DE 1971RD
Emissão III

Rev. 8 Abr. 88

IMPORTANTE
URGENTE
Série C/S 48RE
Série NED 9RC

MANEJO DE DROGAS

Refs:

HCOB 28 Ago. 68 II DROGAS
HCOB 29 Ago. 68 DADOS SOBRE DROGAS
HCOB 23 Set.68 DROGAS E ALUCINÓGENOS
HCOB 19 Maio 69RB CASOS DE DROGA E ÁLCOOL, ASSESSMENT PRÉVIA
HCOB 8 Set. 71R AÇÕES DO SUPERVISOR DE CASO
Rev. 20.5.75 (Caso Resistente 220D)
HCOB 2 Nov. 57RA UM RD OBJETIVO
Rev. 22.2.75
HCOB 3 Jul. 59 INFORMAÇÃO GERAL
HCOB 11Jun. 57 TREINO E PROCESSOS DE CCH
HCOB 19 Set. 78R I O FIM DO MANEJO INTERMINÁVEL DOS RDS DE
Rev. 31.1.79 DROGAS
HCOB 12 Nov. 81RC CARTA DE GRAUS ALINHADA PARA OS GRAUS
Rev. 1.7.85 INFERIORES

Uma pessoa que esteve metida em drogas é um dos “sete tipos de casos resistentes”. (Estes tipos encontram-se no Formulário Verde de Cientologia nº 40).

Uma pessoa que esteve metida em drogas, álcool ou medicamentos, raramente percorre qualquer outro tipo de engrama, raramente vai facilmente atrás na banda e está sujeita a fechos emocionais e de percéticos, transformando qualquer outro tipo de percurso de Dianética numa atividade vã.

Desde 1962 que as drogas têm sido largamente usadas. Antes disso eram muito raras. Deu-se uma difusão mundial das drogas. Uma grande percentagem de pessoas se tornou e ficou consumidora de drogas.

Por drogas (para mencionar umas poucas) queremos dizer, tranquilizantes, ópio, cocaína, marijuana, peíote, anfetaminas e os presentes da psiquiatria ao homem, LSD e pó de anjo, que são as piores. Quaisquer drogas médicas estão incluídas. Drogas são drogas. Existem milhares de nomes comerciais e termos calão para estas drogas.

O ÁLCOOL é incluído como droga e recebe o mesmo tratamento em audição.

Por álcool (para mencionar uns poucos) queremos dizer uísque, cerveja, vinho, vodka, rum, gim, etc., por outras palavras, qualquer licor ou bebida de qualquer espécie destilada ou fermentada ou vapores dos mesmos contendo alguma percentagem de álcool.

É suposto as drogas fazerem coisas maravilhosas, mas o que elas realmente fazem é arruinar a pessoa.

Alguém livre de drogas, mesmo que há anos, ainda tem “períodos negros”. A capacidade de se concentrar ou equilibrar é afetada.

A sua parte moral nada tem a ver com a audição. Os factos são que:



- a. As pessoas que estiveram metidas em drogas podem ser um risco até a condição ser manejada em audição.
- b. Um ex-consumidor de droga é um caso resistente que não produz ganhos estáveis até a condição ser manejada.
- c. A audição é o único meio alguma vez desenvolvido para manejar com êxito as lesões das drogas.

ENGRAMAS DE DROGA

As pessoas que estiveram metidas em drogas têm por vezes medo de percorrer engramas.

De facto, é quase uma forma de detetar um “drogado”.

As drogas, especialmente o LSD e até por vezes os antibióticos ou outros remédios aos quais a pessoa é alérgica, podem ligar com violência as imagens de toda a banda total.

Estas imagens tendem a sobrecarregar a pessoa e fazê-la sentir-se louca. Algumas destas pessoas ficam com medo de voltar a confrontar o banco.

Se uma pessoa “não gosta da Dianética” e não quer ser corrida em engramas, é necessário pô-la no Purif. RD, TRs 0-9, Objetivos e RD de drogas de Cientologia ou, se isto foi feito antes, fazer-lhe o FES ou repará-lo. Se a Dianética *foi* corrida, mas debilmente, deve, é claro, ser totalmente reparada com uma L3RH (lista para corrigir erros de Dianética). Mas se a pessoa ainda fica insegura, o Purif. RD TRs 0-9, Objetivos e RD de drogas de Cientologia, resolverão.

OS QUE ESTÃO METIDOS EM DROGAS

Os processos objetivos são numerosos. Pode ser necessário corrê-los numa pessoa ainda em drogas e até, pô-la nos TRs 0-9 para a tirar delas. Fazer isto evita usualmente os dolorosos “sintomas de abstinência” especialmente presentes ao sair da heroína ou de drogas de “tratamento” psiquiátrico. (Nota: Algumas pessoas foram postas a tomar alguma droga terapêutica por um médico, tal como insulina, e possivelmente devem continuar com ela até entrarem bem na audição. Mas estas não são as drogas usuais. O que deve ser feito em tais casos depende do Pc, auditor e médico. Tranquilizantes não são, contudo, aceitáveis).

EM PRIMEIRO LUGAR

As drogas são tratadas *primeiro*.

Porquê? Porque as drogas tornam um caso resistente! Outras ações de Dianética e Cientologia também terão perdas se as drogas não forem manejadas antes.

Quaisquer fracassos de caso correntes de Dianética são por causa de audição faltosa ou o Pc esteve metido em drogas ou álcool, o que não foi manejado pela Dianética.

Ter omitido o manejo das drogas nunca lesou ninguém. Mas tornou difícil ou impossível obter ganhos estáveis de caso.

ASSIM que, QUALQUER PC DE DIANÉTICA CUJO MANEJO DE DROGAS FOI OMITIDO, TEM QUE SER PERCORRIDO EM DROGAS O MAIS DEPRESSA POSSÍVEL ANTES DE LHE SER DADA MAIS AUDIÇÃO.

Repito, drogas ou álcool, em muitas instâncias produzem casos resistentes tendo este ponto que ser resolvido antes de se poder atingir e manter ganho de caso.

RD DE DROGAS NED E GRAUS EXPANDIDOS

Pode acontecer que uma pessoa com uma história pesada de drogas não venha a ter êxito ao percorrer os Graus Expandidos antes das drogas terem sido eliminadas com NED.

Se uma pessoa entra em sarilhos devido a drogas por manejar ao correr o ARC SW Expandido e os Graus 0-4 Expandidos, apesar de ter feito o Purif. RD, TRs 0-9, Objetivos e RD de Drogas de Cientologia, deve ser mudado para o RD de Drogas NED. Em tais casos manejaríamos as drogas com um RD de Drogas NED



retomando depois os Graus Expandidos completando-os até EP e continuando depois para o programa de NED.

DESCOBERTA

Ao investigar uma série de casos em êxito descobri que cada um deles tinha estado metido em drogas ou álcool e que as drogas ou o álcool não tinham sido percorridos.

O canhenho de Dianética não tinha dados suficientes sobre drogas. Só tinha o Assessment Prévio às Drogas.

Assim, descobri que alguns Pcs só tinham sido percorridos no Preassessment de Drogas. Isto não é suficientemente bom pois não passa dum manejo parcial.

RD COMPLETO DE DROGAS NED

Eis aqui o RD de Drogas da NED.

0. *A Folha de Assessment Original.* Fazemos ao Pc cada uma das perguntas da Folha de Assessment Original (OAS). Marcamos todas as leituras. Garantimos a obtenção de respostas específicas e cabais às nossas perguntas.

NOTA: No item E não perguntamos ao Pc por drogas da banda total. O que nós queremos é apenas as drogas, remédios ou álcool que ele tomou nesta vida.

1. *Objetivo ARC.* (Ref. HCOB 9 Jun. 78, Séries NED 3, OBJETIVO ARC). (*NOTA:* Este processo faz agora parte da bateria completa dos objetivos que se seguem ao Purif. RD que faz parte do Grau I Expandido. O C/S deve verificar se isso foi ou não percorrido no Pc até EP; se não, é percorrido neste ponto no RD de Drogas NED).
2. *Purif. RD.* Os únicos casos que não requerem o Purif. RD são os que não têm uma história pesada de drogas e cujos níveis do OCA se encontram todos acima do meio do gráfico. (Ref. HCOB 12 Nov. 81RC, CARTA DE GRAUS ALINHADA PARA OS GRAUS INFERIORES).

Nota: Este RD é muito frequentemente feito em Pcs no início da Carta de Graus. O C/S deve verificar se o Pc fez ou não o RD até EP; se não o fez, é percorrido neste ponto dos passos do RD de Drogas NED.

Refs:

HCOB 6 Fev. 78RB Série Purif. RD 1

Rev. 31.7.85 O PURIF. SUBSTITUI O PROGRAMA DE SUDAÇÃO

HCOB 12 Nov. 81RC CARTA DE GRAUS ALINHADA PARA OS GRAUS INFERIORES
Rev. 1.7.85

3. *A bateria dos Processos Objetivos.* Isto inclui os CCHs de 1-10, SCS num objeto e SCS. (Nota: muitos Pcs terão tido uma bateria completa de Objetivos mais cedo na sua audição a seguir ao Purif. RD ou como parte do Grau I Expandido. O C/S deve verificar se os objetivos já tinham sido percorridos até EP; se não, eles são corridos neste ponto do RD de Drogas NED).

(SOP-8C e Op-Pro-by-Dup são incluídos nos últimos passos do RD de Drogas NED).

4. *TRs 0-9.* (Nota: Alguns Pcs podem já ter feito os TRs de 0-9 mais cedo na escalada da Carta de Graus. O C/S deve verificar se o Pc fez ou não os TRs de 0-9; se não, são feitos neste ponto do RD de Drogas NED).

Refs:

HCOB 16 Ago.71RII EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS

Rev. 5.7.78

HCOB 7 Maio 68 TRs DE DOUTRINAÇÃO SUPERIOR



5. *C/S 1 completo de Dianética* para educar o Pc a fim dele compreender a fundo o procedimento de Dianética e ser capaz de ser auditado com sucesso.

Refs:

HCOB 7 Jul. 78RA Série NED 21

C/S 1 de DIANÉTICA

6. *Manejo narrativo em drogas, primeiro.* Todas as drogas, remédios ou álcool que o Pc tomou na sua vida foram listadas na Folha de Assessment Original (OAS).

Neste ponto, escolhemos da OAS a droga, remédio ou álcool que melhor leu e corremo-la com narrativa R3RA QUAD. (P. ex.: “Retorna ao momento em que tomaste uísque e diz-me quando lá estivesse”).

NÃO CONFERIMOS INTERESSE NOS ITENS DE DROGAS

CORREMOS *PRIMEIRO* CADA UMA DAS DROGAS, ÁLCOOL OU REMÉDIO QUE LEU NA LISTA DE DROGAS (PELA ORDEM DAS LEITURAS), CONFORME A NARRATIVA R3RA QUAD. Caso contrário podemos acabar enrolando o Pc pela banda abaixo.

No percurso Narrativo dos itens individuais da droga, remédio ou álcool desta vida, veremos que é mais fácil se correremos o início anterior e o incidente anterior em vez de procurar limitá-lo ao primeiro incidente da vida que ele nos oferece, pois habitualmente haverá mais do que um incidente em que ele tomou, por exemplo, uísque. Assim pedimos sempre o início anterior, mas se necessário pedimos o incidente anterior com a pergunta: “Existe um incidente anterior em que tomaste uísque?” É comum os Pcs terem tendência para ir pela banda toda abaixo nesta altura da audição e isso também não é o que aqui se pretende. No que estamos interessados é nesta vida, neste corpo. Mas isto não quer dizer que não corramos a banda no RD de Drogas NED, só que não o forcamos. E nunca insistimos com o Pc para correr qualquer tipo de cadeia quando ele diz que ali não há nada. Quando todas as drogas remédios ou álcool da lista com leitura, foram percorridos até EP por Narrativa R3RA Quad, vamos para o próximo passo.

7. Preassessment em cada uma das drogas, remédio ou álcool com reação, tomadas nesta vida.

- A. Escolhemos da Folha de Assessment Original a droga, remédio ou álcool com melhor leitura e fazemos-lhe um *Preassessment*.

Há “(Item de Preassessment) relacionado com tomar (a droga, remédio ou álcool)?” é a pergunta de Preassessment.

- B. Apanhamos o item de Preassessment com a melhor leitura e perguntamos ao Pc: “Que (item de Preassessment com melhor leitura) está relacionado com tomar (a droga, remédio ou álcool)?”

Esta é a pergunta da lista de itens de percurso para essa droga. Escrevemos esta pergunta no cimo da página e anotamos exatamente o que o Pc diz e alguma leitura que ocorrer quando ele o diz.

- C. Pegamos no item com melhor leitura (assegurar anotar as leituras à medida que o Pc dá os itens) e corremo-lo na R3RA.

NÃO CONFERIR INTERESSE NOS ITENS DE DROGAS

- D. Manejamos todos os itens de percurso com reação encontrados no passo B com R3RA, pela ordem das leituras.

- E. Usando a mesma droga do item original, repetimos o passo A.

- F. Repetimos os passos de B a E.

- Fa. Usando o primeiro item original continuamos os passos A, B, C, D, E, até a Lista de Preassessment dar simplesmente F/N.



- Fb. Pegamos no próximo item individual da droga, remédio ou álcool que leu na lista original e repetimos os passos de A a Fa até termos manejado cada um dos itens da Folha de Assessment Original.
- G. Quando não há mais itens com leitura por manejar na lista original e não há mais itens com leitura, mas há mais alguns itens originais por percorrer na lista, anulamos com os botões Suprimir e Invalidar.
- H. Percorrer qualquer item agora reagente com os passos de A a Fb.
- I. Utilizamos a lista completa das drogas desta forma, fazendo os passos de Preassessment e os passos de B a H em todas as drogas com leitura. Reverificamos a lista das drogas. Manejamos conforme as instruções acima qualquer droga que agora leia. Isto é feito até toda a lista de drogas dar F/N na chamada. (Nota: Se durante o RD o Pc pensar noutras drogas que tomou nesta vida, juntamo-las à lista original com as respetivas leituras e maneja-mo-las por sua vez de acordo com as leituras, assegurando-nos de percorrer a Narrativa R3RA Quad em primeiro lugar).

8. O assessment Prévia.

- A. Usando a lista das drogas obtida no assessment Original, pegamos na droga, remédio ou álcool com maior leitura e fazemos ao Pc a seguinte pergunta de Preassessment:
“Antes de tomares (a droga, remédio ou álcool com mais leitura) havia (item de Preassessment)?”
- B. Pegamos no item de Preassessment com maior leitura e perguntamos: “Que (*item de Preassessment*) tinhas antes de tomares (*a droga, remédio ou álcool*)?”
- C. Usamos todos os passos do Preassessment e removemos todos os itens de percurso com R3RA Quad.
- D. Reverificamos os itens que ficaram por percorrer encontrados no passo B a ver se agora leem. Se sim, percorremo-los. Conferimos também mais alguns itens que o Pc tenha a acrescentar à lista e marcamos as leituras à medida que o Pc os dá.
- E. Repetimos os passos acima nos itens que agora leem.
- F. Quando não houver mais itens a acrescentar nem mais itens a ler, mas se houver alguns por percorrer na lista, nulificamos com os botões Suprimir e Invalidar.
- G. Percorremos alguns itens agora com leitura R3RA Quad.
- H. Reverificamos a Lista de Preassessment, usando a droga, remédio ou álcool no passo A. Seguimos os passos restantes até todos os itens com leitura serem levados a EP e não haver mais leituras na Lista de Preassessment.
- I. Pegamos na próxima droga, remédio ou álcool com maior leitura do passo A. Repetimos os passos de B a I.

Os passos do assessment Prévia acima são feitos em cada uma das drogas, remédios ou álcool com leitura.

9. Mais Objetivos.

O passo final do RD de Drogas do NED, quando todos os passos acima estão completos, é percorrer outro conjunto de Objetivos no Pc.

Eles são:

- A. SOP 8C.
- B. OP-PRO-BY-DUP

Percorrer por esta ordem, cada um deles até EP completo.



Se o Pc já tinha corrido estes processos até EP, é percorrido no processo de Localizar objetos. Este processo é percorrido num local com espaço amplo e objetos, usando o comando “Localiza um Objeto”. O EP do processo é F/N, Cog e VGIs. (Ref. HCOB Operacional N° 4, 11 Nov. 55, SEIS NÍVEIS DE PROCESSAMENTO - EMISSÃO 5)

Este processamento objetivo é feito para trazer o Pc completamente para tempo presente, e que será um tempo presente de longe melhor de confrontar.

Isto completa o RD de Drogas da NED.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 19 de SETEMBRO de 1978

Emissão I

Remimeo

Checksheets NED

Todos os Supervisores

Todo o C/Ses

Todos os Auditores

O FIM do RD INTERMINÁVEL DE DROGAS

A possibilidade de esgotar um RD de Drogas num Pc é totalmente inexistente e a razão é que houve inúmeras culturas nos vários universos que foram de longe mais orientados para a droga do que este aqui. E até uma pessoa que não manifesta drogas e não as tomou nesta vida, pode colidir com estas culturas e universos se for empurrado.

Você pode sempre encontrar mais drogas na banda. O que interessa é esta vida e este corpo. Isto não significa não correr a banda no RD de Drogas, mas não force. Não peça drogas de toda a banda. Quando listar as drogas que um Pc tomou, você só quer as que tomou nesta vida.

Os passos do RD de Drogas foram reorganizados para prevenir este percurso interminável, e permitem levar o RD a um ponto plano da liberdade dos efeitos prejudiciais das drogas desta vida e uma lista de drogas a dar F/N.

São corridos objetivos no Pc. Cada droga é corrida narrativa seguida de preverificação, então verificação prévia e então um pouco mais de Objetivos para repor o Pc em PT depois do percurso de engramas. Todos os passos completos estão listados na Série C/S 48RB, NED Série 9R e NED Série 2R.

Também, há agora uma Lista Reparação do RD de Drogas que manejará carga ultrapassada provocada por RDs de Drogas intermináveis.

Muitos casos serão agora arrumados e a velocidade de subida na Ponte será grandemente aumentada.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 28 DE AGOSTO DE 1968

Emissão II

Remimeo

FO

DROGAS

(*Nota:* A tomada de drogas tornou-se muito comum no Ocidente, impingidas pelos psiquiatras)

É possível sair das drogas sem convulsões.

As drogas são essencialmente venenos. O grau em que são tomadas determinam o seu efeito. Uma pequena quantidade é estimulante. Uma maior quantidade atua como sedativo. Uma ainda maior quantidade atua como veneno e pode matar uma pessoa.

Isto é verdade para qualquer droga. Cada uma age em quantidades diferentes. A cafeína é uma droga. Logo o café é um exemplo disso. Cem cafés matariam provavelmente uma pessoa. Dez cafés punham-no provavelmente a dormir. Dois ou três estimulam. Esta é uma droga muito comum. Não é muito prejudicial pois é preciso muita para produzir efeito. É por isso que é conhecida como estimulante.

O arsénico é conhecido como veneno. Contudo, uma quantidade ínfima de arsénico é um estimulante, bem doseado põe um tipo a dormir e alguns grãos matam.

Mas existem algumas drogas que têm outro fator. Elas afetam diretamente o banco reativo. A marijuana, o peiote, o ópio, a morfina, a heroína, etc., ligam as imagens nas quais as pessoas estão presas. E elas ligam-nas demasiado duramente para as auditar.

O LSD 25 é uma droga psiquiátrica concebida para transformar pessoas normais em esquizofrénicos. Ele é evidentemente largamente distribuído pelos psiquiatras. Parece um cubo de açúcar, produzido com facilidade.

As drogas têm um valor considerável para os viciados na medida em que produzem um “efeito desejável”

Mas elas são perigosas porque uma pessoa em drogas:

- a. tem períodos em branco
- b. tem irrealidades e ilusões que o tiram de PT
- c. é *muito* difícil de auditar.

Por isso um tipo que toma drogas pode estar a conduzir um navio, entrar num dos seus “brancos”, pensar que está em Vénus e deixar andar.

Um tipo que toma drogas que é posto em vigilância pode ficar “em branco” e deixar uma situação de ameaça por manejar porque ele está “noutra”.

Dar uma ordem a um drogado pode ser intrincado pois ele pode simplesmente ficar ali a olhar para nós. Ele quebra o ARC a qualquer pessoa.

Aparentemente leva cerca de seis semanas para eliminar o LSD. Depois disso a pessoa pode ser auditada. Mas isso arruína o seu caso num grau apreciável pois levanta cristas que não fazem as-is facilmente.

Uma droga ou álcool *queima* rapidamente a vitamina B1 do sistema. Esta aceleração da queima de B1 adiciona-se ao seu “estado de felicidade”. Mas agora o seu sistema está sem B1 ficando ele por isso deprimido.

Para evitar convulsões deve-se tomar muita B1 diariamente ao sair das drogas.



E esperar seis semanas antes ser auditado.

E depois parar. É um truque bem pobre naqueles que estão dependentes de nós serem abandonados.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 29 DE AGOSTO DE 1968

Emissão II

Remimeo

DADOS SOBRE DROGAS

O LSD 25 é incolor, inodoro, insípido, e virtualmente indetetável e é um derivado da cravagem do centeio. O uso de cubos de açúcar como meio foi interrompido há vários anos. A dosagem é fantasticamente pequena, de 50 a 1000 *microgramas* por dose, assim as cápsulas e tabletes são usadas para lhe reduzir a evaporação. O preço varia entre 3 e 7 dólares e só é vendido no mercado negro. Antes de 1964 a droga foi administrada por psicólogos e psiquiatras. Contudo, isto é agora ilegal. Apesar do seu estatuto ilegal, o LSD é muito popular entre os adolescentes e estudantes da faculdade. Toda uma subcultura de cartazes psicadélicos (manifestações mentais), espetáculos de luz e música eletrônica, emergiu na Costa Ocidental. A maior parte da música pop tem referências ocultas nas drogas. Um levantamento recente indicava que 50% dos estudantes graduados do sistema escolar da cidade de Los Angeles experimentaram LSD ou marijuana.

A marijuana é a mais popular das drogas psicadélicas. Uma onça (28,35 g) pode ser comprada por 10 dólares e fornece de 30 a 50 cigarros ou “charros”. Um fumador, de uma onça passa rapidamente a comprar um quilo. Um quilo é vendido por 75 a 150 dólares. A marijuana pode ser facilmente identificada. Tem um cheiro característico forte que é semelhante ao feno verde ou molhado, erva acabada de cortar. Fumando algumas folhas de chá enroladas em cigarro teremos um bom dado estável para identificar o odor da marijuana. A marijuana pode ser fisicamente identificada como um tabaco verde ou verde acastanhado, com quantidades variáveis de ramos castanhos e sementes esféricas.

O haxixe, como a marijuana, vem da planta fêmea do cânhamo, *Canábis sativa*. Quando madura, a planta é pendurada de rama para baixo e a resina é recolhida e seca para fazer o haxixe. Um grama de haxixe é vendido por 10 dólares e proporciona de 10 a 30 “pedradas” ou períodos “altos”. O haxixe é castanho, bronze ou preto e é usualmente guardado em papel de estanho. Os utilizadores tanto de haxixe como de marijuana apresentam olhos injetados de sangue quando sob o seu efeito. Alguém que esteja sob o efeito do LSD pode ser identificado por ter as pupilas muito dilatadas.

Os “botões” do peiote têm vários centímetros de diâmetro e vêm do cato peiote da América do sul. A forma pura da droga é um pó sintético (branco) ou natural (castanho) chamado mesalina. Foi recentemente disponibilizada uma versão reforçada desta droga, mas até Junho de 1968 permaneceu sem nome.

Outra droga nova é o STP. Esta droga é até muito mais poderosa que o LSD. Até Junho de 1968, o uso do STP foi baixando porque os seus efeitos são tidos como demasiado imprevisíveis.

Uma outra droga que vale a pena mencionar é o DMT. Esta droga é fumada ou injetada e tem efeitos imediatos que desaparecem cerca de uma hora depois. Pode ser identificada por um cheiro semelhante ao das bolas de naftalina e é tanto em pó como misturado em marijuana ou tabaco.

A marijuana é essencialmente uma droga leve que cria euforia. Também tem a consequência desagradável de distorcer os sentidos do consumidor. Soubemos que pessoas em “viagem”



foram ao ponto abrir a porta dum automóvel e sair a 120 Km à hora “uma vez que eles poderiam andar mais depressa”.

As restantes drogas psicadélicas são muito mais poderosas e influenciam fortemente um Pc.

Descobriu-se em LA que durante um período de vários meses (4-6) cada simples baixa de receita estava relacionada com a aceitação accidental dum ou mais consumidores de drogas (LSD, etc.) na Academia e ou HGC e estava também relacionada com as ondas difusoras de caos numa tentativa de manejar os seus “desacordos” com a tech, pedidos de manejos especiais e nenhuns ganhos de caso.

As “viagens” que um consumidor de drogas faz tende a produzir pontos presos na banda com muita fixação de atenção nessa área. Mas as “viagens” tendem a agir como super engramas colapsando a banda nesse ponto.

Os consumidores de drogas não podem fazer as-is, não obtêm TA nem têm cognições.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 19 DE MAIO DE 1969RB

Rev. 14 Nov. 78

Remimeo

Checksheet de Dianética

ASSESSMENT PRÉVIO DE CASOS DE DROGAS E ÁLCOOL

Aqueles casos que estiveram muito tempo e habitualmente a tomar drogas, remédios e álcool, por vezes sofrem de um “FECHO DE SOMÁTICOS”. Eles parecem anestesiados (insensíveis) e por vezes não têm “nada a perturbá-los”, embora a tomar drogas, bebidas ou remédios, e estão na realidade numa condição de supressão física e não podem deixar de tomar drogas, bebidas ou remédios.

Podemos encontrar em tais casos um TA muito alto que parece não reduzir. O TA pode ser trazido para baixo com audição de engramas, drogas e álcool, como cadeias.

Qualquer desses casos tomou drogas, álcool ou remédios por causa de dores ou sensações, ou emoções indesejáveis. Podemos usar isto como o dado estável que resolve a situação.

Só é preciso um assessment especial chamado ASSESSMENT PRÉVIO. É que a pessoa buscou nas drogas, álcool ou remédio a cura para sentires indesejáveis. Temos que verificar o que estava mal antes da cura.

(Nota: o assessment prévio é feito depois dos percursos narrativos e Preassessment com percurso R3RA da droga, remédio ou álcool).

Usando a lista das drogas obtidas no Assessment Original, pegamos na droga, remédio ou álcool desta vida, com maior leitura e fazemos ao Pc a seguinte pergunta de Preassessment: “Antes de tomares (*a droga, remédio ou álcool*) havia (item de Preassessment)?”

Pegamos no item com a maior leitura do Preassessment e perguntamos ao Pc:

“Que (*item*) tinhas antes de tomares (*a droga, remédio ou álcool*)?”

Continuamos com um trabalho completo de Preassessment conforme HCOB 18 Jun. 78, Série NED 4R, ASSESSMENT E COMO OBTER O ITEM, e HCOB 15 Jul. 71RD, Série NED 9RC, MANEJO DE DROGAS.

Ao fazer este assessment, temos que agarrar a leitura e marcá-la claramente quando ela ocorre. Se apenas listarmos e depois passarmos pela lista, a pessoa pode voltar para o tempo presente, e como os itens estão agora obstruídos com as massas dos engramas, drogas ou álcool em cima, não voltarão a ler. Por isso temos que caçar a leitura logo que a pessoa o menciona.

Escolhemos a maior leitura e encontramos e percorremos a cadeia com R3RA como em qualquer outra audição de Dianética.

A única diferença é o período a que se refere o assessment. Estamos a listar em relação a um tempo anterior à entrada em drogas, álcool ou remédios.

Os passos do assessment prévio acima são feitos em cada droga, remédio ou álcool com leitura. São manejados pela ordem da maior leitura (Ref. HCOB 15 jul. 71RD, Série NED 9RC, MANEJO DE DROGAS).

O percurso de sentires indesejáveis existentes antes da entrada em drogas, álcool ou remédios, remove a razão por que começaram a ser tomadas as drogas ou remédios, a fumar marijuana ou a beber. A compulsão para voltar a tomar drogas ou beber é reduzida e ele pode sair delas.



Isto pode também ser usado como regra funcional para chegar ao período anterior a qualquer atividade “curativa”. Quase tudo o que vem depois é a cura de algo anterior. Poderia dizer-se que o estado do tempo presente é um composto de curas passadas. Para o manejar, a ação seria a mesma das drogas, álcool ou remédios. Fazemos o Preassessment das dores ou sentimentos indesejáveis de antes da cura e percorremos as maiores leituras com R3RA.

Como haverá mais do que uma cadeia envolvida, claro que pegamos na próxima maior leitura e percorremos essa exatamente como em qualquer assessment.

O termo geral para este tipo de assessment é assessment PRÉVIO, não porque ela seja feita antes da audição, mas para determinar de que é que o Pc sofria antes dele usar uma “cura” nociva.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 17 DE OUTUBRO DE 1969RB

Rev. 8 Abr. 88

Remimeo

Checksheet Dn

Checksheet Classe VIII

DROGAS, ASPIRINA E TRANQUILIZANTES

Acabei de fazer uma descoberta real sobre a ação dos analgésicos. (conhecidos como aspirina, tranquilizantes, hipnóticos, soporíferos).

Nunca se soube ao certo em química ou medicina como estas coisas funcionavam. Tais compostos derivaram das descobertas acidentais de que “tal e tal reduz a dor”.

Os efeitos dos compostos existentes não dão resultados uniformes e têm muitas vezes efeitos secundários muito maus.

Como a *razão* por que funcionavam era desconhecida, muito pouco progresso foi feito na bioquímica. Se a razão por que eles funcionam fosse conhecida e aceite, possivelmente os químicos poderiam desenvolver algum que tivesse efeitos secundários mínimos.

Deixaremos de lado o facto de isto poder ter sido a descoberta do século da bioquímica médica e deixar os Prémios Nobel continuar a ir para os inventores de pingos para o nariz e de novas formas de matar e nós simplesmente a usá-los. A técnica bioquímica não está, até agora, à altura de ser usada.

A dor ou desconforto de natureza psicossomática vem de figuras de imagem mental. Estas são criadas pelo thetan ou seres vivos e colidem ou estampam-se contra o corpo.

Por teste clínico real, as ações da aspirina e de outros supressores da dor são:

- A. INIBIR A CAPACIDADE DO THETAN PARA CRIAR IMAGENS MENTAIS.
- B. IMPEDIR A CONDUTIVIDADE ELÉTRICA DOS CANAIS NERVOSOS.

Ambos os factos têm um efeito vital no processamento.

Se processarmos alguém que esteve recentemente em drogas, incluindo aspirina, não seremos capazes de devidamente escoar cadeias de engramas de Dianética porque não estão a ser criados completamente.

Se processarmos alguém que tenha ultimamente andado a tomar aspirina, por exemplo, provavelmente não seremos capazes de verificar os somáticos que precisam de ser escoados para manejar a condição. No dia seguinte a tomar aspirina ou outra droga as figuras de imagem mental podem não estar completamente disponíveis.

No caso duma tomada crónica de drogas, as drogas terão que ser totalmente eliminadas do sistema e os engramas das drogas têm que ser esgotados na íntegra, Fluxo Triplo ou Quad. Se isto não for feito, a audição ficará à procura de manejar cadeias que não estão a ser completamente criadas pelo thetan.

No caso de auditarmos alguém que tenha tomado drogas, aspirina, etc., nas últimas horas ou nos últimos dois ou três dias, veremos que as cadeias de engramas não são criadas completamente e por isso indisponíveis.

Estaria tudo muito bem expecto três coisas:

1. A audição nestas condições é muito difícil. O TA pode estar alto e não desce. Obtemos “apagamentos” com o TA a 4,0 com “F/N”. Erros de audição acontecem facilmente. O banco (cadeias) está obstruído.



2. O thetan fica ESTÚPIDO, em branco, esquecido, ilusório, irresponsável. Um thetan entra numa espécie de estado “obtusos”, insensível, incapaz e definitivamente não fiável, na verdade uma ameaça para o seu semelhante.
3. Quando as drogas são eliminadas ou começam a ser eliminadas, a capacidade de criar começa a voltar e LIGA SOMÁTICOS MUITO MAIS DUROS. Uma das respostas que a pessoa tem para isto é MAIS drogas. Para não falar na heroína, saibam que existem viciados em aspirina. A compulsão vem uma vez mais da necessidade de se verem livres de somáticos ou de sensações indesejáveis. Também está presente algo da dramatização de engramas vinda de tomadas anteriores de drogas. O ser fica cada vez mais obtuso, precisando cada vez mais quantidade e mais frequentemente.

Sexualmente é comum alguém que toma drogas ficar a princípio muito estimulado. Trata-se de o impulso “procriar antes de morrer”, pois as drogas são venenos. Mas depois dos “coices” sexuais iniciais, o estímulo da sensação sexual torna-se cada vez mais difícil. O esforço para o alcançar torna-se obsessivo enquanto ele próprio é cada vez menos satisfatório.

O ciclo das drogas de restimulação de imagens (ou criação em geral) pode ser ao princípio aumentar a criação e por fim inibi-la totalmente.

Se trabalhássemos isto bioquimicamente, o supressor de dor menos prejudicial seria aquele que inibisse a criação de imagens mentais resultando o menos possível em “obtusidade” ou estupidez e que fosse solúvel no corpo para que saísse rapidamente dos nervos e do sistema. Não existem neste momento tais preparados bioquímicos.

Estes testes e experiências tendem a provar que dores e desconforto vêm de imagens mentais e que estas são criadas no momento.

O apagamento de uma imagem mental pelo processamento standard de Dianética, remove a compulsão para a criar.

As drogas inibem quimicamente a criação, mas também inibem o apagamento. Quando a droga se desgastou, a imagem auditada uma vez que estava em vigor, pode voltar.

O TA do E-Metro, debaixo de drogas ou num caso de drogas, pode subir muito alto, TA 4.0, TA 5.0. Também pode cair para “thetan morto” (uma falsa leitura de Claro).

Auditando uma pessoa sob o efeito de drogas podemos obter “apagamento” “F/N” com o TA a 4.0. Mas o apagamento é apenas aparente e tem que ser “reabilitado” (conferido ou refeito), quando a pessoa estiver sem droga.

Qualquer consumidor habitual de droga, pedindo audição enquanto ainda se encontra sob o seu efeito, é manejado conforme Série C/S 48RE, Série NED 9RC, MANEJO DE DROGAS, e HCOB 12 Nov. 81RC, CARTA DE GRAUS ALINHADA PARA OS GRAUS INFERIORES.

Um programa de manejo de drogas é a primeiríssima ação que deve ser feita no caso. (Isto inclui o Purif. RD, Processos Objetivos, TRs 0-9 e o RD de Drogas de SCN. O manejo de drogas também inclui o percurso de engramas relacionados com a tomada de drogas, no RD de drogas NED. Este passo é feito depois dos graus expandidos exceto quando o Pc se mete em problemas devido a drogas não manejadas nos graus expandidos. Ref. Série C/S 48RE, Série NED 9RC, MANEJO DE DROGAS).

TRs e Processamento objetivo facilitarão os sintomas de abstinência do consumidor habitual de drogas. (Isto inclui o álcool). Mesmo que os passos do manejo de drogas estejam em progresso, não consideramos a droga eliminada antes de terem passado seis semanas.

A uma pessoa que tomou aspirina ou outras drogas nas últimas 24 horas ou na semana anterior, deve ser dada uma semana para as eliminar antes de ser dada mais audição.



Podem e devem ser dadas assistências de audição sempre que necessário mesmo que o Pc tenha tomado drogas. O apagamento de alguma cadeia de engramas assim percorrida deve ser verificada depois da droga ter sido eliminada. (Isto pode acontecer até 6 semanas para certas drogas e medicamentos tais como anestésicos).

Nenhum álcool pode ser consumido dentro das 24 horas anteriores a uma sessão de audição, e quando o consumo de álcool é excessivo o período de eliminação deve ser alargado a vários dias ou uma semana.

Não é fatal auditar por cima de drogas. É mesmo difícil, os resultados podem não ser duráveis e precisam ser verificados depois.

Consumidores crónicos cujas drogas não foram especificamente manejadas, podem voltar a elas depois da audição pois eles também estavam drogados durante a audição para se livrarem do que os estava a incomodar e que os tinha levado para as drogas.

Com os inimigos de vários países a usar largamente o vício da droga como mecanismo de derrota, com analgésicos tão facilmente ao alcance e tão ineficazes, a droga é um problema sério de audição.

Ele pode ser manejado. Mas quando a aspirina, esse analgésico pseudo inofensivo, pode produzir estragos na audição se não detetada, o assunto requer cuidado e conhecimento.

Os dados acima manterão o auditor livre das rasteiras da sorte.

Para parafrasear um velho ditado, dantes tínhamos homens de aço em barcos de madeira. Agora temos uma sociedade de droga e cidadãos de madeira.

Estive a estudar isto durante ano e meio e consegui descobri-lo.

As empresas de drogas deveriam ser aconselhadas a fazer melhor pesquisa.

E os auditores são aconselhados a perguntar a qualquer Pc “Tens andado a tomar algumas drogas ou aspirina?”

No aspeto médico é um desejo compreensível de manejar a dor. Para o fazer, os médicos deviam fazer pressão por melhores drogas para não terem os tais efeitos secundários lamentáveis. A fórmula do menos nocivo está lá atrás.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 3 DE JULHO DE 1978R
Rev. 23 Set. 78

Série NED 10R

PERCURSO DE ALÍVIO

Quando a Folha de Assessment Original mostra perdas por morte ou outras mudanças severas na vida duma pessoa tais como perdas de posição, animais de estimação ou objetos, ver-se-á que a vida da pessoa piorou nesse ponto. (Ver secções F, G, H e I do HCOB 24 Jun. 78RA, Série NED5RA, FOLHA DE ASSESSMENT ORIGINAL).

O auditor localiza estes pontos de mudança, ou na Folha de Assessment Original ou perguntando ao Pc. Estes pontos são percorridos usando a Narrativa R3RA Quad.

Se a narrativa R3RA Quad não os limpa a *fundo*, vamos para o passo de Preassessment de Série NED4R e continuamos a partir daí, mas não o fazemos antes da Narrativa R3RA ser completamente manejada.

Ao percorrer esses incidentes Narrativos, ver-se-á que a via para os apagar assenta na localização de inícios anteriores (E/S) cada vez que o Pc é movido através do incidente. Ver-se-á que o Pc encontra momentos cada vez mais antigos em que recebeu a informação que depois constituiu a catástrofe. Isto pode mesmo recuar a um sonho, ou consciência telepática ou premunição de que o incidente iria acontecer. Apagamentos narrativos dependem muitas vezes totalmente de verificar, depois de cada travessia, se havia um início anterior.

Se o incidente começar a moer (TA ou conteúdo sem mudança) a despeito do início anterior ter sido repetidamente procurado, só então vamos para um incidente narrativo anterior, mas com cautela, pois a maior parte das narrativas bem percorridas apagarão tudo por si mesmo, e percorrer uma cadeia de mortes, por exemplo, pode remontar a muito longe.

Quando tão grandes mudanças na vida duma pessoa são encontradas e apagadas, ela deve experimentar um considerável sentimento de alívio sobre a vida.

Se não, então tratamos a narrativa, mesmo que manejada como narrativa, como item original e preverificamo-lo para encontrar outros itens de percurso ligados a si e tratamo-los com manejo completo R3RA. Também fazemos isto se a narrativa começar a moer e houver problemas para ir a anterior.

Cadeias narrativas devidamente percorridas produzem dramáticas e miraculosas mudanças de caso.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 2 DE JULHO DE 1978

Série NED 11

INTENSIVO DE SALVAÇÃO DO ESTUDANTE

O Intensivo de Salvação do Estudante é um passo opcional a ser dado se o nosso pc está a ter alguma dificuldade com o estudo.

Os passos são muito simples:

1. Faça o Assessment:

Ser treinado

Ser educado

Estudo

Aprendizagem

Exames

Mal-entendidos

Tensão (Stresse)

Educação

Escolas

Professores

Ser forçado

para a melhor leitura.

2. Faça um Preassessment no item do passo 1 com a maior leitura.

3. Encontre o item de percurso, usando o procedimento standard de Preassessment (Ref. Série NED 4)

4. Percorra o item encontrado no passo 3, usando a R3RA Quad.

5. Repita o a Preassessment no item original encontrado no passo 1 e repita os passos 3 e 4 nesse item.

6. Continue a fazer o assessment da lista de Preassessment no item original percorrendo com R3RA o item de percurso com maior leitura até não haver mais leituras no Preassessment do item original.

O intensivo deve ser concluído quando o pc está agora feliz com o estudo.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBRD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB 4 JULHO 1978R
Rev. 22 Set 78

Série NED 12R

SEGUNDO ASSESSMENT ORIGINAL

Cancela:

HCOB 16 Abr. 69 FORM DE SAÚDE, USO DO FORM DE SAÚDE DO
Rev. 22.7.29 CONSELHO PASTORAL

HCOB 19 Maio 69 FORM DE SAÚDE, USO DO UMA BREVE DESCRIÇÃO
DA AUDIÇÃO

Refs:

HCOB 24 Jun. 78RA Série NED 5RA
Rev. 8.4.88 FOLHA DE ASSESSMENT ORIGINAL

HCOB 28 Jul. 71RB C/S Séries 54rb
Rev. 8.4.88 DIANÉTICA, INICIAR UM PC EM

HCOB 18 Jun. 78R Série NED 4R
Rev. 20.9.78 ASSESSMENT E COMO OBTER O ITEM

HCOB 26 Jun. 78RA II Série NED 6RA
Rev. 15.9.78 ROTINA 3RA, PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS

No ponto do programa da Nova Era Dianética em que o Pc completou o seu RD de Drogas e manejou os itens da Folha de Assessment Original, a Folha de Assessment Original é feita DE NOVO.

A segunda Folha de Assessment Original serve de comparação. Somáticos e dores não mencionados no segundo assessment podem considerar-se desaparecidos.

Além disto, a memória do Pc terá melhorado se fizemos um bom trabalho de audição.

Assim voltamos a fazer o assessment da Folha de Assessment Original e manejamos quaisquer itens adicionais que apareçam.

Ao assessar esta lista pela segunda vez, marcamos o topo da folha a atravessá-la, com: SEGUNDO ASSESSMENT ORIGINAL.

É importante dar ao Pc o nosso Factor-R nesta fase para que ele não se sinta invalidado por ter que fazer este formulário de novo.

Informamo-lo de que lhe vamos fazer as perguntas da Folha de Assessment Original a fim de apanhar alguns novos itens de que ele se possa agora lembrar e para assegurar que manejámos toda a carga dos itens já tratados. Pedimos-lhe para responder a cada pergunta o mais cabalmente possível mesmo que já tenha dado a informação numa sessão anterior.

Manejamos os itens do segundo Assessment Original de acordo com as directivas de manejo da Folha de Assessment Original conforme o HCOB 28 Jul. 71RB, Série C/S 54RB, Série NED 8RA, DIANÉTICA, INICIAR UM PC EM.



L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 1 DE JULHO DE 1978

Remimeo

Série NED 13

AÇÃO CATORZE

RD DE ASSESSMENT PREPARADO DE DIANÉTICA

Muitas cadeias, elos, secundários e engramas estão disponíveis em qualquer Pc. Mas alguns deles estão para além da realidade e capacidade do Pc e outros são demasiado ténues para obterem qualquer ganho de caso. Este RD foi idealizado para localizar itens que possam ser percorridos com R3RA. É chamado o *RD Preparado de Assessment de Dianética*.

ASSESSMENTS ANTERIORES

O primeiro de todos os assessments (1948) a ser usado foi "*O que o Pc conseguia ver*" quando fechasse os olhos. Isto era então percorrido.

Isto foi seguido do método arbitrário de designar os incidentes que era preciso percorrer, tais como nascimento e pré-natais.

O assessment que veio a seguir (1949) consistia em pedir todas as vezes o "incidente necessário para resolver o caso". Dependia de um automatismo conhecido como o "*Arquivista*" com o qual entrava em contacto por meio de um estalar de dedos.

O próximo período (1951) dizia respeito à exploração da banda total, percorrendo o que quer que conseguisse leituras num E-Meter.

O próximo período (1952) dizia respeito a engramas overt localizados através do que o Pc parecia estar a fazer fisicamente.

Isto acabou com o período da Dianética em que os engramas eram percorridos para aclarar um caso.

Foram estabelecidas variações destes assessments de tempos a tempos no uso da Dianética, culminando no 5º ACC onde engramas overt foram percorridos com confronto e foi empregado um grande esforço para conseguir tirar deles os postulados. O E-Metro e as adivinhações perspicazes desempenharam a sua parte nos assessments.

A significância e o conteúdo da história não têm relação com a cadeia selecionada ser ou não correta. São inteiramente acidentais para julgar a exatidão de uma cadeia.

1. A primeira ação deste RD é fazer o assessment da seguinte lista:

enfermidade	_____	ansiedade	_____
indisposição	_____	terror	_____
não estar bem	_____	horror	_____
más sensações	_____	pânico	_____
sensações desagradáveis	_____	apreensão	_____
sensações discordantes	_____	náusea	_____
magoadado	_____	alarme	_____
dor	_____	timidez	_____



mal	_____	incapacidades físicas	_____
queixa	_____	incidente	_____
uma doença	_____	aflição	_____
uma desordem	_____	aflição corporal	_____
partes corpo danificadas	_____	partes do corpo deficientes	_____
partes do corpo feridas	_____	alergias	_____
partes do corpo incapazes	_____	parentes	_____
irritação da pele	_____	empregos	_____
desordem da pele	_____	ambiente	_____
sentimentos indesejáveis	_____	esta área	_____
problemas dentários	_____	perturbações	_____
uma condição indesejável do corpo	_____	problemas	_____
estados indesejáveis do corpo	_____	crianças	_____
maneira indesejável	_____	casamento	_____
depressão	_____	cheiros	_____
infecção	_____	maquinaria	_____
comportamento indesejável	_____	matéria	_____
lesões	_____	energia	_____
infortúnio	_____	espaço	_____
dificuldades de percepção	_____	tempo	_____
perda de um ente amado	_____	Orgs	_____
impulsos	_____	Dianética	_____
crimes	_____	Cientologia	_____
ímpetos	_____	Auditores	_____
restrições	_____	audição	_____
medos	_____	preclaros	_____

2. Tome então um item acima descoberto e peça ao Pc para o descrever resumidamente. Diga-lhe; "Descreve resumidamente, por palavras tuas, (*item com leitura*)".
3. Use as mesmas palavras exatas que o Pc deu no ponto 2. Trate-as como item original, exatamente como se tivesse sido extraído da Lista de Assessment Original, Série NED 5.
4. Maneje os itens do ponto 3 acima exatamente como manejaria qualquer item ou itens originais Séries NED 4R (A assessment e Como Conseguir o Item).
5. Esgote todos os itens com leitura da lista preparada acima.
6. Refaça o assessment da lista preparada e faça os pontos de 2 a 5 acima.
7. Quando esta lista preparada já não der leituras e somente F/Ns, terminou a Ação Catorze.

L3RE

Se encontrar quaisquer dificuldades, uma L3RE deve ser feita imediatamente.



Feito corretamente, com R3RA standard e utilização impecável do E-Metro, os ganhos deste RD não serão pequenos.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 29 DE JUNHO DE 1978

Série NED 14

RD DE INCAPACIDADE

Este RD é feito obtendo da do Pc qualquer coisa que ele considere uma incapacidade física, mental ou outra.

Esta lista pode incluir qualquer coisa desde um pé atrofiado a ser pequeno demais a não ser capaz de aprender francês.

Faça uma lista de todos os itens que o Pc nos der assegurando a obtenção das leituras do e-metro à medida que o Pc dá os itens.

Pegue no item com maior leitura e faça um Preassessment completo. Confira o interesse e maneje cada item do Preassessment com leitura, com R3RA Quad. Pegue na incapacidade com maior leitura a seguir e faça o Preassessment e maneje-a.

Volte a fazer o assessment/adicione à lista original. Use os botões Suprimir e Invalidar conforme necessário.

Quando tiver esgotado a lista de todas as incapacidades reagentes e o Pc disser que não há mais incapacidades, este RD está completo.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 20 DE JUNHO DE 1978

Série NED 15

RD DE IDENTIDADE

Nunca antes tivemos em Dianética processos especificamente dirigidos a meter o Pc em Valência. Este resultado foi ocasionalmente atingido pela Dianética Standard como um dos muitos milagres produzidos, mas antes disto não havia nenhum RD de Dianética que se prestasse especificamente a manejar valências.

Podemos, é claro, mandá-lo para a sua valência num incidente, mas isto não é do âmbito da R3RA.

PROCEDIMENTO

1. Mandamos o Pc fazer uma lista de todas coisas que ele nunca quis ter.
2. Fazemos um Preassessment naquelas que lerem em (1). R3RA Quad nos itens com leitura, conferindo interesse primeiro.
3. Mandamos o Pc fazer uma lista das coisas que nunca quis fazer.
4. Fazemos um Preassessment naquelas que lerem em (3). R3RA Quad nos itens com leitura, conferindo interesse primeiro.
5. Mandamos o Pc fazer uma lista das coisas que nunca quis ser.
6. Fazemos um Preassessment naqueles que lerem em (5). R3RA Quad nos itens com leitura, conferindo interesse primeiro.

O fenómeno final deste processo é o Pc originar que está em valência ou algum comentário similar tal como a primeira vez que se sente ele próprio.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
BOLETIM DO HCO DE 23 DE JUNHO DE 1978R
REVISTO 22 SETEMBRO 1978

Remimeo

(Revisões em Itálicas)
(Reticências indicam reduções)
Nº16R da Série sobre Dianética da Nova Era

CHECKLIST DO PRECLARO

INFORMAÇÃO: Quando o Pc estiver pronto para começar Dianética este impresso tem de ser preenchido com seu nome e data de início e mantido na frente do folder do Pc.

Este é o programa avançado dele.

À medida que cada passo de Dianética é dado o Auditor mais o C/S devem atestar que este Pc concluiu tal passo por inteiro segundo o HCOB 22 Junho 1978R, Nº2R da Série sobre Dianética da Nova Era, Perfil do Programa Completo de Dianética da Nova Era do Pc.

Quando todos os passos tiverem sido percorridos e concluídos, os folders de Dianética do Pc, incluindo a sua checklist, são enviados ao Qual Sec para uma verificação completa e atestar antes que seja permitido ao Pc atestar a Completação de Caso de Dianética.

Após um período de 3 semanas a contar da data desta emissão, será uma ofensa passível de Comm-Ev para o Auditor, C/S e Qual Sec deixar qualquer Pc atestar a Conclusão de Caso de Dianética sem ter concluído inteiramente CADA passo desta checklist.

NOME DO PC _____ DATA COMEÇO _____

ORG _____ DATA COMPLETAÇÃO _____

AUDITOR(es) _____

	Atestado Auditor	Atestado C/S	Atestado Sec Qual
PASSO UM: Folha de Assessment Original	_____	_____	_____
PASSO DOIS: PTS ness Manejado	_____	_____	_____
PASSO TRÊS: Objetivo ARC	_____	_____	_____
PASSO QUATRO: Programa de Suor	_____	_____	_____
PASSO CINCO: Objetivos (CCHs 1-10 , . SCS sobre um objeto, SCS, ...)	_____	_____	_____
PASSO SEIS: TRs Duros	_____	_____	_____
PASSO SETE: CS-1 de Dianética	_____	_____	_____
PASSO OITO: Percurso de Drogas	_____	_____	_____



PASSO OITO - A: Mais Objetivos (SOP 8C e Op PRO by Dup)	_____	_____	_____
PASSO NOVE: Percurso de Alívio	_____	_____	_____
PASSO DEZ: (Opcional) Remédio de Imagem e Massas	_____	_____	_____
Remédio de Vida Passada	_____	_____	_____
PASSO ONZE: Manejo completo na Folha de Assessment Original	_____	_____	_____
PASSO DOZE: Segunda Folha de Assessment Original	_____	_____	_____
PASSO TREZE: (Opcional) Intensivo de Salvação de Estudante	_____	_____	_____
PASSO CATORZE: Impresso de Assessment Preparado	_____	_____	_____
PASSO QUINZE: Percurso de Incapacidade	_____	_____	_____
PASSO DEZASSEIS: Percurso de Identidade	_____	_____	_____
PASSO DEZASSETE:(Opcional) Auditar Sessões Para Fora	_____	_____	_____
PASSO DEZOITO: PC DECLARA Após atestado completo de Sec de Qual	_____	_____	_____

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 28 DE JUN. DE 1978RA

Rev. 15 Set 78

Série NED 7RA

COMANDOS R3RA

Esta é uma curta lista dos comandos R3RA.

PASSO 1: “Localiza uma ocasião em que tiveste _____”

PASSO 2: “Quando foi?”

(Nota: aceitamos qualquer ocasião ou data ou aproximação que o Pc der. Não tentamos qualquer exercício de datação).

PASSO 3: “Move-te para esse incidente”.

(Este passo é omitido se o Pc insistir que já lá está).

PASSO 4: “Qual é a duração desse incidente?”

(Aceitamos qualquer duração ou qualquer declaração que o Pc fizer sobre isso. Não tentamos uma duração mais apurada com o e-metro).

PASSO 5: “Move-te para o início desse incidente e diz-me quando lá estiveres”.

PASSO 6: “O que é que vês?”

(Se os olhos do Pc estão abertos, dizemos-lhe: “fecha os olhos”, acusamos-lhe suavemente a receção por o ter feito e damos-lhe então o comando).

PASSO 7”: “Move-te através desse incidente até um ponto (*a duração que o Pc disse*) mais tarde”.

PASSO 8: Se o Pc faz comentários antes de chegar ao fim, dizemos: “Ok, continua”.

PASSO 9: Quando o Pc chegou ao fim do incidente perguntamos: “O que é que aconteceu?” Se o TA subiu, (da posição do Passo 1), o auditor vê imediatamente se existe um incidente anterior, (passo G). Se não existir incidente anterior, pede-lhe um início anterior desse incidente (passo H).

Se o TA está na mesma ou mais baixo, percorre de novo o incidente (passo A).

Ao atravessar o incidente pela segunda vez e seguintes, NÃO perguntamos a data e duração ou qualquer descrição.

A. (Quando o Pc disse o que aconteceu e o auditor lhe acusou a receção): “Move-te para o início do incidente e diz-me quando lá estiveres”.

B. “Move-te através desse incidente até ao fim”.

C. (Quando o Pc acabou): “Diz-me o que aconteceu?”

Ca. “Esse incidente está a apagar-se ou a ficar mais sólido?” (TA a subir significa que o incidente ficou mais sólido, por isso, se o TA estiver mais alto, a pergunta é desnecessária).

Se o incidente se está a apagar, atravessa-o de novo (passo D).

Se ficou mais sólido pedimos um incidente anterior (passo G) e se não houver nenhum anterior pedimos um início anterior (passo H).



- D. “Volta para o início desse incidente e diz-me quando lá estiveres”.
- E. “Move-te através desse incidente até ao fim”.
- F. “Diz-me o que aconteceu”.
- Fa. “Esse incidente está a apagar-se ou a ficar mais sólido?” (TA a subir significa que o incidente ficou mais sólido, por isso, se o TA estiver mais alto, a pergunta é desnecessária).
Se o incidente está a apagar passa de novo através dele. (passo D)
Se o incidente ficou mais sólido, pedimos um incidente anterior (passo G), e se não houver nenhum anterior, pedimos um início anterior (passo H).
- G. “Existe um incidente anterior em que tiveste.... (o mesmo exato somático)?”
Continuamos pela cadeia do MESMO somático abaixo usando os passos 2-9, A, B, C, D, E, F, G, H e EYE.
- H. “Existe neste incidente um início anterior?” ou “O incidente que estamos a correr começou antes?” ou “Parece existir um início anterior neste incidente?”
(Se não, damos o comando D e pomos o Pc a atravessar de novo o incidente.
Se houver um início anterior damos o comando EYE).
- EYE. “Vai para o novo início desse incidente e diz-me quando lá estiveres”. (Seguidos de B, C).
Quando acontece termos atingido o incidente básico da cadeia, o qual se está a apagar depois de cada passagem perguntamos:
“Apagou-se?”
O Pc por vezes pensa que o incidente se está a apagar, mas não está, por isso temos que voltar ao nosso G, H, EYE seguido de 2-9, A-EYE. Nalguns casos isto pode acontecer várias vezes numa cadeia.

POSTULADO FORA IGUAL A APAGADO

O postulado a sair é o EP da cadeia e significa que obtivemos um apagamento. Isto será acompanhado de F/N e VGIs.

O importante é obter o postulado. Mesmo que tenhamos a F/N não a anunciamos ATÉ obtermos o postulado, momento em que atingimos o EP e o fim dessa cadeia.

Se o Pc diz que a cadeia se apagou, mas o postulado feito durante o incidente não foi franqueado pelo Pc, perguntamos:

“Fizeste um postulado na altura desse incidente?”

Somente quando o postulado sai com F/N e VGIs podemos considerar que foi atingido o EP completo de um incidente ou cadeia de Dianética.

Temos que reconhecer o postulado quando aparece. Se fizermos overrun para além do postulado, podemos realmente baralhar um Pc e ele pode precisar duma extensa reparação. Tudo o que estamos a tentar é sacar o postulado. É isso que mantém ali a cadeia.

Se o Pc deu o postulado até F/N e VGIs acabou. Temos o EP da cadeia.

IR A ANTERIOR

Vulgarmente atravessamos um incidente duas vezes (passo 1-9 depois A-C) para descarregá-lo e permitir ao Pc localizar incidentes anteriores na cadeia.



Contudo, o TA a subir no Passo Nove é uma indicação de que existe algo anterior. Se o auditor vir o TA a subir deve perguntar ao Pc se existe um incidente anterior usando no comando o mesmo exato somático ou sensação usado no Passo Um. Se não existe incidente anterior, perguntamos se existe um início anterior.

Um auditor não deve nunca solidificar o banco do Pc percorrendo o incidente pela SEGUNDA vez quando por observação do TA é claro que o incidente ficou mais sólido ao fim da PRIMEIRA passagem.

Buscar um incidente anterior depois da primeira passagem (se o TA subiu) é a solução para isto.

Se depois da segunda passagem, depois de termos perguntado ao Pc “o incidente está a apagar-se ou a ficar mais sólido?” e o Pc não sabe ou não tem a certeza, pedimos um incidente anterior.

Nunca pedimos apagar/sólido no meio do incidente.

RESSALTADORES

Se o Pc está fora de sessão, fora do incidente, salta do incidente, etc., teremos que o mandar VOLTAR ao início do incidente e passar através dele, mandando o Pc voltar ao incidente conforme necessário.

O Pc que salta para fora de um incidente num “ressaltador” tem que ser posto de novo no incidente e continuar a percorrê-lo.

Os comandos para fazer isto são: Assim que virmos que o Pc saltou damos-lhe o comando D (“Volta para o início desse incidente e diz-me quando lá estiveres”), seguido de E, F, Fa.

FLUXOS 2, 3, E 0

Os comandos dos Passo Um e Passo G (ir a anterior) para os Fluxos 2, 3 e 0 são:

FLUXO 2

PASSO UM:

“Localiza um incidente em que tu causavas a outro (*o exato somático ou sensação usado no Fluxo um*)”

PASSO G:

“Existe um incidente anterior em que tu causavas a outro (o exato somático ou sensação usado no Fluxo um)”

FLUXO 3

PASSO UM:

“Localiza um incidente em que outros causavam a outros (Plural do exato somático ou sensação usado no Fluxo um)”

PASSO G:

“Existe um incidente anterior em que outros causavam a outros (Plural do exato somático ou sensação usado no Fluxo um)”

FLUXO 0

PASSO UM:

“Localiza um incidente em que tu causavas a ti próprio (o exato somático ou sensação usado no Fluxo um)”

PASSO G:

“Existe um incidente anterior em que tu causavas a ti próprio (o exato somático ou sensação usado no Fluxo um)”

Os comandos para a Narrativa são:



FLUXO UM

PASSO UM: “Retorna ao momento em que tu (incidente específico) e diz-me quando lá estiveres”.

Seguem-se os passos de 2 a 9 (o passo 3 é omitido uma vez que já mandámos o Pc para o incidente dando-lhe o comando “ retorna ao momento ...”).

O início anterior (passo H) é verificado depois de cada passagem através do incidente. Se ele existir mandamos o Pc para o novo início do incidente (passo EYE), depois continuamos com os passos B e C.

Se não existir início anterior retornamos o Pc para o incidente com o passo A seguido de B e C, verificando de novo o início anterior (passo H) no fim de cada passagem através do incidente. Na terceira passagem e seguintes através do incidente usamos os passos D, E, F, assegurando-nos de verificar o início anterior depois de cada passagem e só depois de o Pc obviamente começar a remoer e não chegar a lado nenhum, usamos o comando “existe um incidente anterior e semelhante?”.

FLUXO DOIS

PASSO UM :”Retorna ao momento em que tu causaste a outro (incidente específico) e diz-me quando lá estiveres”.

Seguem-se os passos de 2 a 9 (o passo 3 é omitido uma vez que já mandámos o Pc para incidente dando-lhe o comando “retorna ao momento ...”).

O início anterior (passo H) é verificado depois de cada passagem através do incidente. Se existir, mandamos o Pc para o novo início do incidente (passo EYE), depois continuamos com os passos B e C.

Se não existir início anterior retornamos o Pc para o incidente com o passo A seguido de B e C, verificando de novo o início anterior (passo H) no fim de cada passagem através do incidente. Na terceira passagem e seguintes através do incidente usamos os passos D, E, F, assegurando-nos de verificar o início anterior depois de cada passagem e só depois de o Pc obviamente começar a remoer e não chegar a lado nenhum, usamos o comando “existe um incidente anterior e semelhante?”.

FLUXO TRÊS

PASSO UM : “Retorna ao momento em que outros causaram a outros (incidente específico) e diz-me quando lá estiveres”.

Seguem-se os passos de 2 a 9 (o passo 3 é omitido uma vez que já mandámos o Pc para incidente dando-lhe o comando “retorna ao momento ...”).

O início anterior (passo H) é verificado depois de cada passagem através do incidente. Se existir, mandamos o Pc para o novo início do incidente (passo EYE), depois continuamos com os passos B e C.

Se não existir início anterior retornamos o Pc para o incidente com o passo A seguido de B e C, verificando de novo o início anterior (passo H) no fim de cada passagem através do incidente. Na terceira passagem e seguintes através do incidente usamos os passos D, E, F, assegurando-nos de verificar o início anterior depois de cada passagem e só depois de o Pc obviamente começar a remoer e não chegar a lado nenhum, usamos o comando “existe um incidente anterior e semelhante?”.

FLUXO ZERO

PASSO UM :”Retorna ao momento em que tu causaste a ti próprio (incidente específico) e diz-me quando lá estiveres”.

Seguem-se os passos de 2 a 9 (o passo 3 é omitido uma vez que já mandámos o Pc para incidente dando-lhe o comando “retorna ao momento ...”).

O início anterior (passo H) é verificado depois de cada passagem através do incidente. Se existir, mandamos o Pc para o novo início do incidente (passo EYE), depois continuamos com os passos B e C.

Se não existir início anterior retornamos o Pc para o incidente com o passo A seguido de B e C, verificando de novo o início anterior (passo H) no fim de cada passagem através do incidente. Na terceira



passagem e seguintes através do incidente usamos os passos D, E, F, assegurando-nos de verificar o início anterior depois de cada passagem e só depois de o Pc obviamente começar a remoer e não chegar a lado nenhum, usamos o comando “existe um incidente anterior e semelhante?”.

SECUNDÁRIOS

Os secundários são percorridos com os mesmos comandos da R3RA. Se forem secundários narrativos são percorridos com os mesmos comandos R3RA dos engramas Narrativos.

O comando anterior e semelhante é “ existe um incidente anterior e semelhante?”.

PERCORREMOS SEMPRE INCIDENTES NARRATIVOS EM FLUXO TRIPLO OU QUAD CONFORME ACIMA.

Os auditores têm que ser totalmente exercitados nestes comandos até os saber de cor usando os TR 101, 102, 103 e 104.

Isto tem que ser feito antes dum auditor auditar um Pc em Dianética.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
BOLETIM HCO DE 26 DE JUNHO DE 1978 RA
Emissão II

REVISTO EM 4 DE SETEMBRO DE 1978

RE-REVISTO 15 DE SETEMBRO DE 1978

Remimeo
Todos os Auditores

CANCELA

HCOB 26 de Maio de 1978 edição II

BTB 6 de Maio 1969 RA edição II

Dianética de Nova Era série 6 RA

Importante: *Está incluída uma alteração na ordem dos comandos de R3RA e dados adicionais sobre EPs de Dianética e postulados.*

ROTINA 3RA
PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS

Ref: HCOB Abr. 23 69RII APAGAMENTO DIANÉTICO & COMO ATINGIR

HCOB 2 dez 69R TA SUBINDO

HCOB 28 de Maio 69R COMO NÃO PARA APAGAR

HCOB 23 pode 69R AUDITANDO SESSÕES DE NARRATIVOS

HCOB 2 abr. 69RA ASSISTÊNCIAS DIANÉTICAS

HCOB 13 Set. 78 R3RA PERCORRENDO ENGRAMAS por CADEIAS E
NARRATIVA R3RA — UMA DIFERENÇA ADICIONAL

HCOB 16 Set. 78 POSTULADO FORA IGUAL A ELIMINAÇÃO

A pesquisa para desvendar o mistério da mente humana foi tão longa e tão complexa que tinha muita limalha. Métodos foram alterados, a fim de serem aperfeiçoados à medida que a compreensão aumentava na linha da investigação. Infelizmente isto foi aproveitado por alguns com intenções questionáveis. Porque tinha havido mudanças e ações de aperfeiçoamento, eles puderam introduzir mudanças não funcionais que passaram relativamente não detetadas.

Provavelmente este é o destino de todos os assuntos e a razão pela qual o homem, embora estando num estado de alta realização material cultural, ainda não tem equipamento realmente viável e está numa confusão terrível, rodeada por todos os lados de uma cultura material a falhar.

Provavelmente o chapéu mais pesado que tenho usado nos últimos anos é o da recuperação de tecnologia perdida de Dianética e Cientologia e erradicação e correção de alterações introduzidas no assunto por outros.

Tendo um conhecimento da composição e comportamento da pista temporal, o percurso de engramas por cadeias é tão simples que qualquer auditor começa por complicar demais. Quase que não conseguem ser suficientemente simples na audição de engramas.

Ao ensinar pessoas a percorrer engramas em 1949, o meu maior desespero chefe foi resumido numa frase para o grupo que estava instruindo: "todos os auditores falam muito." E isso é a primeira lição.

A segunda lição é: "todos os auditores acusam muito pouco a receção." Em vez de acusarem alegremente o que o pc disse e dizerem: "Continua", os auditores sempre estão pedindo mais dados e normalmente mais



dados do que o pc poderia alguma vez dar. Exemplo: Pc: "Vejo uma casa aqui." Auditor: "Tudo bem. De que tamanho?"

Isso não é audição de engrama, é apenas um ruim "Q & A".

A Ação correta é: Pc: "Eu vejo uma casa aqui." Auditor: "Tudo bem. Continua."

As exceções a esta regra são inexistentes. Esta não é um tipo especial de audição de engramas. É a moderna audição de engrama. Foi a primeira audição de engrama e é a mais recente e podem colocar de lado qualquer outra complicação.

A regra é ACUSAR A RECEÇÃO DO QUE O PC DIZ E DIZER-LHE PARA CONTINUAR.

Depois há a questão de estar duvidoso do controlo. Exemplo errado: Auditor:

"Move-te para ontem. Estás lá? Como sabes que é ontem? O que vês que te leva a pensar..." FLUNK, FLUNK, FLUNK.

Exemplo certo: Auditor: "Move-te para o início do incidente e diz-me quando lá estiveres." (Respostas do pc). "O que vês? "Bom.

Outro erro é o fracasso de apanhar os dados do pc. Apanham os dados do pc. Nunca as suas ordens.

PERCURSO DE ENGRAMAS ANTERIOR

Nenhum auditor que tenha aprendido a percorrer engramas mais cedo do que Junho de 1978, deve considerar que sabe como percorrer engramas.

A rotina 3RA é ela mesma. Não tem *nenhuma* dependência de métodos anteriores de audição de engramas. Falha de estudar e aprender R3RA "porque se conhece como auditar engramas " provocará um monte de falhas de caso.

Se você souber a antiga audição de engramas, não há nenhuma tentativa aqui de o invalidar nem a si nem a esse conhecimento ou torná-lo errado de qualquer forma. São todas formas de percorrer engramas e deram-lhe uma melhor compreensão sobre elas. Apenas gostaria de chamar a vossa atenção que R3RA não é o antigo percurso de engramas.

ROTINA 3RA

O percurso de Engramas por cadeias é designado "Rotina 3RA."

É um novo triunfo de simplicidade. Não exige logo Visio, sónico ou outra percepção pelo pc. Ela desenvolve-se.

R3RA REVISTA POR ETAPAS

A primeira coisa que o auditor faz é certificar-se de que a sala e a sessão estão preparadas.

Por outras palavras, isso significa que a sala está tão confortável quanto possível e livre de interrupções e distrações; que o e-metro do auditor está totalmente carregado e preparado e que o auditor tem todos os acessórios administrativos que vai precisar para a sessão. Também devem ser incluídas Listas de correção preparadas para Dianética.

Ele tem o C/S para essa sessão.

O pc está sentado na cadeira mais afastada da porta e é-lhe pedido para pegar nas latas.

As verificações de auditor que o pc tem tido o suficiente para comer, fazendo o teste de metabolismo e também verifica que o pc tem a sensibilidade correta configuração tendo o pc espremer as latas e ajustando o botão de sensibilidade para que a agulha registra um terço de uma dial cair quando apertando as latas.

O auditor, em seguida, inicia a sessão, dizendo, "Esta é a sessão" (Tom 40).

O auditor, em seguida, coloca o fator R (realidade) com o pc dizendo-lhe brevemente o que vai fazer na sessão.



ETAPA PRELIMINAR:

Estabeleça o tipo de cadeia que o pc deve percorrer por assessment. Ref: HCOB 18 de Junho de 78 Nova Era Dianética série 4, ASSESSMENT E COMO OBTER O ITEM.

COMANDOS DE R3RA

FLUXO 1:

ETAPA UM:

Localize o primeiro incidente pelo comando "*Localize uma ocasião em que teve _____*."

ETAPA DOIS:

"*Quando foi isso?*" Aceite qualquer hora ou data, ou aproximação que o pc lhe dê.

Não tente qualquer exercício de datação.

ETAPA TRÊS:

Mova o pc para o incidente com o comando, "*Mova-se para esse incidente*".

(Esta etapa é omitida se o pc continua dizendo que já está lá.)

PASSO QUATRO:

"*Qual é a duração do incidente?*" Aceite qualquer duração que o pc lhe dê ou qualquer afirmação que ele fizer sobre isso. Não tente usar o e-metro para conseguir uma duração mais precisa.

ETAPA CINCO:

Mova o pc para o início do incidente com o comando: "*Mova-se para o início do incidente e diga-me quando lá estiver*."

ETAPA SEIS:

Pergunte ao pc para o que é que está olhando com o comando exato : "*O que vê?*"

(Se os olhos do pc estão abertos, diga-lhe primeiro, "*Feche os olhos*," acuse a receção calmamente por ele o fazer e, em seguida, dê-lhe o comando.)

ETAPA SETE:

"*Mova-se através desse incidente a um ponto (duração que o pc disse) mais tarde*."

ETAPA OITO:

Não pergunte nada, não diga nada, não faça nada (exceto observar o e-metro ou fazer anotações *silenciosamente*) enquanto o pc está atravessando o incidente. Se o pc fizer comentários antes de chegar ao final, diga "*OK, continue*."

ETAPA NOVE:

Quando o pc chegar ao fim do incidente diga só: "*O que aconteceu?*"

Aceite o que quer que seja que o pc diga, só reconheça conforme necessário. Não diga mais *nada*, não peça mais *nada*. Quando pc disse pouco ou muito e terminou de falar, dê-lhe um acuso de receção final.

Se o TA subiu (a partir de sua posição na etapa 1) o auditor verifica imediatamente um incidente anterior (etapa G). Se nenhum incidente anterior, pede um início anterior ao incidente (etapa H).

Se o TA está igual ou mais baixo, ele atravessa o incidente novamente (passo A).

Passando por um incidente uma segunda vez ou nas sucessivas, NÃO se solicita a data nem a duração ou qualquer descrição.



- A. (quando o pc disse o que aconteceu e o auditor acusou a recepção) *"Mova-se para o início do incidente e diga-me quando estiver lá."*
- B. *"Mova-se através do incidente até ao seu final."*
- C. (quando o pc já o fez) *"Diga-me o que aconteceu."*
- CA. *"Esse incidente está se apagando ou tornando-se mais sólido?"* (Um TA a subir significa que o incidente se tornou mais sólido, portanto a pergunta é desnecessária se o TA ficou mais elevado.)
- Se o incidente se está apagando, percorra-o novamente (etapa D).
- Se está mais sólido, peça um incidente anterior (etapa G) e, se não houver nenhum incidente anterior, peça um início anterior (etapa H).
- D. *"Volte ao início desse incidente e diga-me quando estiver lá."*
- E. *"Mova-se através do incidente até ao seu final."*
- F. *"Diga-me o que aconteceu."*
- FA. *"Esse incidente está se apagando ou tornando-se mais sólido?"* (Um TA a subir significa que o incidente se tornou mais sólido, portanto a pergunta é desnecessária se o TA ficou mais elevado.)
- Se o incidente se está apagando, percorra-o novamente (etapa D).
- Se está mais sólido, peça um incidente anterior (etapa G) e, se não houver nenhum incidente anterior, peça um início anterior (etapa H).
- G. *"Há um incidente anterior em que tinha um (exatamente a mesma somática)?"*
- Continue pela cadeia do MESMO somático usando as etapas 2-9, A, B, C, D, E, F, G, H, e Y.
- H. *"Existe um início anterior neste incidente?"* ou *"Aquele que estamos percorrendo começa mais cedo?"* ou *"Parece haver um ponto de partida mais cedo neste incidente?"*
- (Se não, dê o comando D e ponha novamente o pc através do incidente. Se não houver um início anterior, dê o comando Y.)
- Y. *"Vá para o novo início do incidente e diga-me quando estiver lá."*
- (Seguido por B, C.)

POSTULADO FORA IGUAL A ELIMINAÇÃO

Quando parece que chegou ao incidente básico da cadeia e ele está-se apagando, após cada passagem através dele, pergunte:

"Ele apagou-se?"

O pc às vezes pensa que o incidente se está apagando, mas não está, portanto tem que ir para trás para os seus passos G., H., Y., seguido de 2-9, A-Y. Em alguns casos isso pode acontecer várias vezes numa cadeia.

O postulado saindo é o EP da cadeia e significa que se obteve uma eliminação. Esta será acompanhada por F/N e VGIs.

O importante é obter o postulado. Mesmo se obtenha uma F/N não a indica ATÉ ter obtido o postulado e, nesse momento chegou ao EP e termina essa cadeia.

Se o pc diz que a cadeia está apagada, mas o postulado feito na altura do incidente não foi oferecido pelo pc, pergunte:

"Fez um postulado na altura do incidente?"

Somente quando o postulado sai com F/N e VGIs se pode considerar que o EP completo de um incidente ou cadeia de Dianética foi atingido.



Tem de reconhecer o que é o postulado quando ele surge. Se fizer Overrun para além do postulado, pode realmente atrapalhar um pc e ele pode necessitar de reparação extensa. Tudo o que está tentando retirar é o postulado. Isso é o que está mantendo a Cadeia ali.

Se o pc tiver dado o postulado com F/N e VGIs, é tudo. Alcançou o EP dessa cadeia.

INDO MAIS CEDO

Normalmente atravessa-se um incidente por duas vezes, (etapas 1-9 seguido de A-C), para desafogá-lo e permitir que o pc localize incidentes anteriores da cadeia.

No entanto, o TA subindo na etapa 9 é uma indicação de que existe algo anterior.

Se o auditor observa o TA subindo, deveria perguntar ao pc se há um incidente anterior, usando o comando com exatamente o mesmo somático ou sensação usado na etapa 1. Se não houver nenhum incidente anterior ele pergunta se há um início anterior.

Um auditor nunca deve solidificar o banco do pc colocando-o através de um incidente por DUAS VEZES quando, pela observação do TA, é claro que o incidente ficou mais sólido no final do PRIMEIRO percurso.

Pedir um incidente anterior após o primeiro percurso (se o TA tiver subido) é a solução para isso.

Se, após a segunda passagem, quando perguntou ao pc "*Esse incidente está se apagando ou tornando-se mais sólido?*" e o pc não sabe ou não está seguro, peça um incidente anterior.

Nunca pergunte apagar/sólido no meio de um incidente.

RESSALTADORES

Se o pc está fora de sessão, do incidente, salta do incidente, etc., teria de o fazer RETORNAR ao início do incidente e mover-se através do incidente, retornando-o para o incidente, tanto quanto necessário.

O pc que salta para fora de um incidente com um "ressaltador" tem que ser colocado de volta no incidente e continuar a percorrê-lo.

Os comandos para fazer isso são: assim que observar que o pc saltou para fora, dê-lhe o comando D ("Volte ao início desse incidente e diga-me quando estiver lá."), seguido de E. F. FA.

FLUXOS 2, 3 E 0

Os comandos das etapas Um e G (indo mais cedo) para os Fluxos 2, 3 e 0 são:

FLUXO 2:

ETAPA UM:

"Localize um incidente em que causou a outro _____ (o exato somático ou sensação do Fluxo 1)."

ETAPA G:

"Há um incidente anterior em que causou a outro _____ (o exato somático ou sensação usado no Fluxo 1)?"

FLUXO 3:

ETAPA UM:

"Localize um incidente de outros causando a outros _____ (plural do somático ou sensação usado no Fluxo 1)."

ETAPA G:

"Há um incidente anterior de outros causando a outros _____ (plural do somático ou sensação usado no Fluxo 1)?"

FLUXO 0:

ETAPA UM:



"Localize um incidente de você causando a si mesmo _____ (o exato somático ou sensação usado no Fluxo 1)".

ETAPA G:

"Há um incidente anterior de você causando a si mesmo _____ (o exato somático ou sensação usado no Fluxo 1)?"

Cada uma destes comandos das Etapas Um e G são percorridos integrados nas etapas 1-9, A-Y feitas textualmente conforme dadas neste documento.

NARRATIVAS R3RA

Um item narrativo é frequentemente usado para percorrer a experiência física que a pessoa acabou de sofrer. Isso poderia ser, por exemplo, um acidente, uma doença, uma operação ou um choque emocional.

No entanto, uma condição ou circunstância sem um incidente NÃO é uma narrativa. É apenas um item incorreto. Um exemplo disto seria tentar percorrer o item "Obstrução à Justiça." Não se conseguiria percorrer visto que não há aí nenhum incidente exato.

Os Narrativos são percorridos demasiadas vezes apenas uma ou duas vezes e abandonados. Isso, infelizmente, deixa o incidente ainda com carga que afeta o pc. Um narrativo tem de ser percorrido uma e outra vez e outra vez como incidente. O que se está fazendo é percorrer o incidente narrativo até eliminação e só se vai a anterior semelhante se ele começa a remoer muito.

A maioria dos narrativos serão percorridos por si mesmos sem ter de se ir a anterior mesmo que leve um tempo muito longo, mas se quiser mudar a vida de alguém, é como o deve fazer.

Quando estiver percorrendo um narrativo adicione sempre o incidente conhecido ao comando.

Usar o comando de início anterior na audição de narrativos é essencial. Por exemplo: se o pc está a percorrer a morte de alguém estreitamente relacionados com ele, vai descobrir que o incidente realmente começou quando ele ouviu o telefone tocar, a seguir, mais cedo, quando alguém olhou para ele peculiarmente, etc.

Então, usando o comando de início anterior no percurso de narrativos é VITAL.

Os comandos para o narrativo são:

FLUXO 1:

ETAPA UM:

"Retorne à ocasião em que _____ (incidente específico) e diga-me quando estiver lá."

Seguem-se as etapas 2 a 9 (3 é omitido, visto que já tem o pc no incidente, dando-lhe o primeiro comando, "Volte à ocasião...").

Início anterior (Etapa H) é verificado após cada percurso através do incidente. Se houver um, envie o pc para o novo início do incidente (Etapa Y) em seguida, siga com as Etapas B e C.

Se não houver nenhum início anterior, retorne o pc ao incidente com a Etapa A, seguido por B e C, verificando novamente início anterior (Etapa H) no final de cada percurso através do incidente. No terceiro percurso e subsequentes através do incidente, use as Etapas D, E, F, certificando-se de pedir início anterior após cada passagem, e somente quando o pc está, obviamente, começando a remoer e não chega a nenhum lugar se usa o comando:

"Há um incidente anterior e semelhante?"

FLUXO 2:

ETAPA UM:

"Retorne à ocasião em que causou o outro (incidente específico) e diga-me quando estiver lá."

Seguem-se as etapas 2 a 9 (3 é omitido, visto que já tem o pc no incidente, dando-lhe o primeiro comando, "Volte à ocasião...").



Início anterior (Etapa H) é verificado após cada percurso através do incidente. Se houver um, envie o pc para o novo início do incidente (Etapa Y) em seguida, siga com as Etapas B e C.

Se não houver nenhum início anterior, retorne o pc ao incidente com a Etapa A, seguido por B e C, verificando novamente início anterior (Etapa H) no final de cada percurso através do incidente. No terceiro percurso e subsequentes através do incidente, use as Etapas D, E, F, certificando-se de pedir início anterior após cada passagem, e somente quando o pc está, obviamente, começando a remoer e não chega a nenhum lugar se usa o comando:

"Há um incidente anterior e semelhante?"

FLUXO 3:

ETAPA UM:

"Retorne à ocasião em que outros causaram a outros (incidente específico) e diga-me quando estiver lá."

Seguem-se as etapas 2 a 9 (3 é omitido, visto que já tem o pc no incidente, dando-lhe o primeiro comando, "Volte à ocasião...").

Início anterior (Etapa H) é verificado após cada percurso através do incidente. Se houver um, envie o pc para o novo início do incidente (Etapa Y) em seguida, siga com as Etapas B e C.

Se não houver nenhum início anterior, retorne o pc ao incidente com a Etapa A, seguido por B e C, verificando novamente início anterior (Etapa H) no final de cada percurso através do incidente. No terceiro percurso e subsequentes através do incidente, use as Etapas D, E, F, certificando-se de pedir início anterior após cada passagem, e somente quando o pc está, obviamente, começando a remoer e não chega a nenhum lugar se usa o comando:

"Há um incidente anterior e semelhante?"

FLUXO 0:

ETAPA UM:

"Retorne à ocasião em que causou a si mesmo (incidente específico) e diga-me quando estiver lá."

Seguem-se as etapas 2 a 9 (3 é omitido, visto que já tem o pc no incidente, dando-lhe o primeiro comando, "Volte à ocasião...").

Início anterior (Etapa H) é verificado após cada percurso através do incidente. Se houver um, envie o pc para o novo início do incidente (Etapa Y) em seguida, siga com as Etapas B e C.

Se não houver nenhum início anterior, retorne o pc ao incidente com a Etapa A, seguido por B e C, verificando novamente início anterior (Etapa H) no final de cada percurso através do incidente. No terceiro percurso e subsequentes através do incidente, use as Etapas D, E, F, certificando-se de pedir início anterior após cada passagem, e somente quando o pc está, obviamente, começando a remoer e não chega a nenhum lugar se usa o comando:

"Há um incidente anterior e semelhante?"

SECUNDÁRIOS

Os Secundários são tratados com os mesmos comandos do R3RA. Se são narrativos secundários serão tratados com os mesmos comandos dos engramas narrativos R3RA.

O comando anterior semelhante é *"Há um incidente anterior e semelhante?"*

PERCORRA SEMPRE OS INCIDENTES NARRATIVOS FLUXO TRIPLO OU QUÁDRUPLO COMO ACIMA.

CONHECIMENTO DOS COMANDOS PELO AUDITOR

Estes comandos e procedimentos como dado acima devem ser cuidadosamente exercitados com TR 101, 102, 103 e 104 antes de qualquer audição de Dianética poder ser feita num pc.



Os pcs podem ser confundidos por comandos incorretos e desleixados.

VELOCIDADE DE COMANDOS

Alguns pcs percorrem rapidamente e outros lentamente. Um auditor nunca deve apressar um pc ou atrasá-lo quando ele está pronto para continuar com o próximo comando. O auditor nunca deve manter um pc esperando por ele enquanto lida com sua administração ou atraso de comunicação antes de dar o próximo comando.

Tempo e velocidade são especialmente importantes quando o auditor dá o comando para atravessar o incidente após lhe ter dito para se mover para o início do incidente. Com um comando lento, o pc estaria a meio do incidente antes de receber o comando para o atravessar.

Quanto melhor um auditor souber os seus TRs, os seus comandos do processo, o seu e-metro e administração, mais rapidamente e mais que precisamente ele conseguirá funcionar. A velocidade é muito importante, especialmente quando a auditar pcs rápidos.

INTERESSE DE PC

Ao fazer R3RA é necessário que (a) se escolham coisas em que o pc está interessado e (b) não se force um pc a percorrer coisas que ele está protestando serem percorridas.

ÚLTIMO INCIDENTE ENCONTRADO

Se perguntar se há um início anterior e já tiver verificado um incidente anterior e o pc diz que não há nenhum início anterior, você não larga aquele que ele estava a percorrer. Envia o pc através dele novamente e ele irá apagar-se com os fenômenos finais completos ou o pc, em seguida, será capaz de ver um incidente anterior e continuar com a cadeia.

CONCLUINDO CADEIAS

Se você fizer um R3RA desleixado e fizer uma coisa depois da outra sem obter o EP completo de:

- 1) o postulado real O QUAL VAI SER TAMBÉM A ELIMINAÇÃO,
- 2) F/N,
- 3) VGIs,

vai ter o pc preso na pista. Conclua cada cadeia até EP completo como acima, lembrando-se que, quando sai o postulado, ISSO é o seu EP. A cadeia vai ter desaparecido.

F/Ns

Quando se percorre Dianética não se para ao primeiro sinal de uma F/N, não se indicam F/Ns durante o percurso. A Dianética é orientada apenas por perguntar ao pc se o incidente está apagando. Ignoram-se as F/Ns até o postulado ter saído com F/N e VGIs. DEPOIS indica-se a F/N e é o final dessa cadeia.

APAGANDO POR INSPEÇÃO

Um auditor pode, ocasionalmente, encontrar um pc que apaga cadeias antes de lhe poder ter falado delas. Perto da Etapa 3 do R3RA, o TA tem um Blowdown, a agulha uma F/Ns e o pc diz: "Desapareceu" e os VGIs surgem. Isso é chamado de apagar por inspeção e ocorre de vez em quando com um pc rápido percorrendo uma cadeia leve.

Se era um básico para essa cadeia e o auditor falha em o reconhecer e lidar com isso, o pc entra noutra cadeia ou num pesado protesto.

TERMINANDO A SESSÃO

Uma sessão de R3RA pode ser encerrada com segurança com a conclusão de uma cadeia completa com o EP de Dianética completo como indicado acima.

Isso não significa o fim de toda a audição de Dianética. Na próxima sessão outro assessment fará surgir mais sensações indesejadas, etc.



TERMINANDO A DIANÉTICA

A Dianética é terminada somente quando um pc se tornou bem e feliz e permanece assim.

E aqui têm. Percurso de engramas superior a qualquer percurso de engramas alguma vez feito e dando resultados superiores e mais rápidos.

RUNDOWN ESPECIAL DA DIANÉTICA DA NOVA ERA PARA OTS

A Dianética da Nova Era ou qualquer Dianética não é para ser auditada nos Clears ou acima ou em Clears de Dianética.

Clears e OTs devem ser auditados no Rundown Especial Da Dianética Da Nova Era Para OTs, disponível nas Orgs Avançadas e no Flag. (Ref: HCOB 12 Set. 78 Dianética Proibida em Clears e OTs.)

L. RON HUBBARD
Fundador

LRH:LFG.mdf
Copyright © 1978
por L. Ron Hubbard
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 16 DE SETEMBRO DE 1978

(Cancela HCOB 7 Jul. 78, F/N de DIANÉTICA)

Série NED 28

POSTULADO FORA IGUAL A APAGADO

O EP de uma cadeia de Dianética é sempre, sempre, sempre o postulado fora. O postulado é o que mantém a cadeia no lugar. Libertamos o postulado e a cadeia estoura. Acabou.

Temos que reconhecer o postulado quando o Pc o dá, notar os VGIs, anunciar a F/N e terminar a audição dessa cadeia.

Mesmo que a F/N apareça enquanto o incidente se está a apagar, não a anunciamos até termos obtido o postulado.

1. Quando sucede que chegámos ao incidente básico da cadeia e ele se está a apagar, depois de cada passagem através dele o auditor pergunta: “o incidente apagou-se?”
2. Quando o Pc declara que o incidente se apagou, o auditor deve também esperar que um postulado seja franqueado pelo Pc.
3. Se o Pc diz que o incidente se apagou, mas sem que o postulado (feito durante o incidente) tenha saído e sido franqueado pelo Pc, o auditor deve perguntar: “fizeste um postulado na altura desse incidente?”

(Note-se que esse postulado vem habitualmente na forma de cognição. Contudo o Pc pode dar uma cognição que não contenha um postulado. Se for o caso perguntamos simplesmente: “fizeste um postulado na altura desse incidente?”).

4. O Pc não tem que declarar que o incidente se apagou. Uma vez que ele tenha dado o postulado a cadeia já foi ao ar. Temos uma F/N e VGIs. Este é o EP completo de Dianética. *Agora* anunciamos a F/N. Não anunciamos F/Ns antes de termos atingido o EP.

Temos que aprender a reconhecer o postulado quando o escutamos. É uma perícia de importância vital, pois os postulados *podem* ser confundidos com ressaltadores e negadores quando eles não têm nada a ver e requerem manejos totalmente diferentes.

“As mulheres não prestam” é um postulado evidente.

“É assim que os homens são” é um postulado.

“Não consigo estar aqui” é um ressaltador.

“Não consigo lembrar-me disto” é um negador.

Impelir o Pc para trás depois de ter dado o postulado é uma invalidação severa do apagamento e em breve teremos o Pc a pensar que de qualquer maneira nada se apaga.

Fazer o Pc procurar mais incidentes anteriores numa cadeia (que já não está lá) metê-lo-á nalgum overrun muito sério. Ele pode puxar outro fluxo do item, pode pensar que o incidente apagado ainda lá está e tentar recriá-lo, ou pode encontrar um incidente de uma cadeia inteiramente diferente e começar a percorrê-lo.

O/Rs de Dianética são reparados por verificação e manejo da lista L3RH. Mas a cura real é manejar EPs de Dianética sem falhas obtendo o postulado, F/N, VGIs e acabar então, prontamente essa cadeia com um Pc brilhante e feliz.

Reconhecer o postulado quando sai e nunca, nunca percorrer mais nada num Pc para além disso é de vital importância para o sucesso das sessões de Nova Era Dianética.



É do postulado que andamos à procura em Nova Era Dianética.

L. Ron HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 12 de SETEMBRO de 1978

Emissão II

Série NED 26

OVERRUN POR PEDIR MAIS ANTERIORES DO QUE OS QUE EXISTEM

Quando vamos além do postulado ou insistimos em anteriores-semelhantes quando não existem, o Pc pode vir para a frente ou saltar cadeias e entrarem em ação outros fenómenos. Isto é má verificação, é o que dá origem a casos baralhados e reparações.

OVERRUN DO BÁSICO

Quando obtemos um BD e o Pc nos diz o postulado e depois lhe dizemos para voltar de novo ao início do incidente, podemos fazer overrun do incidente e transformar o seu conceito analítico de volta numa imagem sólida que se tornará cada vez mais sólida e nós pensaremos que nada foi apagado.

O que nós estamos na verdade a apagar é o postulado básico que permitiu a ocorrência da cadeia, antes de mais nada.

OVERRUN DE UM NÃO BÁSICO

No percurso de engramas por cadeias, quando mandamos o Pc atravessar o incidente mais de duas vezes e não é o básico, esse incidente ficará mais sólido. Um bom auditor de Dianética vigia o seu TA e no momento em que o TA começa a subir ao percorrer um incidente na cadeia, ele sabe que existe um incidente anterior-semelhante. Isso é-lhe dito pelo TA, que o mesmo será dizer, este incidente está a ficar mais sólido.

Quando ele vê isto, pede logo um incidente anterior mesmo depois do passo 9 ou C da R3RA.

Quando pedimos inícios anteriores e depois percorremos o incidente de novo e insistimos nisto, podemos percorrer um não básico várias vezes que inevitavelmente se tornará mais sólido. A medida em que isto pode exercer pressão sobre o Pc é muito grande e extremamente desconfortável.

Um auditor de Dianética realmente suave nunca aumenta a solidez do banco. É duvidoso que um início anterior por si só, se encontrado, reduza a solidez de um não básico.

QUANTIDADE DE TA

Um auditor de Cientologia trabalha para a quantidade de TA a tirar de um processo.

Um auditor de Dianética trabalha para erradicar uma cadeia. O auditor de Dianética poderia tirar montes de TA se fizesse overrun em cada engrama não básico, mas é isso que ele não quer.

O auditor de Dianética não está preocupado com a quantidade de TA que tira. Um TA tem que subir antes de descer. Ao percorrer uma cadeia de engramas, se deixamos um engrama não básico elevar o TA mais que um centésimo de polegada no Passo 9 ou no Passo C e não pedirmos logo um incidente anterior, errámos, pois tornaremos o banco do Pc mais sólido.

A Cientologia audita pela quantidade de TA. O mais hábil auditor de Dianética audita com um mínimo de TA.

ASSESSMENTS



Um trabalho torpe de assessment, tentando percorrer itens sem leitura, meterá o Pc em cadeias que não estão prontas para ser corridas e causará problemas que consistem de muitos fenómenos indesejáveis tais como o Pc incapaz de encontrar incidentes, saltar cadeias, etc.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 13 DE SETEMBRO DE 1978

URGENTE - IMPORTANTE

Série NED 27

R3RA PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS E NARRATIVA R3RA - UMA DIFERENÇA ADICIONAL

Desde a divulgação da Nova Era Dianética que tenho estado de olho no percurso de NED numa base extensiva. Os Pcs têm vindo a experimentar ganhos tremendos e espantosos e a resolver áreas dos seus casos que nunca antes tinham sido tão completamente manejadas.

Esta nova e mais precisa Tech de Dianética pode e está a mudar as vidas de muita gente por esse planeta fora.

Quando esta tech foi pesquisada e desenvolvida eu quis logo pô-la nas vossas mãos. Agora que ela está largamente em uso, há uma riqueza de dados vindos da sua aplicação e do uso dos novos comandos e manejo de EPs. A partir disto localizei um ponto em que NED, conforme originalmente emitido, podia dar errado em Pcs quando a Dianética anterior não dava.

Como sempre tem sido minha prática munir-vos com a tech mais precisa, provada e funcional à medida que é desenvolvida e, como o NED é uma tech mais poderosa do que qualquer Dianética anterior, é importante que tenham estes dados.

O ponto acima referido é sobre a pergunta do auditor pelo início anterior ou incidente anterior.

O dado estável básico é e sempre foi: TA acima mesmo que ligeiramente no fim do percurso do Pc através do incidente = algo anterior. Esse “algo anterior” poderia ser um incidente anterior ou um início anterior do incidente em curso.

Existe uma ligeira diferença entre as formas como estes dois, Percurso de Engramas Por Cadeias R3RA e Percurso Narrativo R3RA são manejados, por causa daquilo que o auditor está a tentar conseguir com cada um deles. A diferença está na ordem de importância do início anterior e do incidente anterior.

R3RA PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS

No Percurso de Engramas por Cadeias R3RA estamos a ir por aí abaixo apagando uma cadeia de somáticos. Aqui, em quase todos os casos, um incidente anterior na cadeia tem precedência sobre um início anterior do incidente em curso.

Por isso, se o TA está, mesmo que ligeiramente, acima no fim do percurso do Pc através do incidente na cadeia, o auditor pede *primeiro* um incidente anterior e se não existir (ou se o Pc não o pode ainda ver) ele pede-lhe um início anterior do incidente em curso.

Quando encontramos um início anterior *dum incidente na cadeia que não é o incidente básico*, voltamos a esse incidente apenas *uma vez* mais atravessando-o do início anterior até ao fim do incidente. Se o TA não vem abaixo neste percurso, existe um incidente anterior.

O que queremos salientar aqui no percurso de engramas por cadeias é que busquemos sempre o incidente anterior assim que estiver disponível. Por isso pedimos um incidente anterior primeiro e depois, se necessário, um início anterior.



R3RA PERCURSO NARRATIVO

No Percurso Narrativo R3RA estamos a manejar um único incidente narrativo tal como um incidente, uma experiência física ou emocionalmente dolorosa, uma doença, perda ou período de grande tensão emocional, o que vulgarmente não faz parte de uma cadeia.

Atravessamos esse incidente muitas, muitas vezes até apagar. A chave para apagar um incidente narrativo está em localizar inícios anteriores do incidente. Ver-se-á que o Pc encontra momentos cada vez mais cedo de quando lhe disseram ou teve consciência de que o incidente ia acontecer.

Assim, ao percorrer em Narrativa R3RA, é o *início* anterior que tem precedência e é isso que o auditor pede depois de cada percurso através dum incidente narrativo. Só se o incidente começa a remoer (sem mudança de conteúdo, etc.) depois de ter repetidamente procurado um início anterior, nós pediríamos um incidente narrativo anterior semelhante.

Estes dados sobre o início anterior é uma nova descoberta sobre percorrer e apagar *incidentes narrativos*, e o auditor de NED deve compreendê-lo perfeitamente mais a tech na qual se baseia esta diferença adicional entre estes dois procedimentos.

Conforme apontado noutras emissões, apagar a cadeia de somáticos, ou o incidente narrativo, ocorre quando o postulado é obtido e é vital que o auditor não vá para além disso.

As Séries Nova Era Dianética 6 e 7 foram revistas para integrar esta diferença no manejo de incidentes anteriores, e inícios anteriores.

O que eu quis foi que vocês tivessem os dados completos e exatos sobre a razão por que estes comandos estão a ser ligeiramente revistos.

Isto deve pugnar por correr ainda mais suavemente Nova Era Dianética, em todo o lado.

L. Ron HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 27 DE JANEIRO DE 1974

Remimeo

DIANÉTICA

OS COMANDOS R3R TÊM DADOS ANTECEDENTES

Uma ação de Cramming acabou de descobrir que pelo menos alguns auditores de Dianética não sabem o porquê de cada comando R3R e, não sabendo porque os comandos existem, falham nos casos.

Um Oficial de Cramming ou Supervisor pode atingir um resultado notável levando um auditor a buscar o *porquê* de cada comando R3R de Dianética a partir dos materiais originais.

Segue-se o desenvolvimento e uso desta técnica de Cramming por Myke Maurerer.

HISTÓRIA DO CASO

“George Baillie, um estagiário de Flag, ao trabalhar no seu O.K. para Auditar Dianética, foi mandado estudar os HCOBs de Dn de 1963 (“banda do tempo e percurso de engramas por cadeias, boletins 1 e 2”). Ele leu os HCOBs, mas não os estudou com suficiente vigor para *aplicação*.

“Como supervisor estagiário trabalhei com ele estes HCOBs e a *Tese Original*. NO decurso desta ação muitas confusões (mecanizações primárias) foram manejadas. Entre elas havia coisas como “qual o propósito do passo 6 da R3R, “o que é que vê?””. Antes ele pensava que era para orientar o pc para o incidente ou algo parecido, mas basicamente chegou à conclusão que nunca tinha trabalhado o propósito do comando em relação às mecânicas do banco e da banda do tempo. Depois de algum trabalho ele assumiu o facto de que o comando 4 (duração) é para ligar o visio e que antes de mover o pc através do incidente teríamos já que saber que ele tem visio para assim poder atravessá-lo. Inversamente, se a imagem não estivesse “ligada”, então a duração teria que ser corrigida. Outro era o Comando 3 (move-te para esse incidente) no qual o estagiário pensava que repetindo o comando de audição quando o pc não “consegua lá chegar” manejariamos a banda do tempo. Isto é, claro está, falta de manejar uma originação e falta de manejar o tempo ao pc. Ele finalmente capacitou-se que obviamente o pc primeiro que tudo não tinha a data correta e é mister do auditor encontrar e obter a data correta e assim mover a banda somática para esse incidente.

“Pegámos em cada um dos comandos R3R e seu propósito, fizemos demos segundo as definições básicas e mecânicas da banda do tempo. Uma outra coisa descoberta por este estagiário foi que o comando 9 (o que aconteceu?) tem o propósito de percorrer os elos criados em PT, em sessão, em virtude do facto de estarmos a lembrar ao pc secundários, e engramas ali mesmo! (Claro que isto está coberto na *Tese Original*).

“Provavelmente a coisa mais chocante e reveladora, foi o facto de que na *Tese Original*, capítulo “Exaustão de Engramas” Pag. 3, diz: “o princípio da narrativa é muito simples. O pc é meramente mandado voltar ao início e contar tudo de novo. Ele faz isto muitas vezes. À medida que o faz, o engrama deve subir de tom em cada narrativa Pode perder alguns dos seus dados e ganhar outros. Se o pc está a recontar nas mesmas palavras uma vez após outra, é certo que ele está a tocar uma gravação de memória daquilo que tinha dito antes. Ele tem que ser logo reenviado para o verdadeiro engrama e seus somáticos restimulados. Ele verá então que a sua história é de alguma forma diferente. Ele tem que ser retornado à consciência dos somáticos continuamente até que eles sejam totalmente desenvolvidos, comecem a aclarar-se e então desaparecerem”. Isto, é claro, invalida totalmente o uso de um sistema completamente mecanizado e requer uma compreensão do que está a acontecer ao pc, banco, etc.

“Escusado será dizer, este estagiário atravessou muitas mudanças, agora sente-se em comunicação com o seu pc e não “preso” a algum procedimento rotineiro que de facto inibe os ganhos reais a ser obtidos pelo percurso de engramas de Dianética. Como prova desta ação e dos seus ganhos resultantes na capacidade dos



estagiários para auditar, o seguinte é uma breve descrição de um caso que ele auditou hoje *aplicando* percurso de engramas e *Tese Original* a estes casos.

“O caso percorreu muitas horas em Dianética com um standard escondido que tinha a ver com a mão. Ele tinha estado a tentar manejar isto desde as primeiras sessões de Dianética. O somático foi abordado por muitos fraseados diferentes e muitas cadeias, mas nunca estoitou, contudo, as cadeias foram aparentemente a EP. O auditor teve um C/S para encontrar o verdadeiro somático e sacá-lo. Viu-se na sessão que o somático foi percorrido até “EP”, por isso foi feita uma L3B. A partir da L3B o auditor descobriu que estava um incidente em restimulação e procedeu ao aplanamento do somático ligado a ele. Ao fazer isto o auditor teve que corrigir três datas e duas durações, mas a parte espetacular foi o pc o pc começar a dizer nos passos 9 e D sempre a mesma coisa em relação ao incidente. Sendo isto indicador do pc estar a percorrer uma gravação de memória, o auditor move o pc para o *verdadeiro engrama*, os somáticos intensificam-se e depois estoiram (pela primeira vez), pc exterior com VVGIs. Resultado do exame totalmente espetacular.

“O que vem acima serve para uma vez mais validar os resultados dos materiais de Dianética quando são aplicados a fundo”.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 3 DE OUTUBRO DE 1978

Série NED 29

REGRA DE NED

UM AUDITOR DE NOVA ERA DIANÉTICA TEM QUE COMPREENDER A FUNÇÃO E PROPÓSITO DE CADA UM DOS COMANDOS DA R3RA NUMA SESSÃO DE DIANÉTICA.

Uma sessão de Dianética dada na ausência duma compreensão das leis básicas da banda do tempo e como os comandos da R3RA a manejam e controlam, é uma empresa falível.

Não termos confiança em nós próprios como auditores de NED nem obteremos uniformemente bons resultados com os comandos da R3RA até sabermos isto. Nenhum procedimento rotineiro, L3RH, TR4 ou qualquer remédio ou solução pode tomar o lugar duma tal compreensão.

Todos os auditores de NED devem estudar as referências e demonstrar o que cada um dos comandos da R3RA faz (mostrando como eles afetam o Pc e o banco) até uma completa compreensão.

As referências são as seguintes:

Dianética: A ciência Moderna de Saúde Mental

Dianética: A Tese Original

HCOB 15 Maio 63 A BANDA DO TEMPO E O PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS, BOLETIM I

HCOB 8 Jun. 63R A BANDA DO TEMPO E O PERCURSO DE ENGRAMAS
Rev. 3.10-77 POR CADEIAS, BOLETIM 2

HCOB 26 Jun. 78RA NED Sérias 6RA ROTINA 3 RA PERCURSO DE ENGRAMAS Rev.
15.9.78 POR CADEIAS

HCOB 27 Jan 74 DIANÉTICA - OS COMANDOS R3R TÊM ANTECEDENTES

L. Ron HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 28 DE ABRIL DE 1969

Rev. 28 Set 78

TA ALTO EM DIANÉTICA

Em Cientologia um TA alto é sempre Overrun.

Em Dianética significa que UM ENGRAMA RECENTE DEMAIS NA CADEIA A APAGAR ESTÁ EM RESTIMULAÇÃO.

Um auditor de Dianética cura um TA alto encontrando o Engrama (Elo ou Secundário) que está em restimulação (ativo). Isto manifesta-se como uma DOR, SENSACÃO, EMOÇÃO NEGATIVA OU OUTRO SENTIR que o Pc tenha NO PRESENTE. Em suma, basta encontrar o somático listando e verificando a maior leitura e percorrendo R3RA, para poder curar um TA alto.

Maneja-se um TA que sobe durante uma sessão completando a cadeia exatamente como na R3RA.

A mesma ação da R3RA *também* cura o TA alto.

Percorrer um Pc num incidente recente na cadeia sem ir a anterior deixa o TA alto.

Terminar antes do Pc dar o postulado por ele feito no momento do incidente (não conseguindo por isso um apagamento completo), podemos lá deixar parte duma imagem capaz de afetar o Pc.

Podem existir uma infinidade de maneiras erradas e só uma certa e a certa é R3RA à letra

Um TA alto (4 ou acima) é simplesmente a reação do e-metro a um aumento de massa. Quadros de Imagens Mentais têm massa. A massa tem o que é chamado resistência à corrente elétrica. O e-metro mede a resistência elétrica. A massa resiste à eletricidade. Assim, na presença da massa mental contida nos Quadros de Imagens Mentais, o TA sobe.

Quando restimulamos um engrama, a corrente do e-metro tem mais dificuldade em passar através do Pc e o TA sobe.

Quando o engrama (ou elo ou secundário) é afastado 'keyed out', o TA vem para baixo e a agulha do e-metro flutuará.

Se encontrarmos uma longa cadeia com muitos engramas e percorrermos um engrama recente, o TA sobe. À medida que vamos para trás e por fim encontramos o básico, o TA desce, e quando obtemos o postulado e se apaga o engrama básico, o TA descerá para entre 2 e 3 e a agulha flutuará.

Uma antiga teoria pré Dianética desaprovada dizia que o e-metro reagia ao suor das mãos, mas claro que a pessoa teria que suar e as secar para fazer o e-metro comportar-se como se comporta. E a ideia de as secar seria ridícula. As palmas das mãos não suam e secam com suficiente rapidez para afetar a reação do e-metro para cima e para baixo.

Quando percorremos vários engramas uma só vez ou várias cadeias de somáticos sem apagar nenhuma, empilhamos demasiada massa e o TA subirá e ficará preso.

Mesmo que não se faça nada para reparar isto, o Pc desrestimulará (as imagens afastar-se-ão) num período de três a dez dias.

É uma mostra muito pobre de audição fazer a R3RA sem ser à letra. É muito fácil fazê-la com exatidão. O exercício é simples. Se for feito com exatidão o resultado é bom e invariável.



L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

BOLETIM DO HCO DE 14 DE JUNHO DE 1978R

Remimeo

EMIÇÃO II

REVISTO EM 15 SETEMBRO 1978

UM ITEM NARRATIVO TÍPICO

ITEM DE NARRATIVA: "Morte do meu Pai"

Posição do TA

1ª passagem

2.9 no Passo 9

| <- duração original, 2 horas -> |

2ª passagem

EB _____

3.0 no Passo C

3ª passagem

EB _____

3.0 no Passo C

4ª passagem

EB _____ desgosto

2.8 no Passo C

5ª passagem

_____ (centro agora omitido) _____

2.7 no Passo C

6ª passagem

_____ (do centro ao fim agora foi-se)

2.6 no Passo C

7ª passagem

EB _____ (centro apagado) novo pedaço aparece

2.7 no Passo C

|

8ª passagem

EB _____

Postulado sai
(O Auditor pára de passar o Pc
através da cadeia no momento
em que o postulado sai.)
F/N continua mais ampla, VGIs
(Incidente foi apagado).

2.5

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HC OB 14 DE JULHO DE 1978R

Remimeo

EMISSÃO I

REVISTO 15 SETEMBRO 1978

(Revisões Não Estão em Itálicas)

UMA CADEIA TÍPICA DE DIANÉTICA

Item Original: "Bronquite"

Item do Preassessment: "Má-Emoção"

Item Percorrido: "Uma sensação horrível nos meus pulmões"

<u>Incidente</u>	<u>Data do Incidente</u>	<u>Duração do Incidente</u>	<u>Posição do TA</u>
1º Incidente percorrido 2 vezes do Início ao fim	1 Mar 1970	<u>2 Horas</u>	3.3 no Passo 1 3.2 no Passo 9 3.5 no Passo C
2º Incidente percorrido 3 vezes do Início ao fim (devido ao EB)	2 Jul. 1963	7_Minutos (Iníc. Anter.) EB	3.4 no Passo 9 3.4 no Passo C 3.5 no Passo F
3º Incidente percorrido 1 vez do Início ao fim	3 Ago. 1960	5 Horas	3.6 no Passo 9
4º Incidente percorrido 2 vezes do Início ao fim	1 Dez 1951	1 1/2 Hora	3.5 no Passo 9 3.6 no Passo C
5º Incidente percorrido 1 vez do Início ao fim	16 Fev. 1921	2 1/2 Horas	3.7 no Passo 9
6º Incidente percorrido 2 vezes do Início ao fim	2 Fev. 1898	2 Horas	3.2 no Passo 9 3.4 no Passo C
7º Incidente percorrido 8 vezes do Início ao fim (BÁSICO)	22 Maio 1882	1_Hora	3.3 no Passo 9 3.2 no Passo C 3.0 no Passo F 2.8 no Passo F
	—————	(Iníc. Anter.) EB	2.8 no Passo F 2.9 no Passo F



(Iníc. Anter.)
EB

2.6 no Passo F
BD e F/N
O Pc dá o Postulado
F/N ampla & VGIs
EP da cadeia.

Os três fluxos restantes são, cada um deles, percorridos conforme acima, até aos seus básicos. Depois fazemos mais Preassessment segundo R3RA. Ainda temos mais vinte e cinco cadeias Quad do Item corrente (100 ao todo). Significando mais 100 cadeias, cada uma das quais atinge um BÁSICO e cada uma delas tem um EP de uma F/N, POSTULADO, VGIs, acompanhados de um apagamento.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 22 DE JULHO DE 1969R

Rev. 20 Set. 1978

IMPORTANTE

VELOCIDADE DA AUDIÇÃO

Quase todos os fracassos que tivemos com um auditor ou em audição vieram de atrasos de comunicação (comm lags) ou erros do auditor.

Este é um dado vital. Ele veio à tona a partir da aplicação da regra: perguntar ao Pc o que o auditor fez depois de qualquer sessão fracassada, e corrigi-la no auditor.

VELOCIDADE é o principal fator que está por trás do mistério de uma sessão falhada.

Quanto melhor o auditor conhecer os seus TRs, o seu processo, o seu e-metro e a sua Admin, mais rapidamente ele pode operar.

Se treinarmos auditores só para serem lentos, manejando uma sessão com atrasos de comunicação, teremos muitas “sessões falhadas”, misteriosamente, terminando com TA alto e o Pc muito em baixo!

Um auditor de algum modo lento, auditando um Pc novo, pode ser suficientemente rápido para se safar.

Pondo esse auditor perante uma pessoa que acabou a Dianética e alguns graus, ele começará a ter alguns “fracassos de caso”.

O remédio é acelerar o auditor cm os TRs 101, 102, 103, 104.

Em termos de atribuição de auditores, a Pcs rápidos só ousaremos atribuir auditores rápidos.

Durante 19 anos este fator oculto da velocidade permaneceu por detrás da grande maioria das nossas “sessões fracassadas”. Como nunca aparecia nos relatórios de sessão (exceto como Admin excessivo pela qual o Pc tinha que ter esperado), quem fizesse o trabalho de D de P, ou de C/S, ficava em mistério e tinha tendência a ficar desesperado e até “esquilar” (mudar e inventar processos).

Outra fonte de fracasso era o aspeto “fisicamente doente”. Isto foi verificado ao longo duma série de cem casos. A Dianética combinada com revisão de Cientologia progredia esplendidamente em todos os casos exceto cerca de sete, e estes, então examinados exaustivamente do ponto de vista físico, verificou-se terem sérias doenças físicas correntes.

Velocidade e precisão é então a tónica do treino e a falta delas é a fonte de todos os fracassos de audição em Pcs que não estão seriamente doentes.

Até estes respondem, uma vez que a sua doença puramente física seja devidamente manejada.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCOB DE 24 DE MAIO DE 1969

Emissão II

ALTOS CRIMES DE DIANÉTICA

Aparte as violações do Código Auditor, existem apenas quatro altos crimes que um auditor de Dianética pode cometer.

1. Parar de auditar de repente com o Pc algures no fundo pista.
2. Fazer um súbito comentário avaliativo no meio da sessão.
3. Reagir ou comentar adversamente o que o Pc está a percorrer, tal como criticar o Pc por ter tal incidente.
4. Forçar o Pc a continuar quando ele não quer.

Isto baralha Pcs penosamente e traz-lhes uma subsequente quantidade de problemas.

Através dos anos estas quatro ações foram de tempos a tempos observadas, sendo executadas por pessoas que tentavam auditar Dianética. Elas são igualmente más em Cientologia, mas, por estranho que pareça, não me lembro de as ver em Cientologia, mas apenas em Dianética.

Exemplo de (1): o auditor deixa de dar o próximo comando ou outros comandos posteriores e deixa o Pc pendurado.

Exemplo de (2): “Estás realmente interessado nesta sessão ou não?”

Exemplo de (3): “Fazer isso foi uma coisa horrível”

Exemplo de (4): “Vamos. Entra nisso”. Depois do Pc ter pedido para parar.

Existem variações incontáveis destas coisas.

Em (1) o Pc origina que há toda uma irreabilidade no incidente e o auditor, em vez de fazer TR4, termina apenas a sessão.

Fazer estas coisas é muito mau. Elas não matam ninguém. Mas certamente tornam o Pc menos auditável.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 28 DE MAIO DE 1969RA

Re-rev 21 Set. 78

COMO NÃO APAGAR

Refs. Séries de Boletins da Nova Era Dianética e
HCOB 16 Set. 78 POSTULADO FORA IGUAL A APAGADO

Há dois extremos a que o estudante de Dianética pode ir em matéria de apagamento.

- A. Ele pode remoer, remoer, remoer (DEF, DEF, DEF, DEF até dizer chega) com o TA a subir, a subir, a subir e nem uma vez sequer dizer ao Pc para ir a anterior.
- B. Ele pode ver o TA vir para baixo para entre dois e três e descuidar-se no último incidente percorrido, perguntar ao Pc “a apagar ou mais sólido?”, obter uma resposta dúbia e enviar o Pc a anterior. Ele pode insistir em mandar o Pc a anterior e a anterior noutra cadeia sem jamais se aperceber que terminou a primeira cadeia.

Estes casos são dois casos extremos. No Caso A é ÓBVIO pela subida do TA que a cadeia tem um incidente anterior, ou o incidente em curso tem um início anterior. No Caso B é óbvio pelo TA que a cadeia se apagou.

Em (A) o estudante está a impedir o Pc de ir a anterior quando o devia fazer.

Em (B) o estudante está a forçar o Pc a ir a anterior quando não o devia fazer.

Em ambos os casos o estudante não tinha qualquer pista do que é uma cadeia de engramas.

É maravilhoso como os estudantes exigem a “frase exata” a usar, como esforço para evitar compreender o que estão a fazer em audição.

Se um estudante não tem uma pista sobre o que está a fazer, então estão sempre a surgir mil anomalias cada uma delas requerendo (pensa o Supervisor) uma instrução especial. Depois de algum tempo temos um texto de curso que pesa uma tonelada e tudo porque o estudante, antes do mais, não “atingiu” as definições básicas.

Um estudante que faz A ou B acima não “atingiu” os factos mais básicos respeitantes ao apagamento.

1. Uma cadeia de engramas é mantida no lugar pelo básico dessa cadeia e pelo postulado feito na altura desse incidente.
2. O básico é a PRIMEIRA VEZ.
3. A via para o apagar é descarregar a cadeia até à primeira vez e obter o postulado feito na hora do incidente.
4. Todas as cadeias de imagens ali estão porque a primeira vez e o postulado feito nessa altura ali estão.

O estudante assume que nós perguntamos *sempre*: “mais sólido ou a apagar?”. Ou que fazemos sempre o que o Pc diz. Ou qualquer consideração que tal.

Diabos me levem se eu alguma vez perguntava “mais sólido ou a apagar?” se visse o TA a galgar. Veria logo que o TA media massa mental que se estava a acumular e que não se apagaria. Enviaria logo o Pc a anterior assim que terminasse a passagem através do incidente.

Palavra, é tremendamente fácil.



Uma anomalia muito estranha que o estudante encontrará quando está tão dedicado às palavras exatas é o Pc rápido que apaga a coisa antes de poder falar dela. Por volta de 3 da R3RA o TA dá BD e a agulha flutua.

Um estudante que sabe o que faz com compreensão, claro que perguntaria “apagou-se?” O Pc diria “desapareceu” e os VGIs apareceriam.

Numa cadeia leve, um Pc rápido pode ocasionalmente estoírar um engrama por inspeção. Se foi o básico dessa cadeia, estaremos a cometer o crime descrito em B acima. O Pc está sujeito a entrar noutra cadeia ou em forte protesto.

Assim, como vê, não há substituto para uma *compreensão* real do que se está a passar.

Temos o Pc, temos o banco, temos a agulha do e-metro, temos o TA do e-metro e temos o auditor, temos o procedimento, temos o relatório. São as peças que temos para uma sessão.

Quando *comprendemos* cada uma delas, podemos auditar. Quando não compreendemos parte ou nada do acima citado, são precisas soluções invulgares.

Uma coisa verdadeiramente poderosa é uma coisa verdadeiramente simples.

Logo, o estudante que falha está a ser complexo e não compreendeu algo sobre uma das partes principais acima nomeadas.

Acabei de ver uma sessão falhada que decorreu assim:

Pc: aconteceu (o engrama) todos os dias durante três dias.

Auditor: DEF.

Flunk. O auditor era tão deficiente no conhecimento de cadeias e sobre a primeira vez, que não disse ao Pc para ir para o primeiro dia do engrama, mas deixou o pobre Pc patinar no 3º dia! e assim a cadeia não se apagou e o Pc ficou pendurado nela.

Se a regra da primeira vez fosse realmente compreendida, ele teria reparado numa porção de coisas, até que o Pc estava a começar um incidente a meio e não tinha começado a percorrer o seu início por isso, claro, não se estava apagando. Se isto acontecesse no básico... “não há incidente anterior” (TA alto).

“Existe neste incidente um início anterior?”

“Ena, existe sim”.

“Vai para o novo início desse incidente e diz-me quando lá estiveres”.

Zás. Apagamento!

Isto não é um convite a sair do procedimento. É um convite a ver o procedimento como uma *ação* muito precisa capaz de ser compreendida e feita e não uma cantilena rotineira.

Tenho a *certeza* de que alguns estudantes são Ex-homens da medicina que passaram a vida com cantilenas repetitivas. É tempo de compreenderem a sopa que está no caldeirão.

O procedimento é este, e não dar comandos em verso!

L. RON HUBBARD

Fundador



SECÇÃO SEIS - ASSESSMENT

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 21 DE MAIO DE 1969

ASSESSMENT

Em todos estes anos de audição, listar e fazer o assessment de qualquer coisa tem sido um ponto fraco na audição geral.

Nesta atividade podem ocorrer mais alterações patetas e mais erros do que em qualquer outra.

Se em Dianética Standard fazemos o assessment do item errado ou do item erradamente fraseado, o caso não corre e o TA ou sobe ou desce. O TA *alto* (acima de 3.5) é muita massa a acumular. O TA *baixo* (abaixo de 2) é avassalamento.

Maus TRs podem provocar TA baixo pois o auditor está a sobrecarregar o Pc. Vezes demais através do incidente sem ir a anterior é a causa usual de TAs de 4,5 a 5,5.

Mas tanto o TA alto como o TA baixo são, até certo ponto, causados por assessments não muito corretos.

Imagens a fugir (Pc com campo negro ou invisível) é também causado por uma assessment incorreto.

A matéria do assessment resume-se a PEGAR NAQUILO QUE VAI CORRER. É tudo o que estamos a tentar fazer.

Como eu nunca tive o mais pequeno problema a listar e a fazer o assessment de qualquer coisa ou mesmo a encontrar o somático certo sem e-metro, é para mim difícil aconselhar a correção de MAUS ASSESSMENTS ou erros de assessment. Isso ultrapassa simplesmente a minha realidade. Este assunto é fácil demais. Simplesmente fácilimo.

Assim, é minha crença que os estudantes procuram pôr lá coisas a mais. Eles tentam arranjar uma pergunta de frase feita, como “qual é a sensação?”

Eles fitam (TR0) o Pc quando deviam estar a olhar para o e-metro. Testam o TR0 no e-metro!

Uma antiga definição de ASSESSMENT é:

UM ASSESSMENT É FEITO PELO AUDITOR ENTRE O BANCO DO PC E O E-METRO, NÃO HAVENDO NECESSIDADE, AO FAZÊ-LO, DE OLHAR PARA O PC. NOTAMOS APENAS O ITEM COM A MAIOR QUEDA OU BD. O AUDITOR OLHA PARA O E-METRO DURANTE UM ASSESSMENT.

...

Estamos a fazer o assessment de DORES, SENSACÕES, EMOÇÕES INDESEJÁVEIS, MALES.

A coisa pode ir a um ponto em que o Pc é instado a dizer apenas sensações como “uma sensação de entrar” e nunca sequer mencionar um mal.

Existem *tantos* sinais e indicadores de que se trata do item errado quando ele é errado que não vejo como pode passar despercebido.

Num item errado o Pc tem maus indicadores, o e-metro não lê, o interesse do Pc não existe. Um espanto. É tão óbvio como um navio a afundar.



Num item correto o e-metro lê bem quando o Pc o diz, os bons indicadores do Pc aparecem de algum modo quando é enunciado, o Pc está muito interessado em percorrê-lo. É quase tão óbvio como foguetes no ar.

Assim, uma vez dadas apenas estas duas descrições da reação ao item errado e ao item certo, eu deveria pensar que qualquer pessoa as pode ver.

Procedimentos rotineiros atravessam-se pesadamente no caminho do assessment de Dianética. O Pc dá uma lista, o auditor não observa as leituras nem as anota, depois é comum o auditor voltar a fazer o assessment da lista. Por essa altura a carga está ausente. Ele deveria antes de mais nada ter observado o e-metro e apanhá-las. Porquê todos estes assessments de uma lista completa? Claro que quando temos uma lista assessada por outro, sem leituras marcadas, temos que lha ler e anotar o que reagir. E usando uma lista pela segunda vez, temos que a ler ao Pc e ver o que reage.

Quando um estudante pede um procedimento mecânico para assessments de Dianética, está a pedir sarilhos e está a procurar não compreender.

Se o estudante simplesmente compreendesse que estava à procura de um item que lesse bem, que trouxesse GIs moderados e no qual o Pc estivesse interessado, e que fosse eficazmente fraseado e que viesse a correr, ele teria lá chegado.

Tenho a sensação de que a listagem de Cientologia se confunde num curso de Dianética. *Existem* ações exatas de Listagem e Anulação de Cientologia que *não* podem ser violadas. Estas ações não têm NADA a ver com Dianética. Nada!

Uma lista de Dianética Standard pode ser feita de forma tão relaxada que custa a acreditar. MAS o auditor tem que observar o e-metro e ter a certeza de que obtém um item do interesse do Pc, um fraseado que possa correr numa cadeia de engramas.

Já vi um trabalho incrivelmente arruinado, como encontrar um somático, desta forma: o Pc listou, agulha e TA dum lado ao outro do mostrador. O auditor apanhou quatro somáticos. Escreveu-os e fez a chamada dos mesmos. Nenhuma leitura. Aí o auditor disse que o Pc não podia ser auditado em Dianética e devia ser enviado para Cientologia. *Quem* é que anda a brincar com quem? Os somáticos leem à maluca. Havia até um com LFBG. Contudo o auditor tinha que entrar nalgum procedimento rotineiro idiota ou ritual e através dele “descobrir” que não havia somáticos.

Os erros desta operação de encontrar somáticos podem ser tão grosseiros e idiotas que eu tenho que assumir que o auditor não sabe ou não compreende o que está a tentar fazer e nem sequer olha para o e-metro enquanto o faz.

Palavra, esta ação de encontrar somáticos para percorrer é TÃO fácil que só a sua complicação a podem bloquear.

O auditor pretende saber os males, dores, sensações desagradáveis, emoções negativas de que o Pc se queixa, e desta recolha, o que dá melhor leitura quando o Pc o diz ou quando é feita a sua chamada, o que trará ao Pc GIs moderados e no qual ele está interessado. O somático TEM QUE ler.

Agora, o que é que isso tem de tão difícil?

É preciso olhar para o e-metro quando o Pc está a dar itens ou quando se fala deles.

Não existem nisto considerações de listagem de Cientologia.

De vez em quando o Pc tem um somático vergonhoso e o auditor tem que o levar a dizê-lo todo.

De vez em quando o Pc diz “O meu lumbago” e se percorremos isso em termos médicos tê-lo-emos nos consultórios médicos ou em hospitais, pois trata-se de um termo médico e não de um somático.

Evidentemente que o estudante apanha cada suadela ao procurar o “item certo” que se vai abaixo no bom sentido.

Em listas de Cientologia existe apenas UM item. Em listas de Dianética pode haver dezenas, pois uma lista de Dianética não é realmente uma lista. Ela não procura isolar os problemas mentais do Pc. Uma lista de



Dianética tem simplesmente os males e dores físicas do Pc. Meu Deus, é notório como as pessoas discutem os seus males e dores. Por que razão é tão difícil encontrar um que leia bem no e-metro?

Bom, nós temos que observar o e-metro.

Provavelmente essa é a anomalia. Os estudantes estão socialmente tão ajustados que ficam a olhar para o Pc, talvez mesmo procurando mais mostrar-se agradáveis do que ler o e-metro.

Eu sinto-me, ao procurar comunicar e ensinar como localizar o que percorrer, como se estivesse a explicar onde está o chão. E as pessoas a quem estou a explicar isto ficam a pensar em *como* olhar para um chão, que cântico entoar ao olhar para um chão, e que fórmula matemática usar para garantir que *é* o chão. É uma coisa desse género. Eu digo: “está aí o chão. Se o pisarmos e ele está lá, ouvimos um som”. E os tipos pensam: “bom, talvez, mas que barulho deve fazer e usamos o pé direito ou o esquerdo e se esse é o chão e eu não posso encontrar o teto porque não tenho sextante”.

O que estou a querer dizer-lhe é que quando está à procura de um somático no Pc e o toca, o e-metro lê bem, o Pc tem GIs moderados quando lhe dizemos qual escolhemos, ele fica interessado e irá correr.

E, palavra de honra, é tudo o que há sobre isso. E, se alguém disser que há mais alguma coisa está a procurar destruir todo um curso e muitos auditores.

Não posso ser mais claro.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 29 DE ABRIL DE 1969

ASSESSMENT E INTERESSE

Um assessment consiste simplesmente em enunciar itens dados pelo pc e marcar as leituras que se produzem no e-metro. Não se pede ao pc para fazer comentários durante esta ação e será melhor que ele não os faça.

A esta ação chama-se “Fazer assessment para encontrar o maior número de leituras”. É principalmente utilizado em Dianética.

Existem dois assessments em Cientologia que se fazem de maneiras diferentes. Um é “assessment por eliminação”, o outro “listar e anular”. Não nos servimos dele em Dianética. Não se misturam estes três tipos de assessment.

No assessment de Dianética para encontrar o maior número de leituras, servimo-nos dos seguintes símbolos:

X	-	não deu leitura
Tique	-	pequeno salto da agulha
SF	-	pequena Fall (0,6 ou 1,2cm)
F	-	Fall (2,5 a 5cm mais ou menos)
LF	-	Long Fall (5 a 7,5cm)
LFBD	-	Long Fall seguido de um ‘Blowdown’ ou de um movimento que faça baixar o TA

Todas as Falls se fazem para a direita. Um ‘BD’ é um movimento para a esquerda que se faz com o TA para manter a agulha no quadrante.

A razão para fazer o assessment é a seguinte: SE UM ITEM NÃO DÁ LEITURA NO E-METRO QUANDO ASSESSADO, É PORQUE SE ENCONTRA PARA LÁ DO NÍVEL DE CONSCIÊNCIA DO PC.

É muito imprudente e muito arriscado auditar um somático que não deu leitura na lista. Isso ultrapassará o nível de realidade do pc assim como o seu nível de consciência, e enfim, o pc será submergido.

Quando um item dá leitura, isso garante que o pc será capaz de confrontar e de apagar a cadeia. O facto de o item reagir bem constitui, portanto, uma garantia de que o pc pode manejar e não ficará submergido.

A leitura de PROTESTO constitui uma exceção. Um item pode estar já auditado, dá uma leitura. O pc fica carrancudo. Ele protesta e o e-metro regista o protesto, não o item. Nunca se audita um pc se ele protesta. Senão, submergimo-lo e isso dá maus resultados. Um protesto não provoca quase nunca um Blowdown do TA.

Para ter a certeza de que o item é bom, pergunta-se habitualmente se ele está interessado no item escolhido.

Se o pc disser que não, se ele disser que não o quer percorrer, é uma leitura de protesto.

Escolhe-se então um segundo item que deu a melhor leitura quando do assessment que temos feito e verifica-se com o pc se ele está interessado. Normalmente, ele está interessado.

Quando um pc diz que um item que deu um LFBD o interessa, podemos quase sempre confiar nele.

Não nos limitamos *nunca* em perguntar ao pc quais os itens da lista o interessam, à laia de ‘assessment’, porque verificar-se-á que o pc apenas vai escolher ao acaso e pode escolher um item que não tem carga. Pode daí resultar uma sessão desastrosa.



Um auditor pode por vezes ficar pasmado com o que dá uma leitura. Digamos que o pc tem à evidência uma perna partida e é uma dor de ouvidos que dá uma leitura. Audita-se o que dá leitura, não o que, segundo o auditor, deve ser auditado. Um “eu é que sei” da parte do auditor pode ser um erro fatal.

Durante um segundo ou um terceiro assessment, os itens que da primeira vez não tinham dado leitura ou tinham dado uma leitura medíocre, verificar-se-á que “acordam” e dão boas leituras. Graças à audição, a capacidade do pc em confrontar aumentou, e se a audição for standard, a sua confiança aumentou igualmente. O resultado é que os itens que antes estavam fora do seu alcance (e que não davam boas leituras) estão agora ao seu alcance e podem ser facilmente auditados.

O e-metro mede a profundidade a que se encontra o nível de consciência do pc. As coisas que não dão leitura durante o assessment indicarão que a sua realidade é medíocre. As coisas que dão boas leituras durante o assessment mostram ser aquelas para as quais o pc tem um alto nível de realidade e um alto nível de interesse.

Se fosse o caso de obrigar um auditor a auditar sem e-metro é que ele poderia fazer assessment tendo em conta unicamente o interesse. Não há de facto desculpa se houver e-metro.

Auditar sem e-metro é uma ação muito arriscada.

A melhor maneira de começar, se queremos uma sessão com sucesso, consiste em fazer um bom assessment para encontrar a leitura maior.

Servimo-nos da mesma lista para auditar o item seguinte, e vale mais servirmo-nos dela que contentarmo-nos em interrogar o pc.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 25 DE MAIO DE 1962

Orgs Centrais

Franchises

E-METRO REAÇÕES INSTANTÂNEAS

Uma leitura instantânea é definida como a reação da agulha que se produz precisamente no final de qualquer pensamento principal pronunciado pelo auditor.

A reação da agulha pode ser qualquer, exceto uma reação “nula”. Qualquer leitura instantânea pode ser uma mudança de característica, desde que ocorra instantaneamente. A ausência de leitura no final de um pensamento principal mostra que ela é nula.

Todas as leituras *prévias* e *latentes* são ignoradas. Estas são o resultado de pensamentos menores que podem ou não ser restimulados pela pergunta.

Só a leitura instantânea é usada pelo auditor. Só a leitura instantânea ‘é clarificada nos rudimentos e nas perguntas “o que?”’, etc.

A leitura instantânea pode ser qualquer reação da agulha: subida, queda, subida rápida, queda rápida, tique duplo (agulha suja), theta bop ou qualquer outra ação, desde que ela surja exatamente no final do pensamento principal pronunciado pelo auditor. Se não houver qualquer reação nesse momento exato (o final do pensamento principal) a pergunta é nula.

Por “*pensamento principal*” entenda-se o pensamento completo expresso em palavras pelo auditor. As leituras que surgem antes do enunciado completo do pensamento principal são “leituras prévias”. As leituras que surgem depois do enunciado completo são “leituras latentes”.

Por “pensamento menor” entenda-se pensamentos subsidiários expressos por palavras incluídas no pensamento principal. Elas são provocadas pelo efeito reativo de certas palavras da frase completa. Elas são ignoradas.

Exemplo: “Tu já feriste porcos sujos?”

Para o Pc, as palavras “tu”, “feriste” e “sujo” são todas reativas. Por isso, os pensamentos menores expressos por estas palavras reagem igualmente no E-Metro.

O pensamento principal aqui é a frase completa. Dentro deste pensamento encontram-se os pensamentos menores “tu”, “feriste” e “sujo”.

Consequentemente, pode acontecer que a agulha do E-Metro reaja da forma seguinte: “tu (queda) já feriste (queda rápida) porcos (queda) sujos (*queda*)?”

Só o pensamento principal dá a leitura instantânea e só a última *queda* (em itálico na frase acima) indica alguma coisa. Se esta última leitura estivesse ausente toda a frase seria nula apesar das quedas anteriores.

Podem limpar-se as reações (mas não normalmente) de cada um dos pensamentos menores. A exploração destas leituras prévias chama-se “decompor a pergunta”.

Prestar atenção a leituras em pensamentos menores ocasiona situações, risíveis como no exemplo descrito em 1960 “levar PDH (dor, droga, hipnose) de um gato”. Pode provar-se seja o que for ao aceitar essas leituras prévias. Porquê? Porque *Dor, Droga e Hipnose* são pensamentos menores dentro do pensamento principal: “Tu já foste ferido, drogado e hipnotizado por um gato?” O auditor inexperiente acreditará que este género



de idiotice aconteceu de facto. Mas note-se que se limpar cada pensamento menor do pensamento principal, este não reage mais como frase global. Se a pessoa que está ao E-Metro *foi* ferida, drogada, hipnotizada por um gato, apenas a descoberta da origem do pensamento global limpará o pensamento global.

Os Pcs também pensam noutras coisas enquanto se lhes colocam as perguntas, e estas restimulações casuais pessoais reagem igualmente antes e depois de uma leitura instantânea, mas são ignoradas. Muito raramente são os “pensamentos do Pc” que reagem exatamente no final de um pensamento principal, falseando assim o resultado, mas é raro.

Nós pretendemos a leitura que tem lugar instantaneamente após a última sílaba do pensamento principal, sem atraso. É a única leitura que tomamos em consideração para saber se um rudimento está dentro ou não, se um item reage, etc. É o que chamamos “leitura instantânea”.

Existe uma pergunta de rudimentos global na meia-verdade, etc. Fazemos os quatro rudimentos num só, e por isso quatro pensamentos principais numa só frase. Este conjunto é a única exceção aparente, mas não é verdadeiramente uma exceção. É simplesmente um modo rápido de fazer quatro rudimentos numa só frase.

A pergunta desajeitada que coloca “nesta sessão” no fim do pensamento principal pode servir mal o auditor. Estes modificadores deverão aparecer antes na frase: “Nesta sessão, tu...?”

Você dirige o pensamento principal diretamente à mente reativa. Por conseguinte, nenhum pensamento analítico reagirá instantaneamente.

A mente reativa compõe-se de:

1. Ausência de tempo
2. Desconhecimento
3. Sobrevivência.

O E-Metro reage à mente reativa, e nunca à mente analítica. O E-Metro reage instantaneamente a qualquer pensamento restimulado na mente reativa.

Se o E-Metro reagir a alguma coisa, esse dado é parcial ou totalmente desconhecido do Pc.

As perguntas de um auditor restimulam a mente reativa. Isso reage no E-Metro.

Só pensamentos reativos reagem no E-Metro.

Você pode-lhe “embutir” um pensamento principal dizendo-lho duas vezes. À segunda vez (ou à terceira se for mais longo), verá, no final exato do pensamento principal, apenas a leitura instantânea. Se fizer isto, as leituras prévias cessarão deixando apenas o pensamento global.

Se andar aos tropeços nos rudimentos ou metas ao tentar limpar pensamentos menores perde-se. Na verificação de segurança pode descobrir-se material “decompondo a pergunta”, mas raramente se faz hoje em dia. Leituras instantâneas só se procuram nos rudimentos, nas perguntas “o que?”, e outos, etc. Elas ocorrem exatamente no final do pensamento global. É só o que interessa ao limpar um rudimento ou uma pergunta “o que?”. Ignoram-se todas as leituras prévias e latentes da agulha.

Eis as exceções a esta regra:

1. “Decompor a pergunta” em que se utilizam as leituras prévias que ocorrem exatamente no final dos pensamentos menores (conforme a frase dos porcos) para desenterrar diferentes dados não relacionados com o pensamento global.
2. “Guiar o Pc” é o único uso das leituras latentes ou ocasionais. Você vê uma leitura igual à leitura instantânea outra vez enquanto está calado, mas depois de ver o pensamento global reagir. Você diz: “ai” ou “isso” e o Pc, vendo a coisa para que está a olhar recupera este conhecimento do banco reativo, expõe os dados e o pensamento global clarifica, ou deve ser mais trabalhado e clarificado.

Pode facilmente matar-se a matutar tentando agarrar-se às leituras do E-Metro, a menos que tenha uma boa realidade da leitura instantânea a qual ocorre no final do pensamento global expresso, e negligencie todas as



leituras prévias e latentes, exceto para guiar o Pc, quando ele anda às apalpadelas à procura da resposta à pergunta que lhe colocou.

É tudo sobre a leitura da agulha do E-Metro.

(Duas conferências de Saint Hill de 24 de Maio de 1962 cobrem isto a fundo)

L RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 28 DE FEVEREIRO DE 1971

Remimeo

Checksheet de Auditor de HGC

Checksheet Nível 0 da Academia

Checksheet do curso de Dn

IMPORTANTE

Série C/S 24

MEDIÇÃO DE ITENS COM LEITURA

NOTA: Observações que recentemente fiz ao manejar a linha de C/S resultaram numa clarificação necessária do assunto “um item ou pergunta com reação” o que melhorou definições anteriores e salvou alguns casos.

Pode ocasionalmente acontecer que o auditor deixe passar uma reação num item ou pergunta e não a percorrer porque “não tem reação”. Isto pode penosamente pendurar um Pc, se o item ou pergunta teve de facto reação. Isso não é manejado e fica registado como “sem leitura” quando de facto, leu SIM.

POR ISSO, TODOS OS AUDITORES DE DIANÉTICA CUJOS ITENS OCASIONALMENTE “NÃO LEEM” E TODOS OS AUDITORES DE CIENTOLOGIA QUE TÊM PERGUNTAS DE LISTA QUE NÃO LEEM DEVEM SER VERIFICADOS NESTE HCOB EM QUAL OU PELO C/S OU SUPERVISOR.

Estes erros pertencem à classe de Erros Grosseiros de Audição pois eles afetam a metria.

1. Diz-se que um item ou pergunta “lê” quando a agulha cai. Não quando ela pára ou abranda numa subida. Um tique é sempre anotado e em alguns casos torna-se uma leitura ampla.
2. A leitura é tomada da primeira vez que o pc fala ou quando a pergunta é clarificada. É ESTE o momento válido da leitura. Ela é devidamente marcada (mais qualquer BD). ESTA reação define *o que* é um *item ou pergunta reagente*. VOLTAR A VERIFICAR SE REAGE NÃO É UM TESTE VÁLIDO pois a carga superficial pode ter desaparecido, mas o item ou pergunta ainda percorrerá ou listará.
3. Independentemente de quaisquer afirmações ou material anterior sobre ITENS REAGENTES, um item não tem que reagir só quando o auditor o profere para ser um item válido para percorrer engramas ou para listagem. O teste é: ele leu quando o pc o disse a primeira vez, quando o originou ou quando o clarificou?
4. O facto de um item ou pergunta ter sido marcada como tendo lido, é razão suficiente para o percorrer ou usar ou listar. O interesse do pc, em Dianética, é também necessário para o percorrer, mas o facto de ele não ter lido *de novo* não é razão para não o usar.
5. Ao listar itens o auditor tem que ter um olho no e-metro, NÃO necessariamente no pc e tem que anotar a extensão da leitura e qualquer BD e tamanho, na lista que está a marcar. ISTO é suficiente para ser considerado um “item reagente” ou “pergunta reagente”.
6. Ao clarificar uma pergunta de listagem o auditor vigia o e-metro, NÃO necessariamente o pc e anota qualquer leitura que ocorra enquanto clarifica a pergunta.
7. Uma chamada adicional do item ou pergunta para ver se lê, é desnecessária e não é uma acção válida se o item ou pergunta tiver lido na originação ou clarificação.



8. O facto de um item estar marcado como tendo lido numa lista anterior de Dianética é suficiente (verificando também interesse) para o percorrer sem mais nenhum teste de leitura.
9. Deixar de observar uma leitura numa originação ou clarificação é um Erro Grosseiro de Audição.
10. Deixar de marcar na lista ou folha de trabalho a leitura e qualquer BD observado durante a originação do pc ou clarificação da pergunta é um Erro Grosseiro de Audição.

VISÃO

Os auditores que perdem leituras ou têm uma visão deficiente deverão ser examinados e usar óculos apropriados, ao auditar.

ÓCULOS

Os aros de alguns óculos podem impedir a visão do e-metro, quando o auditor está a olhar para a folha de trabalho ou para o pc.

Se for o caso, os óculos devem ser trocados por outros com visão mais ampla.

VISÃO AMPLA

Espera-se de um bom auditor que ele veja o seu e-metro, o pc e a folha de trabalho, tudo ao mesmo tempo. Seja o que for que ele faça ele tem sempre que notar qualquer movimento do e-metro se a agulha mexer.

Se ele não puder fazer isto tem que usar um e-metro Azimute e não colocar papel sobre o vidro, mas fazer a folha de trabalho olhando através do vidro para a caneta e papel, o conceito original do e-metro Azimute. Então mesmo enquanto escreve ele vê a agulha a mexer pois ela está na sua linha de visão.

CONFUSÕES

Toda e qualquer confusão sobre o que é um “item reagente” ou “pergunta reagente” deverá ser limpa a fundo em qualquer auditor, pois tais omissões ou confusões podem ser responsáveis por casos pendurados e reparações desnecessárias.

NÃO REAÇÃO

Qualquer comentário de que um item ou pergunta “não reagiu” deve ser imediatamente posto em causa por um C/S e verificar o auditor neste HCOB.

Na verdade, não leituras, um item ou pergunta não reagente, significa um item ou pergunta que *não* leu quando originado ou clarificado e também não leu quando proferido.

Podemos ainda proferir um item ou pergunta para obter uma leitura. Se agora ler, tudo bem. Mas se nunca leu, o item não correrá e a lista não produzirá qualquer item.

Não é proibido proferir um item ou pergunta para a testar. Mas é uma ação inútil se o item ou pergunta ler ao ser originada pelo pc ou ao ser clarificada com ele.

IMPORTANTE

Se os dados deste HCOB não forem sabidos podem provocar fracassos. Por isso têm que ser verificados nos auditores.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 5 DE AGOSTO DE 1978

Remimeo

Refs:

HCOB 28 Fevereiro 71 Série C/S 24 MEDIR ITENS REAGENTES

HCOB 8 78 de Abril UMA F/N É UMA LEITURA

Essenciais do E-metro, pág. 17 (R/S)

HCOB 18 Jun. 78 NED Série 4 VERIFICAÇÃO E COMO OBTER O ITEM

REAÇÕES INSTANTÂNEAS

A definição correta de reação instantânea é:

AQUELA REAÇÃO DA AGULHA QUE OCORRE NO EXATO FINAL DE QUALQUER PENSAMENTO PRINCIPAL PROFERIDO PELO AUDITOR.

Todas as definições que declaram que a reação se produz frações de segundos após a pergunta ser feita, estão canceladas.

Assim, uma reação instantânea que ocorre quando o auditor faz a verificação dum item, ou faz uma pergunta, é válida e deve ser considerada e reações latentes ocorrendo frações de segundo após o pensamento principal são ignoradas.

Além disso, ao procurar reações enquanto se faz a clarificação dos comandos ou quando o pc está a originar itens, o auditor deve anotar somente as reações que ocorrerem no momento exato em que o pc termina o enunciado do item ou comando.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 20 de SETEMBRO de 1978

UMA FN INSTANTÂNEA É UMA LEITURA

Refs:

HCOB 2 Nov. 68R

C/S CLASSE VIII O PROCESSO BÁSICO

HCOB 20 Fev. 70

F/Ns E FENÓMENOS FINAIS

Uma FN instantânea é uma FN que ocorre imediatamente no final do pensamento principal proferido pelo auditor, ou no final do pensamento principal proferido pelo Pc (quando ele origina itens ou diz o que o comando significa).

Será mais usualmente vista como um LFBD/FN ou LF/FN.

Assim, o que é que significa: “uma FN instantânea é uma leitura”?

Uma leitura quer dizer que existe ali carga para manejar. Ela significa que existe força ligada àquela significância a qual está à vista do Pc e disponível para correr. Ela significa que esse item é real para o Pc.

Uma FN significa que alguma coisa fez key-out.

Agora, key-out é aquilo que procuramos em muitos processos percorridos. Significa “Paragem. Fim do processo, fim do rud, fim da ação”. Assim, uma FN instantânea nem sempre significa que devamos pegar nesse item.

Para destrinçar isto teremos que compreender a mecânica básica do key-out, do key-in e do apagamento. Ficarão então claro *porque* é que uma FN é uma leitura, e *quando* lhe pegamos. Confundir isto poderá emaranhar realmente um Pc.

Por exemplo, nos rudimentos, perguntas de Prepcheck, protesto, overrun, REABs, para nomear apenas alguns, uma FN instantânea não seria considerada. O EP de “carga key-out” foi assim atingido.

Mas ignorar uma FN instantânea em itens de Dianética e certas listas de correção, etc., deixará o Pc com BPC e áreas maiores de carga de caso por manejar. A chave é: “será requerido *manejo* no item ou a FN é o EP legítimo?”

Teremos também que compreender que estamos a falar de FNs INSTANTÂNEAS. Uma FN que permanece através de um assessment significa “ausência de carga”.

Uma FN instantânea num item significa que a carga acabou de fazer key-out desse item e pode fazer key-in de novo. Existem ações, como em Dianética, em que não é o key-out que procuramos. Nós queremos o postulado fora do incidente básico da cadeia, o que indica que obtivemos um apagamento.

Em Dianética, uma FN instantânea tem precedência sobre todas as leituras. Isto porque o Pc, tendo acabado de fazer key-out da carga desse item, achá-la-á muito real. Será esse o item mais fácil de correr. Um item que flutua instantaneamente é tomado em primeiro lugar. LFBD, LF, F e SF seguem a sua ordem habitual.

Isto é útil sobretudo para um C/S. Um C/S pode olhar por uma coluna de 2WC e por uma lista de L&N abaixo e localizar o que deu FN. Se o C/S não repara que este é o item, ele pode erradamente tomar algum item LFBD ou F das colunas de 2WC como o item resultante desse assunto.

O uso de uma FN como leitura é quase inteiramente relegado para o próximo C/S exceto quando utilizada em Dianética.



Exemplo: Um C/S está à procura do verdadeiro Fac-símile de Serviço em 2WC. (Habitualmente fazemos L&N para encontrar Facs de Serviço, mas pode dar-se a circunstância de os encontrarmos em 2WC). O Pc menciona vários e finalmente um deles dá FN. O C/S sabe logo que é esse o Fac de Serviço.

Exemplo: Um 2WC operou como lista e o C/S está a tentar reconstruí-la. A menos que saiba que uma FN é uma leitura ele pode deixar passar o verdadeiro item dessa lista, que é aquele que se encontra imediatamente antes da FN. Esse é o item

Quando usada na própria sessão, o auditor tem que saber que uma FN é uma leitura quando faz L&N. O item que deu FN, claro está, **é** o item.

Numa sessão de Dianética não é invulgar encontrar uma breve FN numa lista ou numa Preassessment. Em Dianética não estamos interessados em key-outs. Estamos interessados sim em cadeias e apagamentos. Assim o “item reagente mais quente” da lista é aquele que deu FN. Habitualmente será um BD/FN. Se o auditor de Dianética não sabe que uma FN instância é uma leitura está sujeito a ignorar o item que deu FN.

Em Dianética, veremos que se voltarmos a pegar numa FN ela fará imediatamente key-in, mas é isso mesmo que o auditor de Dianética deseja.

O auditor de Cientologia está usualmente a manejar outros fenómenos e, se ele ultrapassar uma FN e continuar, o TA subirá e ele entrará em apuros.

Por isso, o uso deste princípio é muito sensível e tem que ser compreendido.

Claro que a primeira coisa que temos que conhecer é o aspeto de uma FN.

Esta tech, compreendida e aplicada a fundo, significará a diferença entre um caso *totalmente manejado* e outro “apenas melhor”. Compreendamos isto e utilizemo-lo. Veremos a diferença nos nossos resultados.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 18 DE JUNHO DE 1978R
Rev. 20 Set 78
(Revisões neste tipo de letra)

Série NED 4R

ASSESSMENT E COMO OBTER O ITEM

Tem havido uma grande quantidade de material sobre o assessment do preclaro. Em NED, o assessment de Dianética foi sumariado, simplificado e acrescentado. Estes passos dos assessments de NED são exatos. E eles detetam e isolam as coisas que têm que ser manejadas a fim de um Pc ficar bem e feliz.

É importante compreender o que é um assessment e o que procuramos alcançar ao fazê-lo.

Se simplesmente compreendermos que procuramos um item que leia bem, que traga indicadores ao Pc, no qual o Pc esteja interessado, um item fraseado com eficácia e que corra, tê-lo-emos.

Em NED, são usados vários tipos de assessments para conseguir itens para percorrer R3RA no Pc.

Os Itens de NED do Assessment Original.

Esta é o primeiro assessment feito em NED. Ele foi conhecido por vários nomes. “Formulário de Saúde”, “Folha de Assessment do Preclaro”, e agora é reemitida com alterações menores, como HCOB 24 Jun. 78RA, Série NED 5RA, FOLHA DE ASSESSMENT ORIGINAL.

Ela contém a história e antecedentes físicos do Pc e dá ao auditor e C/S uma imagem do caso. É um assessment uma vez que é feito no e-metro e habilita o auditor e C/S com o que precisa ser manejado.

Item Original

O item original é uma condição, uma doença, acidente, droga, álcool ou medicamento, etc., que foi dado ao auditor pelo Pc. Isto sairá da Folha de Assessment Original, de outro RD de NED ou pode simplesmente ser voluntariado pelo Pc.

Os itens Originais tendem a ser de carácter geral, tais como “coxo” ou uma condição médica e, tanto são coisas omissas da Lista de Preassessment como são demasiado latos para serem percorridos. Os Pcs dão normalmente itens desta maneira quando pedidos na Folha de Assessment Original de NED, Série NED 5RA.

Preassessment

O Preassessment é um procedimento novo em NED. É feito com uma Lista preparada de Preassessment, e determina que categorias de somáticos estão ligados ao item original e qual destes é o que está mais altamente carregado.

É chamado de Preassessment porque vem antes do assessment do verdadeiro item a percorrer na R3RA. (O item a ser percorrido é agora chamado o **item de percurso**).

É feito um Preassessment no item original com uma Lista de Preassessment.

Lista de Preassessment

Esta encontra-se em Série NED 4-1.



Uma lista preparada de categorias de somáticos cujo assessment é feito em ligação com o item original. (A lista inclui dores, sensações, sentires, emoções, atitudes, emoções negativas, inconsciência, doridos, compulsões, medos, males, cansaço, pressões, desconforto, aversões, entorpecimentos).

Item de Preassessment

O item que mais reage obtido no Preassessment da Lista de Preassessment. Este item é usado para obter itens de percurso.

LISTAGEM PARA ITENS DE PERCURSO

O auditor agora pega no Item de Preassessment e faz uma lista numa folha de papel separada e pergunta ao Pc: “que (Item de Preassessment encontrado) estão/está ligado a (o item original encontrado)?”

O auditor escreve numa coluna exatamente o que o Pc diz, e anota as leituras do e-metro no exato momento em que o Pc acaba de declarar o **item de percurso**.

O resultado é uma lista chamada **lista de itens de percurso**.

Se o Pc nos dá um sentir exato “sentimento de medo”, “uma sensação de ardor na orelha”, “Uma dor aguda no dedo grande do pé”), o somático é percorrido simplesmente com R3RA Quad, se ele ler e o Pc estiver interessado.

Um item que exprime um somático e é passível de ser percorrido, é chamado **item de percurso**. Itens de percurso são dores exatamente expressas, sensações, sentires, emoções, atitudes, emoções negativas, inconsciência, doridos, compulsões, medos, males, cansaço, pressões, desconforto, aversões, entorpecimentos.

Se o Pc der um tipo de item de carácter geral como “problemas somáticos”, um termo de droga, de álcool, de medicamento, médico ou narrativo que não exprima um somático (etc.), têm que ser encontrados os sentires (etc.) para o item para que possam ser percorridos. O Preassessment é feito para obter itens de percurso.

Item de percurso

O auditor pega no item da lista de itens de percurso (possivelmente uma LF, LFBD ou F/N instantânea) que melhor ler e confere com o Pc: “estás interessado neste item?” e se sim ele converte-se no **item de percurso** que será percorrido pela R3RA.

Itens de percurso são por vezes abruptamente expressos pelo Pc, e se eles se encontram dentro das categorias da lista de assessment, podem ser percorridos, mas é preciso cuidado para (1) não saltar para algum outro assunto diferente do item original que procuramos manejar ou para (2) não perturbar o Pc porque nos recusamos a auditar esse item. Aviso: Se abandonarmos o procedimento de assessment de NED ficaremos às apalpadelas por todo o caso e nunca mais o acabamos.

Todo este procedimento de NED conduz a encontrar itens de percurso que virão a correr e a resolver o caso. Assim, a coisa que perseguimos num assessment é o **item de percurso** e ele é obtido com muita exatidão conforme acima.

Isto é feito pegando no item original, digamos, “problemas de estômago”, fazendo-lhe um Preassessment e, com o item do Preassessment, encontrar o **item de percurso**.

(Exemplo: problemas de estômago é o item original. É feito um Preassessment e “dorido” é o item da Lista de Preassessment com maior leitura. O Auditor lista então para o **item de percurso** usando *dorido* e obtém: “ligeiro dorido no meu lado esquerdo” Este é o **item de percurso** que será manejado com R3RA Quad.)



PREASSESSMENT

Antes de NED teríamos pegado num item de Dianética, tal como uma droga, condição crônica ou acidente, e pedido ao Pc as atitudes, emoções, sensações e dores ligadas ao item.

Acabei de desenvolver um novo procedimento sobre o manejo e percurso da Dianética. É chamado de Preassessment. É assim que funciona:

1. O auditor obtém do Pc um item original. Isto será feito a partir de uma lista de drogas, da Folha de Assessment Original ou outro RD de NED. (Será uma droga, uma condição, uma doença, um acidente, etc.)
2. Então faz o Preassessment dos sentimentos na Lista de Preassessment para descobrir que *item de Preassessment* ligado ao *item original* está mais altamente carregado.
3. A partir do item de Preassessment (o item da Lista de Preassessment com maior leitura) o auditor pode obter do Pc somáticos específicos chamados itens de percurso. Estes itens de percurso serão aqueles em que o Pc está mais interessado.
4. O **item de percurso** encontrado no passo 3 é percorrido na R3RA Quad.

Exemplo: o item original é “bronquite”. O auditor verifica a Lista de Preassessment abaixo perguntando ao Pc:

“Há _____ ligados a bronquite?”

Dores	compulsões
sensações	medos
sentires	males
emoções	cansaços
atitudes	pressões
emoções negativas	desconfortos
inconsciência	aversões
doridos	entorpecimentos

Ele tem uma LF em emoções negativas. Esta é a maior leitura.

“Que emoções negativas estão ligadas a bronquite?”

À medida que o Pc as diz o auditor escreve-as anotando as leituras do e-metro enquanto o Pc dá os itens. (E é tudo quanto há sobre o Preassessment).

ITEM DE PREASSESSMENT

Este é por sua vez o item com maior leitura na Lista de Preassessment acima e depois pegamos nos itens subsequentes da mesma lista com menores leituras.

Na posse do item de Preassessment, o auditor pode listar para achar os itens de percurso.

Exemplo: o item de Preassessment é “emoção negativa”. O auditor pergunta: “que emoções negativas estão ligadas a bronquite?”

Ele toma nota de todas as respostas que o Pc lhe der, com as respectivas leituras.

Sentir como se eu quisesse desistir X

Preocupado com os meus pulmões LFB



Sentir-me irritado com não respirar F

Medo da morte SF

O auditor percorreria primeiro “Preocupado com os meus pulmões” R3RA Quad e depois voltava ao próximo item com melhor leitura, neste caso, “sentir-me irritado com não respirar”.

ITEM DE PERCURSO

O auditor escolhe o item de maior leitura que o Pc deu e averigua do interesse pela próxima cadeia. Este é o **item de percurso**.

AUDIÇÃO EFETIVA

Tendo encontrado o **item de percurso** o auditor percorre-o então com R3RA Quad.

ENCONTRAR O PRÓXIMO ITEM DE PERCURSO

O auditor tem a alternativa de pegar em itens de menor leitura da Lista de Preassessment ou da lista de itens de percurso, ou (mais seguro) fazer um novo Preassessment no mesmo item original. (Não deixamos de trabalhar o item original até ter desaparecido completamente e para sempre).

Tendo feito uma Preassessment no mesmo item original, fazemos uma nova lista de itens de percurso, pegamos na melhor leitura (F, LF, F/N instantânea) e usamo-la com o nosso novo **item de percurso**.

COMANDO DE ASSESSMENT

Comandos para a Folha de Assessment Original:

1. Fazer a pergunta da Folha de Assessment Original ao Pc. Escrever a resposta e anotar a leitura do e-metro.
2. “(*Item de Preassessment chamado*) ligado a (*Item Original do Preassessment*)?”
3. “Que (*Item de Preassessment de maior leitura*) está, ligados a (*item original*)?”
4. “Estás interessado em percorrer (*o item de percurso da maior leitura ou de F/N instantânea encontrado em 3 acima*)?”
5. Vamos diretamente para R3RA Quad usando o item em 4 se o Pc está interessado.

MANEJAR SOMÁTICOS

A Lista de Preassessment foi concebida para localizar somáticos que o auditor pode então manejar com a R3RA.

Por somático queremos dizer uma dor ou mal, sensação, emoção negativa, ou mesmo inconsciência. Existem mil palavras descritivas diferentes que poderiam redundar num sentir, dores, males, vertigens, tristeza, mas todos são sentires.

Todas as cadeias estão presas por vários estados gerais de consciência os quais são nomeados na Lista de Preassessment.

Uma dificuldade geral identificada, dada pelo Pc no Assessment Original é, de facto, em quase todos os casos, composta de dores, sensações, sentires, emoções, atitudes, emoções negativas, inconsciência, doridos, compulsões, medos, males, cansaço, pressões, desconforto, aversões e entorpecimentos assim como um ou mais postulados. É muito possível que qualquer item de Assessment Original maior contenha 3 ou 4 cadeias completas para cada um deles.

Daí que um auditor não tem mais remédio para erradicar um Assessment Original maior, a não ser percorrer 64 ou mais cadeias completas minuciosamente e com precisão.



Alguns podem ceder com menos e outros podem precisar de muito mais.

MANEJAR NARRATIVAS

Uma narrativa é uma história, uma descrição, um conto.

Durante anos as narrativas tiveram má fama e os auditores eram por vezes alertados contra percorrê-las. A razão para isto ter acontecido é que quando tentamos resolver um caso apenas por narrativas leva vários milhares de horas de audição.

Contudo, abandonar totalmente a narrativa é abandonar uma das mais dramáticas mudanças de caso que pode haver.

Por vezes o Pc virá para a sessão depois de uma experiência física ou emocionalmente dolorosa, um acidente, doença, perda, ou grande tensão emocional. Percorrendo estes incidentes em narrativa apaga o trauma físico que sofreu e acelera o restabelecimento.

Por vezes vemos que toda uma vida da pessoa muda à volta da morte de um parente, ou criança, ou um divórcio, ou um acidente de automóvel ou alguma outra catástrofe semelhante. Isto é usualmente encontrado e manejado na AÇÃO NOVE no HCOB 22 Jun. 78RA, Série NED 2 RA, NED, DELINEAÇÃO DO PROGRAMA COMPLETO DO PC.

Ao percorrer uma narrativa, estamos a percorrer o *incidente* narrativo. Uma narrativa precisa ser percorrida, e percorrida, e percorrida nesse incidente. Estamos a percorrer esse incidente até o apagar e só vamos a anterior semelhante se a coisa começar a remoer penosamente. O truque para percorrer narrativas é encontrar o início anterior do incidente cada vez que a pessoa é movida através dele. (Ver AÇÃO NOVE, Série NED 2RA).

Uma condição ou circunstância sem um incidente NÃO é narrativa. É apenas um item incorreto. Um exemplo disso seria tentar percorrer o item “obstrução à justiça”. Não o percorreria pois não existe ali um incidente real. “Atacar um polícia” é narrativa, “Sentir-se mal com polícias” não é narrativa pois não há história ligada a isso, mas existem somáticos.

PERCORRER NARRATIVAS

Para percorrer um item narrativo o auditor tem que primeiro descobrir exatamente o que aconteceu ao Pc, perguntando-lhe então: “o que é que vamos chamar a este incidente?”. Ele obterá o fraseado do Pc, e pode percorrê-lo Narrativo usando os comandos Narrativos de NED. SÓ corremos um item narrativo se ler bem e o Pc estiver interessado em corrê-lo.

O manejo Narrativo até ao seu EP completo pode dar resultados miraculosos, mas o Pc pode levar muito tempo a passar através dele. Tem que ser alcançado um EP completo de Dianética de Postulado fora (que É o apagamento), F/N e VGIs. Se o Pc dá uma cognição que não é o verdadeiro postulado do incidente ou que não soa como tal ao auditor, é pedido o postulado.

COMANDOS DE ASSESSMENT NARRATIVO

1. Fazemos as perguntas constantes da Folha de Assessment Original.
2. Notamos quaisquer itens originais que contenham perdas recentes, doenças, acidentes, perturbações ou mortes e perguntamos:
“Estás interessado em manejar (*descrição do item da Folha de Assessment Original*)?”
3. Se o Pc mostrar que sim, entramos de imediato na R3RA Narrativa.

TOM DE VOZ DO ASSESSMENT



O auditor faz o assessment fazendo a pergunta como pergunta, não como a afirmação de um facto. Verificar a pergunta como afirmação tende a avaliar e pode mesmo invalidar o preclaro.

Podemos ir por aí fazendo perguntas com um gravador ligado. Se ouvirmos a gravação notaremos que o tom de voz sobe numa pergunta e desce numa afirmação. Assim, a maneira correta de verificar a pergunta seria ela ter uma ligeira curva ascendente no final e verificá-la verdadeiramente como pergunta.

UM ASSESSMENT É FEITO PELO AUDITOR ENTRE O BANCO DO PC E O E-METRO. EM ASSESSMENTS DE DIANÉTICA NÃO HÁ ESPECIAL NECESSIDADE DE OLHAR PARA O PC. NOTAMOS APENAS O ITEM COM A MAIOR F OU BD. O AUDITOR OLHA PARA O E-METRO ENQUANTO FAZ UM ASSESSMENT.

Procedimentos rotineiros atravessam-se pesadamente no caminho do assessment de Dianética. O Pc dá uma lista, o auditor não observa as leituras nem as anota, depois é comum o auditor voltar a verificar a lista. Por essa altura a carga está ausente. Ele deveria em primeiro lugar ter observado o e-metro e apanhá-las. Porquê todos estes assessments da lista completa? Claro que quando temos uma lista verificada por outrem sem leituras marcadas, temos que lha ler e anotar o que reagir. E usando uma lista pela segunda vez temos que a ler ao Pc e ver o que reage.

Em Dianética manejamos sempre primeiro uma *F/N instantânea*, depois algum *LFBD*, *LF*, *F* ou *SF*, por esta ordem. Os itens com maior leitura são aqueles que o Pc pode confrontar mais facilmente. Quando o item de maior leitura é manejado, continuamos para o próximo item com maior leitura (e assim por diante) até todos os itens com reação terem sido manejados. Este mesmo princípio aplica-se a toda a audição de NED. Apanhamos as áreas de maior leitura e manejamo-las primeiro.

Podemos achar que há algo errado plenamente visível com o preclaro, como uma perna partida, contudo pode não ler absolutamente nada. Em vez disso o e-metro lê numa dor no braço. Executamos as ações standard de manejar os itens que o e-metro lê.

Ao verificar uma lista preparada como a Lista de Preassessment, pegamos sempre no item que teve uma *F/N instantânea* em primeiro lugar seguido da próxima maior leitura.

Numa lista como a de itens de percurso, continuamos a listar até o Pc dizer “é tudo” ou termos um item com F/N. Se entrarmos em problemas logo após listar uma lista de itens de percurso num Pc e o Pc parecer perturbado e não formos auditores de Cientologia, vamos depressa buscar um auditor de Cientologia classe IV e mandamo-lo reparar a lista pois ela pode ter-se convertido numa lista de Cientologia, por erro ou inépcia do auditor para ler o e-metro, por perder uma leitura, ou seja o que for.

As leis de Listagem e Anulação aplicam-se sempre às listas de Cientologia, e por vezes em raras ocasiões aplicam-se a uma lista de Dianética, e nestes casos podem provocar sarilhos.

Listar para um **item de percurso** na lista de itens de percurso não provoca usualmente sarilhos pois ela já é tirada numa Lista de Preassessment e não é uma questão muito geral.

Isto é deixar de seguir exatamente o assessment de NED e o procedimento R3RA, ou deixar de apagar o básico numa cadeia, é quase tudo o que nos pode meter em problemas.

Reveja a Série NED 1R sobre o que se espera dum estudante.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 14 SETEMBRO de 1971R

Rev. 19 Jul. 78

Remimeo

Também Texto de Dn

Série C/S 59R

ERROS de LISTAGEM de DIANÉTICA

Pode acontecer que uma lista de Dianética de somáticos, dores, emoções e atitudes possa agir como uma lista sob o signo das Leis Listar e Nulificar segundo o HCOB 1 Ago 68.

As mais violentas Quebras de ARC de sessão ocorrem por causa de erros de listagem sob o signo de L&N. Outras Quebras de ARC em sessão, mesmo de withholds, não são tão violentas quanto as que ocorrem por causa de erros de listagem.

Por isso, quando uma violenta perturbação de sessão ou mesmo uma “total-apatia-sem resposta” tiver ocorrido em Dianética, temos que suspeitar de que o preclaro está a reagir segundo as leis de L&N e de que ele considera que esse erro terá sido cometido.

A ação de reparação é verificar a lista preparada que retifica erros de listagem. Ou seja, a L4BRA, HCOB 15 Dez 68 emendada a 18 Mar 71.

“Em listas de Dianética ____?” é usado como prefixo de cada uma das suas perguntas, quando empregada para este propósito.

Quando um Pc não se deu bem em Dianética e não pode ser encontrada nenhuma outra razão, o C/S deve suspeitar de algum erro de listagem e mandar fazer uma L4BRA com “Em Listas de Dianética” no início de cada pergunta.

Cada leitura obtida na lista é levada a E/S até F/N segundo HCOB 14 Mar 71, “Tudo até F/N”, ou de preferência encontrar a lista na pasta e maneja-la devidamente conforme as leituras da L4BRA.

As listas de Dianética podem ser levadas a um item que dá BD e F/N.

Isto não significa que o item encontrado esteja agora completamente limpo. Embora tenha flutuado, necessitará na maioria dos casos ser percorrido em engramas e/ou secundários (R3RA Quad) para apagamento e completos fenómenos finais de Dianética. (Ref: Série NED 1 a 18).

Um C/S deve estar alerta para o facto de:

- (a) Transtornos extremos e apatia profunda são quase sempre erros de listagem.
- (b) Uma lista de Dianética poder ser considerada uma lista formal e comportar-se como tal.
- (c) A L4BRA é a lista de correção usada em tais casos.
- (d) As Leis de L&N, HCOB 1 Ago 68, podem às vezes aplicar-se às listas de Dianética.

Muito poucas listas de Dianética se comportam deste modo, mas quando o fazem devem ser manejadas conforme acima.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 20 DE JULHO DE 1978

Série NED 18

ITENS DEPOIS DO FACTO

Por vezes temos problemas com um tipo particular de item de percurso.

Ele é conhecido como “**item depois do facto**”.

Primeiro, porque é que conseguimos apagar só porque pedimos inícios anteriores ou Anteriores Semelhantes? Porque a mente do thetan, no que respeita a imagens, está em paralelo com a banda do tempo.

Coisas *recentes* ficam penduradas quando existem coisas tipo *anteriores*.

Por alguma razão melhor conhecida dos thetans, temos que obter a coisa tipo anterior antes de poder apagar a coisa tipo recente.

Isto está contido na R3RA.

Mas o que LÁ não está contido é evitar que o Pc nos dê um item de percurso “depois do facto”.

Um item de percurso “depois do facto” é aquele que tem claramente uma coisa anterior, que, contudo, só pelo seu fraseado, o impede de alcançar essa coisa anterior.

Um exemplo de um item depois do facto é “repressão”

Agora, algo teve claramente que ter acontecido *antes* para haver algo reprimido.

O Pc começa a percorrer devidamente “sentir-se reprimido”. Mas o que aconteceu que o causou não faz parte do item. Assim ele força o percurso tarde no incidente.

Exemplo: “sentir-se triste com hospitais”.

Isto situa-o em hospitais, mas não lhe permite percorrer o que o mandou para lá.

O item é *depois do facto* de ter sido atropelado.

A maneira como se percorre o Item de percurso “depois do facto” é:

1. Aprender a reconhecê-lo.
2. Não escolher um item fora da lista de itens de percurso. Escolher qualquer outra coisa que leia.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 19 DE JULHO DE 1978

NED Série 17

F/Ns PERSISTENTES DE DIANÉTICA

Se o item original não se foi completamente embora, podemos entrar numa condição em que o Pc tem uma F/N persistente em relação a ele, mas ainda lá ficou um pouco que não dá mais nada a não ser F/Ns.

O que podemos fazer neste caso é:

1. Tirar o pc da audição durante alguns dias em que a F/N persistente se desvanecerá e o ambiente restimulará alguma coisa, e então continuar com o assessment ou com esse item original, ou,
2. Continuar com algum outro item original com *leitura* e fazer uma grande e clara anotação no programa do Pc para voltar àquele item original depois de ter percorrido alguns outros itens originais no caso.

Se formos parados por uma F/N persistente e alguma condição ainda persistir, não usamos uma F/N como desculpa para não voltar ao item original!

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCOB DE 3 DE DEZEMBRO DE 1978

Todos os Auditores

Todos os C/Ses

Checksheet NED

FLUXOS SEM LEITURA

Referências: HCOB 5 Ago 78

HCOB 25 Maio 62

HCOB 28 Fevereiro 71

HCOB 8 Jun. 61

HCOB 27 Maio 70R

Rev. 3.12.78

LEITURAS INSTANTÂNEAS

LEITURAS INSTANTÂNEAS DO E-METRO

Série C/S 24 METRIA DE ITENS REAGENTES

OBSERVAÇÃO DO E-METRO

PERGUNTAS E ITENS SEM LEITURA

A LEITURA DE CADA FLUXO DE UM ITEM OU PERGUNTA É CONFERIDA ANTES DE A CORRER. NÃO SÃO CORRIDOS FLUXOS SEM LEITURA.

Uma das leis administrativas da audição é que você não corre itens sem leitura. Não importa o que esteja a auditar. Você não corre itens sem leitura. E não corre fluxos sem leitura. Você não corre nada sem leitura. Jamais. Por nenhuma razão.

A audição é apontada à reatividade. Você corre o que reage no e-metro porque reage, e faz por isso parte da mente reativa. Uma leitura significa que há carga presente e disponível para correr. Correr itens, fluxos e perguntas *com leitura* é a única maneira de melhorar um Pc. Este é nosso propósito em audição. Correr fluxos, etc. sem leitura exige do Pc correr respostas “analíticas” ou “correr” coisas que não estão lá, ou pôr lá alguma coisa para “correr”.

A maior parte dos apuros em que você pode meter um Pc é correr itens ou fluxos sem carga. É que um auditor, sentar-se em sessão a observar um e-metro que não leu olhando para o Pc expectante por uma resposta a uma pergunta, fluxo ou item sem carga, é um GAE e afundará casos mais depressa do que qualquer outra coisa que possa fazer.

Logo tem que conferir perguntas, fluxos ou itens antes de correr qualquer coisa. Se não ler você diz só: “obrigado” e continua para o próximo. Você usaria, é claro, os botões para assegurar que nada foi suprimido, invalidado ou mal-entendido antes de deixar um item, fluxo ou pergunta sem leitura.

Esta é provavelmente uma das razões por que foi observado que eu posso auditar um Pc durante 2 ½ horas e obter o mesmo resultado que outro auditor em 25 horas. Não há nada misterioso nisto. Eu nunca corro um Pc em coisas que não estão carregadas. E não perco leituras.

Eu não espero menos de você.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Erro! Marcador não definido.

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

BOLETIM DO HCO DE 22 DE JULHO DE 1978

Remimeo

Todos os Auditores

TRs DE ASSESSMENT

A forma correta de fazer um assessment é fazer a pergunta ao pc num tom de voz interrogativa.

Ao fazer um assessment alguns auditores transformaram as perguntas em afirmações.

Uma curva descendente no final de uma pergunta de assessment contribui para a tornar numa afirmação. O tom de voz das perguntas deve subir no final.



Um remédio para este mal é observar uma conversação vulgar. Fazendo algumas perguntas normais e algumas afirmações também normais, veremos que o tom de voz desce nas afirmações.

Fazer assessment com o tom de voz afirmativo em vez de interrogativo resulta em avaliação para o pc. O pc sente-se acusado ou avaliado mais do que assessorado e o auditor e o auditor pode obter uma quantidade de leituras falsas ou de protesto.

O tom de voz é tudo. Os auditores devem ser exercitados a fazer as perguntas. As perguntas de assessment têm uma curva ascendente.

Estão a ver?

Então exercitem-no

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB 17 JULHO 1969RB

Remimeo

Cursos de DN Re-Rev. 4 Set. 78

(Ver também HCOB 31 Mar 70

NOTAS SOBRE TRs DE DIANÉTICA)

EXERCÍCIOS DE TREINO DOS COMANDOS DE NOVA ERA DIANÉTICA

Mediante investigação recente descobriu-se que os Exercícios de Treino de Dianética (101, 102, 103 e 104) conforme por mim desenvolvidos originalmente em 1969 foram postos fora do curso de Dianética.

Por isso estes exercícios são aqui reemitidos para uso pleno e a seguinte lista de HCOBs e de BTBs é, pelo presente, cancelado.

BTB 10 Dez 74 IV, CANCELAMENTOS DE BOLETINS 1969, cancela o BTB 17 Jul. 69, EXERCÍCIOS DE TREINO DOS COMANDOS DE DIANÉTICA 101 & 102, também cancela o BTB 21 Ago. 69, TR 104 NOTA: estes cancelamentos são corretos.

Também os seguintes BTBs são agora cancelados.

BTB 17 Jul. 69, Rev. 19.2.74, Reemit 3.12.76, cancela e revê o HCOB 17 Jul. 69. EXERCÍCIOS DE TREINO DOS COMANDOS DE DIANÉTICA 101 & 102.

BTB 20 MAIO 70 (emitido 28 Mar 74 como BTB) cancela o HCOB 20 Maio 70 (cancela o HCOB 21 Ago. 69 e 15 Jan. 70 e 31 Mar 70).

NOTA: o HCOB 20 Maio 70, TR 103, 104 RUNDOWN, continua cancelado.

HCOB 21 Ago. 69, TR 104 NOTA, continua cancelado.

HCOB 31 Mar 70 NOTAS SOBRE TRs DE DIANÉTICA *não está cancelado*. Este boletim foi emitido por mim próprio.

TRs 101, 102, 103 E 104

Os erros mais comuns cometidos pelos estudantes auditores durante a sessão é esquecer e usar mal a sequência dos comandos ou o procedimento ou fazer coisas estranhas porque se enervam. Os exercícios seguintes são anexados ao Curso de Nova Era Dianética para manejar isto. Os exercícios devem ser feitos minuciosamente.

TR100 E TR 100A

O Preassessment é um passo vital do procedimento de Nova Era Dianética.

Os benefícios auferíveis com a Nova Era Dianética exigem que o auditor seja capaz de fazer um Preassessment impecável de itens originais a partir das folhas de assessment e RDs da Nova Era Dianética.

Os TRs 100 e 100A foram postos no Curso de Nova Era Dianética para assegurar que o estudante pode aplicar o procedimento de Preassessment no TR104 e na sua audição.

TR100

NOME: Procedimento de Preassessment numa Boneca.



COMANDOS: Todos os comandos do procedimento conforme NED Séries 4, ASSESSMENT E COMO OBTER O ITEM, e NED Séries 4-1, A LISTA DE PREASSESSMENT.

POSIÇÃO: Estudante sentado a uma mesa com E-Metro e a Lista de Preassessment. Na cadeira oposta ao estudante está uma boneca ocupando a posição do pc.

PROPÓSITO: Familiarizar o estudante com a entrega e uso da Lista de Preassessment.

REALCE DO TREINO: Neste exercício o estudante não é treinado. Ele prepara o E-Metro e a Lista de Preassessment exatamente com em sessão. Começa o assessment e dá um Preassessment completo à boneca, mantendo toda a Admin e usando todos os procedimentos standard de NED Séries 4 a fim de obter itens para percorrer.

O estudante usa termos sem sentido ou inofensivos com item original. Então entrega um Preassessment sobre isso.

O estudante depois seleciona um item de Preassessment da Lista de Preassessment e pergunta:

“Que (item de Preassessment) estão ligados a (item original)?”.

O exercício é passado quando o estudante pode fazê-lo impecavelmente com bons TRs de assessment, procedimento e comandos corretos, sem atrasos de comunicação ou confusão, e pode manter a apropriada Admin de assessment.

TR 100A

NOME: Preassessment numa Boneca, treinado.

COMANDOS: Os mesmos do TR 100.

POSIÇÃO: A mesma do TR 100, com o treinador a segurar nas latas do E-Metro e sentado ao lado do estudante. O treinador fornece ao estudante itens sem sentido e inofensivos e aperta as latas para simular leituras no E-Metro.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a entregar e usar o procedimento de Preassessment.

REALCE DO TREINO: O treinador fornece uma lista de itens originais como se fosse de RDs de Nova Era Dianética ou de folhas de assessment. O estudante deve escolher o item original de maior leitura e fazer uma Lista de Preassessment à boneca sobre esse item. Todas as leituras do Preassessment têm que ser corretamente notadas e marcadas. O estudante deve então selecionar o item correto de Preassessment para listar para o item de percurso e fazer a pergunta correta.

À medida que o treinador dá itens de percurso, o estudante tem que os escrever rigorosamente com as respectivas leituras. Então tem que selecionar aqueles que irá percorrer na R3RA Quad e por que ordem.

O estudante tem que voltar a fazer o assessment e estender a lista de itens de percurso e usar os botões Suprimir e Invalidar conforme necessário até a lista se esgotar.

O estudante tem então que voltar a fazer o assessment da Lista de Preassessment, encontrar o próximo item de Preassessment e manejar.

São dados Flunks por quaisquer TRs fora na boneca, quaisquer leituras incorretamente marcadas, falta ou alteração de algum item, ou alguma seleção incorreta dum item.

Realce na capacidade do estudante para fazer a distinção entre um item que requer Preassessment e outro que não. O estudante não deve tentar percorrer drogas, medicamentos, termos médicos ou somáticos múltiplos.

O exercício é passado quando o estudante pode fazer o procedimento de Preassessment completo com bons TRs, comandos apropriados, sem atrasos de comunicação ou confusão, e pode manter a apropriada Admin de assessment.

TR 101

NOME: R3RA para uma Parede.



COMANDOS: os comandos da R3RA incluindo os comandos de incidente anterior e anterior semelhante.

POSICÃO: Estudante virado para uma parede.

PROPÓSITO: Capacitar o estudante a dar todos os comandos da R3RA rigorosamente, pela ordem correta sem hesitação ou ter que pensar qual será o próximo comando.

REALCE DO TREINO: Este exercício não é treinado. O estudante senta-se em frente de uma parede com uma cópia do boletim da R3RA no colo. O estudante dá os comandos por ordem, para a parede mantendo bom TR0 e TR1. Quando o estudante hesita ou não tem a certeza do próximo comando, lê os comandos no boletim e continua a dar os comandos para a parede. Quando o estudante pode com confiança dar *todos* os comandos possíveis da R3RA rigorosamente sem o mais pequeno atraso, passou este exercício.

TR 102

NOME: Auditar uma boneca.

COMANDOS: Todos os comandos da R3RA e procedimentos de Nova Era Dianética exceto o procedimento de Preassessment.

POSICÃO: Estudante sentado a uma mesa com E-Metro e Folhas de Relatório do Auditor. Na cadeira oposta ao estudante está uma boneca ocupando a posição do pc.

PROPÓSITO: Familiarizar o estudante com os materiais de audição coordenar e aplicar os comandos e procedimentos de Nova Era Dianética numa sessão de audição.

REALCE DO TREINO: Neste exercício o estudante não é treinado. O estudante prepara o e-metro e folhas de trabalho exatamente como para uma sessão. Ele começa a sessão e dá à boneca uma sessão de Nova Era Dianética mantendo toda a Admin de sessão e usando todos os procedimentos standard de Nova Era Dianética.

O exercício é passado quando o estudante é capaz de exercitar impecavelmente com bons TRs 0-4 o procedimento correto e comandos, sem atrasos ou confusões, e pode manter a apropriada Admin, incluindo folhas de trabalho, Relatório do Auditor e Relatório Sumário.

Todos os comandos da R3RA do TR 101 são de novo aqui usados. A Admin deve comunicar adequadamente o comando usado.

TR 103

NOME: Audição numa Boneca, Treinado.

COMANDOS: Todos os comandos da R3RA e procedimentos de Nova Era Dianética exceto o procedimento de Preassessment.

POSICÃO: A mesma do TR 102, exceto que o treinador se senta ao lado do estudante fazendo a chamada de números dos comandos e situações e o estudante a segui-los e mantendo Admin e e-metro.

PROPÓSITO: Dar ao estudante toda a certeza no uso dos comandos da R3RA apesar de qualquer distração.

REALCE DO TREINO: O treinador faz a chamada de comandos à toa dizendo a letra ou número do comando ou a situação dizendo “sólido”, “a apagar”, “sólido, mas nada anterior”. O estudante dirige para a boneca o comando ou ação correta, maneja e-metro e Admin. O treinador também usa respostas do pc tais como “É tudo”, “Não consigo encontrar nenhum”, etc. Estas coisas são ditas de enfiada e por qualquer ordem. O treinador entra com um gradiente, aumentando gradualmente a rapidez do exercício e tornando-se mais severo nos Flunks por quaisquer atrasos, incertezas, por andar à procura dos comandos ou por quebra dos TRs 0-4. Se o estudante fica demasiado confuso, o treinador provavelmente utilizou um gradiente muito íngreme dando ao estudante perdas demais. Em tais circunstâncias, mandamos o estudante passar os comandos numa sequência apropriada umas poucas de vezes e então continuamos com os comandos à toa construindo o exercício num gradiente.



O uso do comando correto (incluindo os de manejar ressaltadores, de conferir o apagamento e de conferir os postulados, assim como o procedimento correto da narrativa) é exigido no ponto apropriado.

TR 104

NOME: R3RA treinado e com provocação.

COMANDOS: Todos os comandos e procedimentos da R3RA.

POSICÃO: A mesma que para auditar uma boneca (TR 102), com o treinador sentado ao lado do estudante e um provocador como “pc” em frente do estudante em vez da boneca.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a entregar uma sessão standard com os comandos e procedimentos corretos sem aditivos de qualquer tipo apesar de distrações.

REALCE DO TREINO: O exercício é o mesmo que par auditar a boneca exceto que o treinador “pc” provoca o estudante auditor durante a sessão numa tentativa de atirar com ele para fora da sessão enquanto o segundo treinador faz a chamada dos números dos TRs como no TR 103. São dados Flunks por quaisquer comandos, procedimentos, atrasos, quebras nos TRs ou Admin de sessão impróprios. O segundo treinador dá o “Começo”, os Flunks ou “Acabou”. Se o estudante não está a conseguir passar o grau volta atrás ao TR que está fora. Este exercício é treinado no duro e só passado quando o estudante está completamente competente, exato e correto em todos os comandos, procedimentos, ações de audição, e Admin da sessão com excelentes TRs e sem a mais pequena variação nem aditivos à Nova Era Dianética.

O treinador assegura que estudante tenha uma certeza total na aplicação de todos os comandos e sequências da R3RA, incluindo manejar ressaltadores, conferir apagamentos, conferir postulados e manejar incidentes narrativos.

O procedimento de Preassessment tem também que ser corretamente e exatamente aplicado numa sessão.

Estes exercícios foram por mim desenvolvidos em Julho de 1969 quando se verificou que todas as sessões fracassadas resultaram de audição não standard, sendo os principais erros uma incapacidade para dar o próximo comando, esquecer-se dos comandos em sessão ou dar um comando errado.

Novos exercícios foram adicionados e os existentes foram revistos para incluir exercitar a utilização das novas descobertas da Nova Era Dianética em 1978.

L. RON HUBBARD

Fundador



SECÇÃO SETE - EXERCÍCIOS DE COMANDOS DE DIANÉTICA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

Remimeo

Checksheets Dn

HCO B 31 MARÇO 1970

URGENTE

NOTAS SOBRE OS TRS DE DIANÉTICA

(Cancela HCO B 15 JAN. 70 III, TR 104, escrito por outro)

Para evitar a restimulação do treinador ao fazer o TR 104 e 103, favor notar o seguinte:

1. No TR 103 a 'sessão' é entre o ESTUDANTE e a BONECA. Os TRs são feitos na BONECA não no treinador.
2. No TR 103 o treinador não é obrigado a responder a todos os comandos; ele pode responder ou não. Se não responder o estudante assume que a BONECA o fez e procede em conformidade.
3. No TR 103 e 104 NUNCA dar datas e durações como treinador em unidades de TEMPO verdadeiras; usamos qualquer outra coisa. '4 figos', '2 batatas', 'crina de cavalo' são perfeitamente boas 'datas' para fins de treino ou em provocação.
4. Do mesmo modo nunca usamos somáticos reais para treinar ou provocar no TR 103 e 104; usamos termos sem sentido ou inofensivos.
5. No TR 103 o treinador ocupa a posição do provocador que introduz distrações, provocação e comentários destrutivos na 'sessão' entre o estudante e a boneca. Ele pode fazer perguntas pela boneca ao que o estudante tem que se conformar; mas o treinador não faz o papel do 'pc' num conjunto real de comandos de processo!

Também, notem por favor que a POSIÇÃO do treinador no TR 104 e TR 103, é *ao lado* do estudante, não à sua frente.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÃO HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOB DE 7 DE MARÇO DE 1975

EXTERIORIZAR E TERMINAR A SESSÃO

Quando o Pc exterioriza numa boa vitória em sessão ou se o Pc tem uma grande vitória habitualmente seguida de uma F/N persistente a ação usual é terminar a sessão.

Ao terminar a sessão nestas circunstâncias o Auditor não deve fazer nenhuma outra ação para além de terminar a sessão suavemente.

Isto inclui “dizer ou perguntar?”, percorrer havingness ou qualquer outra coisa que não seja terminar a sessão suavemente.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



SECÇÃO OITO - ASSISTÊNCIAS DE DIANÉTICA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 5 DE JULHO DE 1971RB

Rev. 20 Set 78

Série C/S 49RB

ASSISTÊNCIAS

Existem três tipos de Assistências.

A saber:

1. Assistência de Contacto.
2. Assistência de Toque.
3. Assistência de Dianética.

Eles são completamente diferentes entre si.

São MUITO eficazes quando bem feitos.

Clears, OTs e Clears de Dianética podem ser percorridos em NED para OTs, Assistências de Contacto e Assistências de Toque. É proibido, contudo, correr Dianética num Clear ou acima. (Ref. HCOB 12 Set. 78R, DIANÉTICA PROIBIDA EM CLEARS E OTs)

Um *preclaro* com uma lesão grave ou doença pode e DEVE ser corrido em todos três.

Se o manejo é logo a seguir à lesão, as queimaduras não empolam, as fraturas curam em poucos dias, as feridas atenuam.

Mas para obter tais resultados é necessário que C/S e auditor, ou só o auditor, saibam e RESPEITEM a Tech de Assistência. É muito frequente fazê-los à pressa, só um deles e não até EP.

Toda a Assistência deve terminar com F/N (no Examinador ou verificada no E-Metro).

ASSISTÊNCIA DE CONTACTO

É feita fora do E-Metro no local do universo mest onde se deu a lesão. EP: a dor passou. Cog. F/N.

Ver O HCOB 9 Out. 67RA, ASSISTÊNCIA DE CONTACTO.

ASSISTÊNCIA DE DIANÉTICA

Feita em sessão no E-Metro. EP: a dor passou. Cog. F/N.

Ver HCOBs:

12 Maio 69 II	PCs E POTs FISICAMENTE DOENTES
24 Abr. 69RA	O USO DA DIANÉTICA
14 Maio 69	DOENÇA
23 Maio 69R	SESSÕES IRREGULARES DE AUDIÇÃO, NARRATIVA VERSUS CADEIAS DE SOMÁTICOS
24 Jul. 69	PCs SERIAMENTE DOENTES
27 Jul. 79	ANTIBIÓTICOS
15 Jan. 70	AS APLICAÇÕES DA AUDIÇÃO



21 Jun. 70	Série C/S 9, Série KSW, 10 AÇÕES SUPERFICIAIS
8 Mar. 71R	Série C/S 29R AÇÕES DE CASO, ASSISTÊNCIAS FORA DAS LINHAS
23 Jul. 71R	ASSISTÊNCIAS
2 Abr. 69RA	ASSISTÊNCIAS DE DIANÉTICA
11 Jul. 73RB	SUMÁRIO DE ASSISTÊNCIAS
4 Abr. 71-RC	USO DE QUAD EM DIANÉTICA

Boletins da séries de Nova Era Dianética.

ASSISTÊNCIA DO TOQUE

Feito no corpo do Pc, fora do e-metro, por um auditor. EP - a dor passou. Cog. F/N.

Ver HCOBs:

2 Abr. 69RA	ASSISTÊNCIAS DE DIANÉTICA
23 Jul. 71R	ASSISTÊNCIAS
7 Abr. 72RA	ASSISTÊNCIAS DE TOQUE, OS CORRETOS
25 Ago. 87II	ASSISTÊNCIAS DE TOQUE, MAIS SOBRE,
9 Out. 67ra	ASSISTÊNCIAS DE CONTACTO

PC INCONSCIENTE

Um Pc inconsciente pode ser auditado fora do e-metro pegando-lhe na mão e mandando-o tocar em coisas próximas como almofada, chão, etc., ou corpo, sem magoar a parte lesionada.

Uma pessoa em coma há meses pode ser trazida de volta fazendo isto diariamente.

Combinamos com eles um sinal de mão dizendo: “aperta a minha mão duas vezes para ‘Sim’ e uma vez para ‘Não’”, e podemos chegar a eles fazendo perguntas e obtendo respostas ‘Sim’ ou ‘Não’ da mão. Usualmente com isto respondem, mesmo que ao-de-leve, mesmo estando inconscientes.

Quando a pessoa ESTÁ consciente de novo, podemos fazer as Assistências.

Ver HCOB 15 Ago. 87, ASSISTÊNCIA A UMA PESSOA INCONSCIENTE

REGRAS DE PRIMEIROS SOCORROS APLICADAS A PESSOA LESIONADAS.

AO MANDAR TOCAR NUMA COISA EM MOVIMENTO, PARAMO-LA ANTES.

AO MANDAR TOCAR COISAS QUENTES, ARREFECAMO-LAS ANTES.

SEMPRE QUE POSSÍVEL, NUMA ASSISTÊNCIA DE CONTACTO, MANDAMO-LOS PEGAR NAS COISAS EM QUE ESTAVAM A PEGAR, SE É QUE ESTAVAM.

SE DEPOIS DE UMA ASSISTÊNCIA DE TOQUE OU DE CONTACTO NÃO DER F/N NO EXAME VERIFICAMOS O/R, E SE NÃO DER F/N LEVAMO-LO E COMPLETAMOS A ASSISTÊNCIA.

AS ASSISTÊNCIAS DE DIANÉTICA PODEM SER PERCORRIDAS QUAD.

Isto é uma técnica importante. Ela poupa dores e vidas. Saibamo-la e utilizemo-la.

L. RON HUBBARD



Fundador



BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO

9 de OUTUBRO de 1967R

CANCELA & REVÊ HCOB 9 OUT 1969

Remimeo

ASSISTÊNCIAS PARA LESÕES

Não corra uma assistência de toque quando o ponto exato está disponível para uma ASSISTÊNCIA de CONTACTO. (Para lesão severa veja HCOB 5 Julho 71 Serie C/S 49 „Assistências”).

Numa ASSISTÊNCIA DE CONTACTO leve a pessoa ao ponto exato onde o acidente ocorreu. Então mande-a duplicar exatamente o que aconteceu na ocasião do incidente.

Por exemplo, se ele bateu com a cabeça num tubo, mande-o passar pela ação de pôr a cabeça dele contra o ponto exato do tubo, e também o tubo contra o ponto exato da cabeça dele. Ele deverá estar a duplicar a coisa toda. Quer dizer, o resto do corpo dele deverá estar na posição em que estava na ocasião do acidente. Se o objeto estiver quente deixe-o arrefecer primeiro. Se a corrente estivesse ligada você desliga-a antes de fazer a Assistência.

Se ele tivesse um utensílio na mão, ou estivesse a usá-lo, deveria atravessar os mesmos movimentos com ele.

Mande a pessoa repetir isto várias vezes até que o somático ocorra outra vez. Isso ocorrerá e voará quando ele duplicar a coisa exatamente.

Pergunte-lhe como vai, se o somático ocorreu. Acabe quando obtiver estes fenômenos ligando-o e estoi-rando-o.

Se o ponto não estiver disponível, você faz uma ASSISTÊNCIA de TOQUE. Isto é corrido em ambos os lados do corpo. É corrido até a dor desaparecer, Cog, F/N, segundo LRH HCOB 5 JULHO 71 „ASSIS-TÊNCIAS”

É corrido ao redor da lesão especialmente abaixo da lesão; i.e., mais longe da cabeça do que a lesão.

É uma boa ideia mandar a pessoa fechar os olhos para que definitivamente esteja a olhar „através de” as áreas da lesão a fim de saber que você lhe está a tocar.

Use só um comando simples como: „Sente o meu dedo. Obrigado”.

Antes de ou depois da Assistência, dependendo da seriedade da lesão, faça o relatório da lesão para o Oficial Médico. Faça também um relatório da Assistência, extensão de tempo, somáticos, natureza da lesão, como foi corrida e em quem.

Revisto & Reeditado como BTB
por FMO 1234
I/C CPO Andrea Lewis
2º Molly Harlow
Autorizado por AVU
para o conselho de diretores DAS
IGREJAS DE CIENTOLOGIA

BDGS:LRH:RS:LG:rs



BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO

7 DE ABRIL DE 1972R

(Rev. e Reemit. 2 Jun. 74 como BTB)

CANCELA

BOLETIM HCO 7 ABRIL 1972

MESMO TÍTULO

AS ASSISTÊNCIAS DE TOQUE CORRETAS

Refs.

HCOB 14 Maio 69	DOENÇA
HCOB 2 Jan. 81	AUDIÇÃO ILEGAL
HCOB 5 Jul. 71 RB	Série C/S 49rb ASSISTÊNCIAS
Rev. 20.9.78	
HCOB 25 Ago. 87 II	ASSISTÊNCIAS DE TOQUE, MAIS SOBRE
Cancela:	
BTB 7 Abr. 72R	ASSISTÊNCIAS DE TOQUE CORRETAS.

Os HCOBs de Assistências de Toque estão suficientemente corretos quanto aos dados. No passado muitos foram escritos por outros que não eu.

De acordo com isto, para corrigir certas incorreções E OBTER SEMPRE RESULTADOS REAIS, dei uma demonstração correta aos Oficiais Médicos em Flag. Também lhes foi dito por outrem que era preciso luz verde do Supervisor de Caso, e por outrem que tinha que ser do conhecimento dum Auditor Classe IV. Ambos estes dados eram falsos e foram cancelados.

Tendo eu sido agora alertado para o facto de que os estudantes que o aprendem o fazem por todo o corpo duma boneca sem a ideia de equilíbrio, quero assegurar que os dados corretos sejam conhecidos para que esta Tech, tão *poderosa* quando CORRETAMENTE APLICADA, seja melhor compreendida quanto à sua exata utilização.

Não conheço melhor forma de dar a cena real do que publicar estas notas corretas tiradas por um dos Oficiais Médicos durante a demonstração.

PALESTRA DE LRH AOS OFICIAIS MÉDICOS DE FLAG SOBRE ASSISTÊNCIAS DE TOQUE COM DEMONSTRAÇÃO

Em assistências, quando falamos com pessoal médico, falamos em termos de restabelecer a comunicação nos canais, sanguíneos e nervosos. Observei recentemente que ninguém estava a dar Assistências de Toque corretas. Por isso quero mostrar-vos como obter resultados reais.

Os *erros* “normais” numa Assistência de Toque são: (1) *não* ir às extremidades, (2) *não* equilibrar os dois lados, (3) *não* ir até ao fim (ir só até alívio), (4) *não* o repetir no dia seguinte se necessário.



Uma pessoa dá uma topada com o dedo grande do pé e é no dedo grande do outro lado que a pancada fica bloqueada. Existe um equilíbrio da energia nervosa do corpo em 12 canais nervosos que sobem e descem ao longo da espinha. O tipo de energia do corpo anda à velocidade de 3 metros por segundo.

A energia provocada pelo choque forma uma onda estacionária no corpo.

O cérebro é apenas um amortecedor de choque. Ele absorve o choque duma grande quantidade de energia. A neuro-sinapse é uma descontinuidade.

Uma onda numa direção provocará a reação de uma onda noutra direção. No sistema simpático a onda é bloqueada dos dois lados do corpo. Por isso uma Assistência de Toque é completamente feita em *ambos* os lados. Vamos aos dois lados e desbloqueamos a onda estacionária. O propósito duma Assistência de Toque é desbloquear as ondas estacionárias, pequenas *cristas* eletrônicas de uma energia nervosa que não está a fluir como deve ser.

Podemos desbloquear um impulso na perna e ele ir pela espinha acima e bloquear lá. É onde o quiroprático cura as pessoas. Mas os nervos estão a “dizer aos músculos” para manter o osso fora do lugar.

Um choque coloca, através dos nervos, um comando permanente num conjunto de músculos, todos eles “comandos” diferentes emanados do choque. O sistema funciona através de paragens a fim de tentar sustentar esse choque. Na verdade, vai do nervo para o músculo, para o osso.

Uma leve massagem ao longo dos canais nervosos desbloqueia os músculos permitindo ao osso voltar para o seu lugar. Desbloqueamos assim os canais nervosos.

O truque está nas ondas estacionárias. À medida que atravessa o corpo, a onda é travada em cada articulação. Em cada articulação há células encefálicas a absorver o choque.

A inércia: quando uma carga suficientemente pesada atravessa um nervo, este barra a sua passagem e a carga acumula-se. Uma Assistência de Toque restabelecerá o fluxo, e a dor suspensa, o frio, as cargas elétricas e comandos musculares, soltam-se.

O ímpeto do choque demolirá um nervo em grande volume, tudo isto acumulando nódulos de ondas estacionárias por todo o corpo, tentando parar o impulso nervoso. O nervo entra em apatia com o enorme volume do impulso. Como 10.000 voltas num pequeno fio... algo acontece.

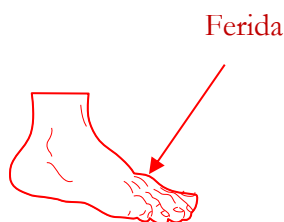
Com audição estamos de novo a trazer o nervo “desde apatia” pela escala de tom acima. Como passar a apatia do nervo através da explosão da dor. Assim a Assistência de Toque é dada em sessões curtas e sempre equilibradas.

No início poderemos apenas obter uma consciência da área, depois talvez ao fim da terceira ou quarta Assistência (terceiro ou quarto, ou muitos mais dias, com uma Assistência por dia) um grande estremeção o atravessará.

O ciclo de comunicação não é tão importante na Assistência de Toque como na audição de thetan. Mas tem que estar presente. Aqui estamos a lidar com o corpo. Cada vez que damos o comando, obtemos a resposta do paciente e acusamos-lhe a receção.

DEMO DE ASSISTÊNCIA DADO A ARTUR HUBBARD

(O Artur tinha uma ferida no pé direito, do lado direito no lugar do joanete, ferida essa que não sarou rapidamente. Ver desenho abaixo.





Nós apanhamos o tipo por onde estiver disponível. [O Artur estava sentado numa cadeira com as pernas esticadas e os pés nos joelhos de LRH (um pé em cada joelho), e as palmas das mãos do Artur nas canelas. O Artur estava confortável. LRH perguntou-lhe se estava confortável].

O objetivo desta Assistência de Toque é a dor numa ferida lateral no pé. A extremidade é a ponta do dedo grande do pé. Ambas as mãos e especialmente as pontas dos dedos são também extremidades. Trata-se de um sistema simpático.

Numa Assistência temos que ir às extremidades correspondentes.

(Fator R) Vou tocar-te assim (LRH toca no pé do Artur). Quando o sentires bem diz-me, está bem? O.K.

LRH: Sentes o meu dedo?

Artur: Sim.

LRH: Ótimo.

Isto foi feito *rapidamente*, alternando dum lado para o outro do corpo, um comando, resposta e acusar a receção em cada toque; a Assistência foi feita em cada um dos dedos grandes do pé para trás e para a frente da direita para a esquerda., um a um, toque num lado, toque no outro lado. Cada um dos pés, cada um dos dedos grandes, passando pelas mãos, mão esquerda e mão direita, um toque de cada vez. Isto foi feito durante alguns minutos.

LRH mandou-o então dobrar-se para chegar à espinha. O Artur disse que tinha algum torpor na parte de baixo da espinha quando LRH o interrogou sobre esta área.

LRH fez então o toque na espinha, a oito centímetros de um lado depois a oito centímetros do outro lado alternadamente, para a cabeça e à volta do pescoço e cabeça.

LRH Perguntou, “Como é que vai isso?”, Artur disse, “Melhor”, deu uma cognição sobre as suas calças serem as mesmas que usava no acidente e LRH terminou.

ESPINHA

Artur, durante a Assistência, tinha torpor na área por trás dos rins. Este é o ponto intermédio entre extremidades no sistema simpático. No futuro, se a Assistência, não tivesse sido dada, viria a ter problemas de rins.

O impulso é bloqueado na espinha, por isso temos também que manejar a espinha para libertar essa carga.

EXTREMIDADE

A extremidade está para além do ponto da lesão. Realmente, manejando a extremidade mais distante da lesão, as pernas largariam a energia bloqueada (indo à extremidade). (Durante a Assistência LRH não maneja as pernas ou braços, mas apenas os dedos grandes dos pés, os pés, mãos, dedos e costas).

ESCOLAS DE CURA

O que está mal com cada escola de cura é o facto de elas afirmarem que podem fazer todo o trabalho sozinhas. Não podem. Um exemplo disto é uma massagista Sueca dizer que pode curar uma pessoa. Mas além da massagem, digamos, a pessoa não come. Isso não faz parte da cura, por isso ela não a cura.

O busílis do médico é o diagnóstico. Está até a preparar um sistema de computador pelo país para determinar o que se passa com a pessoa. Mas eles não têm lógicas nem Séries de Dados por onde programar e assim não o vão conseguir.

Há uma grande lacuna no livro de Adelle Davis sobre dietas. Ela não fala o suficiente do iodo nas dietas, mas é isso que ativa a tiroide e que queima a comida. Por isso as suas dietas para reduzir peso nem sempre o fazem.

Se bloquearmos os campos da cura não vamos a lado nenhum.

Para curar, o médico deveria usar uma quantidade de coisas (escolas de cura) e fazer cada uma delas corretamente.



Olhemos o corpo com um ponto de interrogação na mente.

Há um “cérebro” em cada articulação. Esta é a razão por que a acupuntura funciona. Podemos paralisar toda uma área do corpo com ela tocando estes “cérebros” menores com uma agulha. Podemos também fazer outras coisas se soubermos como.

MESMERISMO

O mesmerismo não tem qualquer relação com o hipnotismo. O mesmerismo é magnetismo animal. É uma relação fisiológica. Não uma concentração mental, mas mental-fisiológica.

Tendo a ver com alguma coisa, podemos *ser* essa coisa.

O hipnotismo é a redução e absorção do poder mental da pessoa. No hipnotismo tomamos conta da pessoa. O sujeito não tem controle.

Ao executar uma cura física, se afagarmos compassivamente (dos dois lados) e alternadamente, induzindo um movimento rítmico e monótono, podemos mesmerizar uma pessoa.

No mesmerismo há uma imposição do sentir. Se mesmerizarmos uma pessoa e beliscarmos as nossas costas, ela ficará vermelha no mesmo lugar e sentirá a dor do beliscão. Isto é uma relação fisiológica. Não são ditas quaisquer palavras durante o mesmerismo.

Nas assistências *não* queremos essa relação; *evitamos* o ritmo; ao passar a mão em massagens, mantemos a pessoa a falar, mantemo-la a dizer “Sim” e nós a acusar-lhe a receção, numa Assistência Mantemo-la em comunicação connosco. É por isso que usamos o Ciclo de Comunicação ou então todo o sentir pode saltar para fora do corpo. O ciclo de comunicação *impede* a ocorrência do transe mesmérico que deixaria o paciente em ligação.

A ligação é o sentir mútuo.

Numa Assistência (1) Mantemo-nos a falar, (2) Quebramos o ritmo, (3) Terminamos. Isto é importante.

O mesmerismo é a transferência do sentir e do defeito do operador para o paciente. Uma mulher ao dar massagens calma e ritmadamente, poderia estar a passar ao seu paciente o seu quadril deslocado. Um médico com má visão pode piorar o seu paciente, ou vice versa, e, se ele tiver boa visão o paciente pode possivelmente ficar com boa visão.

Notas do Oficial Médico de Flag
Acrescentado e reemitido como BTB pela
Missão do Flag 1234
I/C: CPO Andrea Lewis
2º: Molly Harlow
Autorizado por AVU
Para os CONSELHOS DE DIRETORES
das IGREJAS DE CIENTOLOGIA

BDCS:SW:AL:MH:JD:mes.mh.rd



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 2 DE ABRIL DE 1969RA

Rev. 28 Jul. 78

ASSISTÊNCIAS DE DIANÉTICA

(Incluído nas Séries Médicas)

O Uso da Dianética pelo Médico

Há tudo a dizer para corrigir o tratamento médico ao manejar o doente e o insano.

A “insanidade” é muito frequentemente a agonia duma doença real e lesão reprimida.

“Tratar” esta agonia com choques e “operações ao cérebro” é uma ofensa tipo Nuremberga acionável como crime de mutilação ou homicídio.

O tratamento médico da “insanidade” requer do paciente alguma consciência das suas imediações e do tempo presente. Estes são usualmente insuportáveis em absoluto tendo ele por isso mergulhado no passado para escapar à agonia do presente.

A ASSISTÊNCIA DE TOQUE dada a essas pessoas lesionadas, permite a ocorrência da cura restituindo até certo ponto a pessoa ao tempo presente e suas imediações.

Pode não ocorrer rapidamente uma cura depois de tratamento médico se a pessoa “insana” ou cronicamente doente permanecer no passado, incapaz de confrontar o presente.

Assim, a Assis. de Toque acelera e permite frequentemente a cura depois do tratamento médico e, por vezes, em lesões e doenças menores, permite ao médico conseguir a cura sem posterior tratamento.

Temos a ASSISTÊNCIA DE TOQUE, a ASSISTÊNCIA DE CONTACTO, e a ASSISTÊNCIA DE AUDIÇÃO.

A Assistência de Toque, executada como descrita noutros lados, leva a atenção do paciente a áreas do corpo lesionadas ou afetadas. Quando a atenção é afastada dessas áreas, também a circulação, fluxos nervosos e energia são afastados, o que por um lado limita a nutrição dessa área e por outro impede o escoamento de produtos residuais. Alguns terapeutas antigos atribuíam fluxos e qualidades notáveis à “imposição das mãos”. Provavelmente o elemento funcional era simplesmente o aumento da consciência da área afetada e a restauração dos fatores físicos de comunicação.

A ASSISTÊNCIA de CONTACTO, sempre que pode ser feita é notável. O paciente é levado para a área onde a lesão ocorreu e o membro lesionado é posto em contacto suave com ela várias vezes. Uma dor súbita desaparece e a lesão, se menor, ou reduz ou se desvanece. Isto é uma vez mais um fator de comunicação. A parte do corpo parece ter fugido desse exato local no universo físico.

A restauração da consciência é muitas vezes necessária antes que a cura possa ocorrer.

O prolongamento de uma lesão crónica ocorre na ausência de comunicação física com a área afetada ou com o local da lesão no universo físico.

A ASSISTÊNCIA DE AUDIÇÃO é feita por um auditor treinado usando um E-Metro.

Consiste em “retirar” a experiência dolorosa, acidente, doença, operação ou choque emocional que a pessoa acabou de sofrer. Isto apaga o “trauma físico” e acelera a terapia duma maneira notável se devidamente executado.

Além das assistências temos a audição de Dianética duma pessoa com doença aguda, que maneja a doença e lesões presentes e passadas apagando o “trauma físico”.



A última é uma atividade de perícia. Os terapeutas que têm a ideia de que as coisas não têm uma causa, claro que não localizarão a causa.

Uma doença pode constar de, digamos, uma dor de cabeça, náusea, apatia e fadiga.

Tal doença pode ser estranha, sem uma razão médica.

Mandando o paciente encontrar e dizer que choque ocorreu quando o mal-estar começou, conseguindo quando e mandando-o contá-lo, a “doença” diminuirá, o estado emocional alterar-se-á. Isto é chamado “libertação de efeito”.

Encontrando depois uma instância anterior e semelhante e obtendo a data e a narrativa, pode ocorrer mais uma libertação de efeito.

Se não ocorrerem bons indicadores, sorrisos, etc. no paciente, pedimos outra vez anterior e semelhante, data e narrativa.

As pessoas fisicamente doentes dividem-se em duas classes: “doentes agudos” e “doentes crônicos”. O doente agudo está temporária ou momentaneamente doente e o doente crônico está simplesmente sempre doente.

Não percorremos processos pesados de engramas em Pcs com doenças agudas. Damos-lhe uma Assistências de Toque e arranjamos um auditor de Cientologia que lhe dê os processos da Série C/S 9, HCOB. 21 Jun. 70, secção quatro “PCs Doentes” Volume Técnico VII, pág. 89.

Procuramos não percorrer cadeias pesadas de engramas em doentes agudos pois eles não estão fisicamente dispostos a isso, não aguentam sessões suficientemente grandes para ir a algum lado com uma cadeia, e o que geralmente acontece é que o Pc se sente tonto e é deixado restimulado. Podemos dar-lhe Assistências de Toque e Processos Objetivos leves.

Num Pc doente crônico podemos começar exatamente como num Pc doente agudo, com a diferença que quando ele melhora podemos percorrer-lhe a experiência fisicamente dolorosa que acabou de sofrer com Narrativa R3RA. Depois disto podemos prosseguir com Nova Era Dianética regular.

Escusado será dizer que tudo isto requer um auditor perito, mas essa perícia pode ser adquirida num curso de Dianética.

O importante é não dizer ao paciente as causas, mas deixar que ele nos diga. De contrário o sintoma é suprimido.

A abordagem em qualquer destas assistências é silenciosa, cortês, permissiva, nunca forçando o paciente, pronunciando apenas as palavras exigidas pelo processo.

O insano temporário, por motivo de choque emocional em que não existe doença física, deve ser deixado repousar e depois manejado com uma Assistência conforme acima ou com audição normal de Dianética. A maior parte das vezes, repouso sem mais perturbação resulta num regresso à sanidade num curto período de tempo, como alguns dias, mas não numa atmosfera de terror como nos asilos psiquiátricos onde o paciente corre o risco de ser ferido ou morto. O choque elétrico prolonga a condição, e a cirurgia cerebral, claro que não é tratamento, mas assassinio, pois na melhor das hipóteses priva a pessoa da sua coordenação e na pior encurta-lhe a vida. O raro e ocasional tumor da cabeça, é claro que é uma exceção a isto, mas isto é um assunto médico e não psiquiátrico, qualquer que sejam as manifestações que a pessoa exiba. A maior parte dos doentes físicos exibem em certa medida sintomas de desarranjo mental numa determinada fase da sua doença.

A aceleração da cura médica duma doença ou lesão, tal como ossos partidos, ou os efeitos pós parto ou pós operatórios, pode ser conseguida pela audição Dianética do trauma resultante logo após tratamento ou atenção médica completa. O fator de melhoria é cerca de um terço do tempo normal de restabelecimento, segundo alguns milhares de casos testados.

Tal audição é feita segundo os procedimentos usuais de Dianética.

Além das assistências acima temos a audição regular de Dianética que maneja desconfortos crônicos e previne futuras doenças assim como melhora o bem-estar da pessoa.



Os mecanismos mentais revelados pela Dianética são de grande utilidade ao campo da medicina.

Eles são de aplicação fácil e rápida.

Cerca de um mês de treino é só o que é preciso para ensinar uma pessoa instruída e inteligente nos fundamentos e perícia necessários às assistências.

Bastante mais tempo, claro, é necessário para treinar um auditor perito em Cientologia, mas não é disto que se trata aqui.

Não existe conflito de interesses entre a profissão de Terapeuta e a Dianética. Os materiais e papelada da Dianética estão completamente disponíveis.

Existe um conflito entre a Dianética e as práticas políticas tais como a psiquiatria, uma vez que o choque elétrico, operações ao cérebro e degradação geral do paciente podem impedir o seu restabelecimento pela Dianética.

Como agora existem respostas para a insanidade, não há razão para continuar com soluções medievais ou fascistas para o problema do doente psicossomático ou do insano, e nós estamos a fazer tudo ao nosso alcance, contra uma oposição fantástica, para acabar com a tortura e morte do insano, independentemente dos fins politicamente “desejáveis” visados por alguns grupos.

A Dianética, como qualquer outro tratamento verdadeiro, como a aspirina ou a penicilina, foi originalmente concebida para manejar a causa básica da doença psicossomática. A primeira pesquisa teve a intenção de ajudar os prisioneiros de guerra aliados degradados pelos campos de concentração japoneses e chineses, e que depois do Dia V-J foram transferidos para o Hospital Naval de Oak Knoll. Mais tarde em 1954, num muito maior estado de desenvolvimento, a Dianética foi empregada com êxito para erradicar o resultado dos prisioneiros aliados da Guerra da Coreia terem sido sujeitos à lavagem ao cérebro Russa. O assunto foi melhorado, tornado mais fácil de ensinar e aplicar, e os seus resultados melhoraram continuamente ao longo de um período total de 29 anos. Em 1969 foi totalmente atualizada como Dianética Standard. Em 1978 foi de novo promovida como Nova Era Dianética. É muito exitosa e está a ser amplamente usada por todo o mundo.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 14 DE MAIO DE 1969

DOENÇA

Pode por vezes acontecer que um Pc tenha uma sessão, e três ou quatro dias mais tarde ficar fisicamente doente.

O auditor pode pensar que foi da audição. Não foi. A audição tinha que ter sido dada não standard para isto acontecer, mas não culpemos a audição.

De acordo com o meu amigo Dr. Stanley Lief, no século passado Hahnemann desenvolveu uma tecnologia terapêutica, conhecida como homeopatia, que administrava doses mínimas do medicamento. A teoria original parece ter sido que a doença ainda se encontrava no corpo e seria assim libertada. A pessoa ficaria de novo ligeiramente doente e depois recuperava permanentemente. Isto é provavelmente uma explanação pobre para todo um campo da homeopatia, e as suas técnicas básicas podem ter funcionado bem, mas foram perdidas.

De qualquer modo, o fenómeno tem aqui aplicação.

Dir-se-ia que o Quadro de Imagem Mental do incidente foi parado num “ponto fixo” e que isso se “desprenderia” se fosse desestabilizado.

Uma Assistência de Toque pode fazer isto. A pessoa pode ficar ligeiramente doente depois da primeira e depois recupera.

O que aparentemente acontece é que a cadeia de incidentes fica instável, e algum incidente onde a pessoa ficou presa durante muito tempo, escoia fisicamente. Ele completa-se a si mesmo, ou seja, termina o seu ciclo de ação.

Num hospital onde estudei, isto foi uma das coisas que observei.

A medicina por vezes não funciona num certo paciente. Funciona noutros, mas não num determinado.

Se lhe for dada atenção mental, mesmo tão ligeira e breve como a análise Freudiana, veremos que a medicina agora funcionará nessa pessoa.

Isto constituiu uma das primeiras descobertas de aplicação que eu fiz. A partir dela inferi eu que a *função controla a estrutura* e continuei a investigar ações e reações mentais no campo da doença. Daqui saiu a Dianética alguns anos mais tarde.

A terapia mental antes de 1945 era tão ineficaz, consistindo apenas da psicanálise do século dezanove e da psiquiatria Russa do Leste Europeu, que mais ninguém parece ter observado, nessa altura e agora, que os “bloqueios mentais” são capazes de obstruir o tratamento médico duma real natureza física.

A prova é que quando reduzimos ligeiramente o bloqueio mental, medicamentos como antibióticos ou hormonas serão agora eficazes, quando antes não funcionavam nalguns pacientes.

É este fator que dá ao tratamento puramente médico uma certa aparência aleatória. O paciente está “preso” nalgum ponto no tempo. Mesmo um manejo mental inadequado do indivíduo (tal como uma Assistência de Toque ou uma sessão pobre ou parcial, ou mesmo uma “má” sessão) “descola” a pessoa dum ponto congelado ou fixo.

Uma de três coisas pode agora acontecer:

1. Uma pessoa pode ser medicamente tratada da sua doença com maior eficácia.



2. A pessoa fica aparentemente doente ou mais doente dentro de três dias, mas acaba por recuperar e não fica sujeita a voltar a ter essa mesma doença.
3. Não é notado qualquer efeito posterior.

Estes dados são muito úteis para um auditor de Dianética ou para um médico. Uma pessoa pode estar doente e a doença não ceder ao tratamento usual. Pode ser feita uma audição ligeira e breve de Dianética. A medicina pode agora funcionar.

Um auditor que se dedica a fazer key-out de Elos à primeira F/N ocasionalmente verá que o seu preclaro fica doente de um mal ocasional, mas prolongado, dois ou três dias depois, o qual então “se vai embora” e nunca mais volta.

Um auditor que dá uma sessão não standard muito pobre notará que o preclaro fica ocasionalmente doente dentro de três ou quatro dias. Auditor e outros culpam a audição.

Qualquer audição é melhor do que nenhuma audição.

A Dianética Standard é muito mais poderosa do que a velha Dianética e deve ser feita apenas por auditores treinados para o fazerem com exatidão.

As sessões não standard devem ser corrigidas *o mais depressa possível*, mais precisamente dentro de dois dias, ou o preclaro poderá atravessar um ciclo de doença.

O ciclo estava há muito tempo à espera de se completar. A audição desestabilizou-o. Ele “saltou fora” fisicamente porque o Pc foi movido no tempo para o incidente em que ficou “preso”.

É necessário haver uma compreensão deste fenómeno. São dados indispensáveis. Auditamos mal um Pc, auditamos um Pc demais com F/Ns apenas nos elos, damos a um Pc demasiadas Assistências de Toque e veremos de vez em quando que o Pc ocasional fica fisicamente doente, tem febre, etc. Antes de nos culparmos demasiado temos que ver que o Pc esteve muitas vezes doente no passado, que a causa mental foi solta e se manifesta e se vai embora fisicamente. Não é fatal. Essa doença não recairá como no passado.

Contudo, pelo facto de não ser fatal para o Pc não é desculpa para não fazer um bom trabalho (STANDARD) de audição.

Se a Dianética Standard for usada SEM SAIR da sua tecnologia e procedimentos, o fenómeno não ocorre e nenhum Pc experimenta efeitos físicos posteriores.

A DIANÉTICA STANDARD ensinada com precisão, feita com precisão, só faz bem às pessoas.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 12 DE MARÇO DE 1969

Emissão II

PCS E PRÉ OTs FISICAMENTE DOENTES

(Com uma nota sobre drogas)

Podemos realmente ir com facilidade a extremos no que respeita à doença mental versus doença física.

Uma escola diz que todos os problemas veem de doenças físicas.

Outra diz que tudo vem de doenças mentais.

O psiquiatra mistura as duas e diz que toda a doença da mente é física.

É altura de todos os auditores, particularmente os Classe VIII, darem uma boa olhada nesta área.

O *corpo* é capaz de doença física aguda, (momentânea) ou crónica (contínua). Ossos partidos, nervos afetados, doenças, podem, qualquer deles, acontecer a um corpo *independentemente* de qualquer ação mental ou espiritual.

A mente ou espírito pode predispor a doença ou lesão. Por isto queremos dizer que uma pessoa pode ficar desvairada e ter um acidente ou decidir morrer e contrair uma doença.

Mas a doença ou lesão, quando existe, é uma circunstância física e responde melhor a tratamento médico (usualmente pôr um torniquete, arranjar um osso, dar uma injeção).

Numa pessoa doente ou magoada podemos reduzir o tempo de cura ou convalescença removendo a perturbação espiritual ou mental desde que a pessoa possa ser auditada, mas usualmente depois de tratamento físico eficaz. Os factos falam realmente por si. Auditar uma pessoa com uma perna partida *depois* de arranjada e de ele estar confortável, remover o engrama do acidente ou tratamento e a “razão” anterior porque ficou desvairada ou teve o acidente, pode melhorar o tempo de soldadura do osso tanto como dois terços, segundo testes reais. Seria isto de seis para duas semanas.

Mas o osso teria que ser consertado! Um corpo é um objeto biológico. Ele tem todo o tipo de sistemas de comunicações internas e funções interrelacionadas organizadas.

Agora, se tentássemos auditar um Pc com uma doença aguda, achá-lo-íamos difícil de auditar, confuso, distraído e incapaz de seguir comandos. Ele pode facilmente ficar avassalado. Não é certamente provável que responda como deve ser. Porque o *corpo* está a enviar toda a espécie de mensagens de dor, desconforto e confusão é que isto se passa desta maneira. Duas coisas estão em jogo ao mesmo tempo: o seu caso como ser espiritual e o seu corpo como dor distrativa ou objeto de sensações.

O Pc atribui o corpo ao caso ou o caso ao corpo.

Temos que tirar o corpo da área da atenção, até certo ponto antes de alguma coisa realmente acontecer por força da audição.

Agora tomemos o Pc com doença *prolongada*. Ele esteve doente com algo desde a idade dos 8 anos. Realmente não sabe que está fisicamente doente. Deita as culpas todas ao seu caso.

Em muitos casos auditamo-lo e ele consegue suficiente alívio para depois ficar fisicamente bem. É que ele estava, mentalmente ou espiritualmente a oprimir o corpo.

Estes êxitos (e são numerosos) poderiam levar-nos a fazer uma concentração em “*tudo mental*” e conduzir alguns a insistir em que toda a doença vem da mente. Isto leva alguns a cometer o erro de omitir o exame físico e tratamento em todos os casos. Certas escolas de restabelecimento puseram, no passado, todo este campo em desgraça assumindo, afirmando e agindo exatamente dessa maneira.



Quando encontramos um Pc que não responde facilmente, quer ele responda aos 7 casos “fisicamente doente” ou não, melhor será mandá-lo à clínica mais próxima para um exame físico completo, incluindo raios X à cabeça, à espinha e patológico. É que nós descobrimos usualmente que ele está fisicamente doente, com dor ou desconforto suprimido. Existem agora curas para muitas destas coisas não exigindo sequer operações “exploratórias”.

Não desperdice neste todos os graus de audição. Ele está doente. Fisicamente.

É por isso que fazemos um Formulário Branco. Uma longa história de acidentes e doenças, deve alertar-nos para o mandar a uma clínica, se a sua resposta à audição for algo pobre.

Então, quando temos a parte física na mão, auditamo-lo ao nível de assistência.

Quando ele ficar bom damos-lhe os Graus.

Não forçamos a audição para a cura física do Pc. Funciona muitas das vezes. Tipos especiais de audição (percorrer ferimentos, etc.) ajudam marcadamente à recuperação. Isso não significa que devamos evitar todo o tratamento médico.

“Casos fracassados” são casos de doença médica ou casos de lesão. Sem exceção. Então porque falhar? *Existem* médicos e clínicas. Existem tratamentos usuais standard. Não temos que adotar ações “exploratórias” e questionáveis. Estas só são feitas quando o médico também não pode descobrir nada. Quando se dá este impasse comece a fazer assistências ou à procura de engramas.

Existem algumas condições pós-operatórias ou pós lesão, bizarras ou estranhas, que cedem miraculosamente à audição. Uma incisão a supurar, (um golpe da operação que se mantém aberta e não se cura), um osso que não se cura depois de lhe ser colocada uma tala, estas coisas cedem usualmente à audição. Estes factos devem ser usados, mas não contradizem o facto que o tratamento médico foi, em primeiro lugar, necessário.

O psiquiatra é um exemplo do extremo oposto ao do tratamento espiritual. Em vez de “tudo mental” ele diz “tudo físico”.

Agarrar-se a qualquer dos extremos produz fracassos.

O psiquiatra entrou no seu “tudo físico” pelo senso de que os sintomas de insanidade pareciam assemelhar-se a pessoas em dor ou delírio.

Nestes casos a tensão do sofrimento físico jorra de volta para a mente avassalando-a.

Depois de considerável estudo sobre isto reparei que podia ter sido cometido um erro a partir da afirmação “toda a insanidade é física”.

Este é provavelmente o caso em grande percentagem de insanos. Mas por isto eles não podem dizer “toda a perturbação mental é física” porque isso pode ser demonstrado como não verdade. Vemo-lo tão facilmente como num caso em que uma pessoa cai doente ao receber más notícias, a qual depois recebe boas notícias e fica bem. O grande Voltaire, no seu leito de morte, recebeu a notícia de que tinha sido premiado com a Legião de Honra depois de uma vida inteira a ser menosprezado pelas autoridades. Ele prontamente se levantou, vestiu-se e foi receber o prémio.

No caso de a insanidade ter causas físicas, podemos descobri-lo, dizê-lo e ser prontamente mal entendidos deste modo. O paciente está numa agonia geral por causa de um nervo há muito esmagado. Esta dor autêntica é distribuída a partir do seu ponto de concentração para todo o sistema nervoso. A pessoa não pode pensar, parece aturdida, não pode trabalhar ou agir. Uma operação remove a pressão que provoca a condição. A pessoa fica então “sã” na medida em que pode executar as ações da vida.

Depois de alguns êxitos desta natureza, o psiquiatra salta para a conclusão de que toda a perturbação *mental* é física. Ele ensina um estudante dizendo: “toda a perturbação mental é física”. O *estudante* sai dali, tenta raciocinar, imagina um vírus especial ou “genes” de insanidade ou uma doença especial chamada “insanidade”. Então lança mão de toda a espécie de tratamentos estranhos e muitas vezes brutais. Cortando ou dando choques



a um canal nervoso podemos parar as mensagens de dor, mas tais ações assentam em novas complicações que usualmente acabam em morte prematura, se não imediata, ou lesão.

Isto diz-nos porque é que os tranquilizantes (drogas psicotrópicas) põem um paciente racional ou pelo menos capaz de funcionar por algum tempo. Eles também têm os seus efeitos colaterais. O que eles usualmente fazem é, como a aspirina, reduzir a dor.

Os pacientes nem sempre sabem que eles fazem mal. Eles suprimem a dor ou sensação. Isso parece-lhes normal a eles ou à “vida”. Quando têm uma experiência ou acidente angustiante, podem ficar “insanos”, que o mesmo será dizer, ficar continuamente avassalados pela dor ou sensação indesejada. Eles não podem pensar ou agir racionalmente. Podem mesmo ficar insanos durante o período do dia ou do mês que coincide com a *altura* do acidente. Mas eles estão numa aflição física.

Como não podem comer ou dormir, a sua condição piora por exaustão e podem entrar em vários estados incluindo ficar como mortos, imóveis ou mesmo morrer.

A AÇÃO CORRETA NUM PACIENTE INSANO É UM EXAME COMPLETO DE PESQUISA POR UM MÉDICO COMPETENTE.

Ele pode encontrar doença, fratura, concussão, tumor ou QUALQUER DOENÇA COMUM que escapou ao tratamento e se tornou crónica. Ele deve continuar a procurar até encontrar. É que ela está lá. NÃO é algum “germe insano”, mas alguma doença reconhecível ou disfunção física.

O ERRO é cortar nervos ou submeter a pessoa a mais dor. A eletricidade pode *forçar* um canal nervoso a fluir ou paralisar. É provavelmente por isso que por vezes *parece* funcionar. Mas não cura nada e, mais frequentemente, *confirma* a condição de insanidade e certamente enche o paciente de terror, lesiona-o e encurta-lhe a vida

O problema da insanidade é muitas vezes como evitar que o paciente se fira a si próprio ou morra de fome, ou morra antes de poder ser examinado por um médico competente numa clínica devidamente equipada.

Isto é feito com repouso, segurança, alimentação, sob o efeito de drogas se necessário.

Um paciente pode ser constituído por vários compostos bioquímicos, diatermia e outros meios suaves que se somam à sua energia.

O tratamento daquilo que realmente o atrapalha, tal como uma contínua sensação duma perna há muito partida que nunca foi concertada, um disco da espinha partido ou outras patologias que tais, podem então ser devidamente tratadas e corrigidas.

Recuperado pelo tratamento o paciente revelará não mais estar “insano”.

A audição pode então ter lugar, todo e qualquer engrama (trauma) apagado e a recuperação ser grandemente acelerada.

Claro que o real objetivo da audição é um aumento da capacidade de manejar a vida, maior inteligência, tempo de reação e outros benefícios.

Tal como o terapeuta espiritual de outros tempos dizia que tudo era mente e proibia a cura física, o clínico que diz que tudo é corpo e menospreza a terapia mental, é um extremista.

Cada um deles está no extremo oposto do “Pêndulo de Aristóteles”. Cada um deles *viu* com os próprios olhos *algumas* curas notáveis. Logo, estão todos confirmados na sua crença e discutirão acaloradamente e até atacam outros que não partilham da sua visão extrema.

A verdade está, conforme ela é usualmente encontrada, no meio.

Não existe um “vírus da insanidade”. Até a hereditariedade continua por provar, uma vez que famílias executam ações similares, são propensas a doenças físicas similares e também se modelam ou copiam uns aos outros mentalmente. Tanto os factos físicos como os mentais podem igualmente provar que a “insanidade corre



na família” quando parece fazê-lo. Logo, a “insanidade hereditária” é uma aparência que dá aso a histórias populares.

Existe a identidade espiritual do homem, a mente, o thetan, chamemos-lhe o que lhe chamarmos.

Existe o corpo físico do homem e esse, mesmo que celular, é ainda material ou físico, ou seja lá o que for que lhe chamemos.

Proponentes de ambos os extremos estão sujeitos a ir por aí fora num curso errático de busca e pesquisa, pois a verdade é que inclui ambos, e quando incluí ambos, começamos a somar êxitos na direção dos desejáveis 100% das ciências físicas em termos de resultados.

Não podemos chamar a qualquer dos extremos mais do que uma arte. E o proponente do puramente físico não tem uma “ciência” só porque *as ciências são apenas físicas*.

Temos uma ciência, apenas quando podemos prever e atingir resultados uniformes pela aplicação da sua tecnologia.

Era muito natural para o psiquiatra *pensar* que tinha na Cientologia um inimigo, pois tudo o que havia era “espírito” e ele estava fora desse assunto. A partir daí tem sido o seu oposto “inimigo” por muito tempo.

Para *curar* o homem temos que perceber que ele está a lidar com duas coisas: o espírito e o corpo. Quando um preclaro vem até nós porque quer ser *fisicamente* curado de uma doença real corrente ou disfunção, nós não o servimos bem se quando vemos que ele não responde à audição não exigirmos um completo estudo clínico físico do seu corpo até uma doença real ser encontrada e tratada.

Se já *sabemos* que ele está doente, devemos chamar o médico. E devemos limitar a audição a assistências.

Isto também é um caso de propósitos cruzados. Nós estamos a tentar dar-lhe maior capacidade e liberdade. Ele está apenas a tentar parar a dor.

Vamos em frente e inscrevemo-los. Mas ao mais pequeno sinal (como no Formulário Branco) de que ele está a ser auditado apenas para se pôr bom, devemos ter um médico ou clínica à mão que seja amigável e não faça coisas esquisitas às pessoas, e faça o diagnóstico ao Pc para *realmente* descobrir o que está mal com ele, curá-lo se medicamente fazível e então, com um Pc fisicamente bem, dar-lhe a sua audição.

Se isto for feito rotineiramente também ocorre outro benefício. O preclaro assim auditado não voltará a ficar doente com facilidade e deterá os seus muito reais ganhos de audição quando os tem.

Somos suficientemente bons para ter êxito com frequência. A capacidade do corpo para se pôr bom afirma-se muitas vezes quando é dada audição ao preclaro, uma vez que a fonte perpetuadora é removida da doença e a coisa muda.

Deixar um Pc com um osso mal tratado e sempre a doer continuar pelos graus acima, é prestar-lhe um mau serviço. Ele provavelmente não atingirá ou deterá os seus ganhos.

O dado estável com o qual eu opero como Supervisor de Caso é que, se o Pc não obtém bons ganhos rapidamente quero saber (e vou descobrir) em que é que ele está fisicamente lesionado ou doente antes de o deixar continuar com a audição. O raio X e outras máquinas clínicas tornam-se obrigatórias. É que ele está com dor suprimida, e cada vez que obtém uma *mudança* ele impõe paragens assim que começa a sofrer. Ele não obterá de novo o mesmo resultado, e amanhã o mesmo processo ou tipo de processo não funcionará. Ele pára a dor se começar a sofrer e impõe uma nova paragem no seu caso. Esta é a verdade desses casos que realmente têm uma doença física.

Ganho lento, resultados pobres é um Pc fisicamente doente.

O exercício destes pontos requer julgamento, pois a pessoa pode receber tratamento que não a cura. Quando assim é e o tratamento parece lesivo ou incerto, trate o Pc nesta rotina:

1. Repouso.
2. Não hostilizar.



3. Comida.

4. Sedativos leves.

Quando a pessoa parece bem, audite-a.

A verdade da definição acima de “insanidade” pode ser experimentada facilmente sem grande tensão. Ter uma dor de cabeça ou de dentes é por vezes muito aflitivo e distrativo, e isso põe-nos abatidos ou inativos. Tomar uma aspirina anima e pode funcionar.

Esse é de facto o mecanismo básico. É por isso que os tranquilizantes funcionam.

É por isso que os da velha guarda pensavam que tinham que cortar nervos para “curar” o insano. Mas é como se, para consertar a comutação telefónica, mandasse uma granada de mão para o painel. Podemos não ter mais queixas, mas certamente nunca mais teremos telefone, o que, suponho eu, é a maneira básica de parar *todas* as queixas. Ninguém poderia telefonar mesmo com a casa a arder!

Drogas como marijuana, são almejadas apenas quando o ser “precisa delas” para parar dores físicas ou sensações indesejáveis. Depois elas ripostam, causando mais aflição do que a cura. Alguns Pcs, deixando a marijuana por algumas semanas, podem ser auditados. Outros não. Aqueles que não podem ser auditados estão em dor, quer eles tenham ou não consciência disso. Na sua “mente inconsciente” (abaixo da sua auto repressão) *dói-lhes*.

Assim, aqueles que não podem ser bem auditados quando lhes são tiradas drogas como a marijuana, devem ser levados a uma boa clínica e fazer tudo o que estiver ao seu alcance. Um médico competente descobrirá o osso partido, a doença, os diabetes. Dê-lhe uma cura médica.

Depois auditamos o Pc com tech standard, conferindo a lista de casos resistentes, etc., tudo de novo.

Os Pcs nem sempre sabem que estão doentes.

A perturbação mental agrava o desconforto físico. O desconforto físico agrava a inquietação mental.

Por isso jogamos pela certa.

Um caso lento que não responde bem a abordagens normais tem algo mais fisicamente mal.

Não sejamos extremistas.

O nosso trabalho, no fim de contas, é fazer o máximo que pudermos pelo Pc.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB 15 JUL. 70R

Rev. 17 Jul. 78

DORES NÃO RESOLVIDAS

Acontece de vez em quando que uma certa dor do pc não se resolve em Dianética.

Existem duas razões para isto acontecer:

1. AUDIÇÃO INSUFICIENTE, EM POUCAS CADEIAS.

Mais tarde ou mais cedo o pedacinho do engrama “já percorrido” vai aparecer noutra cadeia mais recente.

Exemplo: Uma dor na área duma operação ocorre de vez em quando, semanas, meses ou anos depois da operação ter sido percorrida como engrama. Mais tarde ou mais cedo mesmo na audição geral, o pedacinho que falta da operação aparece e vai ao ar. Voilá! A dor foi-se para sempre.

Isto é peculiar especialmente em operações do abdómen como o apêndice. A operação foi percorrida. A cicatriz está inchada. O pc está ocasionalmente doente disso. A conclusão do pc é que a Dianética não funcionou nisso. Mais audição noutros somáticos, (só Dianética geral) é dada. Um dia, o resto do pedacinho escondido da operação, aparentemente apagado, aparece e vai ao ar. O pc agora fica bom.

A causa disto é “sobrecarga” na medida em que o incidente estava demasiado carregado num ponto para ser confrontado. À medida que o caso é descarregado, o confronto sobe. O pedaço que faltava (e provocava a dor) vai-se embora.

Não há maneira de o forçar. De facto, seria fatal tentá-lo.

A outra razão para isso acontecer é que o pedacinho em falta que causa a dor é um somático diferente como “uma compressão no peito”. Este pedacinho da operação tinha um básico diferente do percorrido.

A resposta para um somático persistente ou reincidente numa área lesionada, é sempre mais audição de Dianética. Somáticos persistentes, crónicos e reincidentes são manejados com as séries de tech da Nova Era Dianética.

Refs:

HCOB 28 Jul. 71RB	NED Séries 8R
Rev. 8.4 88	DIANÉTICA, INICIAÇÃO DE UM PC EM
HCOB 18 Jun. 78R	NED Sérias 4R
Rev. 28.9.78	VERIFICAÇÃO E COMO OBTER O ITEM
HCOB 26 Jun. 78 RAI	NED Séries 6RA
Rev. 15.9.78	ROTINA3RA, PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS
HCOB 11 Set. 70R	C/S Sérias 18R
Rev. 7.7.78	MANEJO DE DIANÉTICA DE SOMÁTICOS CRÓNICOS
HCOB 16 Ago. 70R	C/S Sérias 15R
Rev. 7.7.78	LEVAR A F/N ATÉ AO EXAMINADOR



2. DORES DO SISTEMA NERVOSO SIMPÁTICO.

Temos os dois lados do corpo. Como sabemos das Assists de Toque, se a mão direita está ferida incluímos também a mão esquerda.

Os nervos conduzem a dor. Ambos os lados do corpo se interligam. A dor é parada nos nervos.

Se o ombro direito é magoado, o ombro esquerdo terá feito eco da dor.

Exemplo, caso encontremos um pc com uma dor no ombro esquerdo. Procuramos auditar uma cadeia do ombro esquerdo e isso não resolve completamente.

Se percorremos lesões do ombro DIREITO, de repente há um somático que atravessa o ombro esquerdo e fica bom.

Este é o sistema nervoso simpático. A orelha direita, ferida, faz também eco com um somático na orelha esquerda. Auditamos só a orelha direita e o pc fica com a orelha esquerda dorida.

Podemos na verdade chamar atenção do pc para isso (não standard, mas uma técnica de pesquisa) e ele pode descobrir onde é que a orelha não ferida fez eco da orelha ferida.

Quando, não podemos reparar completamente uma perna esquerda aleijada, não nos admiremos ao vermos que era a perna *direita* que estava magoada.

Auditamos a perna *esquerda* em vão. Se assim for começamos a auditar somáticos na LADO OPOSTO DO CORPO.

DOR DE DENTES

O mistério da dor de dentes é resolvido em (1) e (2) acima especialmente em (2).

A dor está concentrada no molar superior esquerdo. Auditamo-lo em vão. A dor de dentes persiste.

Olhamos para a boca do pc. O molar superior DIREITO foi tirado ou magoado? Sim. Foi assim que o molar *esquerdo* começou a decair. O molar superior direito foi tirado. A dor (especialmente sob o efeito dum analgésico só no lado direito) é atacada e parada no lado oposto. Por fim o molar superior esquerdo, debaixo dessa tensão, um ou dez anos mais tarde, vai-se abaixo e dói.

Mistério, pois não estava magoado. Mistério, pois o molar oposto há muito que se foi e já não dói.

Quando uma dor de dentes não se resolve em audição, auditamos o dente do lado oposto. Podemos mesmo fazê-lo contando os dentes.

É uma espécie de audição de um não somático.

O pc está de gatas com o molar superior direito. Não dói do lado esquerdo. Auditamos a lesão que teve no lado esquerdo (também vai ler no e-metro). Voilá! A dor de dentes que não se ia embora, acalma-se!

A pessoa que tem o dente exatamente oposto tirado (ciso superior direito, ciso superior esquerdo) está sujeita a isso pois há um inter-jogo constante. A boca fica esquisita e sob pressão. Ambos os lados reagem um ao outro.

Os dentistas notam com frequência a estranha pressão de “sentir rebentar”, que um paciente tem quando um dente “quer saltar” Isto é a tensão nervosa de uma lesão que ocorreu no lado oposto.!

Um auditor pode auditar uma dor de dentes do lado direito em vão a menos que ele saiba o suficiente para auditar o OUTRO LADO.

Para um pc com uma dor de dentes do lado *direito* podemos listar sentires do lado *esquerdo* e obter “entorpecimento”, “não sentir”, etc. Auditamos *essa* lista e de repente, como por magia, a dor de dentes do lado oposto acalma.

É usada uma preverificação da área afetada e R3RA Quad quando um problema de dentes persiste.



Como as dores de dentes de vez em quando dão um fracasso a um auditor de Dianética, ele deve saber do fator simpático conforme acima descrito. O fracasso vira sucesso.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 11 DE JULHO DE 1973RB

Rev. 21 Set. 1978

Remimeo

Tech

Qual

SUMÁRIO DE ASSISTÊNCIAS

Refs:

HCOB 5 Jul. 71RB	Série C/S 49RB
Rev. 20.9.78	ASSISTÊNCIAS
HCOB 23 Jul. 71R	ASSISTÊNCIAS
Rev. 16.7.78	
HCOB 19 Mar 69 II	PCs e Pré OTs FISICAMENTE DOENTES
HCOB 24 Abr. 69RA	O USO DA DIANÉTICA
Rev. 20.9.78	
HCOB 14 Maio 69	DOENÇA
HCOB 23 Maio 69R	AUDIÇÃO FORA DE SESSÃO
Rev. 11.7.78	NARRATIVA VERSUS CADEIAS DE SOMÁTICOS
HCOB 24 Jul. 69R	PCs SERIAMENTE DOENTES
Rev. 24.7.78	
HCOB 27 Jul. 69	ANTIBIÓTICOS
HCOB 29 Mar. 75RA	ANTIBIÓTICOS, ADMINISTRAÇÃO DE
Rev. 24.3.85	
HCOB 15 Jan. 70	AS APLICAÇÕES DA AUDIÇÃO
HCOB 15 Jul. 70R	DORES NÃO RESOLVIDAS
Rev. 17.7.78	
HCOB 7 Abr. 72RA	ASSISTÊNCIAS DE TOQUE, AS CORRETAS
Rev. 25.8.87	
HCOB 25 Ago. 87 II	ASSISTÊNCIAS DE TOQUE, MAIS ACERCA DE
HCOB 2 Abr. 69RA	ASSISTÊNCIAS DE DIANÉTICA
Rev. 28.7.78	
HCOB 19 Jul. 69RA	A DIANÉTICA E A DOENÇA
Rev. 21.9.78	
HCOB 29 Jul. 81 I	LISTA COMPLETA DAS ASSISTÊNCIAS PARA LESÕES E
	DOENÇA
HCOB 24 Abr. 69 II	RESULTADOS DA DIANÉTICA
Rev. 20.7.78	
HCOB 15 Ago. 87	ASSISTÊNCIA À PESSOA INCONSCIENTE
Fita 6110C03	A CONFUSÃO ANTERIOR
HCOB 2 Nov. 61	A CONFUSÃO ANTERIOR
HCOB 30 Jul. 62	UM INTENSIVO SUAVE DE 25 HORAS DO HGC
HCOB 7 Jun. 84	RD do Propósito Falso Séries 3
	A CONFUSÃO ANTERIOR: NOVA DESCOBERTA TÉCNICA
Fita 5211C12	TEMPO, CRIAR, DESTRUIR, TER
Fita 5110C15B	PROCESSAMENTO DE POSTULADO DE ARC
HCOB 12 MAIO 68	ERROS, A ANATOMIA DOS
Série de NED 1 a 18, especialmente:	



HCOB 28 Jul. 71RB	Série Nova Era Dianética 8RA
Rev. 8.4.88	DIANÉTICA, INICIAR UM PC EM
HCOB 26 Jun. 78RA II	Série Nova Era Dianética 6RA
Rev. 20.9.78	ROTINA 3RA, PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS
HCOB 18 Jun. 78R	Série Nova Era Dianética 4R
	ASSESSMENT E COMO OBTER O ÍTEM

Lesões, operações, partos, doenças severas e períodos de choque emocional intenso, tudo isto merece ser manejado com assistências rigorosas e completos.

Clears, OTs e Clears de Dianética já não são corridos em Assistências, Secundários, Engramas ou Incidentes Narrativos de Dianética. Eles podem, contudo, receber Assistências de Toque e Assistências de Contacto, etc. Para o caso de ser necessário manejo posterior, foi desenvolvido um RD especial de NED para OTs que está disponível nas AOs e Flag. (Ref. HCOB 12 Set. 78R, DIANÉTICA PROIBIDA EM CLEARS E OTs)

Podem ser feitas assistências de NED, como sempre, quando os preclaros delas carecem.

Devem ser pedidos exame médico e diagnóstico quando necessário, e sempre que o tratamento médico de rotina funciona deve ser obtido esse tratamento. Como uma assistência pode por vezes encobrir uma lesão ou fratura, não devemos arriscar, especialmente se a condição não responde facilmente. Por outras palavras e para nossa segurança, basta pensar tratar-se de uma ligeira entorse para ter que se fazer uma radiografia, particularmente se a coisa não responde de imediato. Uma assistência não substituta, mas complementar, do tratamento médico. É mesmo duvidoso que possa ser obtida uma cura completa apenas com tratamento médico e é certo que uma assistência acelera grandemente o restabelecimento. Em suma, devemos ver que a cura física não tem em conta o ser, nem a repercussão sobre o estado do ser espiritual da pessoa.

Lesão e Doença são PREDISPOSTAS pelo estado espiritual da pessoa. Elas são PRECIPITADAS pelo próprio ser como manifestação da sua condição espiritual corrente. E elas são PROLONGADAS pela falta de manejar os fatores espirituais a elas ligados.

As causas da PREDISPOSIÇÃO, PRECIPITAÇÃO e PROLONGAMENTO são basicamente as seguintes:

1. Postulados
2. Engramas
3. Secundários
4. Quebras de ARC com o ambiente, com situações, com outros ou com a parte do corpo.
5. Problemas
6. Actos overt
7. Contensões
8. Foras de comunicação.

Os factos de lesão puramente física, doença e tensão, são em si mesmo degradantes e eles próprios requerem muitas vezes análise e tratamento físico por um médico ou nutricionista. Estes podem ser concisamente catalogados como.

- A. Dano físico da estrutura
- B. Doença de natureza patológica.
- C. Estruturas inadequadas
- D. Estrutura excessiva
- E. Erros de nutrição
- F. Nutrição inadequada
- G. Vitaminas e bio compostos em excesso



- H. Vitaminas e bio compostos em falta
- I. Minerais em excesso
- J. Minerais em falta
- k. Disfunção estrutural
- L. Exame errado
- M. Diagnóstico errado
- N. Tratamento estrutural errado
- O. Medicação errada

Temos outro grupo que pertence tanto às divisões espirituais como físicas. A saber:

- i. Alergias
- ii. Vícios
- iii. Hábitos
- iv. Negligência
- v. Decadência

Qualquer destas coisas em qualquer destes três grupos pode ser a causa de uma existência pessoal não ótima.

Não estamos aqui a discutir o manejo completo de nenhum destes grupos ou o estado ótimo que possa vir a ser atingido ou mantido. Mas deverá ser óbvio que existe um nível abaixo do qual a vida não é muito tolerável. Quanto a pessoa pode estar bem, ou quão eficiente ou ativa, é outro assunto completamente diferente.

Certamente a vida não é muito tolerável para uma pessoa que esteve lesionada ou doente, para uma mulher que acabou de ter um filho, para uma pessoa que acabou de sofrer um pesado choque emocional. E não há razão para a pessoa permanecer num estado tão baixo durante semanas, meses ou anos, quando podia ser ASSISTIDA para recuperar em horas, dias ou semanas.

É de facto uma espécie de prática de crueldade insistir, por negligência, que uma pessoa permaneça em tal estado quando podemos aprender, praticar e obter alívio para tal pessoa.

Nós estamos principalmente preocupados com o primeiro grupo, de 1 a 8. O grupo não está listado pela ordem em que é feito, mas pela ordem em que influencia o ser.

Cresceu a ideia de que as lesões se manejam apenas com Assistências de Toque. Isso é verdade para alguém que, como auditor, tem só umas luzes de Cientologia. É verdade para alguém que tem dores ou está num estado de caso tal (que teria que ser muito mau) que não pode responder a audição verdadeira.

Mas um Cientologista não tem realmente nada que ter apenas “umas luzes” da perícia de audição, a qual podia salvar a sua vida e a de outros. E é muito raro o caso que não pode experimentar audição apropriada.

A verdadeira causa de não manejar tais condições, verifica-se, então, ser como o (iv), NEGLIGÊNCIA. E quando há negligência, é muito provável seguir-se (v) DECADÊNCIA.

Não temos que ser médicos para levar alguém ao médico. E não temos que ser médicos para ver que o tratamento médico pode não estar a ajudar o paciente. E não temos que ser médicos para manejar coisas causadas espiritualmente pelo próprio ser.

Assim como há dois lados da terapia, o espiritual e o estrutural ou físico, também há dois estados que podem ser espiritualmente atingidos. Um destes estados poderia ser classificado de “humanamente tolerável”. As assistências fazem parte dessa terapia. O segundo é “espiritualmente melhorado”. A audição dos graus faz parte desta segunda terapia.



Qualquer ministro (e isto é verdade uma vez que existe um assunto chamado religião) está obrigado a aliviar o seu semelhante da angústia. Existem muitas maneiras dele poder fazer isto.

Uma assistência não significa envolver-se na terapia. De certeza que não é envolver-se no tratamento. O que está a ser feito é AJUDAR O INDIVÍDUO A CURAR-SE A SI PRÓPRIO, OU A SER CURADO POR OUTRO AGENTE REMOVENDO AS RAZÕES QUE PRECIPITARAM E PROLONGARAM A SUA CONDIÇÃO, REDUZINDO A SUA PREDISPOSIÇÃO PARA SE LESIONAR DE NOVO A SI PRÓPRIO OU PARA PERMANECER NUMA CONDIÇÃO INTOLERÁVEL.

Isto fica inteiramente fora do campo da “terapia” do ponto de vista do médico e, através de registos reais de resultados, está muito, muito para além da capacidade da psicologia, psiquiatria e do “tratamento mental” por eles praticado.

Em suma, a assistência está estrita e inteiramente no campo do espírito e é do domínio tradicional da religião.

Um ministro deve reparar no poder que tem nas mãos e da sua perícia potencial quando treinado. Ele, na presença de sofrimento, tem para dar isto: tornar a vida tolerável. Também pode reduzir o tempo de convalescença e até torná-la possível quando podia não ser.

Quando um ministro confronta alguém que foi magoado ou está doente, foi operado ou sofreu um choque emocional grave, tem que estar equipado para fazer e deve fazer o seguinte:

Uma ASSISTÊNCIA DE CONTACTO sempre que possível e quando indicado até a pessoa ter restabelecido a sua comunicação com o local do universo físico. Até F/N.

Uma ASSISTÊNCIA DE TOQUE até a pessoa ter restabelecido a comunicação com a parte ou partes afetadas do corpo. Até F/N.

MANEJAR UMA QUEBRA DE ARC que possa ter existido na ocasião (a) com o ambiente, (b) com outro, (c) com outros, (d) com ele próprio, (e) com a parte do corpo e (f) com qualquer fracasso em recuperar imediatamente. Cada uma delas até F/N.

MANEJAR QUALQUER PROBLEMA que a pessoa pudesse ter (a) por ocasião da doença ou lesão, (b) decorrente da sua condição. Até F/N.

MANEJAR QUALQUER OVERT (a) que a pessoa pudesse sentir ter cometido (a) contra si próprio, (b) contra o corpo, (c) contra outro, (d) contra outros. Cada um até F/N.

MANEJAR QUALQUER CONTENÇÃO (a) que a pessoa pudesse ter no momento, (b) qualquer contenção subsequente, (c) qualquer coisa que o obrigasse a conter o corpo do trabalho, ou de outros ou do ambiente, devido a estar fisicamente incapaz de o abordar.

CORRER O PRÓPRIO INCIDENTE narrativa R3RA, Quad até apagamento e EP completo. Verifica-se o interesse. Compreende-se aqui que F1 foi o próprio incidente físico, não necessariamente algo feito à pessoa, mas algo que lhe aconteceu. (Ref. HCOB 26 Jun. 78RA II, Série de NED 6RA, ROTINA 3 RA, PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS; HCOB 28 Jun. 78RA, Série de NED 7RA, COMANDOS DA R3RA; HCOB 28 Jul. 71RB, Série de NED 8RA, DIANÉTICA, INICIAR O PC EM).

PREASSESSMENT DO INCIDENTE e levamos ao EP total de Dianética todos os somáticos ligados a esse incidente nos quais o Pc esteja interessado. O procedimento completo de Preassessment é dado no HCOB 18 Jun. 78R, Série de NED 4R, ASSESSMENT E COMO OBTER O ITEM, e emissões acima.

POSTULADO 2 WC. Isto é feito 2 wc no assunto de “qualquer decisão para ser magoado” ou algum fraseado parecido. Isto é feito só se a pessoa não tiver já descoberto que tomou decisões ligadas ao incidente. Isso é levado a F/N. Precisamos de ter o cuidado de não invalidar a pessoa.

Quando a pessoa foi magoada, quando lhe foi dada uma Assistência de Contacto ou Assistência de Toque e depois exame e tratamento médico, damos-lhe o resto logo que ela possa ser auditada. Os “cinco dias” da droga não precisam ser aqui aplicados. Mas quando foi dada uma assistência por cima de drogas, temos que voltar mais tarde ao caso quando estiver livre dessas drogas e correr a parte das drogas, ou pelo menos assegurar que nada ficou submerso por elas. Não é invulgar uma pessoa esquecer certas partes de um tratamento



ou operação no momento da audição inicial, para a parte em falta do incidente só aparecer dias, meses ou até anos mais tarde. EIS a razão por que lesões ou operações ocasionalmente parecem persistir ainda que tenha sido dada uma assistência completa, pois foi deixada uma parte por manejar devido a uma condição de droga durante a operação, aparecendo tais partes inesperadamente na audição de rotina ou nalguma cadeia aparentemente sem relação. (Ref. HCOB 15 Jul. 71RD III, Série de NED 9RC, MANEJO DE DROGAS, e HCOB 19 Maio 69RB, CASOS DE DROGAS E ÁLCOOL, ASSESSMENT PRÉVIO).

Pode acontecer que uma pessoa esteja no meio da audição dos graus quando sofre uma lesão ou doença ou choque emocional. Surge a pergunta se sim ou não se interrompe a audição dos graus para manejar a situação. É uma questão difícil. Mas certamente que ela não pode continuar com a audição dos graus estando perturbada ou doente. A resposta usual é dar uma assistência completa e reparar o caso para o transferir de volta para a audição dos graus. A questão pode, contudo, ser complicada na medida em que também ficou algum erro dos graus, não que causa a doença ou acidente, mas que complica a assistência. Esta questão é manejada por completo só pelo estudo do caso por um C/S competente. O importante é não deixar a pessoa a sofrer enquanto se perde tempo a tomar uma decisão.

CONFUSÃO ANTERIOR: Ideias fixas veem a seguir a um período de confusão. Isto também é verdade para engramas que ficam como lesão física. Uma recuperação lenta depois de um engrama ser corrido pode ser causada pelo Mecanismo da Confusão Anterior. O engrama dum acidente ou lesão pode ser um item estável de uma confusão. Com 2 WC vemos se antes do acidente houve uma confusão, lesão ou doença. Se sim, pode ser feita 2 WC E/S até F/N.

PONTO MISTÉRIO: Muitas vezes existe uma parte do incidente, misterioso para um preclaro. O engrama em si pode ficar pendurado num mistério. Um thetan podia ser chamado de “sandwich mistério” na medida em que tende a prender-se a mistérios. “2 WC em quaisquer aspetos misteriosos do incidente. “2 WC E/S até F/N, Cog, VGIs.

PRESENÇA SUPRESSIVA: Erros, ou acidentes, ou lesões ocorrem na presença de supressão. Pretendemos saber se alguma dessas influências ou fator supressivo existiu logo antes do incidente que está a ser manejado. Isto poderia estar na área em que ocorreu, ou alguém com quem o preclaro tinha acabado de falar. 2 WC numa presença supressiva ou invalidativa que possa ter causado o erro ou acidente. 2 WC E/S até F/N Cog, VGIs.

ACORDO: Conseguir qualquer acordo que a pessoa possa ter tido em ou com o incidente. Usualmente há um ponto em que a pessoa concorda com uma parte da cena. Se este ponto for encontrado tenderá a despreçar o Pc de continuar a concordar com estar doente ou magoado.

PROTESTO: 2 WC em qualquer protesto existente no incidente.

PREVISÃO: A pessoa está usualmente preocupada com a sua recuperação. Preocupações indevidas sobre isso podem projetar os efeitos para o futuro. 2 WC (a) quanto tempo ela espera levar a recuperar. (b) quaisquer previsões que outros tenham feito sobre isso. 2 WC até F/N, Cog, VGIs. Nota: evitar que ela faça previsões de longo prazo mandando-a falar mais disso.

PERDAS: Uma pessoa que acaba de sofrer uma perda pode ficar doente. Isto é verdade em particular com as constipações. 2 WC em algo que o Pc tenha perdido até F/N.

TEMPO PRESENTE: Uma pessoa lesionada ou doente está fora de tempo presente. Assim, correr HAVINGNESS em cada assistência é vital. Isto não só remedeia a havingness, mas também traz o preclaro para o tempo presente.

TA ALTO OU BAIXO: Deve ser usada uma C/S 53RM para pôr o TA sob controle durante as assistências, se não puder ser trazido para baixo. Tem que ser feito por um auditor capaz de usar o e-metro e de obter leituras.

DOENÇA DEPOIS DE AUDIÇÃO: Pode acontecer que um Pc adoeça depois de ser auditado quando a “audição” é tech fora. Quando isto ocorre ou suspeitamos disto, deve ser feito o assessment de um Formulário Verde (GF) só por um auditor que saiba usar o e-metro e cujo TR1 consiga leituras. A leituras da GF são



então manejadas. Int. Fora, Listas Malfeitas, MWHs, ARCXs e Engramas incompletos ou falhos, são os erros mais comuns.

ANTES/DEPOIS: Quando um Pc ferido ou doente está tão preso que tem uma imagem imóvel, podemos soltá-la pedindo-lhe para recordar um momento antes do incidente, e depois recordar um momento posterior ao incidente. Isto soltará o engrama e moverá o ponto fixo.

INCONSCIÊNCIA: Um Pc pode ser auditado mesmo em coma. Os processos são objetivos, e não de significação. Um processo é usar a mão dele para Alcançar e Retirar de um objeto, como por exemplo uma almofada ou um cobertor. Levamos a mão dele a fazer isto enquanto damos os comandos. Quando o Pc está em coma e não pode falar podemos mesmo combinar um “sistema de sinais”, pegando-lhe na mão e dizendo-lhe para apertar a mão uma vez para sim e duas vezes para não. É espantoso que o Pc responda muitas vezes e possa ser interrogado desta forma.

ASSISTÊNCIAS DE FEBRE: Temos um HCOB, HCOB 23 Jul. 71R, ASSISTÊNCIAS, sobre como fazer as assistências que baixam a febre. Manter objetos imóveis é o processo básico.

Muito frequentemente uma lesão ou doença clarificará miraculosamente antes de correr todos os passos. Se for o caso, devemos escusar qualquer outra assistência.

Toda a audição de pessoas feridas ou doentes se deve manter razoavelmente leve. Erros nos TRs (como mau TR4), erros da tech, repercutem-se nelas pesadamente. Uma pessoa doente ou ferida pode facilmente ficar feita em papas se o processo for pesado demais para ela e se o auditor falhar. Muita exatidão na tech, bons TRs e sessões com boa metria, é tudo o que deve ser tolerado nas assistências.

SUMÁRIO

A religião existe em grande parte para manejar as perturbações e angústias da vida. Isto inclui a compulsão espiritual por causa de condições físicas.

Ministros muito anteriores a Apóstolos tinham como parte de seus deveres assistir o seu povo na sua angústia espiritual. Eles estavam concentrados na elevação e melhoramento espiritual. Mas quando o sofrimento físico impediu este curso, eles agiram. Devotar-se apenas ao alívio do constrangimento físico é, claro está, atestar que o corpo físico é mais importante do que o ser espiritual o que, é claro, não é verdade. Mas a angústia física pode confundir tanto um ser que ele perde qualquer aspiração a melhorar e começa de algum modo a procurar parar o seu sofrimento. A especialidade do médico é curar doenças ou condições físicas não ótimas. Nalgumas circunstâncias ele pode fazê-lo. Não é uma invasão dos seus domínios assistenciais o paciente a atingir um maior potencial curativo. E as doenças de natureza espiritual não são do foro médico.

O psiquiatra e o psicólogo, por outro lado, foram buscar os seus nomes fundamentais à religião uma vez que “psique” quer dizer alma. Eles, segundo as estatísticas, não têm mais êxito a aliviar a angústia mental do que os padres. Mas, modernamente, procuram fazê-lo usando drogas, ou hipnotismo, ou meios físicos. E estragam mais do que ajudam.

Um ministro tem a responsabilidade de aliviar o sofrimento da sua gente e dos que o rodeiam. Ele tem muitas maneiras de o fazer. Faz isso com muito êxito e não precisa de drogas, ou hipnotismo, ou choques, ou cirurgia, ou violência. Enquanto as pessoas estiverem num nível em que não precisem de coisas físicas, ele tem o dever de evitar a sua decadência espiritual ou física aliviando o seu sofrimento quando pode.

O seu método primário para o fazer é a ASSISTÊNCIA.

Como o conhecimento de como o fazer existe e a perícia é facilmente adquirida, ele não tem na verdade o direito de negligenciar aqueles por cujo bem-estar é responsável, pois só então os pode conduzir a níveis espirituais mais elevados.

Um auditor tem-no em seu poder para fazer os Pcs recuperar espetacularmente. Esse poder está na razão direta da sua infalibilidade como auditor. Só a mais exata e apropriada tech produzirá os resultados desejados.

Se queremos verdadeiramente ajudar o nosso semelhante, essa exata perícia e esses resultados valem muito a pena possuir.



L. RON HUBBARD

Fundador



SECÇÃO NOVE - REPARAÇÃO DE DIANÉTICA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 11 DE ABRIL DE 1971RG

REVISTO 14 JULHO 1978

RE-REVISTO 31 MAIO 1980

IMPORTANTE

L3RG

LISTA DE REPARAÇÃO DE DIANÉTICA E PERCURSO DE INTERIORIZAÇÃO

Esta lista inclui os erros mais frequentes de Dianética.

Um TA alto ou baixo e um caso atolado podem ser resultantes de uma falha em apagar uma cadeia de incidentes.

NÃO TENTES REPARAR UMA CADEIA DE ENGRAMAS SEM USAR ESTA LISTA pois ela pode ter erros diversos e diferentes. LEMBRA-TE DE CLARIFICAR CADA PALAVRA NESTA LISTA. SE UMA PERGUNTA TEM LEITURA E O PC DIZ QUE NÃO A COMPREENDEU, CLARIFICA-A E VOLTA A FAZER O ASSESSMENT (não expliques e consideres a leitura num mal-entendido e não num facto).

É UMA AÇÃO INCORRETA SUBMETER PCS À DIANÉTICA SEM A DOCTRINAÇÃO DO C/S1 DE DIANÉTICA COMPLETO E ACABADO.

LEVA QUALQUER LEITURA DESCOBERTA ATÉ F/N ATRAVÉS DE UMA REPARAÇÃO COMPLETA CONFORME AS INSTRUÇÕES.

1. HAVIA UM INCIDENTE ANTERIOR SEMELHANTE? _____

Indica-o. Percorre a cadeia até EP completo.

2. NÃO HAVIA UM INCIDENTE ANTERIOR SEMELHANTE? _____

Indica-o. Estabelece se a cadeia apagou ou se o último incidente necessita ser percorrido outra vez. Conclui a cadeia até EP completo por indicação ou por percorrê-la até EP completo.

O manejo de Cientologia, se necessário, incluiria Datar/Localizar.

3. HAVIA UM COMEÇO ANTERIOR? _____

Indica-o. Maneja com R3Ra e conclui a cadeia até EP completo.

4. NÃO HAVIA UM COMEÇO ANTERIOR? _____

Indica-o. Conclui a cadeia até EP completo R3RA DEF no último incidente, se não flat.

5. HOUVE UMA F/N INDICADA PREMATURAMENTE? _____

Indica-o. Percorre o último incidente (ou cadeia) até EP completo.



6. O AUDITOR PAROU SÓ PORQUE HAVIA UMA F/N? _____
Indica-o. Conclui a cadeia até EP completo usando comandos DEF no último incidente percorrido.
7. HOUVE UMA F/N INDICADA TARDE DEMAIS? _____
Indica-o. Retira o postulado feito na hora do incidente. Indica o overrun.
(O manejo de Cientologia incluiria, se necessário, D/L.) Depois, se o Pc saltou para outra cadeia, pega no último incidente percorrido pelo Pc na cadeia de onde saltou e faz um L3RG.
8. O POSTULADO FOI ULTRAPASSADO? _____
Indica. Consegue o postulado. Indica que a cadeia foi overrun. (O manejo de Cientologia incluiria, se necessário, D/L.) Se o Pc saltou cadeias, maneja conforme descrito acima.
9. O INCIDENTE FOI APAGADO? _____
Indica. Consegue o postulado feito na hora do incidente. Indica o overrun. (Se aparece qualquer dificuldade, o manejo de Cientologia incluiria D/L.)
10. HOUVE UMA F/N NÃO INDICADA DE TODO? _____
Indica. Se o postulado ainda não tiver sido dado, consegue-o. Indica o overrun. (Se necessário, D/L pelo auditor de Cientologia.) Maneja cadeias saltadas conforme item 7.
11. NÃO HAVIA CARGA NO ITEM PARA COMEÇAR? _____
Indica-o e que ele não deveria ter sido percorrido. O manejo de Cientologia incluiria, se necessário, D/L.
12. SALTASTE CADEIAS? _____
Indica-o. Reorienta para a cadeia original. Descobre se foi apagada e consegue o postulado, se este não tiver sido dado anteriormente. Indica o overrun ou percorre a cadeia até EP completo. Depois localiza o último incidente percorrido pelo Pc na cadeia para a qual ele saltou. Como esta foi agora restimulada, mas não percorrida, faz uma L3RG nela. O manejo de Cientologia incluiria, se necessário, D/L.
13. SALTASTE FLUXOS? _____
Indica-o. Reorienta para a cadeia original e leva-a até EP completo usando comandos DEF. Se necessário, e se o Pc ainda estiver contrariado por causa do outro fluxo, faz uma L3RG nele.
14. HOUVE COMANDOS ENGANADOS? _____
Indica-o, E/S até F/N.
15. O AUDITOR ENGANOU-SE NALGUMA SEQUÊNCIA DE COMANDOS? _____
Indica-o, E/S até F/N
16. NÃO TIVESTE UM COMANDO? _____
Indica-o, E/S até F/N.
17. TIVESTE UM MAL-ENTENDIDO NO COMANDO? _____
Descobre-o e clarifica-o.
18. O INCIDENTE DEVERIA SER PERCORRIDO MAIS UMA VEZ? _____
Indica-o. R3RA DEF no incidente e percorre a cadeia até EP completo.



19. TARDE DEMAIS NA CADEIA? _____

Indica-o. Consegue o incidente Anterior Semelhante e conclui a cadeia com R3RA até EP completo.

20. UMA CADEIA NÃO FOI CONCLUÍDA? _____

Indica-o. DEF no incidente e percorre a cadeia até EP completo.

21. O INCIDENTE FICOU MAIS SÓLIDO? _____

Indica-o. Procura por um incidente anterior ou um início anterior e completa a cadeia até EP completo.

22. UM INCIDENTE FOI OMITIDO? _____

Indica-o. Descobre qual foi, percorre-o e conclui a cadeia até EP completo.

23. UM INCIDENTE FOI DEIXADO CARREGADO DEMAIS? _____

Indica-o. Descobre qual foi, percorre-o novamente. Conclui a cadeia até EP completo.

24. DISSESTE QUE ALGUMA COISA FOI APAGADA SIMPLEMENTE PORQUE ESTAVAS CANSADO DE A PERCORRER? _____

Indica-o. Conclui a cadeia até EP completo com R3RA DEF no último incidente percorrido.

25. PARASTE DE PERCORRER UM INCIDENTE QUE SE ESTAVA A APAGAR? _____

Indica-o. DEF no incidente e apaga-o. Consegue EP completo.

26. FOSTE ALÉM DO BÁSICO NUMA CADEIA? _____

Indica-o. Consegue EP completo. Depois, se o Pc salta para outra cadeia, consegue o último incidente percorrido por ele na cadeia e faz uma L3RG. O manejo de Cientologia incluiria, se necessário, D/L.

27. UM INCIDENTE MAL PERCORRIDO ANTERIOR FOI REESTIMULADO? _____

Indica-o. Descobre qual foi e faz uma L3RG.

28. DOIS OU MAIS INCIDENTES FICARAM CONFUSOS? _____

Indica-o e separa-os com uma L3RG.

29. UM IMPLANTE FOI REESTIMULADO? _____

Indica-o. Se não houver manifestação de alegria faz uma L3RG à época da restimulação.

30. O INCIDENTE FOI NA REALIDADE UM IMPLANTE? _____

Indica-o. Se necessário, faz um L3RG. O manejo de Cientologia incluiria, se necessário, D/L.

31. ITEM ERRADO? _____

Indica que era um item errado e que todas as outras ações relacionadas a ele estavam erradas. Se o item errado for de uma lista L&N ou se houver qualquer pergunta ou dificuldade leva o Pc a um Auditor de Cientologia que seja classificado para fazer uma L4BRA.

32. NÃO ERA O TEU ITEM? _____

Indica-o, E/S até F/N.

33. NÃO ERA O TEU INCIDENTE? _____

Indica-o, E/S até F/N. Qualquer problema, faz uma L3RG.



34. O ITEM DO PREASSESSMENT CONSEGUIDO NÃO POSSUÍA CARGA? _____

Indica que o item estava sem carga e não deveria ter sido apanhado e que todos os itens relacionados a ele não deveriam ter sido percorridos. (O manejo de Cientologia incluiria, se necessário, D/L.)

35. HAVIA UM OUTRO ITEM DO PREASSESSMENT QUE DEVERIA TER LEITURA? _____

Consegue qual ele era e anota a sua leitura à medida que o Pc o fornece. Descobre se o item do PREASSESSMENT tomado está sem carga. Se assim for, maneja conforme acima. Se não, continua com a ação em que estiveres até EP e maneja o novo item dado na sua ordem.

36. O ITEM ORIGINAL JÁ FOI MANEJADO? _____

Indica que o item original já foi manejado e que os itens relacionados a ele não deveriam ter sido percorridos. (O manejo de Cientologia incluiria, se necessário, D/L.)

37. (OMITE QUANDO ESTIVERES A PERCORRER DROGAS)

HOUVE UMA FALTA DE INTERESSE EM PERCORRER UM ITEM? _____

Indica o item e que ele não deveria ter sido percorrido. O manejo de Cientologia incluiria, se necessário, D/L.

38. A MESMA COISA FOI PERCORRIDA DUAS VEZES? _____

Indica-o. Descobre o primeiro apagamento, indica o overrun. O manejo de Cientologia incluiria, se necessário, D/L.

39. HOUVE UMA DATA ERRADA? _____

Indica-o. Consegue a data correta e percorre o incidente (se não estiver flat) e a cadeia até EP completo.

40. NÃO HAVIA DATA PARA O INCIDENTE? _____

Indica-o. Consegue a data e percorre o incidente (se não estiver flat) e a cadeia até EP completo.

41. ERA UMA DATA FALSA? _____

Indica-o. Consegue a data correta e percorre o incidente (se não estiver flat) e qualquer cadeia até EP completo.

42. HOUVE UMA DURAÇÃO INCORRETA? _____

Indica-o. Consegue a duração correta e percorre o incidente (se não estiver flat) e qualquer cadeia até EP completo.

43. NÃO FOI DESCOBERTA A DURAÇÃO DO INCIDENTE? _____

Indica-o. Consegue a duração e percorre o incidente (se não estiver flat) e qualquer cadeia até EP completo.

44. HOUVE UMA DURAÇÃO FALSA? _____

Indica-o. Consegue a duração correta e percorre o incidente (se não estiver flat) e qualquer cadeia até EP completo.

45. RESSENTISTE-TE DE DURAÇÕES? _____

Indica-o. E/S até F/N. Percorre o incidente (se não estiver flat) e qualquer cadeia até EP completo.



46. UMA PERTURBAÇÃO ANTERIOR EM DIANÉTICA FOI RESTIMULADA? _____
Localiza o que foi, indica-o. Se necessário, resolve-o com uma L3RG.
47. UMA QUEBRA DE ARC ANTERIOR, EM ENGRAMAS, FOI RESTIMULADA? _____
Indica-o. Resolve-o com uma L3RG.
48. HOUVE UMA QUEBRA DE ARC NO INCIDENTE? _____
Indica-o. Percorre o incidente, se não estiver flat, até EP completo.
49. ESTIVESTE A PROTESTAR? _____
Indica-o, clarifica-o com E/S até F/N.
50. O AUDITOR EXIGIU MAIS DO QUE PODIAS VER? _____
Indica-o, E/S até F/N. Havendo qualquer dificuldade leva o Pc a um Auditor de Cien-
tologia classificado para a fazer uma L1C, se necessário.
51. O AUDITOR RECUSOU-SE A ACEITAR O QUE ESTAVAS A DIZER? _____
Indica-o, E/S até F/N. Havendo qualquer dificuldade leva o Pc a um Auditor de Cien-
tologia classificado para fazer uma L1C, conforme necessário.
52. FOSTES IMPEDIDO DE PERCORRER UM INCIDENTE? _____
Indica-o, E/S até F/N. Percorre o incidente (se não estiver flat) até EP completo. Ha-
vendo qualquer dificuldade encaminha o Pc a um Auditor de Cientologia classificado
para fazer uma L1C.
53. O AUDITOR SIMPLEMENTE PAROU DE DAR COMANDOS? _____
Indica-o. Conclui a cadeia percorrendo o último incidente descoberto DEF até EP
completo.
54. UMA COGNIÇÃO FOI INTERROMPIDA? _____
Indica-o. Consegue a cognição e qualquer postulado associado a ela. (Havendo qual-
quer dificuldade neste ponto, encaminha o Pc a um Auditor de Cientologia para uma
L1C.) Continua a cadeia se não estiver flat e indica o overrun.
55. HOUVE UM POSTULADO QUE NÃO FOI EXPRESSO? _____
Indica-o. Consegue o postulado e indica o overrun. (O manejo de Cientologia incluiria,
se necessário, L1C ou D/L.)
56. FOSTE DISTRAÍDO AO PERCORRER UM INCIDENTE? _____
Indica-o, E/S até F/N. Percorre o incidente (se não estiver flat) e qualquer cadeia até
EP completo. Havendo qualquer dificuldade encaminha o Pc a um Auditor de Cientolo-
gia classificado para uma L1C.
57. FOSTE AUDITADO POR CIMA DE UMA QUEBRA DE ARC? _____
- PROBLEMA? _____
- WITHHOLD? _____
- Indica-o. Se fores treinado para tal, maneja o out-rud. Se não, leva o Pc a um Auditor de
Cientologia classificado para manejar out-ruds. Não puxes W/Hs antes do engrama ou
cadeia ser reparado ou isso vai esmagar os engramas.
58. FOSTE DETIDO PELO AUDITOR? _____
Indica-o, E/S até F/N.



59. UM ITEM FOI SUPRIMIDO?

Indica-o. Retira a supressão, E/S até F/N e depois percorre o item e qualquer cadeia até EP completo.

60. UM ITEM FOI INVALIDADO?

Indica-o. Retira a invalidação, E/S até F/N e depois percorre o item e qualquer cadeia até EP completo.

61. UM ITEM FOI ABANDONADO?

Indica-o, traz o item de volta e percorre o item e qualquer cadeia até EP completo.

62. UMA CADEIA FOI ABANDONADA?

Indica-o, traz a cadeia de volta e percorre-a até EP completo.

63. O ITEM FOI ORIGINALMENTE MAL ENUNCIADO?

Indica-o. Consegue o enunciado certo e fornece ao Pc. Maneja até EP completo, se não estiver flat.

64. A REDAÇÃO DO ITEM FOI MUDADA?

Indica-o. Consegue a redação certa e fornece ao Pc. Percorre-o (se não estiver flat) até EP completo.

65. ESTIVESTE A PERCORRER UM ITEM QUE ERA DIFERENTE DAQUELE QUE TEVE O ASSESSMENT?

Indica-o. Consegue o item que o Pc estava realmente a percorrer e maneja até EP completo. Depois uma L3RG no item que teve realmente o assessment.

66. IMAGEM FIXA?

Indica-o. Faz um L3RG. Podes também soltá-la fazendo o Pc recordar uma ocasião antes e uma ocasião depois.

67. TUDO NEGRO?

Localiza a imagem ou campo negro. Consegue a duração correta. Se não funcionar, faz uma L3RG.

68. INVISÍVEL?

Localiza a imagem ou campo invisível. Faz uma L3RG.

69. CONSTANTEMENTE A MUDAR IMAGENS?

Indica que houve um assessment errado e um item errado foi retirado da lista. Consegue o item correto e percorre-o ou faz L3RG sobre essa sessão.

70. QUANDO DISSESTE QUE ESTAVA APAGADO AINDA TINHA MASSA?

Indica-o. DEF, verificando por um início anterior, percorre-o até apagar e EP completo. Se necessário faz uma L3RG.

71. HAVIA UMA MASSA PERSISTENTE?

Faz uma L3RG.

72. HOVE TRANSTORNO COM UM ITEM DE PRESSÃO OU PRESSÃO NUM ITEM?

Faz uma L3RG sobre isso.

73. FICASTE EXTERIOR?

Indica-o. Maneja se fores um Auditor de Cientologia. Leva o Pc a um Auditor de



Cientologia para um Percurso de Interiorização completo ou torna-te um Auditor de Cientologia classificado e maneja.

74. O TEU PERCURSO DE INTERIORIZAÇÃO FOI DESORDENADO? _____

Se assim for, indica-o ao Pc. Se tiveres recebido treino apropriado, faz uma Lista de Correção do Percurso de Interiorização (HCOB 29 Out. 71RA). Se uma Correção de Interiorização já tiver sido feita no Pc consegue um Sumário de Erros da Pasta do Percurso de Interiorização e as suas correções. Quando todos os erros forem corrigidos o C/S pode ordenar o Percurso de Reparação do Fim do Interiorização Sem Fim, segundo o N°4RA da Série sobre Interiorização.

75. FOSTE AUDITADO POR CIMA DE DROGAS, REMÉDIOS OU ÁLCOOL? _____

Indica-o. Faz uma L3RG naquela época e depois verifica todas as cadeias para assegurar que estão apagadas. Coloca à atenção do C/S uma observação para verificar se Objetivos e todos os outros pontos do manejo completo de drogas foram feitos.

76. UMA MORTE PASSADA FOI RESTIMULADA? _____

Indica-o. Se não rebentar, percorre um R3RA de Narrativa Secundária.

77. ALCANÇASTE ALGUM ESTADO E ELE FOI INVALIDADO? _____

Indica-o. Devolve a pasta ao C/S para manejo.

78. FICASTE CLEAR E NINGUÉM TE DEIXAVA DECLARÁ-LO? _____

Se afirmativo, 2WC até F/N. Envia a pasta ao C/S para a programação. **Jamais** se deveria simplesmente enviar a pessoa para Declarar sem ter feito um Intensivo Especial de Clear de Dianética, total e completamente, o que mostraria, para lá de qualquer dúvida, que a pessoa era realmente Clear. Agir de outra maneira pode deitar a perder as possibilidades da pessoa fazer qualquer ganho de caso.

79. NÃO HAVIA NADA ERRADO EM PRIMEIRO LUGAR? _____

Indica-o. Continua a ação em que estavas.

80. ESTA LISTA ERA DESNECESSÁRIA? _____

Indica-o. Se não há F/N leva o Pc a um Auditor de Cientologia para uma reabilitação ou torna-te num Auditor de Cientologia para o manejar.

81. O VERDADEIRO MOTIVO FOI OMITIDO? _____

Indica-o. Localiza o motivo verdadeiro e maneja.

82. ALGUMA COISA MAIS ESTAVA ERRADA? _____

Localiza o que é e resolve-o.

L. RON HUBBARD

FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 3 DE JULHO DE 1971R
Rev. 22.2.79
(Revisões neste estilo de letra)
(Reticências indicam cortes)

Remimeo
Franquia
Todos os Auditores
Checksheets Nível III

Substitui HCOBs 22 Maio 65 e 23 Abril 64,
e cancela HCOB 27 Jul. 65, todos no mesmo assunto.

CIENTOLOGIA III

AUDIÇÃO POR LISTAS

(Nota: agora flutuamos tudo. NÃO dizemos ao Pc o que o E-metro está a fazer. Isto muda “Audição por listas” em ambos os aspetos. Não dizemos ao Pc “está limpo” ou “isso leu”)

Refs.

HCOB 14 Mar 71R	FLUTUAR TUDO
HCOB 4 Dez. 77	LISTA PARA PREPARAR SESSÕES E UM E-METRO
HCOB 24 Jan. 77	RONDA DE CORREÇÃO DA TECH
HCOB 7 Fev. 79R	EXERCÍCIO DE E-METRO 5RA - APERTO DE LA TAS
Rev. 15.2.79	
HCOB 8 Dez. 78 II	GF & GF 40RD EXPANDIDA, USO DE

Usar qualquer LISTA autorizada publicada (GF, para revisão geral, L1C para quebras de ARC, L4BRA para *erros de listas*).

MÉTODO 3

Coloque a sensibilidade para uma queda de 1/3 do quadrante com um aperto correto de latas, conforme o Exercício de E-metro 5RA. (Ref. HCOB 7 Fev. 79R, EXERCÍCIO DE E-METRO 5RA - APERTO DE LATAS)

Ponha o E-metro numa posição (linha de visão) para que possa ver a lista e a agulha, ou a agulha e o Pc. A posição do E-metro é importante.

Ponha a lista encostada ao lado do E-metro e a Folha de Trabalho mais para a direita. Vá tomando notas na Folha de Trabalho. Anote nela o nome do Pc e a data. Indique na Folha de Trabalho qual a lista e a hora. Ela fica no folder agraçada à Folha de Trabalho.

Leia a pergunta da lista, veja se dá leitura. NÃO a leia a olhar para o Pc, NÃO a leia para si próprio e não a diga depois a olhar para o Pc. Estas ações são ações da L10 e isto é chamado Método 6, e não Método 3. É mais importante ver as latas do Pc do que a sua cara, pois mexer com as latas pode falsificar ou perturbar as leituras.

O TR1 tem que ser bom para que o Pc possa ouvir claramente.

Nós estamos à procura de uma LEITURA INSTANTÂNEA que ocorrerá no fim da exata última sílaba da pergunta.



Se não ler, ponha X na lista. Se a lista está a ser feita através duma F/N e a F/N simplesmente continua e ponha F/N na pergunta.

Se a pergunta ler, *não* diga “Isso leu”. Ponha logo a leitura (tique, SF, F, LF, LFBD, R/S), transfira o número da pergunta para a Folha de Trabalho e olhe expectante para o Pc. Se o Pc não começar a falar pode repetir a pergunta dizendo-lha simplesmente de novo. Provavelmente ele já começou a responder, pois a pergunta estava viva no seu banco, conforme notado pelo E-metro.

Anote na Folha de Trabalho as observações do Pc de forma breve, anote quaisquer mudanças de TA na Folha de Trabalho.

Se a resposta do Pc resultar numa F/N (às vezes seguida de Cog, VGIs. GIs acompanham sempre uma real F/N), marque-a rapidamente na Folha de Trabalho e diz: “Obrigado. Gostaria de te indicar que a tua agulha está a flutuar”.

NÃO espere infinitamente que o Pc diga mais. Se o fizer ele entrará em dúvida e encontrará mais. Também NÃO corte o que ele está a dizer. Ambos são erros de TRs muito maus.

Se não houver F/N, na primeira pausa em que o Pc pensa que já falou, peça um _____, anterior semelhante do que a pergunta refere. NÃO mude a pergunta. NÃO deixe de repetir o que a pergunta diz. “Houve uma restimulação anterior semelhante de afinidade rejeitada?”. Esta é a parte “E/S”. *Não* deixe essa pergunta meramente “limpa”.

Agora não importa se olha ou não para o Pc quando o diz. Mas pode olhar para o Pc quando o diz.

O Pc responderá. Se ele “parecer que o disse” e não dá F/N, faça a pergunta conforme acima.

Faça esta pergunta: “Houve um _____ anterior semelhante?” até finalmente obter a F/N e GIs. Indicamos então a F/N.

Isso é o final dessa pergunta particular.

Marque a F/N na lista e faz a próxima pergunta da lista. Faça esta e outras perguntas sem olhar para o Pc.

As que não reagem levam um X.

A próxima pergunta que ler é marcada na lista, e o número transferido para a Folha de Trabalho.

Obtém a resposta do Pc.

Segue o procedimento acima de E/S conforme necessário até obter uma F/N e GIs para a pergunta. Acusa a receção. Indica e volta à lista.

Mantém isto até toda a lista ser feita desta maneira.

Se não obtém leitura na pergunta da lista, mas o Pc franqueia alguma resposta a uma pergunta sem leitura, NÃO lhe pega. Acusa só a receção e continua com a lista.

ACREDITE NO E-METRO.

Não pegue em coisas que não leem. Não há “palpites”. Não deixe o Pc correr o seu próprio caso respondendo a itens sem leitura nos quais então o auditor pega. Também não deixe o Pc “mexer com as latas” obtendo uma leitura falsa ou obscurecendo uma verdadeira. (Estas duas ações têm acontecido, mas muito raramente).

GRANDE VITÓRIA

Se a meio duma lista preparada (a última parte ainda por fazer) o Pc obtém uma F/N larga nalguma pergunta, grande Cog, VGIs, o auditor tem justificação para considerar a lista completa e ir para a próxima ação do C/S, ou terminar a sessão, *exceto no caso em que o C/S é para uma Lista Flutuante, por ex. C/S53RL. O auditor não viola a Série C/S 20, F/N PERSISTENTE. Se ele tenciona flutuar a lista e o Pc está numa Grande Vitória, o auditor termina, deixa o Pc ter a sua vitória e depois, numa próxima sessão, continua com a lista.*

Existem duas razões para isto: uma é que a F/N simplesmente persistirá e não se pode ler através dela, e a ação seguinte tenderia a invalidar a vitória.



O auditor também pode continuar até ao fim da lista preparada se pensar que pode haver lá mais qualquer coisa, se *isso não violar a Série C/S 20, F/N PERSISTENTE*.

GF E MÉTODO 3

Quando uma GF é feita Método 3 (*item por item, um de cada vez*), *terminamo-la na primeira F/N* (Ref. HCOB 8 Dez. 78 II, GF e GF 40RD EXPANDIDA, USO DE). Se o auditor continuar pode acontecer que de repente o TA fique alto. O Pc sente que está a ser reparado, que a clarificação do primeiro item da GF manejou a coisa e protesta. É o protesto que manda o TA para cima.

Daí que é melhor fazer uma GF pelo Método 5. (Duma vez para as leituras, depois manejar as leituras).

L1C, L3RF, L7 e outras listas dessas, são mais bem conseguidas pelo Método 3.

Os passos e ações acima são a exata forma de como hoje se faz Audição por Listas. Quaisquer dados anteriores contrários a isto são cancelados. Somente dois pontos mudam: Flutuamos tudo que lê com E/S ou com um processo para manejar (L3RF requer processos para obter a F/N, e não E/S) *ou então confira leitura falsa, se o Pc tiver manifestações disso*, nunca dizendo ao Pc se leu ou não leu, pondo assim a atenção do Pc no E-metro.

Indicamos ainda F/Ns ao Pc como forma de completação.

A L1C e Método 3 NÃO são usados em TAs altos ou muito baixos com o fim de baixar ou subir o TA.

O propósito destas listas é limpar Carga Ultrapassada.

Um auditor também indica quando acabou a lista.

Um auditor deve exercitar-se numa boneca e com provocação.

A ação é muito exitosa quando feita com precisão.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 19 de SETEMBRO de 1978

Emissão I

Remimeo
Checksheets NED
Todos os Supervisores
Todo o C/Ses
Todos os Auditores

O FIM do RD INTERMINÁVEL DE DROGAS

A possibilidade de esgotar um RD de Drogas num Pc é totalmente inexistente e a razão é que houve inúmeras culturas nos vários universos que foram de longe mais orientados para a droga do que este aqui. E até uma pessoa que não manifesta drogas e não as tomou nesta vida, pode colidir com estas culturas e universos se for empurrado.

Você pode sempre encontrar mais drogas na banda. O que interessa é esta vida e este corpo. Isto não significa não correr a banda no RD de Drogas, mas não force. Não peça drogas de toda a banda. Quando listar as drogas que um Pc tomou, você só quer as que tomou nesta vida.

Os passos do RD de Drogas foram reorganizados para prevenir este percurso interminável, e permitem levar o RD a um ponto plano da liberdade dos efeitos prejudiciais das drogas desta vida e uma lista de drogas a dar F/N.

São corridos objetivos no Pc. Cada droga é corrida narrativa seguida de preverificação, então verificação prévia e então um pouco mais de Objetivos para repor o Pc em PT depois do percurso de engramas. Todos os passos completos estão listados na Série C/S 48RB, NED Série 9R e NED Série 2R.

Também, há agora uma Lista Reparação do RD de Drogas que manejará carga ultrapassada provocada por RDs de Drogas intermináveis.

Muitos casos serão agora arrumados e a velocidade de subida na Ponte será grandemente aumentada.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB 19 DE SETEMBRO DE 1978R
EMISSÃO II
REVISTO 31 JANEIRO 1979
(Revisões em Itálicas)

**O FIM DOS RDS DE DROGAS SEM FIM,
LISTA DE REPARAÇÃO**

(Ref.: HCOB 19 Set 78R, I, O FIM DOS RDS DE DROGAS SEM FIM)
Rev.31 Jan. 79

A Lista de Reparação dos RDs de Drogas Sem Fim é o RD para manejar um Pc que tenha sido auditado em excesso em drogas, que tenha um RD de Drogas Sem Fim feito no estilo antigo de audição e/ou que tenha carga ultrapassada em audição de drogas.

Um requisito para o RD é que o Pc seja primeiro preparado para o RD com uma C/S 53RL até uma lista F/N. (A C/S 53 não faz parte do RD em si, mas é solicitada como ação preparatória, feita separadamente).

A Lista de Reparação do Fim dos RDs de Drogas Sem Fim é entregue como um RD em si.

Fazer a assessment Método 5 e manejar por ordem da maior leitura.

NOTA: Esta lista pode ser feita em Clears de Dianética, Clears e OTs, mas quando um item de leitura pede qualquer audição de Dianética (itens 7 e 9) isto NÃO é feito. (Ref.: HCOB 12 Set 78, DIANÉTICA PROIBIDA EM CLEARS E OTs). Nos Clears, OTs e Clears de Dianética o manejo de tais itens é simplesmente indicar a leitura.

1. O RD DE DROGAS FOI CONTINUADO PARA ALÉM DO PONTO EM QUE TU NÃO ERAS MAIS AFETADO POR ELAS? _____
(Indica. Pergunta ao Pc se ele pode achar aquele ponto).
2. O RD DE DROGAS CONTINUOU PARA ALÉM DO PONTO ONDE FOSTE LIBERTADO DOS EFEITOS DAS DROGAS? _____
(Indica. Pergunta ao Pc se ele pode achar esse ponto).
3. NO RD DE DROGAS FOSTE PERCORRIDO NUMA DROGA SEM CARGA? _____
(Descobre qual a droga que não estava carregada e indica que ela não deveria ter sido percorrida. Pode ser mais de uma droga sem carga; maneja cada uma indicando em cada uma).
4. NO RD DE DROGAS FOSTE PERCORRIDO NUM INCIDENTE OU ITEM SEM CARGA? _____
(Descobre qual e indica que ele não deveria ter sido percorrido. Pode haver mais que um; maneja cada um indicando em cada um).
5. NO RD DE DROGAS PEDIRAM-TE PARA LISTAR DROGAS DE TODA A BANDA? _____
(Indica que isso pode ter restimulado drogas pelas quais ele não foi afetado na vida presente).



6. NO RD DE DROGAS FOSTE IMPEDIDO DE CONSEGUIR GRAUS OU OUTRA AUDIÇÃO?
(Indica). _____
7. NO RD DE DROGAS, UM INCIDENTE OU CADEIA NÃO FOI ESGOTADO?
(Indica. Põe o incidente ou cadeia flat R3RA). _____
8. NO RD DE DROGAS, UM INCIDENTE OU CADEIA FOI OVERRUN?
(Indica-o. Descobre o ponto plano). _____
9. NO RD DE DROGAS, UMA DROGA COM CARGA NÃO FOI CORRIDA?
(Descobre qual e maneja conforme os passos do RD de Drogas de NED). _____
10. O RD DE DROGAS FOI CONTINUADO PARA ALÉM DO PONTO ONDE SENTIAS QUE A LISTA DE DROGAS ESTAVA COM F/N?
(Indica. Pergunta ao Pc se ele pode determinar esse ponto). _____
11. NÃO TE PERMITIRAM DECLARAR A CONCLUSÃO DO TEU RD DE DROGAS?
(Indica. Deixa o Pc dizer o que quiser sobre isto). _____
12. DISSERAM QUE ERAS UM DROGADO QUANDO NÃO ERAS?
(Indica-o e também que o Pc não é um drogado). _____
13. FOSTE AUDITADO EM DIANÉTICA OU DIANÉTICA DA NOVA ERA DEPOIS DE CLEAR DE DIANÉTICA?
(Caso afirmativo, indica que a audição Dianética não deveria ter sido continuada após Clear de Dianética). _____
14. NO RD DE DROGAS, ALGUMA OUTRA COISA ESTAVA ERRADA?
(Indica. Faz o Pc dizer-te o que ele pensa que era. Se não houver F/N encaminha-o a um C/S de Cientologia para manejar). _____

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 15 DE OUTUBRO DE 1973RC
Re-rev. 26 Jul. 86

Série C/S 87RC

ANULAR E FLUTUAR LISTAS PREPARADAS

Uma lista preparada é aquela que é emitida em HCOBs e usada para corrigir casos. Existem muitas. Notável entre elas é a C/S 53 e suas correções.

É por vezes pedido ao auditor para flutuar uma certa lista. Isto significa que, ao fazer a chamada de toda a lista, item por item, eles deem F/N.

À PRESSA

É errado pensar que temos que apressar uma lista preparada e “levá-la até F/N à pressa”. Uma lista preparada deve sempre ser executada de forma a obter ótimos resultados no Pc.

Se uma lista preparada revelar mais coisas para manejar, devem então ser manejadas. Por exemplo, se “engrama em restimulação?” ler, o manejo seria uma L3RG e manejar as leituras. (Aviso: não correríamos Dianética num Clear ou OT. Para um Clear, faríamos uma L3RG indicando simplesmente a leitura. Para um OTIII ou acima, a L3RG seria manejada conforme HCOB 4 Jul. 79, MANEJO E CORREÇÃO DE LISTAS EM OTs).

Se algo saltar à vista numa lista preparada, manejamo-lo.

Se virmos que é necessária mais ação, ela deve ser programada para manejo posterior, conforme as instruções da lista.

C/S SÉRIE 53

Uma C/S Série 53 é sempre feita Método 5. Quando fazemos uma C/S 53 até lista Flutuante, é feita pelo Método 5 e depois reverificada pelo Método 5 até toda a lista flutuar. Nunca é feita Método 3.

LISTAS “NÃO REAGENTES E NÃO FLUTUANTES”

De vez em quando temos a extrema raridade duma lista selecionada para exatamente resolver o caso, não ler, mas não flutuar.

Claro que isto poderia acontecer se a lista não se aplicasse ao caso (como uma lista preparada de OT usada no grau IV: proibidíssimo). No caso de listas para corrigir listagens e da C/S Série 53 em particular, é quase impossível ocorrer esta situação.

Um C/S verá com frequência que o auditor fez o assessment da lista, não obteve quaisquer leituras e a lista não flutuou.

Um C/S “razoável” (proibidíssimo) deixa passar isto.

Ele tem, contudo, à sua frente a maior prova que o auditor:

1. Tem TRs fora em geral.
2. Não tem qualquer impacto com o TR1.
3. Está a colocar o e-metro numa posição incorreta na sessão de audição não podendo assim vê-lo, ver ao Pc e ver a Folha de Trabalho.
4. Tem uma visão deficiente.



Uma ou mais destas condições existirá de certeza.

Não fazer nada sobre isto é pedir catástrofe após catástrofe, com Pcs e a autoconfiança do C/S gravemente deteriorados.

Há um espantoso número de auditores que não pode fazer reagir uma lista preparada, por uma das razões acima.

Aplicando Suprimido, Invalidado ou Palavras mal-entendidas à lista, não só obterá uma leitura, mas também a lista flutuará. Se uma lista não flutuar, então o assunto da lista ainda está carregado, ou o auditor está a fazer algo incorreto com a lista.

A moral desta história é que, listas que não leem, flutuam. Quando listas preparadas que não leem não flutuam, ou quando o auditor não consegue flutuar uma lista preparada, estão presentes sérios erros de audição que derrotarão o C/S.

No interesse de uma obtenção de resultados e de ser gratificante para os Pcs, o C/S sabedor nunca deixa passar esta situação sem indagar do que se trata.

L. RON HUBBARD

Fundador



SECÇÃO DEZ - REMÉDIOS DE DIANÉTICA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 24 DE JULHO DE 1978

(Cancela e substitui BTB 3 Out. 69R,

REMÉDIOS DE DIANÉTICA)

Série NED24

REMÉDIOS DE DIANÉTICA

Os remédios dados aqui manejarão Pcs que ficam anaten ou dormentes em sessão mesmo estando de antemão descansados. Também manejarão TAs altos causados por cadeias deixadas em restimulação pelo facto de não terem sido levadas ao EP completo de Dianética.

CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS

Um dos primeiros passos dum Pc principiante na audição de NED é um C/S1 de Dianética meticoloso e completo. Ele é dado na AÇÃO SETE, Série NED 2RA, DELINEAMENTO DO PROGRAMA COMPLETO DO Pc DE NOVA ERA DIANÉTICA.

NÃO tentamos correr R3RA num Pc que não está devidamente doutrinado. Aclaramos os comandos. Aclaramos com ele a lista de palavras e os procedimentos. É da responsabilidade do auditor assegurar que ele compreende os comandos e o procedimento no qual ele está a ser corrido.

Assim, o primeiro remédio dado aqui é CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS. Um Pc que não compreende os comandos R3RA, procedimentos de assessment, etc., não reestimulará massas durante a audição de Dianética e não poderá apagá-las.

Se houver alguma dúvida de que o nosso Pc compreende os comandos e procedimentos da R3RA, aclaramos imediatamente.

Temos duas coisas que impedem sempre os Pcs de percorrerem engramas. Uma é a falta de clarificar a fundo os comandos e procedimentos da R3RA conforme coberto acima, e a outra é drogas por manejar.

Assim, os remédios seguintes são para ser feitos na sua ordem correta no programa do Pc de Dianética, depois de um manejo a fundo e completo das drogas conforme Série NED 9RC, MANEJO DE DROGAS. (Ref. Série NED 2RA, DELINEAMENTO DO PROGRAMA COMPLETO DO Pc DE NOVA ERA DIANÉTICA).

IMAGENS OU MASSAS

O remédio seguinte é ordenado pelo C/S quando o Pc não tem palavras mal-entendidas, mas ainda fica anaten em sessão mesmo quando o assessment e procedimento R3RA são feitos corretamente e o Pc dormiu o suficiente, sem cadeias por esgotar conforme inspeção do folder, mas tem um TA alto ou baixo.

O auditor pergunta: “Em que imagens ou massas é que tocaste na vida ou na audição que foram deixadas por esgotar?”

O Remédio mais óbvio é só apanhar a imagem com melhor leitura deixada por esgotar em audição, e simplesmente acabar a cadeia. Se o Pc a tinha corrido na ocasião apenas em Fluxo Único, então terminamo-la pela certa em Fluxo Único e verificamos os outros fluxos a ver se reagem e, se sim, percorremo-los. A pergunta a



verificar é a do Passo Um Narrativo ou a do Passo Um da R3RA regular. Usamos a narrativa quando se trata simplesmente de um incidente, e a R3RA regular quando ele se lembra do somático que estava a percorrer na ocasião.

A essência disto é simplesmente completar algo que tinha sido começado e não foi acabado.

Se se trata de uma imagem que simplesmente apareceu na vida, podemos tratá-la como um simples item original conforme o HCOB de Assessment e continuar a partir daí.

Temos que ter cuidado ao correr em Quad um Pc que até agora foi corrido apenas em Fluxos Únicos ou Tripos. Podemos ir de encontro ao assunto carga ultrapassada, quando ele de repente corre um fluxo novo (como o Fluxo 0) que nunca antes tinha sido corrido num novo item. O que acontece é que o Pc, auditado em Único ou Triplo noutros itens na audição anterior, colide com alguma carga não corrida em cadeias não manejadas previamente nesse fluxo e pode ficar muito perturbado. O melhor manejo para este tipo de coisa é chamado “quadrar um Pc” conforme HCOB 7 Mar 71 IRA, O USO DA DIANÉTICA QUÁDRUPLA.

As massas são manejadas simplesmente tratando-as como item original conforme o HCOB de Assessment.

Em remédios de imagens ou massas é melhor seguir a Série Nova Era Dianética 4R. Apenas tratamos a imagem ou massa como item original. Assim, quando o Pc nos dá uma lista de imagens ou massas tocadas na vida ou na audição, ele está realmente a dar-nos uma lista de itens originais no que diz respeito a manejos. O auditor pega no item dessa lista com melhor leitura e faz-lhe um Preassessment.

“(Item de Preassessment) está/estão ligado/os a (item)?” é a pergunta de Preassessment.

O auditor segue então o procedimento delineado no HCOB 18 Jun.78R, Série NED 4R, fazendo um Preassessment completo e corre R3RA Quad em todos os itens com leitura e de interesse para o Pc.

Quando esta ação é corretamente executada, o TA do Pc votará a para os limites e o Pc ficará brilhante.

O AUTOMATISMO DAS IMAGENS

Existem alguns Pcs que ficam a falar sobre “este enorme automatismo de imagens a aparecer cada vez mais depressa”. Eles também ficam dormentes em sessão e é de algum modo difícil obter a F/N.

O que está realmente errado com um Pc é a sua instabilidade. Ele não pode manter coisas paradas.

Um C/S poderia mandar fazer o CCH10, “Mantém-no parado” conforme HCOB 11 Jun. 57, TREINO E PROCESSOS DE CCH.

Os objetivos também são indicados particularmente SCS (começar, mudar e parar), se o Pc não pode controlar coisas.

Depois de esgotar os Objetivos, veremos que o banco do Pc fica mais estável.

Como as múltiplas imagens podem ter feito key-in de alguma coisa, um C/S, depois de esgotados os Objetivos, pode mandar fazer o seguinte:

“Perguntar ao Pc: ‘Que imagens é que viste na vida ou audição?’ e tratar os itens com melhor leitura como itens originais, manejando-os conforme Série NED 4R.”

O fenómeno das imagens automáticas é também chamado “uma avalanche” e há dados sobre isso no HCOB 3 Maio 72, ESTADO DE TER (havingness). Na secção acima está o melhor manejo.

OVERTS

Quando o Pc fica anaten em sessão, mas não há evidencia de cadeias por esgotar, o C/S emite o seguinte C/S:

“Verificar: Overts contra gente inconsciente.

Overts contra gente anaten

Overts contra gente a dormir

Overts contra gente doente



“Corremos em primeiro lugar cada um dos itens com leitura e interesse, Narrativa Quad R3RA, F2”.

O C/S poderia variar a lista de assessment, adicionando itens se necessário de acordo com a motivação do Pc.

INCIDENTES IMAGINÁRIOS

Por vezes um Pc não pode confrontar incidentes verdadeiros sintonizados (key-in) pela vida ou pela audição. Tal Pc não irá à banda anterior. Neste caso o percurso de incidentes imaginários é muito produtivo. Por vezes o Pc os correrá, espantosamente com somáticos. Mas não lhe é pedido que enfrente alguma realidade sobre eles e o auditor não insiste na existência de qualquer realidade sobre eles. Numa surpreendente percentagem de vezes, contudo, ele estará a percorrer incidentes autênticos. Desde que não tenha que admitir que estes incidentes são verdadeiros, ele pode fazer algo acerca deles.

Deve compreender-se que não há quantidade de incidentes imaginários que suplante o percurso de incidentes reais. O primeiro valor desta técnica, o convite ao Pc a percorrer incidentes como incidentes reconhecida-mente imaginários do seu passado, é edificar a confiança do Pc no auditor. O Pc começa a sentir que não será censurado por se entregar à fantasia.

Quando ele descobrir que tem um auditor que não só escutará a imaginação, mas ainda a encoraja, o nível de afinidade sobe e a própria capacidade do Pc de diferenciar em termos de realidade, subirá.

O auditor nunca deve, depois de um incidente ter sido corrido, insistir que o incidente era real. Isto seria uma quebra de confiança. Ele e o Pc fizeram o acordo de que, o que estava a ser corrido, era pura imaginação e o auditor não pode faltar ao acordo.

Para correr incidentes imaginários, o auditor discute com o Pc a forma como irão correr incidentes imaginários e para isso obtém o seu acordo.

O auditor então pergunta: “Em que incidentes ou figuras imaginárias é que tocaste?”

Toas as respostas do Pc a esta pergunta com as suas leituras, são anotadas pelo auditor. Depois ele pega no incidente ou imagem com melhor leitura e corre-o em Narrativa R3RA Quad, verificando primeiro interesse. Itens com menores leituras são tratados depois.

Esta ação é feita até o Pc estar mais brilhante e mais capaz de confrontar incidentes verdadeiros conforme eles aparecerem na audição.

Ao dar este remédio asseguramo-nos de que o Pc compreende o procedimento R3RA, e NADA DE MAL-ENTENDIDOS.

L. RON HUBBARD
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 16 DE JANEIRO DE 1975

Rev. 6 Jul.78

REMÉDIOS DE VIDAS PASSADAS

Existem muitos remédios e considerável quantidade de tech desenvolvida durante anos sobre a questão da incapacidade de os pcs irem a vidas anteriores. Não existia qualquer boletim que desse cobertura total a toda a história sobre isto.

O primeiro foi levar o Pc a localizar e correr incidentes imaginários. Isto está totalmente coberto na *Ciência da Sobrevivência*, especialmente Livro Dois, Capítulo Nove, “Incidentes Imaginários”. O auditor clarifica a ideia de incidente imaginário e seu percurso, depois deve persuadir o Pc a corrê-los sem o forçar.

A ilusão tende a desaparecer, mas ao mesmo tempo os incidentes reais ficam à vista. Estes incidentes imaginários podem ser corridos R3RA Narrativa Quad. O procedimento completo de preverificação (conforme Séries de tech de Nova Era Dianética) dos somáticos, emoções etc., do incidente imaginário, pode ser incorporado no Remédio de Vidas Passadas como parte da ação de rotinar o Pc. (HCOB 18 Junho 78R, Série NED 4R, ASSESSMENT E COMO OBTER O ITEM, e HCOB 28 Jun.78RA, Série NED 7RA, OS COMANDOS R3RA para Narrativa e os comandos R3RA Quad).

Outro Remédio para Vidas Passadas seria o auditor fazer o assessment no Pc a seguinte lista:

existências anteriores	imagens abandonadas
existências prévias	experiências de vidas passadas
vidas passadas	memória
vidas anteriores	amnésia
imagens irreais	esquecer
outros tempos	abandonar corpos
mortes passadas	corpos anteriores
ir à banda anterior	corpos novos
incidentes imaginários	património perdido
imagens invalidadas	imagens esquecidas
outras identidades	morte
estado de ser imaginário	perder um corpo
lesões fingidas	memórias esquecidas
doença fingida	memórias invalidadas
imagens desagradáveis	imagens dolorosas
memórias dolorosas	imagens ignoradas
imagens forçadas	imagens desmaiadas
incidentes de medo	imagens de medo
imagens tristes	tempos esquecidos



banda invalidada	incidentes fingidos
uma só vida	imagens inacreditáveis
incidentes desconhecidos	famílias esquecidas
amigos perdidos	experiências entre corpos
experiências degradantes	experiências irreais
Dejá vu	estado de ser esquecido
vidas esquecidas	mortos abandonados
existência not-isada	existências not-isadas
imagens invalidadas	imaginação not-isada
imaginação invalidada	percepções abandonadas
percepção invalidada	
coisas que não queres descobrir	

Qualquer outro item pode ser adicionado pelo Pc ao exposto.

Então pegamos no item encontrado acima com melhor leitura e pedimos ao Pc para o descrever abreviadamente. Pedimos-lhe: “descreve abreviadamente por palavras tuas (*item que leu*)”.

Usamos o fraseado exato que o Pc deu. Tratamos esse item como um item original exatamente como se tivesse sido obtido na FAO (folha de assessment. original), Série NED 5RA.

Manejamos os itens que o Pc dá exatamente como manejariamos qualquer item ou itens originais, Série NED 4R (Preassessment, etc.).

Esgotamos todos os itens com leitura da lista preparada acima.

Verificamos de novo a lista preparada e fazemos cada um dos passos acima.

Quando o Pc pode ir a vidas anteriores com boa realidade o remédio está completo.

Muitas vezes o Pc não vai à banda anterior porque é um drogado.

O que aconteceu aqui é que ele restimulou vidas passadas com drogas, entrou em imagens aterradoras que não compreendeu e agora foge de qualquer conteúdo do banco exceto das drogas. Isso é manejado com um completo RD de Drogas incluindo a bateria completa de objetivos e todos os itens com leitura incluindo os que “não interessam”. A aproximação standard a qualquer Pc é um manejo a fundo das drogas em primeiro lugar. Ver: HCOB 15 Jul. 71RD, Série NED 9RC, MANEJO DE DROGAS.

Outra razão poderia ser um Pc ter sofrido recentemente o choque de ter morrido. Tal caso está sobrecarregado e é desestimulado com audição geral e depois com um remédio de Vidas Passadas se ele não foi à banda anterior. Podíamos até fazer um assessment prévio a esta vida.

A questão da invalidação de vidas passadas e as pessoas falarem disso fora de sessão, ou clamarem serem gente famosa, invalida as vidas passadas a um Pc e está na verdade relacionado com o fenómeno da supressão e PTS. Se suspeitarmos disto perguntamos: “Alguém esteve a falar contigo sobre vidas passadas ou gente famosa?” Através desta pergunta pode ser localizada uma possível supressão no ambiente e usada no PTS RD, HCOB 9 Dez 71RC, PTS RD AUDITADO.

CRIANÇAS

As crianças são usualmente casos muito carregados e o C/S de Dianética pode ser difícil se ele só toca esta vida, o que deixará o Pc aberto a fazer key-in e aos 20 anos encontrar-se todo restimulado “com todos os graus corridos”.

Eu acho que elas estão a abarrotar de histórias de ficção, educação, livros e filmes e percorrem isto como engramas. Estas crianças estão sempre a falar de “lembrar”. Elas dizem que não podem ir para a banda anterior



porque “não se lembram”. Não parece tirarem aquilo de imagens. Ao contrário das teorias da psicologia e do credo popular, acho as crianças em muito má forma de caso, nervosas, assustadas, desgostosas, etc. Elas ficam presas nos livros e nos filmes que vêem.

Eu manejei isto de várias maneiras. A maneira mais fácil de aliviar casos é através de objetivos. (processos de contacto) e Recordação (ARC SW, Auto Análise). Trata-se aqui de uma abordagem geral. Podemos listar os Quadros de Imagens Mentais que o Pc viu na vida em filmes ou livros, pegar na que der melhor leitura e fazer-lhe o procedimento completo de Preassessment correndo o item de percurso obtido com R3RA Quad. Depois repetir os passos de Preassessment até não haver mais leituras na Lista de Preassessment que verificá-mos para esse item original. Voltamos à lista das Quadros de Imagens Mentais, pegamos no item seguinte com maior reação e fazemos o Preassessment completo, etc. Seguimos exatamente o HCOB 18 Jun. 78R, Série NED 4R, ASSESSMENT E COMO OBTER O ITEM.

Pode também ser feita um Preassessment em atitudes indesejáveis, emoções, dores, etc., (a lista de Preassessment) que a pessoa teve como criança. Isto seria depois corrido como acima para aliviar o caso.

Uma abordagem direta é perguntar: “Em que filme ou livro estás especialmente interessado?” Veremos usualmente que a pessoa tinha ali uma imagem presa. Depois perguntamos: “Alguma vez tiveste algo a ver com esse género de coisas?” Depois ela entra nisso porque lhe pedimos E/S. Poderíamos então correr o incidente anterior, Narrativa R3RA Quad, e era assim.

Quando o Pc está preso em incidentes perturbadores de filmes ou livros, podemos listar “Maus incidentes que viste ou que leste”, pegar no que ler melhor com o interesse do Pc e corrê-lo Narrativa R3RA Quad. Depois manejar com o procedimento de Preassessment conforme acima. Asseguramos a aceitação de histórias, TV, filmes ou livros, pois são cem por cento válidos para correr.

REVISÃO

Uma das ações de revisão de Cientologia que pode ser feita é fazer o assessment de Auditores, Audição, Vidas Passadas, Dianética, Cientologia, Tempo, Preclaros e Apagamento. Depois fazer prepcheck pela ordem das leituras, voltar a fazer assessment e fazer prepcheck. Esta é uma ação valiosa a fazer antes do ARC SW Triplo e, muitas vezes manejará por si só os incapazes de ir à banda passada.

Uma abordagem posterior da Cientologia seria fazer o assessment de Passado, Imagens da Memória, Vidas Passadas, e fazer prepcheck pela ordem das leituras. Depois L&N “Quem ou o que é que não tem futuro?” depois L&N “Quem ou o que é que teria sido terrível teres sido?” Estes itens podem ser verificados e usados no PTS RD ou podem as suas intenções ser listadas e corridas como parte do manejo de DN Ex.

SUMÁRIO

É importante um C/S saber a tecnologia de vidas passadas especialmente um C/S de Dianética.

O assunto usualmente resolve-se com o RD de Drogas e audição geral, mas quando não acontece poderemos usar estes remédios.

Usemo-los bem.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 23 DE MAIO DE 1969R

Rev. 11 Jul. 78

AUDIÇÃO DAS SESSÕES NARRATIVA VERSUS CADEIAS DE SOMÁTICOS (Ref. Boletins das Séries de Nova Era Dianética)

De vez em quando é necessário auditar a última sessão ou uma sessão de audição.

Fazemos isto usando o fraseado da Narrativa R3RA quando pedimos ao Pc para ir a anterior. Pedimos-lhe um INCIDENTE ANTERIOR E SEMELHANTE. “Existe um incidente anterior e semelhante?” Uma sessão, ao auditar, nem sempre apaga. Em vez disso torna-se parte duma cadeia. Por isso temos que corrê-la com a Narrativa R3RA e obter o *incidente* anterior e semelhante.

A cadeia pode ir muito tempo para trás.

Embora o Pc possa estar só há 3 dias na Cientologia, já antes houve outro tipo de “sessões” tal como psicanálise. E antes disso, em Roma e na Grécia, a terapia do sonho na qual ele era “visitado por um Deus”. E antes disso, bom, a cadeia pode ter um básico muito lá para trás. Claro que jamais sugerimos que incidente anterior pode ser. Não se diz nada que o Pc possa confundir com uma sessão.

Se pedíssemos ao Pc “Localiza um incidente anterior com um sentir semelhante” estaríamos inteiramente noutra cadeia. Assim, quando corremos uma sessão, perguntamos simplesmente: “Existe um incidente anterior e semelhante?”.

Ao correr uma sessão você pode correr uma CADEIA NARRATIVA, uma *experiência* semelhante, em vez de um somático semelhante.

Uma das maiores descobertas de 1969 foi que as cadeias são mantidas principalmente pelos somáticos. A condição do corpo ou somático é o que mantém a cadeia em associação.

Nós, é claro, corremos “incidentes narrativos”, o que quer dizer, EXPERIÊNCIAS semelhantes. (Ver HCOB 28 Jul. 71RB, Série NED 8RA, DIANÉTICA, INICIAR UM PC EM). “Localiza uma ocasião anterior em que a tua mãe te bateu”. “Localiza uma ruína anterior”. Isto correrá e apagará, mas tem que ser feito corretamente. Isto é feito correndo o incidente várias vezes até apagar, pedindo o início anterior depois de cada passagem e indo anterior semelhante, só se começar a moer gravemente. Correr apenas incidentes narrativos foi o que levou a antiga Dianética a correr um número fabuloso de horas em processamento.

Os comandos para correr incidentes narrativos e mais dados sobre o percurso de incidentes narrativos encontram-se no HCOB 26 Jun. 78RA II, Série NED 6RA, ROTINA 3RA PERCURSO DE ENGRAMAS POR CADEIAS.

Cadeias somáticas vão rapidamente ao básico e essas são as cadeias importantes.

Assim, quando apagamos uma cadeia de sessões, por vezes metemo-nos numa sessão muito longa. Às vezes o TA sobe para 4 ou 5 (particularmente se o auditor remo). Usar mal o comando de ir-a-anterior é a principal razão dos problemas.

Usualmente, se pedirmos simplesmente o início anterior ou um incidente anterior semelhante, o Pc vai atrás para algo que apagará e desaparecerá.

Mas, lembre-se, pedir tipos de *experiências* semelhantes pode alongar-se demais e o apagamento pode não se dar logo.



Correr sessões pode ser uma ação que vale a pena, mas o melhor é não errar nos assessments ou sessões antes de mais nada.

L. RON HUBBARD

Fundador



SECÇÃO ONZE - CS 1

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 21 DE JUNHO DE 1972

Emissão I

Série Clarificação de Palavras 38

MÉTODO 5

O Método 5 de Clarificação de Palavras é um Sistema em que o clarificador de palavras fornece palavras à pessoa e manda-a definir cada uma delas. É chamado Clarificação de Material. Aquelas que a pessoa não sabe definir têm que ser vistas.

Este método pode ser feito sem e-metro. Também pode ser feito com um e-metro.

A razão porque este Método é necessário é que muitas vezes a pessoa não sabe que não sabe. Por causa disto o método 4 tem as suas limitações uma vez que o e-metro nem sempre lerá.

As ações são muito precisas.

O Clarificador de palavras pergunta: “qual a definição de _____?” A pessoa dá-a. Se existir a mais pequena dúvida ou se a pessoa ficar minimamente hesitante, a palavra é vista num dicionário apropriado.

Este método é usado para clarificar palavras, ou comandos de audição, ou listas de audição.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 9 DE AGOSTO DE 1978 II

CLARIFICAR COMANDOS

(Ref: HCOB 14 Nov. 65, CLARIFICAR COMANDOS
HCOB 9 Nov. 68, CLARIFICAR COMANDOS, TODOS OS NÍVEIS
HCO PL 4 Abr. 72R ÉTICA TECH DE ESTUDO)

Sempre que percorrer um processo de novo ou o preclaro esteja confuso sobre o significado dos comandos, clarifica todas as palavras de cada comando com o preclaro, usando, se necessário, um dicionário. Desde há muito que isto é um procedimento standard.

Pretende-se um preclaro que corra suavemente, sabendo o que se espera dele e compreendendo exatamente a pergunta que lhe está a ser feita ou o comando que lhe está a ser dado. Uma palavra ou comando de audição mal compreendido pode desperdiçar horas de audição e impedir todo um caso de avançar.

Logo é VITAL a utilização deste passo preliminar sempre que se usa um processo ou um procedimento pela primeira vez.

As regras da clarificação de comandos são:

1. EM NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA PODE O AUDITOR AVALIAR PELO PRECLARO DIZENDO-LHE O QUE A PALAVRA OU COMANDO SIGNIFICA.
2. TEM SEMPRE CONTIGO, NA SALA DE AUDIÇÃO, OS NECESSÁRIOS (*E BONS*) DICIONÁRIOS.

Isto inclui o Dicionário Técnico, o Dicionário Administrativo, um bom dicionário de Português e um bom dicionário (não resumido) da língua nativa do preclaro. No caso de um preclaro de língua estrangeira (cuja língua nativa do preclaro não seja a Portuguesa) também vais precisar de um dicionário duplo para essa língua e de Português.

(Exemplo: A palavra portuguesa "maçã" é vista no dicionário Português/Francês e é encontrada "pomme". Agora vê-a no dicionário Francês a definição de "pomme").

Portanto, para o caso de língua estrangeira, dois dicionários são necessários: (1) Português para a língua estrangeira e (2) da própria língua estrangeira.

3. MANTÊM O PRECLARO NAS LATAS DURANTE TODA A CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS E COMANDOS.
4. CLARIFICA O COMANDO (OU PERGUNTA OU ITEM DE UMA LISTA) DO FIM PARA O INÍCIO, CLARIFICANDO EM SEQUÊNCIA CADA PALAVRA DO FIM PARA O INÍCIO DA FRASE.

(Exemplo: Para clarificar o comando "Os peixes nadam?", clarifica "nadam" em primeiro lugar, depois "peixes" e depois "os").

Isto evita que preclaro comece a percorrer o processo sozinho enquanto ainda se está a clarificar as palavras.

- 4A. NOTA: AS F/NS OBTIDAS DURANTE A CLARIFICAÇÃO DAS *PALAVRAS* NÃO SIGNIFICAM QUE O *PROCESSO* TENHA SIDO PERCORRIDO.
5. A SEGUIR, CLARIFICA O PRÓPRIO COMANDO.



O Auditor pergunta ao preclaro: "O que significa este comando para ti?" Se, pela resposta do preclaro, for evidente que ele não compreendeu uma palavra tal como esta se encontra no contexto do comando, então:

- (a) Volta a clarificar a palavra óbvia (ou palavras) usando o dicionário.
- (b) FÁ-lo usar cada palavra numa frase até a "agarrar". (O pior erro é o preclaro usar um novo conjunto de palavras em vez da própria palavra e responder à palavra alterada e não à própria palavra. Ver HCOB 10 Mar 65, Palavras, Erros de Mal Compreensão).
- (c) Volta a clarificar o comando.
- (d) Se necessário repete os passos a, b e c para te assegurares de que ele compreende o comando.

5A. NOTA: UMA *PALAVRA* QUE REAGE QUANDO SE CLARIFICA UM COMANDO, UMA PERGUNTA DE VERIFICAÇÃO OU DE UMA LISTA, NÃO SIGNIFICA QUE O PRÓPRIO *COMANDO* OU *PERGUNTA* TENHAM NECESSARIAMENTE REAÇÃO. AS PALAVRAS MAL-ENTENDIDAS REAGEM NO E-METRO.

- 6. AO CLARIFICAR O COMANDO, OBSERVA O E-METRO E ANOTA QUALQUER LEITURA NO COMANDO. (Ref.: B 28 Fev. 71, Série C/S 24, Importante, Medir Itens com Leitura).
- 7. NÃO CLARIFIQUES OS COMANDOS DE TODOS OS RUDIMENTOS PARA DEPOIS OS CORRERES, NEM DE TODOS OS PROCESSOS PARA MAIS TARDE OS CORRERES. DEIXARÁS DE APANHAR F/NS. OS COMANDOS DE UM PROCESSO SÃO CLARIFICADOS IMEDIATAMENTE ANTES DE *ESSE* PROCESSO SER CORRIDO.
- 8. QUEBRAS DE ARC E LISTAS DEVEM TER AS SUAS PALAVRAS CLARIFICADAS ANTES DE UM PRECLARO PRECISAR DELAS E ISSO DEVE SER ASSINALADO NA PASTA DO PRECLARO NUMA FOLHA AMARELA. (Ref.: HCOB 5 Nov. 72R II, Séries de Administração do Auditor 6R, A Folha Amarela).

Visto ser difícil clarificar todas as palavras de uma lista de correção num preclaro que tem uma pesada Carga Ultrapassada, é normal clarificarem-se as palavras de uma L1C e dos rudimentos muito perto do início da audição e clarificar a L4BRA *antes* de se começarem processos de listagem, ou uma L3RF *antes* de se percorrer R3RA. Assim, quando surge a necessidade destas listas de correção, já não temos que clarificar todas as palavras, visto já ter sido feito. Deste modo, estas listas de correção podem ser usadas sem demora.

Também é normal clarificar as palavras da Lista de Correção de Clarificação de Palavras muito cedo na audição e antes das outras serem clarificadas. Deste modo, se o preclaro encravar em clarificações de palavras subsequentes, já se tem a Lista de Correção de Clarificação de Palavras pronta a usar.

- 9. SE, CONTUDO, O VOSSO PRECLARO ESTÁ EM CIMA DE UMA QUEBRA DE ARC (OU QUALQUER OUTRA CARGA PESADA) E AS PALAVRAS DA L1C (OU QUALQUER OUTRA LISTA DE CORREÇÃO) AINDA *NÃO* FORAM CLARIFICADAS, NÃO AS CLARIFIQUES. AVANÇA E FAZ O VERIFICAÇÃO DA LISTA PARA RESOLVER A CARGA. DE OUTRO MODO SERIA AUDIÇÃO POR CIMA DE UMA QUEBRA DE ARC.

Neste caso verifica-o simplesmente perguntando depois se ele teve qualquer mal-entendido na lista.

Todas as palavras da L1C (ou de outra lista de correção) seriam então clarificadas totalmente na primeira oportunidade, de acordo com as instruções do Supervisor de Caso.

- 10. NÃO VOLTES A CLARIFICAR TODAS AS PALAVRAS DAS LISTAS DE VERIFICAÇÃO CADA VEZ QUE A LISTA É USADA NO MESMO PRECLARO. FÁ-lo uma vez, total e corretamente logo à primeira e anota claramente na pasta, na folha amarela para consulta futura, que listas standard de verificação foram clarificadas.
- 11. ESTAS REGRAS APLICAM-SE A TODOS OS PROCESSOS, PERGUNTAS DE LISTAGEM E VERIFICAÇÃO.



12. AS PALAVRAS DAS PLANILHAS DOS MATERIAIS DOS CURSOS AVANÇADOS NÃO SÃO CLARIFICADAS DESTES MODO.

Qualquer violação da clarificação total e correta de comandos e perguntas de verificação, quer seja feita ou não em sessão, é uma ofensa ética, de acordo com a PL 4 Abril 72R, ÉTICA E TÉCNICA DE ESTUDO, Secção 4, a qual afirma:

"QUALQUER AUDITOR QUE NÃO CLARIFIQUE TODA E QUALQUER PALAVRA DE TODO E QUALQUER COMANDO OU LISTA USADA, PODE SER CONVOCADO PERANTE UM JÚRI DE ÉTICA".

"A acusação é TÉCNICA FORA".

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
BOLETIM HCO DE 9 DE JULHO DE 1978 RA

REVISTO EM 8 DE ABRIL DE 1988

Remimeo
Todos os Auditores

Nova Era Dianética Séries 21
C/S 1 DE DIANÉTICA
TORNAR O PC SESSIONÁVEL

Ref. HCOB 17 Out. 64 II

Um C/S-1 é um C/S geral (diretiva do Supervisor de Caso) que cobre as ações necessárias para orientar o pc no sentido dos fatores básicos de audição e assim o preparar para receber audição. Para este fim, devido às diferenças entre os termos e procedimentos de audição da Dianética e de Cientologia, temos este C/S-1 de Dianética à semelhança do C/S-1 de Cientologia (HCOB 15 Jul. 78RA, Rev. 10.3.84)

O C/S-1 de Dianética é para pcs novos em Dianética ou pcs antigos que têm mal-entendidos, que procuram ser casos de psicanálise ou que não assimilam.

O C/S 1 de Dianética é feito no tempo de audição do pc.

Não é necessário voltar a aclarar aquelas secções que do C/S-1 de Dianética que o pc possa já ter coberto num C/S-1 de Cientologia recente e completo, *desde que* o auditor tenha a *certeza* de que o pc compreende os termos.

REFERÊNCIAS

O auditor deve conhecer muito bem os seus materiais e deve ter um Dicionário Técnico, a sua pasta de HCOBs e um dicionário regular, mas simples, da língua em que estamos a auditar, prontos numa sessão de C/S-1 para referência e para aclaramento de quaisquer mal-entendidos ou perguntas que o pc possa ter.

Ao passar através dos passos do C/S-1, o auditor deve fazer uso total do *Livro Básico de Figuras de Dianética* para aclarar com o pc termos e procedimentos de Dianética.

O seguinte é o que será preciso na sala de audição:

O Livro Básico de Figuras de Dianética

Dicionário Técnico

Dicionário Administrativo

Pasta do curso de Auditor de NED

Um bom dicionário de Português

Ref. HCOB 13 Fev. 81R, Rev. 25.7.87, Aclaramento de Palavras séries 67R, DICIONÁRIOS.

Um bom dicionário na língua nativa do pc, e para uma língua estrangeira, um dicionário duplo, (Português/língua estrangeira e da própria língua estrangeira).

Folha de Definições do C/S-1 de Dianética, anexo 1 desta emissão.

Lista de palavras do C/S-1 de Dianética. anexo 2 desta emissão.

Um demo kit.



O auditor aplica tudo isto à medida que for preciso. Se forem necessárias mais referências, assegure-se de que são usados os materiais da fonte.

ACLARAMENTO DE PALAVRAS

Ao entregar o de C/S-1 de Dianética, aclare com o pc cada um dos termos de Dianética (ou outros), usando as definições do Anexo 1 e outras referências necessárias. Assegure-se de manejar cada uma das palavras ou termos mal-entendidos ou qualquer palavra ou termo sobre o qual o pc está hesitante ou inseguro.

Ao mandar o pc definir as palavras pelo Método 5 de aclaramento de palavras, *não* pergunte, ‘sabes o que é que esta palavra significa?’, mas sim, ‘Qual é a definição de _____?’

Quando o pc definiu a palavra ou termo, mande-o usá-lo corretamente em várias frases. Quando aplicável, peça-lhe exemplos, usando a sua experiência sempre que possível ou a de parentes ou amigos e/ou mande-o demonstrar o item com um demo kit. Cubra todos os termos usados pela definição exata.

Verifique eventuais perguntas (ou mal-entendidos) à medida que avança e assegure-se de que sejam manejados, para que o pc acabe com uma compreensão clara da palavra, item ou procedimento.

Não aceite superficialidade (glib) que não mostra compreensão, mas, por outro lado, também não faça Over-run nem exerça coação sobre o pc.

Assegure-se de que cada palavra aclarada no pc é levada a F/N.

PROCEDIMENTO DO C/S-1 DE DIANÉTICA

1. Dê ao pc o fator-R de que vai fazer um C/S-1 de Dianética para o familiarizar com o procedimento de audição da Nova Era Dianética e quaisquer dados básicos que necessitem clarificação.
2. Aclare a palavra DIANÉTICA
3. Aclare as palavras: THETAN
 MENTE
 CORPO

Mande o pc demonstrar com um demo kit, a relação entre thetan, mente e corpo.

4. a. Aclare o termo FIGURA DE IMAGEM MENTAL
 b. Mande o pc demonstrar com um demo kit, uma figura de imagem mental.
5. a. Aclare a palavra ENGRAMA.
 b. Mande o pc demonstrar com um demo kit, um engrama.
6. a. Aclare a palavra SECUNDÁRIO
 b. Mande o pc demonstrar com um demo kit, um secundário.
7. a. Aclare a palavra LOCK (ELO)
 b. Mande o pc demonstrar com um demo kit, um lock.
8. Mande o pc demonstrar com um demo kit, a diferença entre engrama, secundário e lock, dando exemplos de cada um deles.
9. a. Aclare as palavras: MENTE REATIVA
 MENTE ANALÍTICA
 b. Mande o pc demonstrar com um demo kit, como o estímulo-resposta da mente reativa exerce força e poder de comando sobre consciências, propósitos, pensamentos, corpo e ações.
 c. Mande o pc demonstrar com um demo kit, a diferença entre a mente reativa e a mente analítica.



10. a. Aclare a palavra PISTA DO TEMPO
b. Mande o pc demonstrar com um demo kit, uma pista do tempo.
11. a. Aclare a palavra MASSA MENTAL
b. Mande o pc demonstrar com um demo kit, uma massa mental.
12. a. Aclare a palavra CARGA
b. Mande o pc demonstrar com um demo kit, uma carga.
13. a. Aclare a palavra INCIDENTE
b. Mande o pc dar exemplos do que é um incidente.
14. a. Aclare a palavra CADEIA
b. Mande o pc demonstrar com um demo kit, uma cadeia.
c. Pedimos ao pc um exemplo de uma cadeia, usando um elo, um secundário e um engrama.
15. a. Aclare a palavra POSTULADO
b. Mande o pc demonstrar com um demo kit, um postulado.
c. Peça ao pc um exemplo de uma ocasião em que ele postulou alguma coisa e o conseguiu.
16. a. Aclare a palavra APAGAMENTO
b. Mande o pc demonstrar apagamento pedindo-lhe para fazer um desenho a lápis num pedaço de papel e depois apagá-lo completamente com uma borracha.
17. a. Usando a Lista de Palavras dos comandos R3RA (Anexo 2), aclare todas as palavras de cada comando do procedimento R3RA. Para aclarar estes termos, use um bom dicionário de Português (ou um dicionário duma língua estrangeira conforme aplicável).
b. Assegure-se que o pc compreende:
 - i. ‘a apagar’. Para demonstração mande o pc desenhar qualquer coisa a lápis num pedaço de papel, depois mande-o apagar partes dele (não todo).
 - ii. ‘a ficar mais sólido’. Para demonstração mande o pc desenhar qualquer coisa a lápis num pedaço de papel. Depois mande-o tornar mais sólido o desenho que ele fez, voltando a usar o lápis.
c. Mande o pc demonstrar com um demo kit ‘a apagar’ e ‘a ficar mais sólido’.
18. Aclare com o pc cada um dos comandos R3RA, usando os comandos listados no HCOB 28 Jun. 78RA, COMANDOS R3RA. (Ref. HCOB 9 Ago. 78 II, ACLARAMENTO DE COMANDOS.
 - a. Pergunte ao pc ‘O que é que este comando significa para ti?’ (Aclare o passo 1 da R3RA, conforme NED Séries 7RA, COMANDOS R3RA.

(Se é evidente que pela resposta do pc ele compreendeu mal uma palavra conforme ela é usada no contexto do comando:

Volte a aclarar a palavra óbvia (ou palavras) com o dicionário.

Mande-o usá-la em frases até a atingir.

Volte a aclarar o comando).
 - b. Uma vez que o pc respondeu corretamente à pergunta e compreendeu o comando, mande-o demonstrar com um demo kit, o que ele na verdade faria quando esse comando fosse dado.
 - c. Repita os passos (a) e (b) acima para todos os comandos R3RA listados em NED Séries 7RA (e todos os fluxos), incluindo comandos Narrativos.
19. a. Dê ao pc um breve fator-R sobre o uso da Lista de Preassessment.



- b. Aclare as palavras da Lista de Preassessment.
- 20. a. Dê ao pc um breve fator-R que, se houver alguma dificuldade na audição de Dianética, usará uma lista de assessment preparada (L3RG) para descobrir e manejar a dificuldade exata.
- b. Aclare as palavras da L3RH, usando o HCOB 17 Set 80R I, NED Séries 20-1, LISTA DE PALAVRAS DA L3RG.
- 21. a. Passe o folder para o C/S.

O C/S pode também ordenar qualquer ação adicional ao acima exposto.

O C/S-1 de Dianética não exclui o aclaramento de comandos de cada processo ou aclarar um procedimento numa sessão em que o pc é iniciado num novo processo ou procedimento. (Ref. HCOB 9 Ago. 78 II, ACLARAMENTO DE COMANDOS).

O C/S-1 de Dianética pode usualmente ser completado numa sessão. Se levar mais, a primeira sessão deve ser terminada no fim de um passo ou no fim da demonstração de uma palavra; nunca no meio de uma ação.

Assegure-se de não deixar o pc com uma pergunta, mal-entendido ou confusão. Conheça o pc que está à sua frente e obtenha o produto de um pc educado que possa percorrer processos de Nova Era Dianética facilmente e fazer excelentes ganhos de caso.

L. RON HUBBARD

Fundador



C/S 1 DE DIANÉTICA

FOLHA DE DEFINIÇÕES

DIANÉTICA:

É a escola mais avançada da mente. Dianética significa ‘através da alma’ (do grego *dia*, através, e *nos*, alma). Dianética é também definida como ‘o que a alma está a fazer ao corpo’. É uma forma de manejar a energia da qual a vida é feita de forma a trazer uma maior eficiência ao organismo e à vida espiritual do indivíduo.

THETAN:

A palavra thetan é derivada do símbolo *teta*, uma letra Grega.

A própria pessoa - não o seu corpo ou o seu nome, o universo físico, a sua mente ou outra coisa qualquer; aquilo que está consciente de estar consciente; a identidade que é o indivíduo. O **thetan** é bem familiar a todos como sendo *nós*.

MENTE:

Um sistema de comunicações entre o thetan e o seu ambiente. A mente é uma rede de comunicações e imagens, energias e massas que são trazidas à existência pelas atividades do thetan versus o universo físico ou outros thetans.

CORPO:

Um corpo mest, quer pertença à raça do homem ou das formigas, não passa de um vegetal animado.

O corpo é um objeto físico, não o próprio ser.

FIGURA DE IMAGEM MENTAL:

As figuras de imagem mental são na verdade compostas por energia. Elas têm massa, existem no espaço e seguem algumas rotinas de comportamento muitíssimo bem definidas, a mais interessante das quais é o facto de elas aparecerem quando alguém pensa em alguma coisa. Ele pensa num determinado cão e obtém a imagem do mesmo cão.

ENGRAMA:

Uma figura de imagem mental que é uma gravação de uma ocasião de dor e inconsciência. Por definição, tem que ter impacto ou lesão com parte do seu conteúdo.

Os engramas são uma *gravação completa até ao último rigoroso pormenor de cada uma das percepções presentes no momento de inconsciência parcial ou total*.

Isto é um exemplo de engrama. Uma mulher é espancada. Ela ficou ‘inconsciente’. Leva pontapés e dizem-lhe que ela é uma falsa, que não vale nada, que está sempre a mudar de ideias. No processo uma cadeira é virada. Uma torneira está a correr na cozinha. Um carro vai a passar lá fora. O engrama contém uma gravação corrida de todas estas percepções: visão, som, tato, gosto, cheiro, sensação orgânica, sentido cinético, posição das articulações, sede, etc. O engrama consistiria do discurso completo que lhe foi feito quando ela estava ‘inconsciente’: os tons e emoção na voz, o som e sentir da pancada original e posteriores, o tato do chão, o sentir e som da cadeira a virar, a sensação orgânica da pancada, talvez o gosto do sangue na boca ou outro gosto ali presente, o cheiro da pessoa que a atacou e outros cheiros presentes na sala, o som do motor e dos pneus do carro a passar, etc.

SECUNDÁRIO:

Uma figura de imagem mental de um momento de perda ou ameaça de perda severa e chocante que contém emoção negativa, tal como ira, medo, desgosto, apatia ou ‘morte’. É uma



gravação duma imagem mental numa ocasião de severa tensão mental. Ela pode conter inconsciência. Um secundário é chamado de secundário porque ele próprio depende de um engrama anterior com dados semelhantes, mas dor real, etc.

LOCK (ELO):

Uma figura de imagem mental de um incidente em que fomos lembrados de um secundário ou engrama. Não tem que conter em si mesmo uma pancada ou queimadura ou impacto e não é causa maior de emoção negativa. Não contém inconsciência. Pode conter é um sentido de dor ou doença, etc., mas não é ele próprio a sua fonte.

Eis um exemplo de um elo: Vemos um bolo e ficamos enjoados. Isto é um elo num engrama em que adoecemos por comer um bolo. A imagem de ver um bolo e ficar enjoado é um elo (está ligado) no incidente (não visto no momento) de ficar doente a comer um bolo.

MENTE REATIVA:

Uma porção da mente da pessoa que funciona unicamente numa base de estímulo- resposta (dado um certo estímulo ela dá uma certa resposta), o que não se encontra sob o controle da sua vontade e que exerce força e poder de comando sobre a sua consciência, propósitos, pensamentos, corpo e ações.

A mente reativa compreende uma série de computações aberradas, indesejáveis e desconhecidas que provocam um efeito no indivíduo e nos outros que o rodeiam.

MENTE ANALÍTICA:

A mente consciente e sabedora que pensa, observa dados, recorda-os e resolve problemas. Seria essencialmente a mente consciente versus mente inconsciente. Em Dianética e Cientologia, a mente analítica é aquela que está alerta e ciente e a mente reativa reage simplesmente sem qualquer análise.

PISTA DO TEMPO:

A gravação consecutiva de figuras de imagem mental que se acumulam através da vida ou vidas do preclaro. Está datada com muita exatidão.

A pista do tempo é uma gravação muito rigorosa do passado do pc, datada com muita precisão, muito obediente ao auditor. Se um filme fosse a 3D, se tivesse 52 perceções e pudesse reagir a fundo sobre o observador, a pista do tempo podia ser chamada de filme. Tem pelo menos 350.000.000.000.000 de anos, provavelmente muito mais, cada cena com cerca de 1/25 dum segundo.

MASSA MENTAL:

Engramas, secundários e elos, tudo acumula massas mentais, energias, tempo, que se exprimem numa quantidade incontável de formas tais como dor, emoção negativa, sentires, perceções antigas, e biliões e biliões de combinações de pensamento enterradas nas massas como significâncias.

CARGA:

Por carga queremos dizer ira, medo, desgosto ou apatia contidos no caso como emoção negativa.

Carga é a quantidade de energia armazenada na pista do tempo. É a única coisa que está a ser alijada e removida da pista do tempo pelo auditor.

INCIDENTE:

A gravação de uma experiência, simples ou complexa, relacionada pelo mesmo assunto, localização ou pessoas, compreendida como tendo lugar num curto e finito período tal como minutos ou horas ou dias.



Um incidente pode ser um engrama, secundário, key-in ou elo.

CADEIA:

Uma série de gravações de experiências semelhantes. Uma cadeia tem engramas, secundários e elos. O engrama é o mais antigo, o secundário é mais recente e o elo o mais recente.

POSTULADO:

Substantivo: Um postulado é aquele pensamento autodeterminado que começa, pára ou muda os esforços do passado, do presente e do futuro.

Verbo: Significa causar pensamento ou consideração. É uma palavra especialmente aplicada e é definida como estado de pensamento causador.

Eis um exemplo de postulado: Suponhamos que alguém diz ‘gosto de Fords Modelo T. Não vou nuca guiar outro carro’. Anos mais tarde interroga-se porque está a ter problemas com o Buick; é porque ele fez ma promessa a ele próprio. No segundo em que assentamos um postulado, uma conclusão, nós autodeterminamos que faremos ou seremos alguma coisa. Para o mudar precisamos de mudar esse postulado.

APAGAMENTO:

A ação de apagar, raspar, elos, secundários ou engramas. O apagamento ocorre quando o postulado feito durante o incidente básico da cadeia é posto fora.